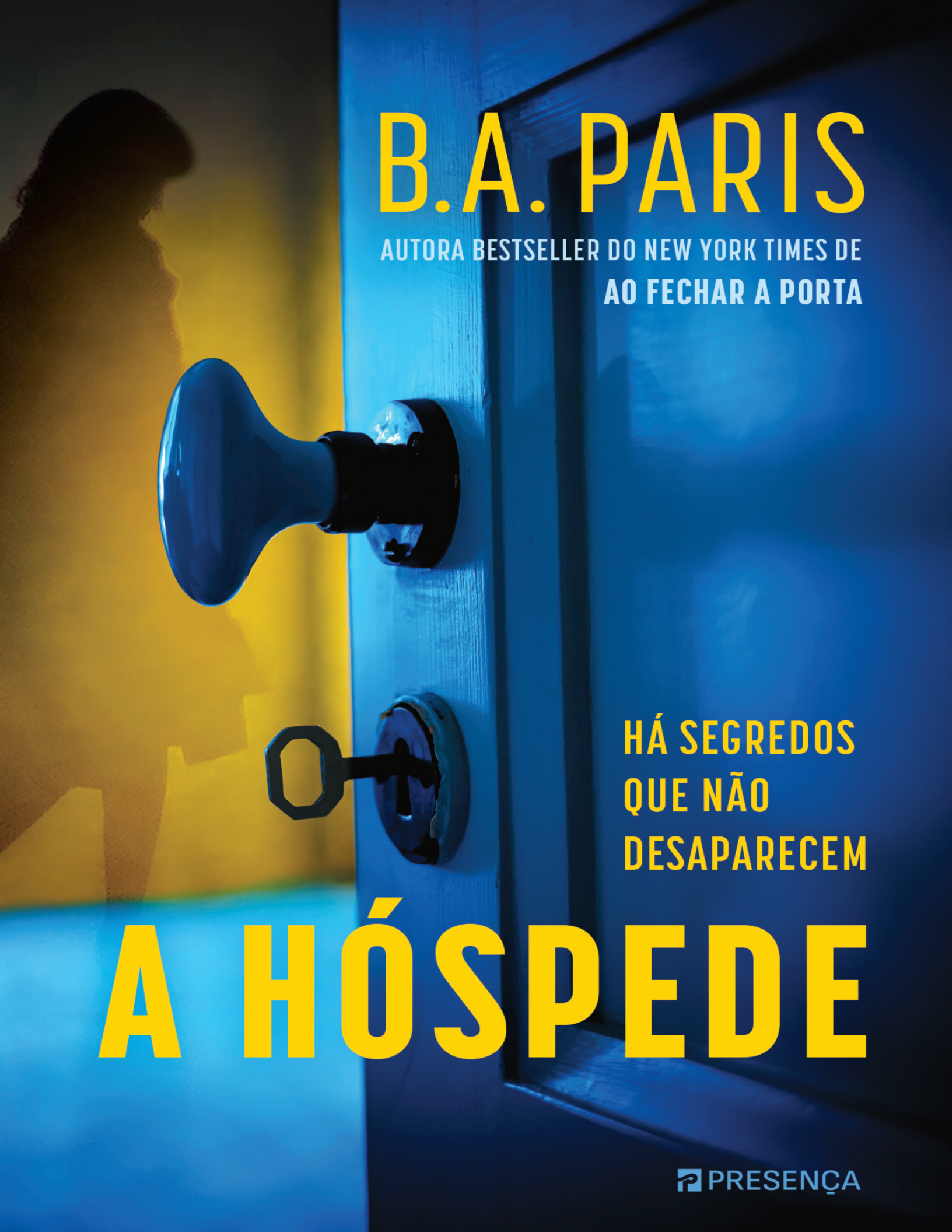
B.A. PARIS
AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES DE
AO FECHAR A PORTA
HÁ SEGREDOS
QUE NÃO
DESAPARECEM
A HÓSPEDE
PRESENÇA

B.A. PARIS

A HÓSPEDE

Tradução de Ana Saldanha

PRESENÇA

Título: *A Hóspede*
Título original: *The Guest*
Autora: B.A. Paris
Copyright © B.A. Paris 2024
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2025
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Inês Guerreiro / Grupo Editorial Presença
Capa: Catarina Sequeira Gaeiras / Grupo Editorial Presença
Imagem da capa: Magdalena Wasiczek / Trevillion Images e Shutterstock
Paginação, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-972-23-7703-4
ISBN e-book: 978-972-23-7755-3
Depósito legal n.º 548 280/25
1.ª edição, Lisboa, julho, 2025

Presença é uma chancela do Grupo Editorial Presença
www.presenca.pt
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Presença, uma chancela do Grupo Editorial Presença.

Para a Sophie

Obrigada pelos nossos preciosos momentos a ver Testemunha Silenciosa em Haia.
Recordá-los-ei sempre com enorme carinho.

PRÓLOGO

Gabriel passou uma taça de champanhe a Iris e depois deu uma a Esme, com os dedos a tremer ligeiramente na haste da taça.

— Não bebi nada no batizado, portanto, posso beber isto — disse Esme. Olhou para Iris. — Obrigada por nos teres convidado cá para casa. É maravilhoso podermos relaxar, agora que finalmente acabou.

Iris sorriu.

— Vocês merecem.

— Mas foi um dia fantástico. — Hugh levantou a taça. — Um brinde ao Hamish. E à mamã dele, claro.

— E a ti — disse Gabriel. — O pai babado.

Os quatro beberam, e Esme soltou um suspiro de contentamento.

— Caramba, senti tanto a falta disto.

Hugh levantou a taça de novo.

— Iris, Gabriel, tem sido um verão dos diabos. Um brinde a tempos mais felizes.

Abateu-se um silêncio sobre o grupo. Gabriel aclarou a voz.

— Obrigado, Hugh. Como disseste...

Uma explosão fortíssima seguida do restolhar de pânico de aves a voar das árvores abafou o resto das suas palavras. O coração de Iris bateu fortemente, ecoando o estrondo que ainda reverberava no ar. E depois, um silêncio de morte.

Por uns segundos, formaram um quadro paralisado no tempo. Gabriel e Hugh de pé, com a taça de champanhe na mão e a cabeça virada na direção de onde viera o som da explosão; Iris, com a surpresa nos olhos, espelhada nos de Esme. Até o bebé Hamish fez uma pausa na mama, e Esme, com o instinto automático de proteger o filho, apertou mais os braços à volta dele. Tranquilizado, o bebé voltou a mamar, com as perninhas a mexerem-se debaixo da manta, o único movimento na quietude daquele momento.

— Espero que não tenha sido a casa — disse Esme a brincar, quebrando o feitiço que a explosão lançara sobre eles. — Não depois de toda a trabalheira.

— Talvez eu devesse... — Hugh parou a meio da frase, com a atenção atraída por alguma coisa.

Iris seguiu o olhar dele e viu fumo negro espalhar-se pelo céu.

Ao longe, tocou uma sirene, que depois se tornou mais ruidosa.

Gabriel virou-se para Hugh.

— Vamos ver o que se passa?

— Boa ideia — disse Hugh. — Parece demasiado perto de casa para ficarmos descansados — acrescentou em voz baixa. Olhou para Esme. — Não demoramos.

Esme esperou até eles terem saído.

— Desde que o Joseph não se tenha mandado pelos ares — disse, tirando Hamish da mama e mudando-o para o outro lado. — Estou tão desiludida com ele. — Com Hamish instalado, estendeu a mão livre e pousou-a no braço de Iris. — Obrigada por o teres levado a casa antes de ele ficar completamente descontrolado.

— Só sugeri levá-lo a casa porque não queria que toda a gente o visse naquele estado. — Iris fez uma pausa. — Achas que ele já tinha descarrilado e voltado a beber antes de hoje, tendo conseguido escondê-lo de toda a gente?

— Não sei, mas estou furiosa, dececionada e tudo o que existe entre esses dois sentimentos. Começo a arrepender-me de o ter convidado para ser padrinho do Hamish. — Parecia subitamente nervosa. — Ele não disse nada, pois não, quando tu e o Hugh o levaram a casa? Tem tendência para falar à toa quando está bêbado.

— Não — respondeu Iris. — Não te preocupes.

— Eu devia ter sido franca com o Hugh logo de início — disse Esme, preocupada.

— Agora não interessa. O Joseph vai-se embora amanhã, não vai?

— Se estiver suficientemente sóbrio. — Esme aproximou Hamish do ombro e começou a dar-lhe palmadinhas nas costas, e, enquanto Iris a ouvia tagarelar sobre o batizado e como fora maravilhoso, foi invadida por uma extraordinária sensação de bem-estar. Pela primeira vez em meses, sentia-se em paz.

— Oh, eles voltaram! — exclamou Esme.

Iris virou a cabeça para o terraço, mas, antes de perceber que havia algo errado, Esme já tinha atirado Hamish para os braços dela e estava a atravessar o relvado a toda a pressa na direção de Hugh. Alarmada, Iris olhou para Gabriel, e o coração caiu-lhe aos pés ao ver a desolação no rosto dele. Passou Hamish para o ombro, sentindo-se reconfortada com o peso quente e sonolento dele, e, quando começou a esfregar-lhe as costas, com os olhos pregados de preocupação em Hugh e Esme, o bebé reagiu como seria

de esperar, expelindo pequenas bolsas de ar leitoso. E depois começou a ouvir-se um gemido, e primeiro ela pensou que era Hamish.

Mas não era Hamish, era Esme, num choro entrecortado nos braços de Hugh.

SEIS MESES ANTES

UM

Parecia a Iris que nunca mais chegavam a casa. De Oban a Markham, oitocentos e trinta e sete quilómetros, nove horas de viagem sem paragens. Tinham partido às dez da manhã, e já eram dez da noite. Não admira que ambos estivessem arrasados.

Não era o que estava planeado. A ideia era interromperem a viagem com uma paragem de uma noite em York e só chegar a casa no dia seguinte. Iris reservara um hotel lindíssimo, e, se tudo tivesse corrido como planeado, já teriam acabado de jantar e estariam a ir para a cama. Em vez disso, desciam a colina na direção de Markham.

Iris encostou a cabeça ao apoio do assento e fechou os olhos, excluindo as luzes brilhantes da cidade. Normalmente, tê-las-ia acolhido de bom grado, aquele sinal de que estava quase em casa. Nessa noite, porém, o seu brilho, tão diferente das noites escuras aveludadas das ilhas escocesas, incomodava-a.

Mexeu-se, inquieta, descolando as pernas nuas de onde haviam aderido à napa branca do assento. Estava desesperada por sair do carro, por sentir o sangue a circular de novo nos tornozelos. Pressentindo o desconforto dela, Gabriel lançou-lhe um olhar culpado.

— Desculpa — murmurou. — Afinal, talvez devêssemos ter parado em York.

Iris sorriu-lhe, a esconder a desilusão.

— É melhor assim. Temos o dia de amanhã para relaxar.

A sua desilusão não se devia a ter-lhe sido negado um jantar num restaurante com uma estrela Michelin, seguido de uma noite num hotel de luxo, mas ao facto de, durante as duas semanas que haviam estado fora, não ter conseguido que Gabriel se abrisse com ela. Apesar das casas idílicas com vista para o mar, das belas paisagens, dos longos passeios preguiçosos por praias desertas com areal branco, não conseguira levá-lo a falar sobre

Charlie Ingram.

Charlie acabara de ser dado como desaparecido pela mãe quando Gabriel, numa corrida matinal, o avistara tombado no fundo da velha pedreira de calcário, rodeado pelo metal emaranhado da bicicleta.

— Deve ter ido pelo caminho à volta do topo e, demasiado rápido, derrapado por entre as árvores e caído lá em baixo — dissera Gabriel, com o rosto branco como a cal. — Ou bateu numa pedra que o despistou. Que desperdício trágico.

Charlie estava vivo quando Gabriel o encontrou, mas morrera antes de chegar socorro. E, durante aqueles poucos minutos, quando pairava entre a vida e a morte, confiara uma mensagem a Gabriel — *Diga à minha mãe que a adoro*.

— Era como se estivesse à espera de poder transmitir aquela última mensagem — dissera Iris, querendo reconfortá-lo.

Mas as palavras dela haviam angustiado ainda mais Gabriel, e, nos últimos dois meses, Charlie Ingram — um rapaz de dezoito anos, popular, bem-parecido, com um lugar garantido na universidade e um ano mais novo do que a filha deles, Beth — continuara a assombrá-lo. Se não conhecesse Charlie pessoalmente, talvez não o tivesse atingido com tanta força. Não se viam desde a infância de Charlie, mas haviam-se reconhecido imediatamente.

Iris sentiu um nó no estômago com a sensação de culpa. Devia ter dado tempo a Gabriel para se acalmar, para se habituar a estar em casa, antes de o levar a toda a pressa para a Escócia. Não devia ter sido fácil ser informado pelos colegas, por mais delicadamente que o tivessem feito, de que teria de tirar uma licença de nojo, especialmente sendo médico no centro de saúde da zona, que tinha falta de pessoal. Gabriel recusara de início, incapaz de aceitar o que Iris e os colegas tinham conseguido ver, que estava a sofrer de *burnout*. Já esgotado pela morte do seu amado pai quatro meses antes, além de uma carga de trabalho cada vez mais difícil de gerir, a morte de Charlie fora a gota de água. Devastara Gabriel ao ponto de ele ser incapaz de falar sobre o que acontecera. Apesar das tentativas de Iris e dos colegas, os poucos minutos que passara na pedreira com Charlie Ingram antes de este morrer, antes de chegar ajuda, permaneciam fechados a sete chaves no seu íntimo.

A noite perseguia o crepúsculo nas suas sombras quando Gabriel virou para o caminho de acesso à casa. Incapaz de ficar no carro por mais um momento que fosse, Iris desapertou o cinto de segurança e abriu a porta. Uma rajada de ar quente envolveu-a assim que deixou de sentir o ar condicionado do carro. As pernas, rígidas por ter estado sentada tanto tempo, cederam ligeiramente, e ela pousou uma mão no tejadilho para se firmar, retirando-a logo de seguida. Como o ar à sua volta, o metal queimado pelo sol mantivera o calor.

— Como é possível estar tanto calor a esta hora da noite? — perguntou, transferindo a sujidade do carro para o rosto ao afastar o cabelo húmido da testa.

Gabriel saiu do lugar do condutor e esticou os braços acima da cabeça, a relaxar os músculos da zona lombar.

— Bem, houve uma minionda de calor aqui enquanto estivemos na - Escócia, não te lembras? E estamos no princípio de junho.

Baixou os braços e dirigiu-se para a mala do carro.

— Deixa estar as malas — disse Iris, contendo um bocejo. — Tratamos delas amanhã.

— Boa ideia. — Gabriel lançou um olhar à casa deles, uma antiga quinta cujo interior fora trazido com bom gosto para o século XXI pelo proprietário anterior, um arquiteto. — Sabes qual é a melhor coisa de ir de férias?

Iris sorriu.

— Voltar para casa?

— Exatamente. — Contornou o carro até onde Iris estava parada e beijou-lhe o cimo da cabeça. — Obrigado por umas férias maravilhosas.

Ela estendeu-lhe a mão para a face, saboreando os raros momentos em que ele não estava preocupado com aquela outra coisa mais sombria.

— Tens as chaves?

Gabriel tirou-as do bolso.

— Anda daí, vamos para a cama.

— Um longo banho para mim primeiro.

De mãos dadas, dirigiram-se para a porta de entrada. Gabriel destrancou-a, e, impaciente por se ver dentro de casa, Iris preparava-se para passar a soleira da porta quando ele estendeu um braço, a impedi-la de entrar.

— Não há correio — disse num tom sibilante.

Iris franziu a testa, mas percebeu de seguida o que ele queria dizer.

Normalmente, após duas semanas de ausência, havia uma acumulação de correio no capacho. Mas não havia nada.

— Acende a luz — segredou.

Gabriel estendeu a mão para dentro da casa e encontrou o interruptor.

— O meu casaco de malha. — Iris apontou para o fundo das escadas, onde um casaco de malha azul estava pendurado no pilar do corrimão. — Não o deixei ali. Nem estas — acrescentou, apontando para um par de alpergatas atiradas à toa para o chão.

— A Beth não está cá, pois não? — perguntou Gabriel em voz baixa, embora soubesse que a filha estava a fazer voluntariado num refúgio para cães na Grécia.

— Não, ela só volta daqui a três meses. E, de qualquer forma, nem morta permitiria que a vissem com o meu casaco de malha.

Gabriel passou por ela, entrou no *hall* e empurrou a porta da sala de estar.

— Bem, esteve alguém aqui — disse, acenando com a cabeça para uma pilha de revistas espalhadas sobre a mesa baixa.

Iris espreitou por trás dele e de seguida apontou para as marcas no sofá.

— E se calhar ainda cá está. — Olhou para Gabriel, alarmada. — Serão *ocupas*?

Instintivamente, ele pôs-se à frente dela e depois berrou para o corredor.

— Está aí alguém?

De algures no andar de cima, ouviu-se uma exclamação de surpresa, seguida do som de passos a correr pelo corredor.

— Gabriel? — Uma voz de mulher, ofegante e hesitante. — És tu?

Iris olhou para a figura que apareceu no cimo das escadas, com o cabelo escuro à volta dos ombros, as pernas do pijama azul-claro a cair-lhe à volta dos pés.

— Laure?

Laure pôs uma mão no coração.

— Iris! Pregaram-me um susto! O que estão aqui a fazer?

— Além do facto de vivermos aqui, queres tu dizer? — disse Gabriel, parecendo mais divertido do que ofendido.

Embaraçada, Laure riu-se.

— Sim, sim, claro, é só que não estava à vossa espera. — Puxando as calças do pijama para cima, desceu as escadas a correr, abraçou Iris com força e, de seguida, recuou, com um ar de reprovação nos seus olhos de um

castanho líquido. — No *e-mail*, diziam que só voltavam amanhã.

— Decidimos não parar em York. — Iris deu por si a explicar-se, consciente de que estava praticamente a pedir desculpa por ter regressado à sua própria casa mais cedo do que o previsto.

Enquanto Gabriel abraçava Laure, Iris olhou para o cimo das escadas, à espera de que Pierre aparecesse. Faria muito bem a Gabriel ver o seu melhor amigo. Pierre devia ter tido uma reunião em Londres, e ele e Laure tinham vindo fazer-lhes uma surpresa.

— Onde está o Pierre? — perguntou. — Não me digas que já está a dormir?

Laure abanou a cabeça e desabou nas escadas, com uma profunda tristeza gravada no seu belo rosto. Iris sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Laure, o que se passa?

— É o Pierre.

— Ele está bem? — A voz de Gabriel soou rouca de pânico, e, virando-se para ele, Iris viu que a cor se esvaíra do rosto do marido. Pegou-lhe na mão e apertou-lha, a tranquilizá-lo. *Por favor, que não tenha acontecido alguma coisa ao Pierre, não depois do Charlie Ingram e do pai do Gabriel.*

Laure acenou com a cabeça rapidamente.

— Sim, ele está bem, está muito bem — disse, com o seu inglês normalmente impecável a abandoná-la, um sinal da sua perturbação. — Tem uma filha, porque não havia de estar bem?

Fez-se um silêncio atónito.

— O Pierre tem uma filha? — gaguejou Gabriel.

Laure acenou com a cabeça.

— É o que ele diz.

— Mas... Quando? Como? Quero dizer, não é possível.

— Parece que ele teve um caso.

— Não pode ter tido — protestou Iris. — Ele ama-te.

E Laure desatou a soluçar ruidosamente.

DOIS

Deixando Laure e Gabriel a conversar na cozinha, Iris subiu as escadas para ir tomar um duche.

A bocejar de cansaço, empurrou a porta do quarto, mas parou à entrada. A cama era um emaranhado de lençóis amarrotados. Havia uma caneca na mesa de cabeceira, uma revista em cima da almofada de Gabriel e um monte de lenços de papel usados espalhados pelo chão. Enquanto uma parte do cérebro de Iris lhe dizia que Laure não se teria mudado para o quarto deles quando havia dois quartos de hóspedes perfeitamente aceitáveis, outra parte lembrava-lhe de que tirara os lençóis das camas antes de partir para a Escócia.

— Laure! — chamou.

Laure subiu as escadas a correr e entrou de rompante no quarto.

— Peço imensa desculpa! Ia mudar de quarto antes de vocês voltarem amanhã! Sentia-me tão sozinha quando cheguei, não conseguia parar de chorar, e a única coisa que queria era esconder-me. Tinha medo de que, se ficasse no quarto de hóspedes na parte da frente da casa, um dos vossos vizinhos visse a luz acesa, e não queria ter de explicar porque aqui estava. O quarto ao lado do vosso tinha coisas em cima da cama, e não quis usar o quarto da Beth. E sei que é estúpido, mas senti-me mais perto de vocês aqui. — Passando rapidamente por Iris, começou a tirar as fronhas das almofadas. — Eu faço a cama, não vai demorar muito. Mudo-me para um dos quartos de hóspedes.

Uma onda de exaustão apoderou-se de Iris, e ela afundou-se na cama.

— Está tudo bem assim. Por esta noite não importa, amanhã tratamos disso.

Preparava-se para acrescentar que, de qualquer maneira, ia tomar um duche na casa de banho da *suite* — há muito tempo que trocara mentalmente o longo banho que planeara tomar por uma lavagem rápida, o

que importava um esplêndido banho de imersão quando comparado com a notícia devastadora da infidelidade de Pierre? — quando vislumbrou, através da porta aberta, toalhas amontoadas no chão e roupas penduradas na borda da banheira. Havia qualquer coisa de familiar naquelas roupas, que lembraram a Iris algo que lhe desviara a atenção assim que vira Laure no cimo das escadas e que continuava a desviar-lha enquanto ouvia, de queixo descaído, a história da traição de Pierre.

— Esse pijama que tens vestido é meu?

Os olhos de Laure encheram-se de novas lágrimas.

— Não trouxe roupa comigo. Não pensei em fazer a mala, limitei-me a pegar na mala e no passaporte e vim-me embora.

Iris pôs-se de pé e envolveu-a num abraço.

— Não faz mal.

Soltou Laure e tirou um pijama de uma gaveta. Quando se virou, viu Laure junto à janela, a olhar para a noite lá fora.

— Como está o Gabriel? — perguntou Laure.

— Ainda está de rastos. O Charlie Ingram vai ficar com ele para sempre, acho eu.

— Era esse o nome dele, Charlie Ingram?

— Era.

— É um nome bonito. — Virou-se para Iris. — Podes apagar a luz? Assim conseguimos ver a pedreira e podemos rezar uma oração por ele.

Iris apagou a luz e foi para o lado de Laure. Juntas, ficaram a olhar para a pedreira, com os seus muros a embranquecerem ao luar, e cada uma à sua maneira rezou uma oração em silêncio por Charlie.

— Explica-me outra vez porque é que estamos a dormir no nosso quarto de hóspedes — disse Gabriel.

Acabado de sair do duche, trazia uma toalha enrolada à volta da cintura e cheirava a menta, uma mistura de gel de banho e pasta de dentes. Antes, Iris ter-lhe-ia tirado a toalha e tê-lo-ia puxado para cima da cama. Mas já não.

— Por exaustão. Estava demasiado cansada para ajudar a Laure a mudar os lençóis.

Gabriel veio sentar-se ao lado dela e balançou-se para cima e para baixo, a submeter o colchão a um teste.

— Parece-me bastante confortável — comentou. — Acho que nunca

dormi aqui.

— Dormiste, uma vez, quando tiveste aquela gripe horrível.

— Ah, sim, já me lembro.

Iris estendeu a mão e puxou para trás a roupa no lado dele da cama.

— Anda, vamos dormir.

Ele subiu para a cama e apagou a luz de cabeceira. No escuro, ficaram em silêncio.

— Em que estás a pensar? — perguntou Iris.

— Que esta cama não é tão confortável como a nossa. — Pressentindo o sorriso de Iris, suspirou. — Estou a pensar no Pierre, no facto de que tem uma filha. Estou a pensar... quando? Que idade é que ela tem? A Laure disse-te?

— Não exatamente. Pensou que talvez o Pierre estivesse a ter uma espécie de crise de meia-idade e que o nascimento era recente. Mas, ao que parece, a filha é mais velha. Ele disse que foi um caso de uma noite. Não consigo perceber se é melhor ou pior.

— Melhor para a Laure, talvez, mas não para a criança. — A voz de Gabriel era sombria. — O Pierre teve algum contacto com a criança ou com a mãe, desde então?

— Desde que descobriu que era o pai, não... pelo menos foi o que disse à Laure.

— Então, porquê dizer alguma coisa agora? Porquê despertar a fera adormecida?

— Se calhar teve uma crise de consciência.

— Ou de arrependimento. Ele e a Laure nunca quiseram ter filhos, pois não?

— Não. Bem, o Pierre não queria, e a Laure alinhou, porque o amava. Se ele quisesse ter tido dez filhos, ela teria aceitado.

— A sério? — Iris sentiu que Gabriel franzia a testa. — Ela disse-te isso?

— Sim, no ano passado, quando chegou aos quarenta.

Aproximou-se mais do marido, na esperança de que ele pusesse os braços à volta dela e a puxasse para si. Mas ele também se mexeu, virando-se de costas, para a parede. Era uma novidade, virar-lhe as costas. Antes, adormeciam com ele enroscado à volta de Iris, o queixo apoiado no cimo da cabeça dela, o braço ao longo do seu corpo, prendendo-a a ele. Agora, era ela que se enroscava à volta dele. Não só isso, começara a usar uma *T-shirt*

na cama, quando antes dormia de tronco nu. Era como se esperasse que aquela barreira fina de tecido amortecesse qualquer desejo que ela pudesse ter por ele.

Em breve, a respiração de Gabriel tornou-se mais profunda, e, para deixar de se preocupar com ele, com eles os dois, Iris voltou os pensamentos para Laure e Pierre. Ela e Gabriel tinham-nos conhecido vinte anos antes, nas Bahamas, onde ela e Gabriel haviam ido para celebrar o seu primeiro aniversário de casamento. Laure e Pierre estavam em lua de mel, e os dois casais tinham-se dado logo bem. Iris ficara encantada com Laure; de pequena estatura, com cabelo castanho liso e brilhante até meio das costas e olhos negros retintos emoldurados por longas pestanas que quase lhe tocavam na franja, Laure era a viva imagem de uma parisiense chique. Tinha um nariz bem-feito, ligeiramente arrebitado, e os seus lábios eram tão naturalmente vermelhos que parecia que estavam sempre pintados. Quando Iris ficou a conhecê-la melhor, surpreendeu-se mal soube que Laure nunca usava maquilhagem e compreendeu que seria o equivalente a alguém fazer uns rabiscos numa pintura magnífica.

A amizade entre os dois casais fortalecera-se ao longo dos anos, com uma visita de fim de semana de dois em dois meses e férias juntos uma vez por ano. Tinham as chaves da casa um do outro. Pierre viajava ocasionalmente em trabalho, e, se Laure fosse ter com ele no fim de semana, Iris recebia um *e-mail* animado: *O apartamento está livre no último fim de semana do mês, se quiserem dar uma saltada a Paris*. Da mesma forma, se Iris e Gabriel fossem viajar, avisavam Laure e Pierre de que a casa estaria disponível. Foi por essa razão que Laure sentira que poderia instalar-se na casa deles enquanto estavam na Escócia; Iris enviara-lhes uma mensagem a avisá-los de que estariam fora. Era a primeira vez que não tinham tido qualquer aviso prévio — *Sim, maravilhoso, obrigada, adoraríamos usar a casa por alguns dias!* —, mas, compreensivelmente, Laure tinha outras coisas em que pensar.

Inquieta, Iris concentrou-se no ritmo da respiração de Gabriel, na esperança de que a levasse a adormecer. Mas, antes que isso acontecesse, ele afastou-se silenciosamente dos braços dela, deslizou da cama e saiu do quarto, fechando a porta com cuidado atrás de si. Ela ficou a ouvir os passos dele; ao longo do patamar, a passar pelo quarto deles, onde Laure estava a dormir, e a descer as escadas.

Lutou contra o impulso de ir atrás do marido. Se ele quisesse conversar, tê-la-ia acordado.

TRÊS

No silêncio da casa, na escuridão da noite, Gabriel andava de um lado para o outro na sala de estar, a percorrer sem fazer ruído um caminho que ia da parede à janela e voltava, ciente de ter tomado como certa a facilidade com que costumava adormecer. Cansado de corpo e mente no final de um dia de trabalho esmagadoramente atarefado no consultório, apagava-se como uma luz mal pousava a cabeça na almofada. Nos dois últimos meses, porém, desde que dera com Charlie na pedreira, tinha dificuldade em adormecer. E naquele momento havia mais preocupações para o manter acordado.

Não conseguia aceitar a ideia de que Pierre tivesse uma filha. Quisera telefonar-lhe, para oferecer o seu apoio, desempenhar o papel de uma espécie de amortecedor entre os seus dois amigos, mas Laure persuadira-o a não o fazer. Dissera-lhe para esperar até ao dia seguinte, e ele respeitara o pedido dela, principalmente porque nessa altura já passava da meia-noite em França. Havia outra coisa a impedi-lo. Ao que parecia, Laure saíra do apartamento deles em Paris no domingo passado, o que significava que Pierre já tivera seis dias para telefonar a Gabriel, se quisesse conversar. Mas não ligara. Talvez receasse que ele o julgasse. Não o faria, claro — embora, lembrando-se das conversas que tinham quando Pierre ficava a saber de mais um amigo que estava a ter um caso, se recordasse também que Pierre ficava sempre indignado. Talvez ele não classificasse um caso de uma noite como um caso. Para Gabriel, no entanto, traição era traição, quer durasse horas, meses ou anos.

Gabriel parou de andar de um lado para o outro e soltou um suspiro tão sentido que era quase um gemido. A palavra «traição» reavivou-lhe a culpa que sentira antes, quando dissera a Iris que preferia voltar para casa a passar a noite em York. Estava ciente do que Iris planeara, e tinha consciência suficiente de si próprio para saber que não conseguiria proporcionar-lhe a noite romântica de que ela devia estar à espera. Por alguma razão, desde

que encontrara Charlie, deixara de conseguir fazer amor com a mulher.

Continuou a andar de um lado para o outro, com mais uma preocupação a apresentar-se-lhe. Como conseguiria aguentar ficar em casa durante os próximos meses, até os colegas o considerarem apto a retomar as suas funções?

— Demora o tempo que precisares — tinham-lhe dito. — Temos um substituto para o teu lugar, nós aguentamos. Não voltes se não estiveres em condições.

— Dois meses — dissera ele a contragosto. — Tiro dois meses de licença, mas não mais.

Não estava à espera daquilo. O esgotamento apoderara-se dele de um modo lento, insidioso, impregnando-o de um pavor crescente; primeiro, o pavor de tentar dar conta da sua carga de trabalho; depois o pavor das exigências cada vez maiores dos seus pacientes e de não poder dar o seu melhor por eles; por fim, o pavor de entrar sequer no centro de saúde. Atingira um ponto crítico numa quarta-feira quando não conseguira levantar-se da cama, quando o pensamento do dia que tinha pela frente o dominara ao ponto de sentir terror. Sabia que precisava de uma pausa; não tirava férias há quase um ano. Quando os colegas do centro de saúde lhe disseram que não o queriam ver de volta ao trabalho durante meses, ficara chocado. Mas não era a primeira pessoa a sofrer de *burnout*, e suspeitava que não seria a última.

Tinham-lhe falado em fazer algo por ele próprio, arranjar um passatempo novo. Antes, gostava de correr, o que fazia muitas vezes antes do trabalho, quando o dia estava a nascer e o mundo, silencioso e parado. Foi numa dessas ocasiões que deu com Charlie na pedreira. Já não corria desde aquela manhã.

Gabriel percebia que, para melhorar, precisaria de se manter ocupado, tanto mental como fisicamente, mas não fazia ideia de como. Também estava preocupado com a possibilidade de ser um empecilho para Iris. Ela era *designer* de interiores e estava habituada a passar uma grande parte do dia a trabalhar no escritório que tinham montado para ela num dos anexos. Não queria que a mulher sentisse que devia estar a passar tempo com ele.

Ele e Iris tinham tido sorte nos seus mais de vinte anos de casamento. Tinham-se conhecido quando ela se inscrevera no clube de *squash* onde ele jogava algumas vezes por semana. Na altura, tinha vinte anos e ainda

andava na universidade, e Gabriel tinha vinte e seis, e, três anos depois, haviam-se casado. Dali a dois anos, haviam sido abençoados com o nascimento de Beth. Gabriel teria gostado de ter mais filhos, mas fora uma gravidez difícil. Iris tivera enjoos terríveis, não só de manhã mas durante todo o dia, o que a deixara clinicamente deprimida. Não quisera voltar a passar por aquilo, e Gabriel não podia censurá-la.

Quando Beth nasceu e a parteira a entregou a Gabriel, ele sentiu-se inundado por uma vaga de emoções.

— Feliz? — perguntara-lhe Iris, reparando nas lágrimas dele, e Gabriel respondeu que sim, que estava, porque, depois daqueles nove meses difíceis, a bebé estava finalmente ali. Contudo, as suas lágrimas não eram apenas de felicidade, porque, no momento em que teve Beth nos braços, tão pequenina e frágil, sentiu que não conseguia perceber porque haviam decidido tê-la, quando um dia ela morreria. Nunca partilhara esse pensamento sombrio com ninguém, e, por fim, ele acabou por desaparecer. Até Charlie Ingram.

Se não tivesse conhecido Charlie, talvez a morte dele não o tivesse afetado tanto. Mas reconhecera instantaneamente, no rosto quase adulto pisado e ferido, traços do rapazinho que ele costumava treinar no futebol aos sábados de manhã nos tempos em que era voluntário na escola primária de Beth. Conversara ocasionalmente com a mãe de Charlie, Maggie. Como Beth, Charlie era filho único, e, quando Gabriel viu a luz a sair dos seus olhos, a terrível escuridão que sentira aquando do nascimento de Beth tinha voltado. Maggie teria mantido a decisão de dar à luz a Charlie se soubesse que teria de passar pela dor de o perder dezoito anos mais tarde? A resposta tinha de ser sim, pela felicidade que Charlie trouxera à vida de Maggie durante esses dezoito anos. Mas se fosse Beth — bem, Gabriel não sabia. De alguma forma, o júbilo imenso que ela lhe proporcionara nos últimos dezanove anos tornava-lhe mais difícil aceitar que um dia ela morreria.

Parou de andar de um lado para o outro e abanou vigorosamente a cabeça, a querer arredar da mente os pensamentos sobre a morte de Beth. Cansado, deixou-se cair numa cadeira. Gostaria de voltar para a cama, mas receava fazê-lo, receava que, se Iris acordasse e tentasse puxá-lo para si, tivesse de a magoar, virando-lhe as costas. Havia outros quartos; podia dormir num deles.

QUATRO

Iris desceu as escadas até à cozinha em bicos de pés, com cuidado para não acordar Gabriel ou Laure. Gabriel não voltara para a cama na noite passada; devia ter dormido no outro quarto de hóspedes.

Bocejando, pegou na chaleira, encheu-a com água e ligou-a. O assobio das bolhas de ar juntou-se ao zumbido do frigorífico, sons demasiado altos no silêncio matinal.

A porta abriu-se, fazendo-a dar um salto.

— Olá. — Laure estava ali, com uma das *T-shirts* azul-marinho de Iris enfiada num par dos calções de ténis brancos dela, apertados na cintura com um cinto para não lhe escorregarem para baixo. As roupas demasiado grandes só destacavam a vulnerabilidade de Laure; mesmo na agonia da sua situação, conseguia parecer linda, com os seus olhos escuros brilhantes de lágrimas não derramadas. — Pareceu-me ouvir-te aqui em baixo.

Iris afastou todos os pensamentos de uma chávena de chá tranquila e deu um abraço a Laure, consciente de que a amiga já tomara banho e se vestira enquanto ela ainda estava de roupão.

— Não conseguia dormir.

— Eu também não.

— Chá?

Laure apanhou o cabelo nas mãos, puxou-o sobre o ombro direito e torceu-o nervosamente.

— Por favor.

Fizeram o chá como cada uma queria — o de Laure sem leite — e levaram-no para a sala de estar, onde estariam mais confortáveis para a conversa íntima que Iris sabia que iriam ter.

— Está bem assim? — perguntou ela, puxando a mesa baixa para mais perto do sofá, para que o chá das duas e os telemóveis ficassem ao alcance da mão.

— Perfeito.

Laure instalou-se numa ponta do sofá e Iris na outra, as duas com as pernas em cima das almofadas, de modo que os seus pés se encontravam no meio. Quando Laure estendeu a mão para a caneca, o sol da manhã que entrava pela janela deu-lhe ao cabelo um tom quente de mogno.

— Como estás? — perguntou Iris.

Laure bebeu um gole cuidadoso do seu chá demasiado quente.

— Magoada. Confusa. Ele dizia que não queria ter filhos. Se tivéssemos tido, talvez não me sentisse agora tão traída.

— Como descobriste que ele tem uma filha? — perguntou Iris, porque Laure estava tão chorosa na noite anterior que fora difícil apreender a sequência dos acontecimentos.

Laure pôs as mãos em concha à volta da caneca.

— A primeira vez que soube que havia algo de errado foi depois das férias que passámos com a família dele na Páscoa. Era para festejar os setenta anos da mãe, portanto todos os primos do Pierre estavam lá com os filhos, e a irmã dele, com os quatro filhos. Foi encantador, mas, depois destas férias, eu e o Pierre dizemos sempre a brincar que temos muita sorte, porque ficávamos exaustos de brincar com os sobrinhos todos. Agrada-me que digamos piadas sobre isso, preciso de ouvir o Pierre dizê-lo, porque, por vezes, quando vejo todas as famílias reunidas, desejo que tivéssemos tido filhos. Mas, quando vejo como ele se sente aliviado por não termos seguido esse caminho, a tristeza que sinto desaparece, porque sei que fizemos a escolha certa ao decidir não ter filhos. Pelo menos, para ele — acrescentou, engolindo as lágrimas. — No entanto, depois daquelas férias, começou a andar muito calado, e pensei que tivesse que ver com o trabalho dele. Estava sempre a perguntar-lhe o que se passava, mas ele dizia que estava bem. Chegou a um ponto em que já não falava comigo, e, na semana passada, eu disse que gostava que tivéssemos tido filhos, porque assim pelo menos teria alguém com quem falar. Estava a tentar fazer uma piada, porque precisava de o ver sorrir; estava a tentar que ele voltasse a ser como era dantes. E foi então que ele me contou.

— O que disse? — perguntou Iris, apercebendo-se de que, nos últimos dois meses, os maridos de ambas tinham estado em crise.

Laure pousou a caneca na mesa baixa, tirou um lenço da manga e assoou o nariz delicadamente.

— Limitou-se a virar-se, olhar para mim e perguntar-me como me sentiria se me dissesse que tinha uma filha. A minha primeira reação foi que ele estava a brincar. Depois vi alguma coisa na cara dele e fiquei muito assustada. Era como que... desespero. E pensei, isto é real, isto não é uma piada, e percebi que tínhamos chegado a um momento decisivo no nosso casamento e que eu precisava de manter a calma e dizer a coisa certa.

— E conseguiste? — perguntou Iris, tentando pensar no que seria a coisa certa. — Manter a calma?

Laure soltou uma pequena gargalhada.

— Não, claro que não. Estava tão furiosa que não consegui ser compreensiva ou razoável. Pensei que era recente, que o bebé tinha nascido algumas semanas antes, isso explicaria porque o Pierre tinha andado retraído nos últimos meses. Mas depois ele disse-me que tinha acontecido há alguns anos.

O telemóvel de Iris tocou, interrompendo Laure. Ela olhou para o ecrã e viu uma mensagem de Beth: *Olá, mãe, podemos falar agora?* Hesitou, dividida entre a filha e a amiga, mas responder a Beth naquela altura da história de Laure pareceu-lhe indelicado. Estendendo a mão, desligou o telemóvel.

— Então, como é que o Pierre soube do bebé? Disseste ontem que foi um caso de uma noite e que ele não tinha mantido contacto com a mãe.

Laure acenou com a cabeça.

— Ao que parece, há alguns meses, encontrou por acaso a tal mulher em Paris. Ela estava com uma criança, e o Pierre disse que, mal olhou para ela, sentiu uma ligação e soube imediatamente que era dele. Mas, quando perguntou, a mulher negou; ficou aborrecida por ele pensar isso só porque tinham dormido juntos uma vez. O Pierre pediu desculpa e sugeriu que tomassem um café juntos, em nome dos velhos tempos. E, enquanto estavam sentados no terraço do Les Deux Magots, quando a mãe não estava a ver, ele tirou um cabelo da cabeça da criança e utilizou-o para um teste de ADN.

— O quê? — Iris não conseguiu evitar o tom de choque na voz. — Ele pode fazer isso? Quero dizer, é legal? Sem que a mãe saiba ou dê o seu consentimento?

— Não sei. — Laure encolheu os ombros num estilo gaulês. — Não penso que seja contra a lei.

— Então o que é que o Pierre tenciona fazer, agora que sabe que a criança é dele?

— Não sei. Diz que quer envolver-se na vida dela, porque já perdeu muito. Mas não quer arranjar problemas à mulher.

— Já o fez, ao contar-te.

— Quase desejava que não o tivesse feito, porque assim não teria tido de me vir embora. Mas não podia ficar, não suportava olhar para ele. — Laure pegou na caneca e bebeu mais um gole. — Não há problema em ter vindo para cá, pois não? Agora que a minha mãe vive com o seu novo homem, não senti que pudesse ir para a casa dela, quando ainda por cima não gosto lá muito dele. Não queria ficar com nenhum dos meus amigos em Paris, porque não queria que eles soubessem, e, de qualquer forma, queria afastar-me o mais possível do Pierre.

— Ainda bem que sentiste que podias vir para aqui. Mas e o teu emprego?

— Telefonei-lhes a dizer que tinha tido uma crise pessoal e pedi para gozar o resto das minhas férias. Estou cá há uma semana e devo voltar ao trabalho na segunda-feira, no dia vinte e sete. Pode ser?

Iris fez um cálculo rápido: três semanas. Sorriu a Laure.

— Claro.

— Comecei por pensar que podia ser a Claire.

— Desculpa? — disse Iris, ainda a pensar nas três semanas.

— Penso que a Claire talvez seja a mãe da criança.

— A Claire? — Iris franziu a testa, pensando na amiga de infância de Pierre, que, quando se viu sozinha aos quarenta anos, e desesperada por ter um filho, engravidara por inseminação artificial, recorrendo a um banco de esperma.

— Sim. O Pierre disse que não era, ficou zangado quando o sugeri, e, quando lhe disse que ia perguntar à Claire, ficou ainda mais zangado. Pedi-lhe que me dissesse quem era essa mulher com quem tinha dormido e que tinha dado à luz a filha dele, e ele respondeu que era alguém que tinha conhecido numa viagem de negócios, que se tinham embebedado e acabado por dormir juntos.

— Então porque continuas a pensar que é a Claire?

Laure soltou uma gargalhada oca.

— Como posso acreditar no que o Pierre me diz quando me mentiu durante os últimos seis anos?

— É essa a idade da filha dele?

— É a idade da filha da Claire.

Iris acenou com a cabeça.

— O que disse o Pierre quando lhe anunciaste que te ias embora?

— Que compreendia. E que lhe daria tempo para pensar. É o que não percebo: pensar em quê? Disse que não quer causar problemas à mulher, portanto, em que precisa ele de pensar? A não ser que queira arranjar alguém mais novo, alguém com quem possa começar uma família.

— Não faria tal coisa! — exclamou Iris, indignada. — Pode começar uma família contigo, se é o que quer. Não é demasiado tarde.

Os olhos de Laure ficaram marejados de lágrimas.

— Sim, é. Já entrei na menopausa, comecei-a cedo, portanto seria muito difícil engravidar agora. E porque é que ele haveria de querer ter um filho comigo quando pode ter alguém mais novo?

— Porque te ama.

— Esse é que é o problema. — As lágrimas de Laure transbordaram. — Não tenho a certeza de que me ame. Não me telefonou uma única vez desde que cheguei. Penso que está com ela, com a Claire.

— Não sabes isso — disse Iris, estendendo os braços, do outro lado do sofá, e dando um abraço a Laure. — O Gabriel vai telefonar-lhe esta manhã; vamos ficar a saber mais pormenores nessa altura.

CINCO

Quando ouviu o murmúrio de vozes na sala de estar, Gabriel passou discretamente pela porta fechada e dirigiu-se para a cozinha. Estava desesperado por uma boa chávena de café, mas receava que o barulho dos grãos a serem moídos trouxesse Iris e Laure, e contentou-se com café já moído.

Pegou na chaleira, abriu a torneira num fio e encheu-a pelo bico. Enquanto a água estava a aquecer, procurou no armário a lata de café e deitou um pouco na cafeteira, ignorando a colher de medida enfiada no pó castanho. Queria telefonar a Pierre, mas primeiro precisava de um café. E queria falar com ele sem mais nenhuma informação de Laure.

Estava a ter dificuldade em acreditar que Pierre dormira com outra mulher. Nas suas muitas férias juntos, vira a forma como as mulheres olhavam para Pierre. Podia não ser bem-parecido à maneira clássica, mas tinha um encanto fácil e uma elegância que atraíam automaticamente as pessoas. Era de estatura média — muito mais alto do que Laure, mas não do que Iris — e franzino, com um sorriso rasgado tão cativante que dava a impressão de estar sempre feliz. Gabriel sabia que, no entanto, por vezes Pierre lutava contra a depressão, uma herança da morte trágica do pai quando ele tinha apenas onze anos. Iam a pé da escola para casa, e, quando estavam a atravessar para a *boulangerie* onde paravam sempre para comprar um *éclair* de chocolate para Pierre, haviam sido atropelados por um camião. Pierre não só ficou fisicamente afetado, mas ver o pai preso debaixo das rodas do camião e ouvir os seus gritos de dor agonizantes também o deixara tão traumatizado do ponto de vista mental e emocional que, no aniversário do acidente, fechava-se em si próprio e desaparecia durante alguns dias para a Bretanha, de onde a sua família era originária. Gabriel perguntava-se muitas vezes se seria a razão pela qual Pierre nunca quisera ter filhos; não queria que ficassem sem pai se lhe acontecesse

alguma coisa.

Com o café feito, Gabriel correu as portas de vidro o mais silenciosamente possível e levou-o para o pátio. Preparava-se para se sentar à mesa de ferro forjado, pintado de cinzento, quando se apercebeu de que Iris e Laure poderiam sair para o pátio a qualquer momento e encontrá-lo ali. E não queria ser encontrado, não àquela hora da manhã, não depois de ter dormido tão pouco.

Enquanto se dirigia para o fundo do jardim, sentiu o coração pesado com o pensamento do *Winston*, o seu querido dogue alemão, que deveria estar a caminhar ao seu lado. Quando os sócios lhe falaram em pedir uma licença de nojo, citando não só a morte de Charlie, mas também a do pai dele, quatro meses antes, contava que mencionassem o *Winston*, que morrera dois meses antes do pai. Não o tinham feito, o que o deixara irracionalmente furioso, porque a morte do *Winston* atingira-o tanto como a do pai e deixara um buraco do mesmo tamanho na vida dele.

Encontrando um banco escondido da casa, encostado ao velho jardim murado, Gabriel pousou a caneca no braço de madeira. O jardim murado era mais uma coisa com que se sentir culpado. Quando ele e Iris se haviam mudado para a casa, quinze anos antes, ele prometera restaurar-lhe a sua antiga glória, plantar vegetais e malvas-rosa, além de salvas e hibiscos, flores que tinham abundado no jardim da sua infância. Mas tratar do resto do jardim, com o seu amplo relvado e os canteiros, ocupava-lhe o pouco tempo livre de que dispunha.

Estendeu a mão para baixo e, quando deu apenas com ar, amaldiçoou o reflexo de que ainda não conseguira livrar-se, de dar uma palmadinha na cabeça do *Winston,* deitado aos seus pés. Por vezes, sentia uma pancada na perna e olhava para baixo, esperando ver o *Winston* ali. Sempre que isso acontecia, Gabriel perguntava-se se o cão estaria a tentar dizer-lhe alguma coisa. Sentira a presença do cão no dia em que o seu pai morrera, o que o reconfortara.

Gabriel abanou a cabeça a si próprio. Se o *Winston* ali estivesse, e se pudesse falar, estaria a dizer a Gabriel para se controlar. Mas ele sentia-se tão inútil. O trabalho definira-o; agora que lhe fora tirado, não sabia como preencheria os seus dias.

O sol a aquecer a pedra antiga do jardim murado atraiu-lhe o olhar para a porta de madeira, outrora verde, cuja pintura estava quase toda descascada

pelo sol, pelo vento e pela chuva. Pousou a caneca no banco, aproximou-se e abriu a porta. Deformada por ter estado exposta aos elementos durante tantos anos, gemeu em retaliação ao raspar contra o cascalho e de seguida cedeu tristemente quando parou, com as dobradiças já incapazes de a manter na vertical. Na soleira da porta, Gabriel sentiu-se um pouco como Mary Lennox em *O Jardim Secreto*, quase à espera de ver um pintarroxo no ramo da macieira retorcida e murcha que ficava à direita do caminho. Não era um jardim grande, uns vinte e oito metros por catorze, e certamente não era nada bonito. Mas talvez pudesse vir a sê-lo.

Pela primeira vez em meses, sentiu uma vaga de algo que se assemelhava a entusiasmo.

SEIS

Iris deixou Laure levar as suas coisas para o quarto de hóspedes ao lado do deles e foi à procura de Gabriel. Ouvira-o descer as escadas enquanto ela e Laure estavam a conversar — o quarto degrau rangia, fosse onde fosse que se pusesse o pé —, mas não o censurara por não ter vindo juntar-se a elas.

Como encontrou a porta do pátio entreaberta, Iris atravessou o terraço e desceu o caminho, com o nariz a detetar o perfume adocicado a convalária. Havia um relvado à esquerda do caminho, dois telheiros e o seu escritório à direita, e, ao fundo, um jardim murado — ou antes, um terreno bravio murado. Como ultimamente não costumavam ir até ao fundo do jardim, Iris ficou surpreendida quando deu com a porta de madeira desbotada aberta de par em par e Gabriel de pé na soleira.

— Bom dia!

Ele virou-se ao ouvir a voz dela.

— Bom dia. Como está a Laure?

— Arrasada — respondeu Iris. — Esgotante — acrescentou, num tom de voz culpado.

Gabriel sorriu.

— Lamento não ter ido ter convosco.

— Não lamentas nada, pois não? — disse ela, na brincadeira.

Ele riu-se, e Iris vislumbrou o velho Gabriel, o Gabriel de antes de Charlie.

Veio juntar-se a ela, baixando a cabeça para passar pela porta aberta, e pegou na caneca que estava em cima do banco.

— Ela tirou todos os dias de férias que lhe restavam — continuou Iris.

Gabriel fez uma pausa, com a caneca a meio caminho da boca.

— Quanto tempo?

— Três semanas. Importas-te?

— Não, claro que não. Mas espero, para bem dela e do Pierre, que

regresse a Paris antes disso. — Olhou para ela com preocupação nos olhos. — Eles vão ultrapassar isto, não vão?

— Espero que sim.

Sentou-se no banco e Iris foi sentar-se ao lado dele.

— Penso que talvez tenhas perdido uma chamada da Beth — disse, supondo que a filha teria telefonado primeiro ao pai. — Telefonou-me quando eu estava com a Laure, mas achei que não podia atender naquele momento.

— Eu devia estar no duche. Ela tinha-me dito que me ligava esta manhã, mas não estava à espera de que telefonasse tão cedo.

Iris ouviu o desapontamento na voz dele e lançou-lhe um sorriso compreensivo.

— Porque não lhe telefonas tu?

— Vou telefonar. E depois tenho de ligar ao Pierre. A Laure contou-te mais alguma coisa?

— Não propriamente.

— Mas... o Pierre sempre soube que tinha uma filha?

— Parece que não. Disse à Laure que se cruzou por acaso com uma mulher que conhecia e que, só de olhar para a criança que estava com ela, soube que era dele.

Gabriel franziu a testa.

— Então ele só pensa que é o pai? Não tem provas?

— Agora tem. Ao que parece, estava tão convencido de que era o pai que sugeriu que ele e a tal mulher fossem tomar um café, e, enquanto estavam juntos, tirou um cabelo à criança e fez um teste de ADN.

Gabriel desatou a rir.

— Desculpa, mas isso simplesmente não é credível. Pode acontecer num filme, mas não na vida real? Se estava tão convencido de que a criança era dele, porque não perguntou diretamente à mulher?

— Perguntou. Mas ela negou que fosse o pai, e foi por isso que ele tirou o cabelo à criança.

— E essa mulher tem nome? — Gabriel parecia cético.

— Não. Mas a Laure não está convencida de que seja uma mulher qualquer. — Fez uma pausa. — Acha que é a Claire.

— A Claire?

— Sim. A filha dela foi concebida através de esperma doado.

— Não. — Gabriel falou com determinação. — O Pierre não faria isso.

— Nem mesmo para fazer um favor a uma pessoa amiga?

Um franzir de sobrolho enrugou-lhe a testa.

— Estás a sugerir que a Claire queria um filho e que o Pierre acedeu a colaborar?

— É o que a Laure está a sugerir.

— Ela está doida.

— Talvez... mas bate certo.

Gabriel ficara carrancudo, e Iris recriminou-se por lhe ter causado aquela mudança de humor. À procura de alguma coisa para lhe distrair os pensamentos de Laure e Pierre, acenou com a cabeça na direção do jardim murado.

— Estás a pensar em meter mãos à obra?

Disse aquilo como uma piada, e ficou surpreendida quando ele acenou com a cabeça.

— Sim, de facto.

— A sério? — Iris não conseguiu disfarçar o alívio na voz, não porque o jardim pudesse finalmente ser restaurado, mas porque daria a Gabriel algo em que se concentrar. — Isso é ótimo.

— Não que faça alguma ideia de por onde começar.

— Podemos arranjar alguém para te ajudar.

Gabriel abanou a cabeça.

— Quero ser eu a fazê-lo. Preciso de o fazer sozinho. — Pôs-se de pé. — Vou telefonar à Beth, depois ligo ao Pierre.

Iris ficou a vê-lo afastar-se, com as suas pernas compridas vestidas de ganga a subir o caminho na direção da casa. Ter Pierre com quem se preocupar desviar-lhe-ia a atenção de Charlie Ingram? Ou Charlie continuaria a ofuscar tudo, mesmo o melhor amigo de Gabriel — até ela, a sua mulher? Inclinou o rosto para o céu, mal se apercebendo do calor do sol no rosto.

Tinha muito em que pensar.

SETE

Gabriel andava de um lado para o outro no escritório, impaciente, à espera de que Beth atendesse a chamada. Era uma novidade, aquela incapacidade de ficar sentado quieto, um reflexo do seu estado de espírito, com a mente às voltas noite e dia.

— Olá, pai! — O ecrã do computador tremeu, depois estabilizou-se, e Beth apareceu, bronzeada e sorridente, com as mãos ocupadas a entrançar o cabelo numa longa serpente escura que lhe pendia sobre o ombro direito.

Sentindo-se por fim capaz de se sentar, Gabriel afundou-se na cadeira da secretária.

— Deve ser o teu dia de folga — disse, reparando na parte de cima do biquíni vermelho dela. — Como estás? Tudo bem?

— Tudo bem — confirmou Beth, prendendo a ponta do cabelo com um elástico e atirando a trança para trás das costas. — E, sim, é o meu dia de folga.

Gabriel viu-se no pequeno retângulo no ecrã e desejou ter-se lembrado de passar um pente pelo cabelo antes de telefonar à filha.

— Vais fazer alguma coisa agradável? — perguntou, levantando uma mão e alisando o cabelo.

— Vou agora para a praia com a Rosa, e mais tarde vamos de autocarro a Tessalónica com alguns dos outros voluntários para ver um pouco da vida noturna.

Imediatamente, uma série de cenários passou, célere, pelo cérebro de Gabriel — o autocarro a esbarrar-se a caminho de Tessalónica, a bebida de Beth a ser drogada, Beth a ficar sozinha na cidade depois de uma discussão com os outros, Beth a perder o último autocarro de regresso e a ser-lhe oferecida boleia por um desconhecido. Não expressou nenhuma dessas preocupações, mas sabia que não conseguiria sossegar completamente enquanto não recebesse uma resposta à mensagem casual que enviaria na

manhã do dia seguinte a perguntar a Beth se ela se tinha divertido.

— Parece-me bem — disse, perguntando-se, não pela primeira vez, se estaria tão obcecado com a segurança de Beth se ele e Iris tivessem tido mais do que um filho. Ou teria apenas três, quatro ou cinco vezes mais preocupação? Tentou lembrar-se dos nomes de alguns dos cães ao cuidado de Beth. — E como estão o *Loki*, a *Penny*, a *Goldie* e o *Homer*?

Enquanto Beth o punha ao corrente, Gabriel perscrutava-lhe o rosto, escutando atentamente a cadência da sua voz à procura de qualquer sinal de que a filha estivesse menos do que feliz e de boa saúde. Ela falava animadamente, gesticulava, riu-se quando contou alguma coisa que um dos voluntários tinha dito. Tranquilizado, Gabriel percorreu o ecrã com os olhos, observando as paredes pintadas de branco do quarto minúsculo que a filha partilhava com Rosa, onde as fotografias de amigos e familiares criavam uma colagem colorida. Avistou a fotografia dele com o *Winston*, outra dele e de Iris, viu a desarrumação dos edredões enrodilhados nas camas de armação de madeira, visível atrás de Beth, e começou a sentir o corpo relaxado. Tudo estava como devia estar.

— E tu, pai, como estás? — perguntou Beth. — Tu e a mãe ainda estavam a dormir esta manhã? Não consegui falar nem com um nem com o outro.

Gabriel abanou a cabeça.

— A Laure está cá.

— Que fixe! Não sabia que ela ia visitar-vos. Foi uma coisa de última hora? Como é que ela está? O Pierre também está aí?

Sem querer, Gabriel sorriu ao ouvir aquelas perguntas metralhadas.

— Sim, não está mal, e não — disse, fazendo Beth rir-se.

— A mãe deve sentir-se contente por a Laure ficar aí uns tempos. Como é que ela está? A mãe, quero dizer?

— Está ótima. Tem pena de ter perdido a tua chamada. Podes falar com ela a seguir.

— Terá de ser noutra altura, infelizmente. A Rosa está à minha espera. — Fez uma pausa, olhando para ele com um ar severo fingido. — Não respondeste à minha pergunta sobre como *tu* estás.

— Estou bem.

— Hum. — Beth não parecia convencida. — Vais ter de arranjar alguma coisa para fazer, pai, alguma coisa que te mantenha ocupado, especialmente agora que a Laure está aí — acrescentou, e riu-se outra vez. — Vais precisar

de escapar.

— Na verdade, estou a pensar em restaurar o jardim murado.

Os olhos de Beth arregalaram-se.

— Não posso crer! Isso é uma ideia tão boa! Podia ficar tão lindo. Eu adorava brincar lá às escondidas com os meus amigos, lembras-te?

— Sim — disse Gabriel, sorrindo ao ver o entusiasmo dela. — Lembro.

— E se o arranjasses para o meu regresso, no fim de agosto?

Gabriel pensou por um momento.

— Dar-me-ia quase três meses. Podia ser, suponho.

— Então, estamos combinados, pai? Tu tornas o jardim murado lindo para quando eu voltar para casa...

— E tu prometes voltar sã e salva. — Gabriel não conseguiu conter-se.

— Combinado! — Beth olhou por cima do ecrã e formou umas palavras com os lábios. — Pai — disse, voltando a sua atenção de novo para ele. — Desculpa, mas tenho de me despachar. A Rosa está a ameaçar que vai sem mim.

— Não, eu não faria isso, senhor Pelley! — O sotaque italiano cantarolado de Rosa encheu o escritório.

— Não há problema — garantiu Gabriel, sorrindo. — Voltamos a falar em breve. Divirtam-se.

A mão de Beth estendeu-se para o ecrã, procurando o botão de desligar.

— Obrigada, pai, adoro-te.

— Também te adoro. — Mas ela já desaparecera.

Recostou-se, com o sorriso ainda no rosto. Beth conseguia sempre animá-lo, só por existir, e, naquele momento, percebeu por que motivo Pierre queria fazer parte da vida da filha depois de a ter perdido durante tantos anos. Não conseguia imaginar como devia ter sido para Pierre ver-se frente a frente com a filha na rua — se fora o que acontecera. Ainda não estava convencido. Que probabilidade havia de, numa rua qualquer de Paris, Pierre dar de caras com uma mulher com quem dormira uma vez? E depois de decidir que a criança que estava com essa mulher era dele, apesar de a mãe lhe dizer que não era? Como é que, com aquele único encontro, Pierre tivera tanta certeza de que a mãe estava a mentir que tirara um cabelo à criança para fazer um teste de ADN? E porque é que a mãe concordaria em ir tomar um café com Pierre, em nome dos velhos tempos, se tivesse algo a esconder? Nada fazia sentido.

Gabriel sentia alguma vontade de avisar Pierre sobre como seriam os anos seguintes, se ele se envolvesse na vida da filha, sobre as mil mortes que sofreria ao longo desse tempo. Só quando Beth partira para a Grécia no verão anterior, é que Gabriel se apercebera de como estivera protegido da angústia visceral de ser pai, enquanto ela estava em segurança num colégio interno, ao cuidado dos professores. Lembrando-se de que precisava de telefonar a Pierre, procurou o número dele e, de seguida, retomou os passos de um lado para o outro enquanto esperava que o amigo atendesse. Mas a chamada foi diretamente para o correio de voz, e, apanhado de surpresa, Gabriel hesitou antes de falar.

— Pierre, sou eu, o Gabe. Liga-me. Estou aqui para ti.

E com aquela mensagem insatisfatória, desligou.

OITO

— O que farias, se estivesses no meu lugar? — perguntou Laure, não pela primeira vez.

— Não sei — respondeu Iris, também não pela primeira vez.

Do outro lado da mesa, ouviu Gabriel suspirar. Nos últimos três dias, todas as conversas tinham sido sobre Pierre.

— Suponho que depende de o Pierre estar a falar a sério sobre querer ter uma relação com a filha — disse Gabriel, interrompendo o silêncio.

— Ele disse que sim.

— Mas a mãe dela pode não querer que ele se envolva na vida da filha. A criança sabe que o Pierre é o pai? Se é que é — acrescentou.

Laure franziu a testa.

— Então não acreditas que seja?

— Como já disse — respondeu Gabriel delicadamente, recordando a Laure que tinham tido aquela conversa na noite anterior e na anterior a essa. — Penso que há motivo para dúvidas.

— Mas ele fez um teste de ADN.

— Será que fez mesmo? Sei que te disse que sim, mas tirar um cabelo da cabeça de uma criança à socapa não me parece algo que o Pierre faria.

Laure estendeu a mão para o copo.

— Então e ter um caso de uma noite? Parece-te algo que ele o faria?

— Bem... não.

— Desculpa, Gabriel, não estou a provocar-te. — Laure bebeu um gole de vinho. — É só que me pergunto até que ponto conhecemos bem o Pierre. Não é só ter tido um caso de uma noite ou ter uma filha. É não parecer arrepender-se de nada, mesmo que isso possa destruir o nosso casamento.

— Tenho a certeza de que está arrependido — disse Gabriel.

— Porque haveria de estar, se lhe deu algo que até agora ele não sabia que queria?

Gabriel soltou um suspiro de frustração.

— Quem me dera que ele me ligasse. Já deixei várias mensagens de voz, e tudo o que recebi em resposta foi uma mensagem no WhatsApp a dizer que neste momento não quer falar.

— É porque se sente demasiado embaraçado para falar contigo — disse Laure. — Sabe o que vais pensar dele, depois de tudo o que costumava dizer sobre as pessoas que têm casos extraconjugais.

Iris permitiu-se ausentar-se da conversa. Os últimos três dias com Laure tinham sido esgotantes. Além de ter de apoiar a amiga, também tivera de dar os últimos retoques nos seus esboços e quadros de ideias para que os seus clientes recentes — proprietários de uma moradia nova com cinco quartos nos arredores de Winchester que era surpreendentemente linda — pudessem aprovar os tecidos e os esquemas de cores. Nessa manhã, Laure viera sentar-se com ela no escritório e pusera-se a pegar em pasta atrás de pasta de amostras, soltando exclamações sobre os padrões e os materiais e questionando as escolhas de Iris: *Este não seria melhor para a sala de estar?* Ou: *Penso que este seria perfeito para o quarto de uma criança*. Estava apenas a mostrar interesse, mas tivera o efeito indesejado de levar Iris a questionar tudo o que já fizera.

— Em que vais trabalhar depois disto? — perguntara Laure, aumentando sem saber a preocupação de Iris com a falta de perspetivas de trabalho.

— Não está fácil, no clima económico atual — explicara ela. — Mas tenho uma cliente potencial na calha. Está em vias de comprar uma casa com seis quartos em Londres e quer um orçamento, não só para as cortinas e os estofos de cada divisão, mas também para o mobiliário. Será o meu maior projeto até à data e ficaria fantástico no meu currículo. Mas estou a concorrer com um par de outros decoradores. Ela foi bastante franca sobre isso, o que apreciei. Se conseguir o contrato, não terei de procurar mais nada durante algum tempo, o que seria ótimo. Se for para outra pessoa, não tenho nada na calha, pelo que terei de começar a procurar, algo que ainda não tive de fazer desde que comecei a trabalhar.

— Uau, uma casa em Londres! Posso ver as tuas ideias para ela?

Iris hesitou, depois abriu o ficheiro no computador.

— Isto é incrível, Iris — comentara Laure, espreitando por cima do ombro. — Essas cores para a segunda sala de estar, quem diria que o azul e o verde combinariam tão bem? Tens um verdadeiro talento, Iris.

Iris sorrira, satisfeita com a reação de Laure. Sentira-se extremamente orgulhosa dos esquemas de cores que escolhera, contente que a potencial cliente lhe tivesse dado carta-branca, dizendo que não queria nada insípido.

— O que farias, Iris? — A voz de Laure interrompeu-lhe os pensamentos, e Iris voltou rapidamente à conversa. — Se o Gabriel te dissesse de repente que tinha um filho com outra mulher e que queria ter uma relação com essa criança, serias capaz de o aceitar?

— É uma pergunta difícil — reconheceu Iris. — Dependeria de tantas coisas... se tinha sido um caso de uma noite ou uma relação, se ele tinha acabado de descobrir que tinha um filho ou se já o sabia há anos, a idade da criança...

— Mas aceitarias conhecer pessoalmente a criança, acolhê-la na tua casa? — interrompeu Laure.

Iris encolheu os ombros, sem saber o que responder.

— Não sei.

Laure suspirou.

— Adorava pensar que conseguiria fazê-lo. Mas sei que não seria capaz. Especialmente se a Claire for a mãe — acrescentou sombriamente. — Seria a suprema traição.

— Não sabemos se é ela — lembrou-lhe Gabriel. — Na verdade, não sabemos nada.

— Já agora, amanhã vou a Londres — disse Iris. — Para me encontrar com a Samantha Everett. A minha potencial cliente que tem a casa em Londres.

— Ótimo — disse Gabriel. — Já estava na tua agenda ou ela pediu de repente para te ver?

— Nem uma coisa nem outra. Há pouco estava a mostrar os meus desenhos à Laure e pensei que seria boa ideia entregá-los em mão em vez de os enviar. Portanto, telefonei à Samantha a dizer-lhe que estaria em Londres amanhã e perguntei se podia visitá-la. Pensei que poderia dar-me alguma vantagem encontrarmo-nos pessoalmente.

— Boa jogada — comentou Gabriel com ar aprovador. Empurrou a cadeira para trás, a afastá-la da mesa. — Porque não procuram um filme para vermos, enquanto volto a tentar o Pierre?

Mas Pierre não atendeu, e Gabriel deixou mais uma mensagem de voz, cada vez mais preocupado. *Pierre, por favor, liga-me para me dizeres que*

estás bem. Não precisamos de falar, se não quiseres.

NOVE

Iris fechou a porta muito silenciosamente, porque fechá-la com mais força poderia mostrar o seu desespero por se ver fora de casa.

Deixara Laure a tomar banhos de sol no jardim, com o rosto empastado de creme e luvas muito finas nas mãos para as proteger do sol. O seu plano era dizer, quando Laure perguntasse por que não mencionara que ia correr, que pensara que ela estava a dormir. Iris sentia-se destroçada por Laure, pelo que estava a passar, e passara um número incontável de horas a consolá-la. Mas ela já estava com eles há dez dias, e parecia a Iris que nunca tinha descanso da crise de Laure e Pierre, porque, mesmo quando estava a dormir, a situação deles assombrava-a.

Já a sentir-se culpada por ter roubado aqueles preciosos minutos para si, Iris parou à porta, a dar tempo a Laure para vir procurá-la, como ela fazia sempre que Iris estava fora de vista por mais de alguns minutos. Quando não a ouviu chamar o seu nome nem os passos dela pelo corredor, tirou o elástico preto do pulso e prendeu o cabelo num rabo de cavalo. Laure insistia sempre em acompanhá-la nas suas corridas diárias, mas era um desporto novo para ela, e ainda não desenvolvera resistência, o que significava que Iris tivera de se adaptar a um ritmo mais lento.

A casa deles situava-se numa ponta da vila; saindo pelo portão e virando à direita, não havia mais nenhuma casa, apenas uma cancela e depois dois caminhos, um que atravessava os campos e subia ligeiramente em direção a East Markham, o outro através de bosques que levavam à pedreira onde Charlie fora encontrado.

Embora Iris sentisse vontade de correr depressa e para longe, em vez de seguir o seu percurso habitual pelos campos, virou à esquerda e atravessou a vila, tencionando ir até ao bar local e de seguida voltar para casa. A corrida de ida e volta demoraria apenas vinte e cinco minutos, mas não seria simpático deixar Laure sozinha por mais tempo.

No dia anterior, depois de uma jornada de trabalho no jardim murado — Iris estava mais do que grata por a decisão de Gabriel de restaurar o jardim se ter tornado a sua razão de ser —, ele tinha-se oferecido para ir correr com Laure, mas esta recusara, dizendo que preferia ficar com Iris. Gabriel encolhera os ombros, a olhar para a mulher — *desculpa, eu tentei* —, e ela adorara-o por procurar dar-lhe algum espaço. Gostava que Laure tivesse aceitado, não só por ela mas também por Gabriel, pois era a primeira vez que ele mostrava qualquer desejo de correr desde que encontrara Charlie na pedreira. Também nunca ia andar de bicicleta, algo que antes adorava fazer.

Apesar do calor implacável que se abatia sobre Iris, os pés dela martelavam o alcatrão. Quando seguiu a estrada para a direita, acenou a uma mulher sentada num banco no jardim da frente de sua casa e, mais à frente, disse um olá ofegante a um vizinho que passeava o seu dálmata. Já não convivia com muitas pessoas da vila. Depois de Beth ter ido para o colégio interno, Iris perdera gradualmente o contacto com as outras mães. Não a incomodava muito. Gostava da sua própria companhia, e, até àquele momento, o trabalho mantivera-a ocupada. Porém, de vez em quando, gostaria de ter alguém que pudesse visitar casualmente para dois dedos de conversa ou alguém que fosse também uma visita casual lá de casa.

Perto do *pub* da vila, havia uma casa que Iris sempre cobiçara. Afastada da estrada, a casa senhorial de pedra cinzenta ficava ao fundo de um caminho de acesso ladeado de árvores, e, apesar do aspeto de abandono óbvio depois de ter estado desocupada durante anos, conseguira manter alguma da sua grandiosidade original. Quando fora finalmente posta à venda, seis meses antes, Iris tentara convencer Gabriel de que deviam comprá-la. Precisava muito de um novo projeto, e restaurar o interior teria sido um sonho. Mas Gabriel dissera-lhe que a casa era demasiado grande para os dois e que teriam de contrair outro empréstimo para poderem comprá-la.

Pouco depois, souberam que a casa tinha sido vendida. O camião de mudanças estava estacionado na entrada no dia em que Iris e Gabriel partiram para a Escócia. Iris abrandou o passo para espreitar pelos portões abertos e de seguida parou, com o suor a escorrer-lhe pelas costas, o olhar atraído por algo brilhante e colorido que aparecia na sua linha de visão, desaparecia e voltava a aparecer. Era uma criança, apercebeu-se, a balançar-se para a frente e para trás numa corda pendurada no ramo de um carvalho

antigo a meio do caminho. Intrigada, ficou a ver a menina, com os braços esticados para que o corpo ficasse quase paralelo ao chão, a mover-se para a esquerda e depois para a direita no seu balouço improvisado, com o cabelo cor de fogo a roçar a relva enquanto girava em cada volta, até que, apercebendo-se dos olhos de Iris postos nela, se endireitou e deslizou para fora da corda, tropeçando um pouco com a súbita perda de movimento.

— Quer entrar? — perguntou, agarrando-se à corda para se equilibrar, e Iris apercebeu-se de que não se tratava de uma criança mas de uma adulta. Embaraçada por ter sido apanhada a olhar para ela e não sabendo se a mulher estava a ser sincera ou sarcástica, Iris hesitou. — Por favor! Preciso de uma pausa — continuou a mulher. — E de uma amiga! Não conheço ninguém aqui.

O seu apelo era tão sincero que Iris deu por si a percorrer o caminho na direção da mulher, que vinha a correr descalça ao seu encontro, com o vestido amarelo-canário a esvoaçar atrás dela. Parou à frente de Iris e estendeu-lhe a mão. Era minúscula, cheia de vida e linda, como um pássaro exótico.

— Sou a Esme e estou a morrer por um chá. Quer um chá?

Iris não pôde deixar de se rir.

— Eu sou a Iris e adorava tomar um chá. — A sua mão, agarrada calorosamente na mão de Esme, parecia a de uma gigante.

— Por favor, diga-me que vive na vila.

— Vivo. Na outra ponta.

Esme pousou uma mão no coração.

— Graças a Deus. Quase não conheci ninguém ainda. — Acenou para o balouço. — Estava a experimentá-lo antes de o bebé nascer. — A mão dela deslizou para a barriga e Iris reparou na protuberância que sobressaía por baixo das dobras do vestido. — Tem filhos?

— Um, uma filha. A Beth. Tem dezanove anos.

Esme virou-se para Iris, com os seus olhos azul-esverdeados arregalados de surpresa.

— O quê?! Não parece ter idade suficiente para ter uma filha dessa idade. Deve tê-la tido muito nova.

— Tinha vinte e cinco anos — disse Iris, apercebendo-se de que Esme ficaria a saber a sua idade. Perguntou-se quantos anos teria Esme. Era difícil dizer; podia ter entre trinta e quarenta. — É a sua primeira vez?

— É. — Esme revirou os olhos, divertida. — Sou aquilo a que chamam uma mãe geriátrica. — Começou a dirigir-se para a casa. — A sua filha vive consigo?

— Não, tirou um ano sabático. Neste momento está na Grécia, a trabalhar como voluntária num abrigo para cães durante o verão antes de ir para Bristol, em setembro.

— Que maravilha! Está a adorar? Todos aqueles cães para fazer festinhas!

Iris sorriu com o entusiasmo dela.

— Está, embora alguns dos cães estejam tão traumatizados com as suas experiências passadas que ela diz que é impossível tocar-lhes sequer. Tem de ficar sentada perto deles durante horas de cada vez para conseguir que, por fim, confiem nela.

Chegaram à porta da frente impressionantemente grande, e Esme empurrou-a.

— Há um pequeno refúgio de paz no meio de toda esta confusão, prometo — disse, enquanto atravessavam um corredor com latas de tinta e escadotes. Dando uns passos rápidos, abriu uma porta de carvalho polido que não condizia com o resto da casa. — Aqui está — disse com um floreado. — A única divisão que é habitável, além do nosso quarto.

— É encantadora. — Iris avançou para dentro da divisão e virou-se lentamente, tentando apreender tudo. Era um espaço enorme, com uma zona de cozinha ao fundo, uma mesa comprida de carvalho com dois bancos almofadados no meio e, numa alcova à direita, dois sofás grandes separados por uma mesa baixa do tamanho de uma porta. Olhando mais de perto, Iris viu que era de facto uma porta — ou, pelo menos, que fora uma porta.

— Sempre quis ter uma cozinha grande, e não fazia questão de ter uma sala de jantar separada, portanto, deitámos abaixo algumas paredes — explicou Esme, enchendo uma chaleira vermelha antiquada, com a água a salpicar ruidosamente no seu interior de lata. — Penso que é muito mais agradável comer na cozinha, mesmo quando temos convidados. Assim, posso acompanhar a conversa. E, o melhor de tudo, tem lareira. Adoro lareiras, tornam tudo tão acolhedor. — Deu meia-volta. — Pode ser uma tisana?

— Ótimo. — Iris sorriu-lhe. — Parabéns, já agora. Um novo bebé e uma nova casa. Vai estar atarefada. Quando nasce o bebé?

— No princípio de setembro, portanto, ainda faltam doze semanas. —

Riu-se. — Pode crer, estou a contar os dias!

Iris foi até à janela e olhou para o jardim descuidado.

— Eu queria comprar esta casa — confessou. — Queríamos renová-la, mas o Gabriel, o meu marido, receava que eu nunca mais quisesse mudar-me e que fosse demasiado grande para nós os dois.

— Então, tem jeito para esse tipo de coisas, para a decoração? Porque, se alguma vez nos quiser ajudar, esteja à vontade.

Iris sorriu, com os olhos ainda no jardim.

— Não é propriamente decoração. Sou uma melhoradora de casas. — Encolheu-se interiormente ao dizer o nome que inventara para descrever o que fazia. Embora Gabriel lhe chamasse *designer* de interiores, ela nunca se descrevera como tal, porque não tinha nenhum curso de *design* de interiores, algo que fazia questão de salientar aos potenciais clientes. Eles não se importavam; o trabalho dela falava por si. A sua carreira começara quinze anos antes quando ajudara uma amiga a escolher os móveis e as cores para a sua nova casa. O resultado fora espetacular, e rapidamente lhe aparecera mais trabalho.

Esme arquejou e juntou as mãos.

— Acho que foi Deus que a enviou.

Felizmente para Iris, a necessidade de responder desapareceu quando um homem apareceu à vista, a empurrar um carrinho de mão cheio de pedras ao longo de um caminho estreito. De onde se encontrava, Iris podia ver os tendões dos seus antebraços retesarem-se quando ele inclinou o carrinho de mão e despejou as pedras.

— É o seu marido? — perguntou Iris.

Atrás dela, ouviu-se uma gargalhada.

— Não, aquele é o Joseph. O meu marido é o Hugh, ali.

Iris virou-se para olhar para onde Esme estava a apontar e dirigiu-se para a lareira, onde estava uma fotografia de um homem com olhos brilhantes, uma cabeça careca e uma barba branca e espessa. Consciente dos olhos de Esme pousados nela, Iris escondeu a surpresa. Parecia muito mais velho.

— Não se preocupe — disse Esme alegremente, como se estivesse a ler-lhe a mente. — Já perdi a conta ao número de vezes que me perguntaram se o Hugh era o meu pai.

Iris sorriu.

— O meu marido também é mais velho do que eu.

— Quantos anos?

— Seis.

Esme revirou os olhos.

— O Hugh é vinte anos mais velho do que eu.

Um ruído, que começou como um gemido baixo antes de se transformar num assobio estridente, fez com que Esme pegasse num bule de porcelana bojudo que estava ao lado.

— É um som que já não ouvia há algum tempo — comentou Iris.

— Adoro-o. — Esme afastou ligeiramente a chaleira do fogão, reduzindo o ruído a um gemido. — Uma coisa tão boa como uma chávena de chá devia ser anunciada em condições, não acha?

Como se estivesse hipnotizada por um ritual antigo, Iris ficou a ver Esme aquecer o bule com a água da chaleira e agitá-lo antes de a despejar no lava-louça. Esticando-se para o armário acima da sua cabeça, pegou numa lata velha e deitou uma colherada do conteúdo para dentro do bule antes de acrescentar a água ainda a ferver.

— Pronto! — disse alegremente. Pegou num pano de cozinha, pô-lo à volta da pega do bule e levou-o para a mesa baixa. — Venha sentar-se, vou buscar umas canecas.

Iris esperou até Esme ter servido o chá.

— Como é que a Esme e o Hugh se conheceram? — perguntou, sem conseguir esconder a curiosidade.

— Ele vivia ao fundo da rua dos meus pais, mas só o conheci realmente quando voltei para casa depois de me ter separado do meu companheiro, com quem vivia há três anos. — Esme pegou na caneca e levou-a aos lábios, mantendo-a ali por um momento, a aquecer a boca contra a porcelana quente. — Foi um período difícil para mim, não estava nada bem. Tinha trinta anos, e o homem com quem pensava que ia passar o resto da minha vida começou de repente a parecer menos interessado, provavelmente porque eu andava a falar demasiado em ter bebés. Tive de abandonar o emprego, porque ambos trabalhávamos para a mesma empresa, e era demasiado difícil vê-lo todos os dias. Então, lá estava eu na casa dos meus pais, a tentar pôr a minha vida nos eixos, quando a minha mãe me perguntou se podia ajudar o Hugh. A mulher dele tinha morrido uns meses antes, e ele precisava de alguém para ir buscar o filho à escola e tomar conta dele até ele voltar do trabalho, e, como não tinha mais nada para

fazer, concordei em ajudar. — Esme fez uma pausa para beber um gole de chá. — Tinha estado com o Hugh uma vez, mas não me lembrava de nada sobre ele, exceto que era velho, por isso nunca imaginei que me apaixonasse por ele.

Iris sorriu.

— Mas apaixonou-se.

— Sim. Foi uma coisa gradual. No princípio, mal ele chegava a casa à noite, eu deixava-os a tratarem da vida deles, ele e o Marcus. Mas, passado algum tempo, ele começou a convidar-me para ficar e jantar com eles, e, em pouco tempo, apaixonei-me completamente. Quando ele admitiu que também me amava, fiquei delirante, embora nos sentíssemos um pouco preocupados com o que os meus pais diriam. Felizmente, mostraram-se muito felizes por nós, e eu dei por mim com um filho já prontinho.

— Que idade tem o Marcus?

— Vinte e dois. Vive e trabalha em Londres, onde morávamos antes de nos mudarmos para cá. — Esme levantou as pernas para cima do sofá e pôs uma almofada debaixo dos joelhos. — Então... Agora é a sua vez. Como é que a Iris e o seu marido se conheceram?

— A jogar *squash*. Ficámos juntos nos pares mistos. Eu tinha vinte anos e ainda andava na universidade, e o Gabriel tinha vinte e seis.

— Então já o conhece há muito tempo.

— Já. — Iris voltou a lembrar-se do homem que tinha visto no jardim. — Então, se o Marcus é filho do Hugh, quem é o Joseph?

— É um amigo da família. É jardineiro paisagista de profissão e está a dar-nos uma ajuda no jardim.

Quando Iris acenou com a cabeça, avistou as horas no enorme relógio que adornava uma das paredes da cozinha.

— Já são aquelas horas? — exclamou, levantando-se a custo do sofá, que parecia tê-la engolido. — Preciso de ir. Já estou fora há quase uma hora.

— Pode ficar mais tempo. — Esme pareceu melancólica. — Não tenho nada planeado para o resto da tarde.

— Obrigada, mas não posso. Temos uma amiga lá em casa, e tenho de voltar. — Pressentindo o desapontamento de Esme, Iris apressou-se a explicar. — Ela está a passar por uma situação um pouco difícil neste momento, por isso não seria justo deixá-la sozinha por mais tempo.

— Claro. — Esme içou-se do sofá. Olhou para Iris, apreendendo

os calções, a *T-shirt* e as sapatilhas. — Foi mesmo fazer *jogging* com este calor?

— Sim, mas vou voltar em passo de marcha. Está realmente demasiado calor para correr. — Virou-se para Esme. — Obrigada pelo chá. Foi uma pausa encantadora.

Esme pôs uma mão no braço de Iris.

— Venham cá jantar — disse impulsivamente. — No sábado, se estiverem livres. Assim, podem conhecer o Hugh. Tragam a vossa amiga, se ela ainda cá estiver.

— Mas acabaram de se mudar — protestou Iris. — Porque não vêm antes lá a casa?

— Não, a sério, venham cá.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

— Então, obrigada.

Esme acompanhou-a até à porta da frente.

— Há alguns passeios agradáveis por aqui? É uma coisa que eu e o Hugh gostamos de fazer.

— Sim, há. Se for até à nossa ponta da vila, há um caminho que atravessa alguns campos e outro pelos bosques. Há uma pedreira, mas agora está interdita.

— Foi onde encontraram aquele pobre rapaz? Vimos nas notícias logo depois de termos comprado a casa. Mencionaram uma pedreira nos arredores de Markham.

— Sim. — Iris acenou com a cabeça. — Foi lá que aconteceu.

Não disse a Esme que fora Gabriel a encontrá-lo.

DEZ

Gabriel espetou a pá na terra e tirou as luvas, satisfeito com os progressos que fizera no jardim murado. Levara um par de dias a começar, mas, depois de uma semana a arrancar ervas daninhas, a escavar o solo e a apanhar pedras, cerca de um quarto do terreno fora transformado em algo que parecia que, um dia, poderia ser preenchido com vegetais ou flores.

Surpreendia-o que se sentisse tão bem, não só do ponto de vista físico mas também mental. Tinha de agradecer a Beth por isso; já telefonara duas vezes para saber se Gabriel estava a cumprir o pacto deles, e ele estava decidido a impressioná-la quando ela regressasse, em agosto. Não só isso, mas, a cada dia que passava, dava por si a preocupar-se cada vez menos com os colegas do centro de saúde e com os pacientes que abandonara. Porque fora o que lhe parecera na altura, que os abandonara.

Tirou o telemóvel do bolso e foi até ao velho banco de madeira que arrastara para o jardim para ter onde se sentar. Precisava de tentar novamente contactar Pierre; ainda não conseguira falar com ele. Tudo o que recebera em resposta às inúmeras mensagens de voz que deixara ao amigo fora uma segunda mensagem — *Agradeço a tua preocupação, mas de momento não tenho nada a dizer. Telefono-te daqui a uns dias*. Fora três dias antes e deixara Gabriel perplexo e frustrado, uma frustração que teve de pôr de lado, porque, quando Pierre lhe perguntara sobre Charlie, ele dissera mais ou menos a mesma coisa, que não queria falar sobre o assunto, e Pierre respeitara a sua vontade. Agora, devia a Pierre reagir da mesma forma. No entanto, pelo menos atendera as chamadas de Pierre.

Ligou mais uma vez, sem esperar realmente que ele atendesse.

— Gabriel. — A voz de Pierre ouviu-se na linha.

— Pierre, graças a Deus. — Gabriel demorou um momento a libertar a voz de um tom de reprovação. — Folgo muito em ouvir-te. Como estás?

— Não muito bem.

— Não, posso imaginar. — Gabriel fez uma pausa. — Há alguma coisa que possa fazer para ajudar?

— Obrigado, mas é algo que tenho de resolver sozinho. Já estás a ajudar recebendo a Laure em vossa casa. Como é que ela está?

— Magoada. Confusa. Precisam de conversar.

— E conversaremos.

— Podias vir cá.

— Talvez. Mas não para já. Preciso de algum tempo.

— Então telefona-lhe.

— Fá-lo-ei.

— E se eu fosse a Paris?

— Não, por favor, não venhas. Desculpa, mas não quero ver ninguém de momento.

— Está bem. Mas se...

— Tenho de ir — interrompeu Pierre. — Estou no trabalho.

— Está bem... não te esqueças de manter o contacto.

Mas Pierre já tinha desligado. Gabriel praguejou entre dentes, com a sensação de uma oportunidade perdida. Tivera a esperança de que Pierre lhe dissesse alguma coisa que ele pudesse transmitir a Laure, mas tudo o que ficara a saber fora que ainda não estava pronto para conversar e que não queria ver ninguém. Por outro lado, não ter nada para dizer a Laure significava que ainda não precisaria de ir à procura dela. Beth tinha razão; o jardim murado estava a revelar-se um ótimo refúgio.

Talvez ele estivesse a ser severo, talvez fosse normal que todas as conversas dela fossem sobre Pierre. Para ser sincero, não era mau de todo tê-la ali, porque estava a preencher o espaço entre ele e Iris, um espaço que ele próprio criara não se abrindo com ela sobre o que estava a perturbá-lo. Queria fazê-lo, mas, antes disso, precisava de se reconciliar com a decisão que tomara naquele dia na pedreira. Parecera a coisa certa a fazer na altura. Por vezes, no entanto, imaginava Charlie a virar-se no túmulo e a dizer: *Seu sacana*.

Gabriel tinha jogado muito esse jogo do «se ao menos» depois do sucedido. Se ao menos não tivesse ido pelo caminho da pedreira naquele dia, se ao menos tivesse saído meia hora mais tarde, porque, se o tivesse feito, o mais provável era que Charlie tivesse morrido antes de ele o ter encontrado. Mas teria realmente querido que Charlie morresse sozinho?

Charlie reconhecera-o, chamara-lhe doutor Pelley. Fez Gabriel pensar que estava predestinado a encontrá-lo, predestinado a ter de fazer uma escolha difícil. Talvez alguém lá em cima pensasse que ele tivera uma vida demasiado fácil e houvesse decidido estragar-lha um bocado, apresentando-lhe uma situação em que só poderia perder, em que ficaria preso por ter cão e preso por não o ter. E agora chegara uma carta.

Meteu a mão ao bolso e tirou-a para fora. Chegara enquanto ele e Iris estavam na Escócia e a única coisa boa nela era o facto de o seu conteúdo ter suplantado a preocupação que sentia com Pierre. Olhou para a terra que acabara de revolver e lutou contra a vontade de enterrar a carta bem fundo no solo.

Respirou fundo e voltou a enfiá-la no bolso.

ONZE

Laure espreitou para dentro, à porta do quarto.

— Iris, podias emprestar-me alguma coisa para vestir, por favor?

— Claro que sim. — Iris acenou com a mão na direção do guarda-fatos. — Tira o que quiseres.

Eram esperados para o jantar na casa de Esme e Hugh dentro de uma hora. Envolta no roupão de banho, Iris continuou a dar os últimos retoques na maquilhagem.

— É simpático da parte da Esme ter-me convidado — disse Laure.

— É encantadora, vais gostar dela. É muito natural, uma pessoa realmente de bem consigo mesma.

Pelo espelho, viu Laure tirar do varão um vestido amarelo estampado; dava pelo meio da perna a Iris e chegaria aos pés a Laure.

— O que achas? — perguntou Laure.

— É demasiado grande — respondeu Iris com firmeza. — Experimenta um dos meus vestidos mais curtos. Ou uma saia.

Laure tirou outro vestido, dessa vez mais curto. Como lhe ficava ainda um pouco grande, Iris procurou um cinto de cabedal preto para o apertar na cintura.

— Fica encantador — disse, admirando a figura esbelta de Laure.

Laure fez uma careta e abanou a cabeça.

— Não me parece bem.

— Isso é porque todas as minhas roupas são pelo menos um tamanho acima do teu. Tens a certeza de que não queres que te leve às compras? Sei que disseste que te podias arranjar com a minha roupa emprestada até voltares para Paris, mas podíamos pelo menos comprar-te um par de calções e um vestido que te sirva.

Laure abanou a cabeça.

— Não vale a pena. Já tenho muita roupa, portanto não quero realmente

acrescentar ainda mais ao meu guarda-roupa.

— Está bem. — Iris passou os olhos pelo varão e tirou uma saia de ganga. — Que tal esta, com uma camisa branca?

— Não é suficientemente elegante. — Laure avistou um vestido preto. — Este é bonito.

— Experimenta-o.

Mas também não ficava bem, e, quando por fim Laure decidiu usar o vestido branco novo de Iris, parecia que o guarda-fatos tinha explodido, espalhando roupa por todas as superfícies disponíveis.

— O que achas? — perguntou, atando um lenço colorido à cintura e olhando-se de vários ângulos ao espelho.

— Estonteante — respondeu Iris com um misto de alívio e exasperação; alívio por, ao fim de quarenta e cinco minutos, Laure finalmente ter encontrado algo que lhe agradasse, exasperação porque planeara usar aquele vestido.

— Precisamos de sair já! — chamou Gabriel do andar de baixo.

— Prontas! — cantarolou Laure em resposta.

Mas Iris não estava pronta, e, enquanto vestia apressadamente o vestido preto que Laure rejeitara, já se sentia exausta.

No andar de baixo, pegou nas rosas amarelas com um perfume - maravilhoso que tinha cortado do jardim e atou uma fita à volta dos caules.

— Não é esse o vestido que ias usar? — murmurou Gabriel, acenando com a cabeça na direção de Laure, que estava à espera junto à porta da frente, com uns óculos de sol de marca a complementar o seu aspeto de estrela de cinema.

Iris revirou os olhos.

— Não digas nada. Mas, só para te avisar, o quarto parece um campo de batalha.

Foram a pé até à casa de Esme, com o ar do início da noite pesado com o cheiro a madeira dos churrascos, e, a cada som de riso que vinha de um jardim das traseiras, Iris dava por si a sorrir na expectativa da noite que se avizinhava. Sentia-se contente por sair nessa noite, aliviada por alargar o seu círculo de três para cinco, porque, se tivesse de fazer mais uma refeição com Laure, mesmo com Gabriel e Laure, talvez desatasse a gritar. A conversa era sempre sobre Pierre, e estava farta de ouvir falar de Pierre. Começava a sentir-se irritada com ele; ainda não telefonara a Laure, apesar

de ter prometido a Gabriel que o faria. Ninguém estava a comunicar com ninguém; até ela e Gabriel já não conversavam, não trocavam pequenos sinais de afeto, um beijo aqui, uma carícia ali. Iris dizia para consigo que era porque não queriam perturbar Laure. No fundo, porém, receava que algo fundamental tivesse mudado entre ela e Gabriel.

Chegaram, e Esme conduziu-os através da casa para um terraço coberto cheio de sofás e cadeirões velhos. Um homem enorme, reconhecível como o Hugh da fotografia que Iris vira, apertou-as ao peito, a ela e a Laure, num abraço caloroso.

— Deixem-me ir-vos buscar umas bebidas — disse numa voz atroadora, dando uma palmada nas costas de Gabriel. — A Esme preparou um dos seus *cocktails*, se quiserem experimentar.

— Adoraria — respondeu Iris, imediatamente atraída pela personalidade expansiva dele.

Esme, resplandecente numa saia azul-turquesa até aos tornozelos, uma *T-shirt* branca bordada e sandálias de gladiador prateadas, convidou-as a sentarem-se. Em comparação com Esme e Laure, Iris sentia-se monótona e desinteressante.

Instigado por Gabriel, Hugh começou a falar-lhes dos planos deles para a casa, e Iris sentiu que começava a descontrair-se. Com um copo do *cocktail* de Esme na mão — à base de rum, a julgar pelo cheiro —, instalou-se numa cadeira de vime, perguntando-se de novo que idade teria Esme. Olhou de Esme para Laure e decidiu que Esme devia ser mais nova, que talvez tivesse trinta e muitos anos. O ligeiro aborrecimento que sentia, por serem ambas mais novas do que ela, porque Laure tinha quarenta e três anos, fê-la sorrir.

— Nunca esperei estar a envolver-me num projeto tão gigantesco aos sessenta e um anos de idade — disse Hugh, e, lembrando-se de que ele era vinte anos mais velho do que Esme, Iris fez um cálculo rápido; Esme tinha quarenta e um. A sua vaga de prazer, o facto de ela e Esme estarem do mesmo lado dos quarenta, foi rapidamente substituído pelo desânimo, porque ela aparentava ser muito mais nova. Pelo menos, era o que parecia. Num momento de loucura, Iris teve vontade de perguntar a Gabriel o que ele achava.

Fora viver com Laure durante as duas últimas semanas que tornara Iris mais consciente da sua aparência física. Sempre se sentira contente com o

seu aspeto — sim, teria sido bom ser uns quatro quilos mais magra, não ter os poucos cabelos grisalhos que tinham começado a entretecer-se no seu cabelo escuro, mas nunca desejara ser uns centímetros mais baixa do que o seu metro e setenta e cinco. A verdade é que passar tanto tempo perto de Laure a fizera sentir-se desajeitada.

Hugh levantou o copo.

— Aos novos amigos.

— E a um novo bebé — acrescentou Gabriel, levantando o seu. — A Iris contou-me as vossas boas notícias. Parabéns aos dois!

— Nem sei bem como é que isto aconteceu — brincou Hugh. — Estive na Suíça durante a maior parte do mês de janeiro.

— Durante três semanas, e eu fui contigo e fiquei por uns dias, lembras-te? — Esme olhou para Iris com um ar de exasperação fingida. — Ele gosta de fazer de conta que não teve nada que ver com isto.

— Desculpem. — A voz de Laure, embora não fosse mais do que um murmúrio, interrompeu-lhes o riso. Ela pôs-se de pé, instável. — Não me estou a sentir lá muito bem. Penso que devia ir para casa.

Hugh e Esme puseram-se também de pé, preocupados.

— Posso ir buscar-te um copo de água? — perguntou Hugh.

— Queres deitar-te um bocadinho? — Esme pôs uma mão no braço de Laure. — Podes usar o nosso quarto.

Mas Laure sacudiu-a, como se não conseguisse suportar ser tocada.

— Obrigada, mas prefiro ir para casa.

— Eu vou contigo — disse Iris.

— Não, por favor, fica, não preciso que venhas comigo. — Laure virou-se para Esme. — Lamento imenso.

Desapareceu para dentro da casa, e eles ficaram a vê-la afastar-se, consternados.

— Foi alguma coisa que eu disse? — perguntou Esme, preocupada. — Foi a minha gravidez?

— Não. — Iris sorriu tranquilizadora, embora soubesse que, provavelmente, fora esse o motivo. — É melhor eu ir atrás dela, pelo menos acompanhá-la até casa. Não me demoro, mas, por favor, comecem sem mim.

Iris pegou na mala de mão e atravessou a casa a toda a pressa atrás de Laure, culpando-se mentalmente, embora tivesse a certeza de que tinha dito

a Laure que Esme estava grávida. Quando chegou à porta da frente, parou abruptamente, porque Laure estava no caminho da casa, a falar com um homem alto e de cabelo escuro que ela reconheceu como Joseph, o jardineiro paisagista. Recuou um passo e ficou a vê-los das sombras.

— Não, obrigada. — A voz de Laure estava trémula com as lágrimas. — Eu fico bem. Não é longe, é só seguir a estrada.

— Tem a certeza? Não me custa nada acompanhá-la.

Laure abanou a cabeça, já a afastar-se.

— A caminhada vai fazer-me bem. Mas obrigada na mesma.

Iris viu que Joseph olhava para Laure enquanto ela se dirigia para o portão. Quando ela desapareceu de vista, ele tomou um caminho que Iris adivinhou levar às traseiras da casa. O seu impulso foi ir atrás de Laure e certificar-se de que ela chegava bem. Mas algo a impediu, o medo de que Laure lhe pedisse para ficar, e Iris não suportava a ideia de passar mais um serão a falar sobre Pierre. Nessa noite, queria divertir-se, porque não se lembrava da última vez que o fizera. As férias na Escócia com Gabriel tinham sido agradáveis mas não divertidas, não como poderiam ter sido, com provocações, risos e as piadas habituais deles. Gabriel conseguia fazê-la rir a bandeiras despregadas com o seu sentido de humor seco. Mas isso já não acontecia há muito tempo.

Foi até ao fim do acesso à casa e parou, a olhar para a estrada, com a mão em pala sobre os olhos a protegê-los do sol do fim da tarde. Não havia sinal de Laure, ela já dobrara a esquina. Iris decidiu dar-lhe dez minutos para regressar a casa e depois telefonar-lhe. Se Laure não atendesse, iria ver como ela estava. Se atendesse e dissesse que estava bem, ficaria na casa de Esme e Hugh para o jantar.

Contente com o acordo que fizera consigo própria, voltou a percorrer o caminho até à casa, a sentir os pés quentes debaixo da lona das alpergatas. Parou à sombra do carvalho, com o olhar atraído pelo balouço de corda. Aproximou-se e examinou-o; a corda fora enfiada num buraco meio de um pequeno retângulo de madeira. Pelo que Iris conseguia ver, a única maneira de se sentar nele era montando-o.

Tirou a mala do ombro, pousou-a ao lado do balouço e, com as duas mãos, agarrou a corda. Deu-lhe um puxão forte, a fazer um teste à sua capacidade de aguentar o peso dela, para o caso de só ser adequada para crianças ou adultos franzinos como Esme. Parecia resistente, portanto Iris

começou a içar o corpo para cima, já a retesar os músculos dos braços. Não era fácil prender a tábua de madeira entre as pernas, dado o vestido que estava a usar. Porém, não tardou que estivesse a balançar-se para a frente e para trás, usando o corpo para se projetar e ganhando impulso à medida que girava em cada volta, e depois, quando já estava a sentir-se suficientemente confiante, atirou a cabeça para trás e esticou os braços de modo que o corpo ficasse quase paralelo ao chão, como vira Esme fazer. Fechou os olhos, a desfrutar do momento, apreciando a brisa que lhe arrefecia a pele enquanto girava e rodava, despreocupada e sem problemas. Queria continuar a balouçar-se, mas, como começou a sentir cãibras nos braços, manteve o corpo imóvel, e, gradualmente, o balouço abrandou, e ela pôde deslizar da tábua.

Ficou parada por um momento, agarrada à corda, encantada com a sensação de deslocação sob os pés, como a areia no fundo do mar a responder à força das ondas. Sentiu vontade de ir chamar Gabriel para que ele pudesse andar no balouço; queria que ele experimentasse a mesma sensação de abandono que ela quando, por um breve momento, nada mais importara. Mas, é claro, tudo o resto importava. Largando o balouço, pegou na mala e procurou o telemóvel.

Havia uma mensagem de Laure. Já estava em casa, escrevera, e ia deitar-se cedo. Lamentava ter saído daquela maneira e desejava a todos um ótimo serão. Aliviada, Iris respondeu-lhe, dizendo-lhe que dormisse bem e que a veria de manhã.

Regressou rapidamente à casa, consciente de que estivera tanto tempo fora que Esme e os outros poderiam pensar que ela se fora embora. Em vez de atravessar a casa, seguiu o caminho que Joseph tomara.

— A Laure está bem? — perguntou Esme quando Iris apareceu no terraço.

Os olhos de Iris foram imediatamente atraídos para Joseph, que estava de pé ao lado da cadeira de Hugh. De perto, era chocantemente bem-parecido, com cabelo de um preto asa de corvo e olhos azuis penetrantes.

— Sim, está em casa e foi para a cama cedo. Pede desculpa por ter saído tão abruptamente.

Hugh, lembrando-se de repente de que era preciso fazer apresentações, pôs-se de pé.

— Iris, este é o Joseph. É um amigo da família, que acedeu gentilmente a ajudar-nos no jardim.

Esme suspirou dramaticamente.

— Não sabem como foi difícil aliciá-lo a deixar as delícias de Winchester para vir viver connosco durante uns meses. Só concordou como favor aos meus pais, que quase morreram quando viram o estado deste sítio.

— Não foi preciso muito para me aliciar — disse Joseph. — Ouvi dizer que por aqui há belas paisagens.

— Espero que compense por teres de viver num barracão. — Esme apontou para um pequeno anexo de pedra, coberto de rosas trepadeiras. — Até haver um quarto pronto para ele cá em casa, é onde está.

— Não sei como é o interior, mas é certamente muito bonito — observou Iris.

— É ótimo por dentro, apesar do que a Esme diz. Tenho um sítio para comer, um sítio para dormir e um sítio para me lavar. O que pode um homem desejar mais?

Iris foi salva de responder por Hugh.

— Muito pouco — disse ele, voltando a sentar-se. — Estive tentado a mudar-me para lá e deixar a Esme sozinha em casa. — Levantou a cabeça, olhando para Joseph. — Porque não te sentas e tomas uma bebida connosco?

Joseph olhou para si próprio e limpou as mãos às calças de ganga.

— Não estou propriamente em condições para isso. Noutra altura, talvez. — Acenou com a cabeça a Iris e Gabriel. — Divirtam-se.

Esme esperou até que ele se afastasse o suficiente para não a ouvir.

— Não foste lá muito diplomático — repreendeu o marido.

Hugh olhou para ela com um ar culpado.

— Desculpa, esqueci-me.

— Foi por essa razão que não o convidei para jantar connosco — explicou Esme, virando-se para Iris. — O Joseph precisa de evitar o álcool durante uns tempos, e, como vai haver bastante esta noite, achei melhor não lhe pôr a tentação à frente. — Lançou um olhar a Hugh, que estava a falar com Gabriel, e baixou a voz. — Eu e o Joseph conhecemo-nos há muito tempo, e, quando o encontrei em casa dos meus pais, há uns meses, vi que não estava nada bem. Esteve um par de vezes para ir desta para melhor por se ter embebedado. Na verdade, tem sorte em estar vivo.

Já intrigada com Joseph, a curiosidade de Iris ficou espicaçada.

— Porquê? O que aconteceu? — perguntou.

Esme hesitou, como se estivesse a lutar com a sua consciência, e de seguida lançou-se numa explicação.

— Há uns meses, quando ultrapassou o limite de álcool no sangue, enfiou o carro numa árvore. Escapar sem ferimentos graves foi um milagre. A única coisa que perdeu foi a carta de condução por um ano e o emprego, quando facilmente podia ter perdido a vida. Depois, há um mês, quando estava a trabalhar na casa dos meus pais, que lhe tinham dado algum trabalho enquanto ele procurava outro emprego, quase morreu por inalação de gás porque estava bêbado.

— O quê?!

Esme acenou com a cabeça.

— Foi fazer um chá no barracão do meu pai, encheu a chaleira, pô-la ao lume e ligou a garrafa de gás, mas esqueceu-se de acender o fogão. O meu pai encontrou-o e conseguiu tirá-lo do barracão, mas ele estava tão grogue que o meu pai chamou o médico, que disse ao Joseph que ele ia morrer de doença hepática, se não se matasse primeiro.

A boca de Iris abriu-se involuntariamente.

— Céus, isso é horrível.

Esme acenou com a cabeça.

— Eu sei. Felizmente, os meus pais, que gostam muito do Joseph... conhecem a mãe dele... conseguiram convencê-lo de que seria boa ideia afastar-se de Winchester.

— É de lá que és? De Winchester?

— Sim. Seja como for, depois de falarem connosco, disseram ao Joseph que eu e o Hugh estávamos a precisar desesperadamente de um jardineiro, e, com um pouco de persuasão, ele concordou em vir para cá por uns tempos. Penso que percebeu que, se continuasse naquela vida, acabaria por se tornar num verdadeiro alcoólico.

Esme fez uma pausa, e, no silêncio, Iris ouviu o nome de Charlie Ingram ser mencionado. Virou os olhos para onde os homens estavam sentados, com as cabeças juntas, e sentiu uma onda de alívio por Gabriel se ter sentido capaz de fazer confidências a Hugh.

— Tudo aquilo de que ele precisa agora é de se manter na linha — continuou Esme.

Iris franziu a testa, momentaneamente confusa, e de seguida lembrou-se de que estavam a falar de Joseph.

— Pensas que vai conseguir?

— Tem todas as razões para o fazer. — Esme pousou as mãos sobre a barriga durante alguns segundos e levantou-se. — Vamos comer?

DOZE

Gabriel fitava o teto, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, a pensar no serão que tinham acabado de passar com Esme e Hugh. Agradara-lhe mais do que supusera, talvez porque, sem a presença de Laure, tinham conseguido falar sobre outra coisa que não Pierre.

Sentira pena de Laure, no entanto. Não devia ter sido fácil para ela ver Esme grávida, se era verdade que sempre quisera ter um filho.

Iris mexeu-se ao lado de Gabriel, e ele susteve a respiração, a desejar que não acordasse. Ela virou-se para ele, mas voltou a adormecer. Gabriel soltou o ar dos pulmões em silêncio e voltou aos seus pensamentos sobre o serão. Quando Iris fora atrás de Laure, ficara preocupado que ela não voltasse e que ele tivesse de ficar ali com um casal que não conhecia. Não teria importado, não tardou a aperceber-se, porque eles eram uma simpatia. A certa altura, ficou surpreendido por estar a contar a Hugh que encontrara Charlie na pedreira. Não sabia bem como começara a conversa ou o que o levara a abordar o assunto, mas, se não tivessem sido interrompidos por Esme a chamá-los para a mesa, talvez tivesse contado tudo a Hugh. E, se o tivesse feito, poderia estar a sentir-se melhor sobre o que fizera naquele dia.

Se os paramédicos não tivessem chegado quando chegaram, Gabriel talvez estivesse mais preparado. Mas ainda estava a tentar processar que Charlie acabara de morrer diante dos seus olhos. Perguntaram-lhe se Charlie estava consciente quando o encontrara, e, se Gabriel tivesse tido mais tempo para pensar bem, poderia ter respondido que não. Seria uma mentira, mas um fardo mais fácil de carregar do que aquele com que arcava desde então, porque, assim que disse que Charlie estava consciente, foi inevitável que os paramédicos perguntassem se ele dissera alguma coisa. E Gabriel respondera que sim. Foi só quando lhe perguntaram o que dissera que Gabriel se apercebeu do seu erro. O enorme peso da mensagem que Charlie lhe pedira para transmitir atingiu-o com tal força que, por um

momento, não conseguira falar. Porém, como tinha de responder alguma coisa, explicou que Charlie dissera, mesmo antes de morrer, *Diga à minha mãe que a adoro,* e os dois paramédicos ficaram com lágrimas nos olhos e disseram que seria um grande consolo para ela. Depois, a polícia chegou e fez as mesmas perguntas, e Gabriel respondeu-lhes que Charlie lhe pedira para dizer à mãe que a adorava.

Só que não fora isso que Charlie dissera.

TREZE

Iris estacionou no caminho de acesso e deixou-se ficar sentada por um momento antes de entrar em casa. Precisava de ordenar os pensamentos antes de encarar Laure.

A disposição de Laure alterara-se desde o jantar em casa de Esme, no sábado. Quando falaram sobre o assunto no dia seguinte, Laure dissera a Iris o que ela já suspeitava, que ver Esme grávida fora demasiado para ela.

— Sublinhou o que eu não tenho — disse, com os olhos brilhantes de lágrimas. — E tudo o que secretamente sempre quis.

Também se sentira compreensivelmente apreensiva com a perspetiva de voltar a ver Pierre, porque as três semanas de férias estavam a chegar ao fim.

— E se ele me disser que eu tenho razão e que a Claire é a mãe da filha dele? E que concordaram que ele pode vê-la regularmente? Ele já conhece a Mathilde, é o padrinho dela. — Os seus olhos arregalaram-se de repente. — Se calhar é por isso que é padrinho dela; se calhar foi um acordo entre ele e a Claire, que ele seria o padrinho para poder ter um papel na vida dela. Achas que foi isso que aconteceu?

Iris hesitara um momento a mais.

— Se for ela, acho que sou capaz de o matar. — Os olhos de Laure encheram-se de lágrimas. — Não vou poder ficar lá em casa quando voltar este fim de semana. Vou perguntar à Victoire se posso ficar com ela.

— A Victoire sabe? — perguntou Iris, reconhecendo o nome da amiga de infância de Laure. — Que o Pierre tem uma filha?

— Não, nenhum dos nossos amigos sabe. Só sabem que eu e o Pierre estamos a passar por uma fase má e que vim para cá para que cada um possa ter algum espaço próprio. Não estão a par da causa da fase má.

Consciente de que o motor ainda estava a trabalhar, Iris desligou a ignição e saiu do carro. Quando olhou para a casa, vislumbrou um rosto à janela da

sala de estar e gemeu interiormente. Laure já estava à espera dela.

— A reunião foi boa? — perguntou Laure quando Iris entrou.

Iris pousou a mala e descalçou as sandálias.

— Sim, muito produtiva. Desta vez, a Samantha tinha as chaves da casa, por isso pude vê-la. É maravilhosa; seria realmente um projeto de sonho. Mas ela ainda ainda não tomou uma decisão. — Sorriu a Laure. — E tu, o que fizeste?

— Fui ver a Esme.

— Oh. Espera, preciso só de lavar as mãos.

Laure seguiu Iris até à cozinha e esperou enquanto ela ensaboava as mãos e depois as enxaguava.

— Achei que devia pedir-lhe desculpa por ter saído de lá a correr no sábado — disse, estendendo uma toalha a Iris.

— Tenho a certeza de que ela compreendeu.

Laure acenou com a cabeça.

— Compreendeu, assim que expliquei sobre o Pierre. Tivemos uma conversa ótima, e ela ofereceu-se para me levar a comprar algumas roupas. — Olhou para os calções e para a *T-shirt*. — Estou tão habituada a usar as tuas que já mal reparo.

— Sabes que tenho todo o gosto em te levar às compras — disse Iris, irritada. — Já me ofereci, mas nunca quiseste ir, disseste que não valia a pena comprar nada novo porque tinhas muita roupa em Paris.

— Eu sei, mas mencionei à Esme que não me importava de comprar um vestido novo para quando for ver o Pierre no fim de semana. Mais vale estar o mais sofisticada possível.

Iris sorriu.

— Laure, tu parecerias sofisticada com um saco do lixo vestido. — Fez uma pausa. — O Pierre já te telefonou?

— Não, só me enviou uma mensagem ontem a dizer que falávamos quando eu regressasse a Paris. Então, podemos ir às compras? Amanhã? Ou quinta-feira, se preferires?

— Pode ser amanhã.

— Ótimo. — Lançou um olhar a Iris. — Cheira-te a alguma coisa?

— Cheira... será possível que tenhas feito o jantar? — disse Iris, a brincar com Laure, porque, embora esta dissesse frequentemente que faria o jantar, nunca chegava a fazê-lo.

Laure acenou com a cabeça, a confirmar.

— Pedi uma receita à Esme e depois fui a pé a Markham e comprei o que faltava. Mas só estará pronto daqui a uma hora.

— Perfeito. Isso significa que tenho tempo para ir correr.

— Vou contigo.

Iris virou a cabeça, não querendo que Laure visse a frustração no seu rosto.

— Não é preciso, a sério. Tiveste um dia muito ocupado, porque não relaxas um pouco?

— Não, estou bem.

Iris esperou que Laure acrescentasse: «A menos que prefiras ir sozinha?» Mas ela não o fez, e Iris perguntou-se porque nunca se apercebera, nos vinte anos em que se conheciam, de como Laure podia ser pouco sensível a mensagens implícitas. Recordou a si própria que Laure partiria no sábado e respirou fundo.

— Vamos lá, então. Vamos mudar de roupa.

— Vamos passar pelos campos outra vez? — perguntou Laure, seguindo Iris até ao *hall*.

— Podemos ir pelo bosque, se preferires.

— E depois até à pedreira?

Iris franziu a testa.

— Está interdita.

— Mas podíamos ir na mesma, não podíamos? Disseste que havia um caminho à volta do topo onde costumavas correr. Seria uma mudança de ares. E não há realmente nada que nos impeça.

— Só a memória do Charlie.

Laure baixou a cabeça.

— Claro. Desculpa. Estou a ser insensível, não estou?

— Não faz mal. — Iris parou ao fundo das escadas. — É melhor eu ir avisar o Gabriel que vamos correr. Ele ainda está no jardim?

— Penso que sim. Não o vejo desde a hora do almoço.

— Vai mudando de roupa. Encontramo-nos lá fora daqui a dez minutos.

— Está bem.

Iris dirigiu-se para o jardim murado. Ouviu o som de cavar muito antes de ver Gabriel, escondido no canto mais afastado, com a *T-shirt* azul mais escura com o suor.

— Não posso crer quão melhor já parece — disse ela quando se aproximou. — O resultado do teu esforço começa a ver-se.

Ouvindo o som da voz da mulher, Gabriel enterrou a pá na terra e endireitou as costas.

— Achas? — perguntou, virando-se para a olhar de frente.

— Acho. Já limpaste uma grande parte do terreno.

— Prometi à Beth que o acabava para quando ela regressar em agosto, mas penso que fui um pouco otimista. E tu? Como correu a tua reunião com a Samantha?

— Muito bem. Ela tinha as chaves da casa, o que foi ótimo e a razão pela qual voltei tão tarde. É encantadora, gosto mesmo dela. E parece que nos estamos a dar bem, por isso, façamos figas.

— Achas que vais conseguir o contrato? Deve ajudar já a teres ido ver pessoalmente duas vezes.

— Espero que sim. Ela reduziu a lista a mim e a outro decorador.

— Isso é fantástico, Iris.

Ela sorriu.

— Quanto tempo mais vais demorar?

— Porquê? Que horas são?

— Já passa das sete.

— Ah, sim? Não admira que tenha fome. É melhor ir tomar um duche.

— Não há pressa. Eu e a Laure vamos dar uma corrida rápida. Ela fez o jantar, está pronto às oito.

Gabriel riu-se.

— Ela fez o jantar? Uau, isso é de lançar foguetes. — Tirou as luvas. — Para onde vão correr?

— Para os campos, acho eu. — Fez uma pausa. — A Laure pediu para ir até à pedreira.

Gabriel franziu a testa.

— Porquê? O acesso público está interdito.

— Eu sei. Acho que está simplesmente curiosa.

— Bem, podia estar curiosa sobre outra coisa.

O coração de Iris caiu-lhe aos pés.

— Tens notícias do Pierre? — perguntou, numa tentativa de mudar de assunto.

— Não. Não há notícias desde que falei com ele na semana passada.

Achas que devia ter ido vê-lo, apesar de ele me ter dito para não o fazer?

Iris sentiu um aperto no peito pelo marido, pela culpa que ele estava a sentir. Se Gabriel não andasse constantemente com Charlie na mente, teria ido a Paris mal Pierre recusara retribuir as suas chamadas.

— Não, penso que não. — Pousou-lhe uma mão tranquilizadora no braço. — Esperemos para ver o que acontece quando a Laure voltar para Paris. Se não der certo, é nessa altura que o Pierre vai precisar realmente de ti.

CATORZE

— Sinto que estou a ser mesquinha — disse Iris, subindo para a cama ao lado de Gabriel.

Ele pousou o livro e tirou os óculos de leitura de armação preta.

— Porquê?

— Porque me sinto aliviada por a Laure voltar para Paris este fim de semana.

— É normal. Ela é a tua companheira constante com um único tema de conversa há quase três semanas. Poria à prova a paciência de um santo.

— É só porque não parece respeitar os limites pessoais, algo de que nunca me tinha apercebido.

— O que queres dizer com isso?

Virou-se para ele, apoiando-se num cotovelo para poder ver-lhe o rosto.

— Sabes que fomos fazer uma corrida ao fim do dia? Bem, quando voltámos, fomos tomar um duche, e, quando eu ia a descer as escadas, a Laure chamou-me do quarto dela. Entrei, e ela estava lá de pé com uma toalha à volta do corpo. E então simplesmente a deixou cair e andou nua pelo quarto enquanto me falava sobre o Pierre.

Gabriel escondeu um sorriso. Iris era bastante pudica quando se tratava de nudez, mesmo com ele. Sempre achara piada que ela dormisse de pijama. Ela dizia que era por ter frequentado um colégio de freiras e ter sido criada por pais mais velhos.

— O que fizeste? — perguntou ele.

— Não havia nada que pudesse fazer, portanto, desviei os olhos até ela estar completamente vestida. — Deitou-se de costas. — Queres continuar a ler ou vamos apagar a luz?

— Gostava de continuar a ler. Mas posso ir lá para baixo, se quiseres dormir.

— Não, está tudo bem, podes ler aqui. — A deceção no rosto dela fez com que Gabriel se odiasse por a ter rejeitado mais uma vez. Mas era mais forte do que ele, provavelmente porque nunca lhe mentira, e, inconscientemente já não se sentia digno dela. Precisava de ultrapassar aquilo antes de a magoar ainda mais.

Iris instalou-se na sua posição de dormir, e ele voltou a pegar no livro. Porém, em vez de ler, os seus pensamentos viraram-se para Maggie Ingram, a mãe de Charlie, e para a carta que tinha recebido. Preocupara-se com Maggie depois da morte de Charlie. O marido dela estava no exército, numa missão algures no estrangeiro. Segundo um artigo no jornal, partira logo após o funeral de Charlie.

As pessoas tinham perguntado porque Charlie decidira ir de bicicleta até à pedreira ao fim da tarde, uma vez que teria levado quase uma hora da sua escola, em Winchester, até lá. Mas parece que ele costumava ir de bicicleta até à pedreira com o pai sempre que este estava em casa de licença, portanto, a interpretação geral era de que tinha saudades do pai e fora à pedreira para se sentir perto dele.

Gabriel não comparecera ao funeral. Iris tivera dificuldade em aceitar a sua decisão de não estar presente, dado que conhecia Charlie e que estivera presente no momento da sua morte. Ele dissera-lhe que não conseguiria enfrentar reviver os últimos momentos de Charlie. A verdade era que era Maggie que ele não fora capaz de enfrentar. Na altura da morte de Charlie, ela era a diretora do gabinete de apoio ao aluno na escola pública onde o filho fora aluno, e Gabriel compreendia que, por vezes, devia ter sido difícil para Charlie ter a mãe por perto. Mas algo de muito mau devia ter acontecido entre eles para que Charlie usasse o seu último suspiro para lhe confiar uma mensagem tão condenatória. Porque o que Charlie dissera não fora *Diga à minha mãe que a adoro*, mas *Diga à minha mãe que nunca a vou perdoar.*

QUINZE

Iris fez uma pausa no portão para recuperar o fôlego e relaxar os músculos da barriga das pernas. Pela primeira vez, Laure não quisera acompanhá-la na corrida, e era incrível como se sentia livre a correr sozinha pela sombra mosqueada do bosque.

A sua primeira emoção ao acordar naquela manhã fora de alívio. Laure partia no sábado, o que significava que só teria de aguentar mais dois dias até poder recuperar a sua vida. Sentira-se imediatamente culpada por ser pouco caridosa. Mas a verdade era que Laure dava mais trabalho do que ela pensara.

Avançou para a casa, a preparar-se mentalmente. Mas não havia sinal de Laure a pairar no corredor ou a correr pelas escadas abaixo para ir ao seu encontro. Talvez não a tivesse ouvido entrar. Iris descalçou os ténis, tirou as meias e foi à cozinha nas pontas dos pés, desesperada por uma bebida. Puxou a gaveta à direita da máquina da louça e estendeu a mão para um copo. Imobilizou a mão em pleno ar. Não havia canecas nem copos, apenas pacotes de massa e arroz e outros géneros alimentícios.

Franzindo a testa, dirigiu-se para o outro lado da cozinha, para a fila de armários junto ao fogão, onde deviam estar esses produtos alimentares. Abriu as portas uma a uma e encontrou não apenas copos, mas canecas, pratos, tigelas e outros pratos pequenos, todos retirados das gavetas perto da máquina da louça e arrumados nos armários.

— Voltaste!

Iris virou-se para trás a toda a pressa. Laure estava à porta.

— Reorganizaste a cozinha — disse, sem conseguir disfarçar o tom de acusação na voz. Mas Laure não pareceu notar e acenou alegremente com a cabeça.

— Sim. Achei esquisito que arrumasses os copos e os pratos numa gaveta. Não era onde os punhas antes.

— Não, até me aperceber de que era mais prático esvaziar a máquina da louça diretamente para as gavetas ao lado em vez de ter de atravessar para a outra ponta da cozinha — respondeu Iris de forma seca. — Aplica-se o mesmo aos produtos alimentares; estarem perto do fogão é mais lógico.

— Oh. — Laure ficou com um ar cabisbaixo. — Queres que volte a pôr tudo como estava antes?

— Sim, por favor.

— Está bem. É só que já tomei uma decisão sobre Paris.

Iris afivelou um sorriso. Naquela manhã, lembrara a Laure que deveria reservar o bilhete para o Eurostar.

— Ótimo. Vamos sentar-nos no jardim e podes contar-me tudo.

O terraço estava quase demasiado quente para os pés descalços de Iris. Percorreu-o rapidamente nas pontas dos pés, saltou para a relva e dirigiu-se para o balouço, com Laure a segui-la.

— Então, que comboio vais apanhar? — perguntou, quando já estavam instaladas.

Laure virou-se para ela com um ar sério.

— Não vou. Decidi não ir a Paris este fim de semana. Não estou pronta. O Pierre não teve a decência de telefonar, só comunica por mensagem. Perguntei-lhe esta manhã se já tinha tomado uma decisão sobre a filha, e ele disse que não. Sendo assim, de que serve ir lá?

— Para conversarem — respondeu Iris, desesperada. — Vocês os dois precisam de conversar.

— Não enquanto ele não tomar uma decisão — contrapôs Laure teimosamente. — Sabe qual é a minha posição, temos andado a trocar mensagens sobre isso. Tem de escolher entre mim e a filha. Se optar por fazer parte da vida da filha, eu não farei parte da dele. É tão simples como isso.

Iris respirou fundo.

— E o teu trabalho? Podes tirar mais tempo?

— Não, não está nada fácil no sector da publicidade neste momento. Falei com o meu chefe, e ele disse-me que não podem aceitar a minha ausência indefinidamente. Não tenho mais férias para gozar, e não querem que eu tire uma licença sem vencimento.

— Então o que vais fazer?

— Já fiz. Demiti-me.

— Oh, ena. Certo. — Iris levantou o braço, tirou o elástico do cabelo,

depois sacudiu-o, a tentar pensar em alguma coisa para dizer que não parecesse uma crítica, porque não podia acreditar que Laure desistira do emprego bem pago de que sempre gostara, especialmente na atual conjuntura económica. Mas não conseguia lembrar-se de nada para dizer.

Laure estendeu o braço e pousou a mão no braço de Iris.

— Não te preocupes, tenho poupanças, não vou ser um fardo para ti e o Gabriel.

Iris fitou-a, apanhada de surpresa, com um alarme a disparar-lhe no corpo. *Laure tencionava ficar mais tempo?*

— Está tudo bem, não está? — continuou Laure.

Mais uma vez, Iris deu por si à procura de algo para dizer.

— Julguei que ias visitar a tua mãe. Ela deve estar preocupada contigo.

— Não, não está. Disse que tem a certeza de que eu e o Pierre nos vamos reconciliar e que todos os casais passam por períodos maus.

— Disseste-lhe que o Pierre tem uma filha?

— Não. Só me daria um sermão do tipo «bem te avisei». Ela sempre disse que eu me ia arrepender de ter perdido a oportunidade de ter filhos e lembrava-me de que o Pierre podia ter filhos em qualquer altura, se mudasse de ideias. — Soltou uma gargalhada amarga. — Tinha razão.

— Já disseste ao Pierre que não vais voltar este fim de semana?

— Já.

— O que disse ele?

— Penso que ficou chocado, o que foi bom. Perguntou-me quando me veria, e eu disse que não sabia. Foi bom estar em vantagem, por uma vez.

Iris esboçou-lhe um sorriso rápido.

— Importas-te que vá tomar um duche? Sinto-me realmente suada depois daquela corrida. Podemos voltar a conversar depois.

— Claro, vai lá. Ainda cá estarei quando voltares.

Iris dirigiu-se rapidamente para casa, a pestanejar para conter as lágrimas. *Está tudo bem*, disse para consigo. *Vai correr tudo bem*.

Na casa de banho, ligou o chuveiro, despiu-se e deixou a água cair em cascata sobre o corpo, a precisar de eliminar todos os pensamentos, apenas por alguns segundos. Sentia-se dominada por emoções contraditórias. Laure tinha de voltar para Paris. Havia três semanas, com exceção de dois dias fora, que Iris mal tivera mais de quinze minutos para si mesma. Não sabia se Laure se tornara carente por causa do que acontecera com Pierre ou se

sempre fora assim. Pensou nos fins de semana e nas férias que tinham passado juntos e chegou à difícil verdade, que Laure era o seu oposto. Nunca importara, durante aquelas férias e aqueles fins de semana fora, que Laure estivesse sempre ao lado de Iris, porque se sentia contente por a ver e passar tempo com ela, e, como era apenas por dois dias ou uma semana, a presença constante dela nunca parecera excessiva. Nunca fora por tempo indeterminado. Naquele momento, porém, a ideia de Laure ficar nem que fosse uma semana mais era avassaladora.

Estendeu a mão às cegas para o esfoliante corporal, destapou-o, tirou uma porção da mistura granulosa e esfregou vigorosamente o corpo, a querer livrar-se mentalmente da película de vergonha que tinha a certeza estar na sua pele. Não podia deixar de se perguntar se a razão pela qual Laure não a acompanhara na corrida era porque queria telefonar para o trabalho na ausência dela.

Terminou o duche e envolveu-se numa toalha. No quarto, vestiu rapidamente uns calções limpos e uma *T-shirt* e abriu a porta do quarto. Laure encontrava-se no patamar.

— Ia fazer um batido — disse. — Queres um?

— Eu faço-os e levo-os para o jardim, se quiseres — sugeriu Iris.

Mas Laure já estava a dirigir-se para a cozinha.

— O que vamos fazer para o jantar de hoje? — perguntou por cima do ombro. — Podemos começar já.

Ainda mais abatida, Iris seguiu-a para o andar de baixo, e, enquanto Laure fazia os batidos, ela começou a preparar o jantar. Quando ouviu Gabriel entrar em casa vindo do jardim, já estava mais do que pronta para que ele assumisse o controlo. Laure, empoleirada na bancada enquanto Iris descascava e cortava, não parara de perguntar o que ela faria na sua situação. Porém, dissesse ela o que dissesse, Laure contestava-o, não porque estivesse a ser do contra, mas porque questionava tudo o que tivesse que ver com Pierre, até os seus próprios pensamentos, odiando-o num minuto, amando-o no seguinte. Talvez Laure sentisse que recuperara o controlo da sua vida ao demitir-se do emprego, mas, a Iris, parecia tão perdida como sempre.

— O Gabriel está aqui — disse, na esperança de fazer parar o fluxo constante de queixas e indecisão.

— Oh, ótimo. — Laure deslizou elegantemente da bancada de trabalho.

— Talvez ele me possa dizer o que fazer. Por vezes, penso que conhece o Pierre melhor do que eu.

Já não, sentiu Iris vontade de dizer.

Gabriel entrou e olhou para Iris por cima do ombro de Laure. *Como é que ela tem estado?* Demasiado tarde, Iris apercebeu-se de que devia ter ido procurá-lo ao jardim para o avisar de que Laure decidira não voltar para Paris. Apenas pôde lançar-lhe um sorriso rápido.

— Estás com melhor aspeto — disse ele a Laure.

— Tenho notícias — anunciou ela.

Gabriel encostou-se à bancada.

— Ah, sim?

— Despedi-me.

Iris, observando Gabriel com atenção, viu-o conter a surpresa.

— Certo — disse. — Ótimo. — Fez-se uma pausa. — Então, que planos tens?

— De momento, não tenho realmente nenhuns. — Fitou-o com os olhos arregalados. — Não há problema, pois não, em eu ficar aqui mais uns tempinhos?

— Não, claro que não. Claro que podes ficar. — Passou uma mão pelo cabelo. — Preciso de uma bebida. Para celebrar — apressou-se a acrescentar.

Iris lançou-lhe um olhar assassino.

— Nesse caso, vamos beber champanhe. Vou buscá-lo.

Gabriel olhou-a nos olhos. *Lamento muito*.

Aliviada por se afastar, Iris foi ao frigorífico da garagem, que usavam para excedentes e onde guardavam o champanhe para as celebrações improvisadas. Ficou ali parada por um momento, a deixar o zumbido suave do frigorífico acalmar-lhe os nervos em franja. Talvez fosse ali que pudesse esconder-se quando a presença de Laure se tornasse insuportável; ali, poderia fingir que não a ouvira chamar. A ideia de que poderia ver-se obrigada a esconder-se na garagem, apenas para ter um pouco de paz, provocou-lhe um nó na garganta.

Abriu o frigorífico. O sopro de ar frio arrepiou-lhe a pele. Pestanejou sob a luz amarela e tirou uma garrafa de champanhe da prateleira de baixo. De novo na casa, encontrou Gabriel e Laure à espera em silêncio na sala de estar, como se não quisessem iniciar uma conversa sem a presença dela. Em

cima da mesa baixa, estavam três taças de champanhe de cristal, que, ao sol do fim da tarde que entrava pela janela, brilhavam como pequenas torres de diamantes.

— Aqui está. — Iris sorriu e entregou a garrafa a Gabriel. — Podes abri-la tu.

Gabriel torceu o arame à volta da rolha e puxou-a da garrafa. Ouviu-se um estalido explosivo seguido por um som de alguma coisa a estilhaçar-se, e três pares de olhos viraram-se para o grande espelho com moldura prateada que se encontrava na parede por cima da lareira.

— Que raio — disse Gabriel, fitando a enorme fissura ao longo do espelho.

Laure levou uma mão ao coração.

— Nunca tinha visto acontecer uma coisa destas.

Iris olhou para os reflexos deles, Gabriel e Laure de um lado da fenda, ela do outro, como uma fotografia rasgada ao meio. Soltou uma gargalhada nervosa.

— Espero que não signifique que vamos ter sete anos de azar.

— Lamento muito.

— Não sejas tonto, foi um acidente. De qualquer modo, não gostava muito daquele espelho. — Iris pegou numa taça e passou-a para as mãos de Gabriel. — Vá lá, bebamos.

Só que ninguém parecia saber ao que brindar. Em vez disso, chocaram as taças e exibiram sorrisos animados.

DEZASSEIS

— Não te importas que a Laure fique aqui por um período indefinido de tempo? — perguntou Iris a Gabriel, quando ele saiu do duche.

Ele encolheu os ombros, impotente.

— Que escolha temos? Não podemos obrigá-la a ir-se embora ou a voltar para Paris. Desde que ela não comece a fazer mais alterações na casa. Vais obrigá-la a pôr a cozinha como estava, não vais?

— Sim, claro.

— Porque é que ela o fez sem pedir licença?

— Ao que parece, como vai ficar connosco mais tempo, achou que devia pôr tudo à maneira dela.

— Isso é uma loucura.

— Pensou que íamos ficar contentes. Continua a pensar que a maneira dela é melhor.

Pelo espelho, de olhos baixos, observava Gabriel, que puxava a toalha para um lado e para o outro sobre os ombros, a enxugar gotas de água. Sempre estivera em boa forma, mas perdera peso desde o caso de Charlie Ingram. Com os sentidos despertados pelo cheiro a pele limpa, deixou os olhos percorrerem-lhe o peito largo depois seguirem a linha de pelos que lhe descia pela barriga. Porém, quando ele baixou rapidamente a toalha e a amarrou à cintura, ela desviou os olhos. Tê-la-ia visto a olhar para ele, teria visto o seu desejo?

— Mais importante ainda — disse Gabriel, voltando ao início da conversa —, como te sentes *tu* por ela ficar mais tempo?

— Tudo bem. É só que... — Iris parou.

— Continua.

Virou-se para o encarar.

— Ela é muito invasiva, e, por vezes, preciso simplesmente de estar sozinha.

— Então, diz-lho. Ela vai compreender.

Iris pegou na escova do cabelo.

— Nem sequer posso ir correr sem ela. E continua a pedir para ir à pedreira. Parece que está obcecada com aquilo.

Gabriel franziu a testa.

— A sério?

— Sim. Ontem, queria ir ver onde o Charlie caiu.

Gabriel arregalou os olhos com incredulidade.

— Mas ela sabe que é uma zona interdita, não sabe? Há um sinal enorme a avisar que os intrusos serão processados.

— Disse que em França ninguém interditaria um lugar tão bonito só porque alguém teve um acidente lá. O argumento dela era: porque é que toda a gente há de ter de pagar pela estupidez de uma pessoa?

Gabriel estremeceu visivelmente, e de seguida tirou uma toalha do toalheiro e esfregou o cabelo com ela, escondendo o rosto.

— Sempre me espantou que algumas pessoas achem divertido visitar o local de um acidente. Nunca julguei que a Laure fosse assim.

Ficou em silêncio, e Iris arrepiou-se sem querer ao constatar mais uma vez como as coisas haviam mudado tanto entre eles. Antes, ele talvez lhe tivesse estendido a mão, e ela puxá-lo-ia para si. Então, ele deixaria cair a toalha, levantá-la-ia até ao lavatório e prendê-la-ia ali, com os braços apertados à volta dela. E ela teria enrolado as pernas na cintura dele e tê-lo-ia puxado para dentro de si. Mas não nessa noite. Nessa noite, ele não lhe estendeu a mão. Em vez disso, saiu da casa de banho para o quarto.

Iris preparava-se para o seguir quando deu por si a hesitar. Gabriel não lançara um único olhar ao corpo dela. Quando fora a última vez que a olhara com desejo, que passara o dedo pelas suas costas nuas enquanto ela limpava a cara ao espelho e que se rira quando ela se contorcia e estremecia, incapaz de suportar o toque de borboleta na pele? Quando fora a última vez que lhe dissera que era bonita? E se o problema não fosse ele, mas ela? Ou antes, o corpo dela.

Lentamente, virou-se para o espelho na parte de trás da porta. Não se lembrava da última vez que se olhara ao espelho, que se olhara *mesmo* ao espelho, de perto, minuciosamente. Apercebera-se das mudanças no rosto com o passar dos anos, das rugas finas à volta dos olhos, das linhas ténues que lhe atravessavam a testa, ainda não muito profundas, não alguma coisa

com que tivesse perdido tempo a preocupar-se. Mas nunca examinara o corpo, nunca procurara sinais de flacidez e partes descaídas. Nenhuma das mulheres mais velhas da sua família — a mãe, as tias — tinha mantido a linha como na juventude, e Iris também não estava à espera de a manter. Os seios descaíam, a cintura engrossava. Era a vida.

Levantando as mãos, pô-las em concha debaixo dos seios e empurrou-os para cima dois centímetros e meio ou mais. Era onde costumavam estar, apercebeu-se Iris, olhando para eles de frente e torcendo o corpo de seguida para se ver de lado. O que significa que, decididamente, estavam descaídos. Levantou o braço direito para o lado e, com a mão esquerda, beliscou a carne entre o seio e a axila e ficou chocada com o que encontrou. Voltou a olhar para o espelho e estendeu os dois braços para os lados, verificando se havia carne pendurada. Não havia nenhuma, mas, quando olhou mais de perto, conseguiu ver um princípio. Mantendo os braços estendidos, deixou os olhos percorrerem-lhe o corpo até à cintura. Ainda tinha cintura, mas já não era tão bem definida como antes, e lembrou-se de que, na última vez que comprara umas calças de ganga, tivera de optar por um tamanho maior.

Baixou os braços e virou-se de costas para o espelho. As pernas não a preocupavam; longas e finas, eram a sua melhor característica. Pensou para consigo que não duplicara de tamanho, engordara uns quatro quilos, no máximo. Aqueles quilinhos a mais não podiam ser a razão pela qual Gabriel já não a desejava. De qualquer modo, sentiu-se contente por vestir o pijama antes de ir para o quarto.

— Como está a Esme? — perguntou Gabriel quando ela subiu para a cama. — Tiveste notícias dela?

— Não desde o jantar de sábado passado.Talvez vá lá amanhã. — Iris hesitou, porque não queria voltar a falar de Laure. Mas havia uma coisa que estava a incomodá-la. — Quando a Laure me contou que se tinha demitido, disse-me que não seria um fardo financeiro para nós, porque tem poupanças. Mas não estamos à espera de que ela pague alguma coisa, de qualquer maneira, e, mesmo que sim, algumas compras a mais no supermercado não nos levariam à falência. Porque é que ela pensaria que poderia ser um fardo financeiro para nós, a não ser que tencionasse ficar por muito tempo?

— Tenta não te precipitares — disse Gabriel. — Vamos viver um dia de cada vez. Se se tornar demasiado, arranjamos uma solução.

DEZASSETE

Mais um puxão, e as raízes murchas de uma pereira pequena que Gabriel tinha a certeza nunca ter dado fruto apareceram à superfície. Um último puxão, e saíram.

A bufar por causa do esforço, Gabriel parou para recuperar o fôlego. Fora preciso cavar muito para libertar aqueles tentáculos lenhosos. A cratera à sua frente devia ter cerca um metro e oitenta de diâmetro por um metro e vinte de profundidade, mas a árvore fora minúscula. Parecia a Gabriel que as raízes, como as mentiras, eram insidiosas.

Olhando para trás, devia ter transmitido aos paramédicos — e à polícia, quando haviam perguntado — a verdadeira mensagem com que Charlie o sobrecarregara. Dessa forma, teria sido deles a decisão de contar ou não à mãe do rapaz, e Gabriel tinha quase a certeza de que não o haveriam feito. Em vez disso, teriam fingido que ele não chegara a recuperar os sentidos. Agora, Gabriel carregava o fardo de saber que traíra Charlie.

A sua morte fora registada como um acidente, mas, por vezes, no escuro da noite, outro medo assombrava Gabriel, de que talvez não tivesse sido um acidente. Porque *Diga à minha mãe que nunca a vou perdoar* não fora tudo o que Charlie dissera. No silêncio que se seguira, enquanto Gabriel se deixava ficar sentado com a mão de Charlie entrelaçada na sua, amaldiçoando o facto de, apesar de toda a sua formação médica, não conseguir aliviar-lhe o sofrimento, este sussurrara a parte final da sua mensagem brutal: *Isto é culpa dela. Ela não devia ter feito o que fez*. E depois: *Ele não me devia ter contado*.

A porta de madeira abriu-se com um raspão. Olhando para cima, Gabriel viu Iris aproximar-se com duas canecas de café fumegante equilibradas num tabuleiro pequeno. Sorriu com gratidão, contente por a sua mente não voltar à eterna pergunta — o que poderia Maggie Ingram ter feito para causar tanto sofrimento ao filho?

— Não podia ter vindo em melhor altura — disse, tirando as luvas verdes de jardinagem e limpando a testa com as costas da mão. Reparou nos calções de corrida pretos e na *T-shirt* de Iris. — Boa corrida?

— Sim, ótima — disse ela, passando-lhe uma caneca para as mãos.

— Obrigado. — Olhou para trás dela. — Onde está a tua sombra?

— No duche. Já tenho tudo previsto. Agora, quando voltamos de uma corrida, não salto diretamente para o duche, espero que ela tenha tomado o dela e depois tomo o meu. Assim, tenho meia hora de paz. E não a vejo nua — acrescentou.

Gabriel sorriu.

— Que esperta.

Iris acenou com a cabeça na direção da árvore tombada.

— Deve ter dado muito trabalho arrancar aquilo.

— Deu. Mas agradou-me o desafio. — Fez uma pausa. — Decidi ir ver o Pierre.

— Ele respondeu à mensagem que deixaste? — perguntou Iris, porque, mal Laure lhes dissera que não tencionava regressar a Paris, Gabriel telefonara a Pierre. Como de costume, não tinha atendido, portanto, deixara uma mensagem de voz e oferecera-se para ir visitá-lo.

— Não, é por isso que vou lá. Toda esta situação entre ele e a Laure está a dar comigo em doido. Não percebo a decisão da Laure de não voltar. Não quer ver o Pierre?

— Penso que está preocupada com o que o Pierre poderia dizer-lhe. Quando vais?

— Na sexta-feira, para poder passar o fim de semana com ele. Já devia ter ido, logo no princípio. — Foi até ao banco e sentou-se com os braços apoiados nos joelhos, a fitar o chão. — Este assunto com o Charlie... fez-me tirar os olhos da bola.

— Para de te martirizares. O Pierre disse-te para não ires e tu respeitaste a vontade dele.

— Eu sei, mas agora arrependo-me. O Pierre é o meu melhor amigo, devia ter estado lá para o apoiar.

— E estavas — protestou Iris. — Pensa só na quantidade de vezes que ligaste, na quantidade de mensagens escritas e de voz que lhe deixaste. Ele só teve a decência de te telefonar uma vez, e mal respondeu às tuas mensagens.

— O que é tão diferente do que é habitual nele que devia ter sido um aviso.

— Para. Vais vê-lo em breve. Já reservaste o bilhete? — Gabriel acenou com a cabeça. — Ótimo. — Abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas depois hesitou.

— O quê?

Iris ficou corada.

— Há uma coisa sobre a qual queria saber a tua opinião.

— Continua.

— Sabes que ontem dei uma saltada à casa da Esme? Bem, ela mencionou que não havia muito para o Joseph fazer e...

— O Joseph? — interrompeu Gabriel. — Ah, sim, o jardineiro deles. Por um momento, pensei que te referias ao Hugh.

— Não, o Joseph. De qualquer forma, a Esme disse que não tinham realmente muito para lhe dar a fazer, por isso eu disse que ele podia vir para cá três dias por semana dar-te uma ajuda.

— O quê? — Gabriel olhou-a fixamente. — Mas eu não preciso de ajuda. Mais importante ainda, não quero ajuda. Gosto de estar aqui fora sozinho.

— Ele não estaria aqui a toda a hora.

Uma raiva inesperada apoderou-se de Gabriel. Como é que ela não tinha percebido que o jardim murado era o seu refúgio, o seu santuário?

— Não o quero cá, de todo!

Esperou que Iris recuasse, que dissesse que explicaria a Esme que afinal não precisavam de Joseph.

— Bem, peço desculpa — disse ela com rigidez. — Agora já está feito. Ele começa amanhã.

— Não. — Gabriel abanou a cabeça teimosamente. — Há muitas pessoas na vila que precisam de um jardineiro. O Joseph pode ir trabalhar para eles.

— Pensei que ias ficar contente. Pensei que apreciarias um pouco de companhia masculina.

— Ou talvez só quisesses que eu ficasse empatado com alguém porque tu estás empatada com a Laure — ripostou ele.

— Agora estás a ser ridículo.

Percebendo que ela tinha razão, puxou-a para si.

— Desculpa, desculpa. Foi uma coisa estúpida de se dizer. — Iris permaneceu rígida nos braços do marido, e ele apercebeu-se de que cederia,

não só porque voltar a Esme com a recusa poria Iris numa posição difícil, mas também porque ele lhe devia isso. Devia-lho por tudo o que a fizera passar desde que encontrara Charlie na pedreira. — Está bem — acedeu, tentando não parecer demasiado renitente. — O Joseph pode vir.

DEZOITO

Joseph espreitou por cima do ombro de Iris para ver os projetos dela para o jardim murado espalhados na mesa da cozinha.

— Estão muito bons, Iris — comentou.

Ela corou ao ouvir o tom caloroso dele.

— Obrigada.

Ele aproximou-se da mesa e apoiou-se nos antebraços, bronzeados num tom de cobre escuro devido ao seu trabalho no exterior, para olhar mais de perto para os planos.

— Adoro o que fizeste aqui — disse, apontando para a área que ela reservara para um lago de nenúfares. — É um elemento realmente invulgar.

Iris trabalhara nas suas ideias para o jardim durante todo o dia anterior, na maior parte do tempo com Laure a olhar por cima do ombro dela. Se não tivesse decidido ir dar um passeio, estaria agora a fazer o mesmo.

— O que achas de um riacho a atravessá-lo? — perguntou Iris a Joseph. — Seria possível?

Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Não vejo por que não, desde que possamos usar a água do poço subterrâneo que o Gabriel mencionou. É uma ótima ideia, muito melhor do que a fonte de que falámos inicialmente.

— Ainda bem que te agrada.

Joseph endireitou-se.

— Sim, muito. Não fazes ideia de como me sinto entusiasmado pela ideia de trabalhar aqui. — Acenou com a cabeça para os desenhos dela. — Posso levá-los? Gostava de os estudar mais atentamente.

— Claro.

— Obrigado. Até logo, Iris.

Iris ficou a vê-lo descer o caminho, ainda a sentir-se culpada por o ter trazido para ali. A intenção fora boa; acreditara sinceramente que Gabriel

apreciaria a ajuda, dado que queria que o jardim estivesse pronto quando Beth regressasse, em agosto. Por essa razão fizera alguns esboços de como o jardim poderia ficar. Sentia-se contente por Joseph parecer ter gostado deles, mas talvez devesse tê-los apresentado primeiro a Gabriel. Suspirou. Mais uma coisa pela qual sentir-se culpada.

— Estou de volta! — A voz de Laure foi seguida pelo bater da porta da frente. Iris estendeu automaticamente a mão para uma garrafa de água e serviu-se de um copo, preparando-se mentalmente para o que Laure lhe diria. Conhecia tão bem os estados de espírito de Laure que já conseguia perceber pela voz dela que estava entusiasmada com alguma coisa.

Laure apareceu à porta com o bonito vestido azul que comprara quando tinham ido às compras. Iris ficou a olhar para ela, pasmada; tinha o cabelo cortado à altura dos ombros, um penteado idêntico ao dela.

— Cortaste o cabelo — constatou.

— Cortei. — Laure deu uma volta. — Gostas?

Iris tentou sorrir.

— Dado que é o mesmo corte que o meu, sim, gosto.

— Senti que precisava de mudar. E adivinha: acabei de receber uma mensagem do Pierre. Ele disse que não me quer perder e pediu-me para me encontrar com ele no apartamento no sábado. — Atirou-se para uma cadeira. — Sabia que tinha feito bem em não ir a Paris no fim de semana passado.

— Isso é mesmo ótimo, Laure! — disse Iris, dando-lhe um abraço.

Laure acenou alegremente com a cabeça.

— Disse que não consegue continuar a viver com a mentira e que me vai contar tudo.

Iris endireitou-se.

— Mas... tens a certeza, Laure? Pensei que querias um tempo para pensar bem nas coisas?

— Queria. Mas percebi que só poderei fazê-lo depois de o Pierre me contar a verdade, toda a verdade. — Avançou da porta. — Tenho de reservar o bilhete de comboio.

Iris estendeu-lhe a garrafa, a oferecer-lhe água, mas Laure abanou a cabeça, com demasiada pressa para beber.

— Vou encontrar-me com o Pierre à uma hora no apartamento, portanto, tenho de apanhar um Eurostar cedo. Podes levar-me à estação?

— Claro que sim.

Momentaneamente distraída com algo que lhe chamara a atenção, Laure dirigiu-se para a janela.

— É o Joseph?

— Sim.

— Então começou a trabalhar aqui?

— É o primeiro dia dele. Vai estar cá às terças, quintas e sábados.

— O Gabriel não se importa?

Iris franziu a testa.

— Porquê, ele disse alguma coisa?

— Não, fiquei só com a impressão de que ele gostava de estar lá fora sozinho, que o achava terapêutico.

Iris sentiu uma pontada de irritação por Laure ter percebido algo sobre Gabriel que ela não captara.

— Ele vai continuar a ter muitas oportunidades de estar lá sozinho.

O telemóvel dela tocou. Lançou um olhar ao ecrã e levantou o telemóvel.

— É a Beth. Desculpa.

Mas Laure arrancou-lhe o telemóvel da mão e aceitou a chamada.

— Beth! Como estás?

— Laure! Pensei que já estarias de volta a Paris. — A voz de Beth ecoou pela cozinha, e Iris apercebeu-se de que a filha não sabia que Laure se separara temporariamente de Pierre. — Porque é que ainda estás aí?

Sabendo que não conseguiria falar com Beth durante pelo menos cinco minutos, Iris foi para o jardim, desesperada por apanhar ar. Nesse momento, Joseph saiu do barracão, a olhar para as mãos, que pareciam estar cobertas por uma coisa qualquer preta.

— Há uma torneira atrás do barracão! — informou ela.

— Ótimo, obrigado. — Levantou as mãos. — É óleo.

— Boa sorte! — disse ela, rindo-se.

Foi até à mesa com tampo de vidro e sentou-se numa cadeira de vime. O som da água a correr chegou-lhe aos ouvidos, e, dali a uns minutos, Joseph reapareceu de trás do barracão. Levantou as mãos para lhe mostrar que estavam limpas, e, sorrindo, ela ergueu um polegar em sinal de aprovação

— Vou passar-te à tua mãe — ouviu Laure dizer. — Adeusinho, Beth. — Laure apareceu no terraço e entregou o telemóvel a Iris.

— Olá, mãe. Já não falo contigo há algum tempo e queria saber como

estavas.

As palavras da filha fizeram Iris sentir uma vaga de prazer. Beth e Gabriel eram tão chegados que, muitas vezes, ela sentia-se uma estranha quando estavam os três juntos. Era a Gabriel que Beth recorria em criança, era para ele que ainda se virava como jovem adulta. Quando fazia uma chamada por FaceTime, era normalmente para o número de Gabriel que ligava, não para o de Iris. Por vezes, Iris sentia-se magoada, mas só podia atribuir as culpas a si mesma. O trauma da gravidez significara que tivera dificuldade em criar laços com Beth quando ela nascera, e nunca parecera ser capaz de ultrapassar a distância que esse problema criara.

— Estou bem — respondeu-lhe. — É simpático da tua parte preocupares-te comigo — acrescentou com um sorriso.

Beth baixou a voz.

— Vou preocupar-me ainda mais, agora que sei que a Laure ainda está contigo. Adoro-a, mas ela consegue ser um pouco de mais.

— Isso é bem capaz de ser um eufemismo — murmurou Iris, verificando se Laure não estaria a ouvir. Mas ela estava mais abaixo, no jardim, a falar com Joseph, ao que parecia esquecida do bilhete do Eurostar, que tinha de comprar com tanta urgência.

— A Laure contou-me do Pierre — continuou Beth. — Eles vão ultrapassar isso, não vão? Não se vão divorciar ou coisa do género?

— Não sei — disse Iris. — Depende de tantas coisas. Mas ela vai vê-lo no sábado, por isso esperemos que consigam fazer alguns progressos.

— E o pai? Como está?

— Está bem. Parece ter descoberto uma paixão pela jardinagem.

— Então, está a cumprir a promessa. E esperemos que o distraia do caso do Charlie. Nem eu consigo parar de pensar nele, e já não o via há anos.

— Não sei bem porque o afetou tanto — admitiu Iris. — Sei que deve ter sido uma experiência terrível, mas pensei que já teria conseguido pô-la para trás das costas. Não quero dizer que devesse esquecer o Charlie — apressou-se a acrescentar. — Apenas não deixar que afete todas as áreas da vida dele.

— Precisa de outro cão — disse Beth.

— Eu sei. Já falei com ele sobre isso, mas diz que não tem cabeça para lidar com um agora.

Beth fez um esgar de compreensão.

— Pobre de ti, ter de lidar com isso *e* com a Laure. — Apanhou o seu cabelo castanho comprido nas mãos e torceu-o no cimo da cabeça. Segurando-o com uma mão, pegou num gancho com efeito de tartaruga que tinha ao lado e prendeu-o.

— Cortaste a franja — disse Iris. — Fica-te bem.

— Obrigada. — Beth virou a cabeça para que Iris pudesse vê-la de todos os lados. — Apetecia-me mudar. A Laure também, pelos vistos. O cabelo mais curto fica-lhe bem. Como vai o teu trabalho, está a correr bem? Já sabes alguma coisa sobre a casa da cidade?

— Ainda não. Julguei que já teria tido resposta, portanto, não me parece muito prometedor.

— Devias insistir — disse Beth. — Dar-lhe um empurrãozinho.

— Talvez o faça. Mas adiante. Como estás? E como está o *Loki*? Já conseguiste conquistá-lo?

— Estou a chegar lá. Já não se encolhe quando me aproximo dele, como acontecia antes.

Enquanto Beth falava sobre o trabalho, Iris não pôde deixar de reparar no seu ar animado, em como parecia *realizada*, e sentiu-se atingida por uma sensação de perda quando se apercebeu de que nunca experimentara tanta paixão por nada. Gostava do seu trabalho, mas não irradiava entusiasmo como Beth quando falava sobre ele.

— Fico contente por estares a divertir-te tanto — disse Iris, quando Beth parou para respirar.

— Estou. Eu e algumas das outras raparigas conhecemos um grupo da nossa idade de Tessalónica. Estamos com eles nos dias de folga e andamos a aprender um pouco de grego.

— Parece divertido.

Beth olhou para o canto superior direito do seu ecrã.

— Vamos ter com eles daqui a pouco, portanto, é melhor ir andando. Adoro-te, mãe, falamos em breve.

— Também te adoro.

Beth desligou, e Iris deixou-se ficar sentada por um momento, a pensar sobre o encontro de Laure com Pierre. E foi então que percebeu; se Laure ia ver Pierre no sábado, não fazia sentido que Gabriel fosse ter com ele na sexta-feira.

DEZANOVE

Gabriel descalçou as luvas, dirigiu-se para o banco e pegou em duas garrafas de água. Tinha de fazer um esforço; Joseph estivera a trabalhar ao seu lado durante quase todo o dia, e ele mal lhe dissera uma palavra.

A presença de Joseph no jardim não era a única coisa que irritava Gabriel. Já que Laure ia a Paris no sábado, ele cancelara a sua viagem de sexta-feira. Não conseguia deixar de se sentir desiludido; aguardara com expectativa a oportunidade de ver Pierre e de ficar com a consciência tranquila por não o ter feito antes. Era quase como se Pierre tivesse adivinhado a sua visita-surpresa e decidido que era melhor falar com Laure antes que o amigo lhe arrancasse a verdade. O que talvez se tivesse passado, supunha Gabriel, era que o facto de Laure se ter despedido do emprego e ter dito a Pierre que ia ficar em Inglaterra lhe dera o pontapé de que ele precisava.

E depois havia Iris.

— Sabes a tua decisão de ires visitar o Pierre na sexta-feira? — perguntara na noite passada. — Bem, eu tinha combinado encontrar-me com a Jade para almoçar perto de St. Pancras, para poder ir contigo até Londres. Achei que gostarias de ter companhia. Pensei também que, se o Pierre se recusasse a receber-te, ou não quisesse que passasses lá a noite, eu poderia ter esperado em Londres e podíamos ter ficado para almoçar no dia seguinte. Só para nos afastarmos da Laure um bocadinho — acrescentou num sussurro.

— De qualquer maneira, eu podia ir ter contigo depois do teu almoço com a Jade, e podíamos passar lá a noite — sugerira ele, sentindo que a tinha desiludido.

— Não te preocupes. Vamos ter o sábado todo só para nós. Talvez mais, se a Laure decidir passar o fim de semana em Paris.

— Se correr bem, pode ser que decida não voltar — disse Gabriel, e os dois fizeram figas na brincadeira.

Gabriel levou as garrafas para onde Joseph estava a trabalhar e estendeu-lhe uma.

— Queres água?

— Obrigado. — Joseph pousou a pá, pegou na garrafa, tirou a tampa e bebeu um longo gole. Limpando a boca com as costas da mão, acenou com a cabeça para o canteiro que tinham acabado de limpar. — Estamos a fazer bons progressos.

— Estamos mesmo.

Gabriel detestava admiti-lo, mas Joseph ia ser mais útil do que ele pensara. Os cerca de quinze anos que os separavam — Joseph devia ter os seus trinta e poucos anos — faziam a diferença quando se tratava da tarefa de jardinagem, que dava cabo das costas e forçava os músculos dos braços e das pernas.

— A Iris tem umas ideias fantásticas para o jardim — disse Joseph.

— Sim, nunca pensei que o jeito para o *design* de interiores fosse transferível para o *design* de jardins, mas suponho que tem tudo que ver com ter olho para a cor e para o espaço. — Gabriel fez uma pala sobre os olhos com a mão livre para os proteger do sol e poder ver o rosto de Joseph. — Onde foi o teu último emprego, antes de vires para a casa do Hugh e da Esme? — perguntou, antes de se lembrar, demasiado tarde, que Joseph perdera o emprego depois de se ter embebedado. — Quero dizer, era um trabalho de paisagismo ou era só jardinagem em geral?

— Paisagismo.

— Certo. Em Winchester?

— Sim, por lá.

Gabriel esperou que Joseph expandisse a explicação. Não o tendo feito, encontrou um terreno comum para a conversa, voltando aos planos para o jardim murado.

Foram interrompidos por um toque do telemóvel de Gabriel, a indicar que recebera uma mensagem. Tirou o telemóvel do bolso: era Iris, a perguntar se podia dispensar-lhe um minuto para falarem. Franziu a testa; devia ter alguma coisa para lhe dizer que não queria que Joseph ouvisse.

— Desculpa, a Iris precisa de mim para uma coisa. Não me demoro.

Dirigiu-se para a casa. Iris esperava-o na cozinha.

— Fecha a porta, por favor.

O seu tom era tão sério que Gabriel se perguntou o que Laure teria feito

para a perturbar.

Encostou-se à bancada, com os braços cruzados sobre o peito.

— O que se passa? — Nunca a vira tão nervosa. Um medo súbito apoderou-se dele. Teria acontecido alguma coisa a Beth?

— Estava a pôr a roupa a lavar — disse ela — e encontrei isto no bolso dos teus calções.

Ficou tão aliviado por não se tratar de Beth que demorou algum tempo a reconhecer a carta amarrotada na mão dela. Ficou a olhar fixamente para a carta, como se pudesse fazê-la desaparecer com o olhar. Sentiu calor, de seguida frio. Iris estava à espera que ele dissesse alguma coisa.

— Oh, isso — disse ele, recuperando a calma. — Pode ir para o caixote do lixo. É só publicidade a um plano de pensões.

Iris estava com uma *T-shirt* vermelha, e pareceu a Gabriel que podia ver a cor refletida nos olhos dela, a indicar a raiva dela por ele estar a mentir-lhe. Conteve-se; ela não teria lido a carta; era-lhe dirigida a ele, e nunca liam a correspondência um do outro.

— O que se passa é que — disse Iris, com uma voz estranhamente calma — eu li-a.

Ele recorreu à raiva para esconder o medo.

— Porquê? — explodiu. — Estava endereçada a mim, o que significa que é privado!

— Eu sei e peço desculpa. Só que vi a carta na cozinha há semanas, onde a Laure tinha posto o correio que chegou enquanto estávamos na Escócia. Se fosse publicidade, não terias andado com ela no bolso durante todo esse tempo. Li-a porque pensei que podia ser de um médico. Estava preocupada com a possibilidade de estares doente e não me teres querido dizer nada.

— Mesmo assim, não a devias ter lido. Porque é que não te limitaste a perguntar-me?

— Se o tivesse feito, ter-me-ias dito a verdade?

Gabriel passou uma mão pelo cabelo. Não, não teria contado a verdade, porque ela não teria percebido a relutância dele em encontrar-se com a mãe de Charlie. A carta era da terapeuta que ajudava Maggie a lidar com o luto, a explicar que, como parte do processo de recuperação, Maggie desejava encontrar-se com a pessoa que estivera com Charlie nos últimos momentos de vida do filho.

— Não vou encontrar-me com ela, se é o que estás a perguntar. Não iria

servir de nada.

Iris olhou para ele, com preocupação nos olhos.

— Mas, Gabriel, não vos daria aos dois uma espécie de conclusão, não te permitiria seguir em frente?

— De maneira nenhuma. Só teria de reviver a coisa toda, o que é algo que não estou disposto a fazer.

— Eu sei que seria doloroso. Mas e a Maggie?

— O que é que tem?

— Não merece um desfecho?

— Não vejo como é que ouvir falar dos últimos minutos agonizantes da vida do Charlie lhe daria um desfecho.

— Não, mas tenho a certeza de que gostaria de ouvir o que ele disse.

— Ela sabe o que ele disse! Transmiti-o aos paramédicos e à polícia, e eles devem ter-lho contado. Mesmo que não o tenham feito, saiu nos jornais — acrescentou com amargura, ainda indignado por alguém ter tido a insensibilidade de divulgar à imprensa aquele *Diga à minha mãe que a adoro*.

— Bem, talvez ela precise de o ouvir da tua boca. — Iris fez uma pausa, incapaz de compreender a relutância de Gabriel em encontrar-se com Maggie. — Talvez só queira agradecer-te.

— Não quero os agradecimentos dela — rosnou Gabriel. — Fiz o que qualquer outra pessoa teria feito, fiquei com ele até chegar ajuda.

Iris cruzou os braços sobre o peito.

— Porque estás a ser assim?

Pela primeira vez no casamento deles, Gabriel sentia vontade de gritar com a mulher, de lhe dizer que qualquer encontro entre ele e a mãe de Charlie só lhe traria sofrimento, tristeza e mágoa sem fim. Uma coisa era mentir aos paramédicos e à polícia, outra muito diferente era mentir na cara de uma mãe sobre os últimos momentos da vida do filho.

— Não é como se não a conhecesses — continuou Iris quando ele não respondeu.

— Na última vez que a vi, o filho dela estava vivo e a dar pontapés numa bola de futebol.

— Está bem — disse Iris. — É óbvio que tomaste uma decisão. Mas já pensaste em como te sentirias se estivesses no lugar da Maggie?

Iris saiu da cozinha, e, não pela primeira vez, Gabriel desejou poder

contar-lhe a verdade sobre as últimas palavras de Charlie. Sabia que para algumas pessoas podia não ser nada de especial, que os médicos, enfermeiros e paramédicos provavelmente diziam aquilo a que se chama uma mentira caridosa, para poupar os entes queridos a mais angústia. Mas Iris não apreciava mentiras, nem mesmo quando eram ditas com as melhores intenções.

VINTE

Iris saiu de casa, contente por ir visitar Esme.

Estava mais fresco nesse dia. Meteu as mãos nos bolsos do casaco de malha que trazia vestido e, fazendo uma careta, tirou um lenço de papel usado e um gancho de cabelo, ambos pertencentes a Laure. Laure ainda lhe tomava roupa de empréstimo, até as sandálias, que eram um tamanho acima do dela.

Chegou a casa de Esme. A porta da frente estava aberta, mas bateu, de qualquer modo. Como não teve resposta, avançou, hesitante, para o *hall*. Esme estava a contar com Iris, esta dissera-lhe que passaria por lá.

Sabendo que Esme poderia estar a dormir a sesta, em vez de a chamar, atravessou o corredor e olhou pela porta aberta, para a cozinha enorme. De imediato, os seus olhos foram atraídos para o lado direito da sala, e parou abruptamente. Esme estava estendida no sofá, com o cabelo ruivo em leque numa almofada atrás dela, e Joseph, empoleirado na mesa baixa, tinha a mão sobre o monte da barriga dela. Enquanto Iris olhava fixamente, perturbada por aquela intimidade, Esme murmurou qualquer coisa a Joseph, que se inclinou para a frente e deitou a cabeça onde tivera a mão segundos antes.

Com o coração a martelar-lhe o peito, Iris virou-se e dirigiu-se rapidamente para a porta da frente, com a intenção de se ir embora. Telefonaria a Esme quando chegasse a casa e dir-lhe-ia que se tinha atrasado. Mas havia uma parte dela que queria interromper o que quer que fosse que acabara de testemunhar.

Tomando uma decisão, respirou fundo e virou-se.

— Estás aí, Esme? Sou eu, a Iris!

— Estou na cozinha! — respondeu-lhe Esme.

Iris contava ouvir o som de Joseph a apressar-se a afastar-se. Mas não houve nada, e, quando se dirigiu para a cozinha, sentiu algum receio de

entrar, para o caso de ele ainda estar ali, com a cabeça pousada na barriga de Esme. Para seu alívio, Esme estava sozinha, a levantar-se do sofá.

— Desculpa, estavas a descansar? — perguntou Iris.

— Só estava a descansar as pernas durante cinco minutos — disse Esme, sorrindo.

— Posso trazer-te um copo de água?

— Adorava um chá. Mas posso fazê-lo.

— Por favor, deixa-me ser eu a fazê-lo.

Iris adorou que Esme não tivesse insistido. Podia não a conhecer há muito tempo, mas sentia-se à vontade com ela, e, enquanto preparava o chá, arredou da mente o que vira. Esme não dissera que ela e Joseph se conheciam há muito tempo? Seria errado atribuir qualquer significado a uma coisa perfeitamente inocente.

— O Joseph disse que tens umas ideias fantásticas para a disposição da horta — disse Esme, sobrepondo a voz ao ruído da chaleira a apitar.

— Sim, parece ter gostado delas. — Iris tirou a chaleira do fogão e preparou o chá como vira Esme fazer, no dia em que a conhecera. — É um projeto interessante em que trabalhar. E a Laure disse que vai ajudar no jardim, o que lhe dará alguma coisa em que se concentrar. A menos que decida ficar em Paris. — Virou-se para Esme. — O Pierre pediu para a ver. Ela vai lá no sábado.

— Sim, eu sei.

Iris franziu a testa.

— A Laure disse-te?

— Disse, passou por cá hoje de manhã.

— Oh, não sabia. Não me disse nada. — Iris levou o bule para a mesa e voltou para trás para ir buscar as canecas. — Disse que ia dar um passeio, mas não explicou que vinha ver-te.

— Ao que parece, queria falar com alguém de fora, alguém que não a conhece a ela nem ao Pierre.

— É muito simpático da tua parte dares-lhe conselhos.

— Não dei, propriamente. Fui mais uma caixa de ressonância do que outra coisa. Ela foi procurar o Joseph depois, talvez ele tenha sido mais útil do que eu. — Esme acenou com a cabeça na direção do bule. — Obrigada por te encarregares do chá. É bom ser apaparicada, para variar.

— Como te sentes?

Esme fez uma careta.

— As náuseas são terríveis. — Sorriu para Iris com empatia. — A Laure disse-me que te sentiste tão doente quando estiveste grávida que não conseguiste encarar a ideia de ter mais filhos.

— É verdade — disse Iris, sentindo-se verdadeiramente exasperada com Laure, não só por ela ter revelado a Esme as suas náuseas incapacitantes mas também porque não lhe dissera que fora visitá-la. Porquê escondê-lo? Teria pensado que ela se importaria?

Uma pulseira de prata com um fecho lindo em forma de nó deslizou pelo braço de Esme quando ela estendeu a mão para a caneca.

— Foi tocofobia, na tua opinião?

— Penso que sim, de uma forma ou de outra. Ninguém estava realmente a par da existência dessa fobia, como se o medo de dar à luz ou a repugnância por estar grávida não pudessem existir. Mas isso foi há vinte anos. Tenho a esperança de que as coisas tenham evoluído.

Porém, a conversa trouxe-lhe de volta as más recordações, e, sentindo-se subitamente em pânico, procurou algo para distrair Esme do assunto.

— É uma pulseira bonita. É nova?

Esme corou.

— Sim, vi-a na Internet e decidi encomendá-la.

Fez-se um silêncio constrangedor que Iris não entendeu muito bem.

— Como se está a dar o Joseph? Está a adaptar-se bem?

— Muito bem. — Esme levantou o braço e sacudiu-o ligeiramente. Iris não pôde deixar de se perguntar se seria um sinal, se a menção de Joseph se ligara subconscientemente na mente de Esme à pulseira. Explicaria que Esme tivesse ficado corada quando Iris a mencionara. — O que mais me preocupava era a nossa proximidade do *pub* — continuou Esme. — Se estivéssemos na outra ponta da vila, como tu, o *pub* talvez não fosse uma tentação assim tão grande. Mas ele parece ter resistido até agora.

— Isso é bom.

— Como está o Gabriel? Está a adaptar-se a estar em casa?

— Parece muito melhor desde que decidiu trabalhar no jardim murado. Tem-no distraído.

— O Hugh contou-me que foi o Gabriel que encontrou o rapaz na pedreira.

— Isso... — Iris procurou explicar — mudou-o. O que é compreensível.

Mas seria de pensar que ele se sentiria... não sei... valorizado por ter estado com o Charlie no final, feliz por o Charlie não ter morrido sozinho. Mas não tem sentimentos positivos em relação a isso. Há só uma espécie de culpa.

— Porque é médico e não conseguiu salvar o Charlie?

— É certamente parte do problema, embora os paramédicos lhe tenham assegurado de que não havia nada que ele pudesse ter feito. Mas há outra coisa, algo de que não quer falar comigo. Costumava fazer confidências ao Pierre, outra razão pela qual estou aborrecida com ele, não só pelo que fez à Laure mas também pelo que está a fazer ao Gabriel. — Fez uma pausa. — Ainda bem que ele se sente capaz de falar com o Hugh.

— O Hugh estava a dizer que deviam ir beber um copo. Vou pedir-lhe para ligar ao Gabriel.

— Ele ia gostar disso. — Iris olhou para o telemóvel. — Devia ir indo.

Esme levantou-se e enfiou os pés num par de sandálias cor-de-rosa forte.

— Vais fazer alguma coisa interessante este fim de semana?

— Vou encontrar-me com uma amiga em Londres na sexta-feira, para almoçar e fazer umas compras. Depois a Laure parte no sábado. — Voltou-se para Esme. — Porque não vens almoçar connosco no domingo? Se o encontro dela com o Pierre não correr bem e ela voltar, posso precisar de ajuda.

Esme sorriu.

— Seria ótimo. Obrigada, Iris.

Iris foi para casa a pé a pensar no que tinha visto, Joseph com a cabeça em cima da barriga de Esme. Hugh dissera, na noite do jantar, que estivera fora durante a maior parte de janeiro, quando o bebé de Esme teria sido concebido. Esme lembrara-lhe de que o acompanhara e que ficara alguns dias e, claro, ele estava a brincar. Mas... Iris deu a si própria um abanão mental. Mas nada.

VINTE E UM

Gabriel dirigiu-se para o *pub* da vila, contente por Iris ter ido passar o dia a Londres. Ainda estava zangado com ela por ter lido a carta da terapeuta de Maggie Ingram. Tentara justificar a fúria com o argumento de que a sua privacidade fora violada. No fundo, porém, sentia-se furioso consigo próprio, por ter sido descuidado. Agora que Iris sabia da carta, não poderia deixar de se encontrar com Maggie, a não ser que quisesse descer na consideração da sua mulher.

As palavras dela sobre pôr-se no lugar de Maggie retumbaram fundo. Se Beth tivesse morrido em circunstâncias semelhantes, era evidente que Gabriel quereria conhecer a pessoa que estivera com ela no momento da morte. E ouvir as últimas palavras de Beth da boca da pessoa que de facto as ouvira. E esperava que talvez tivesse havido outras palavras, que só tinham sido lembradas mais tarde.

O maior receio de Gabriel era que Maggie o quisesse ver, não porque queria agradecer-lhe pessoalmente, mas porque sabia que Charlie nunca teria dito que a adorava. Talvez não tivessem tido esse tipo de relação. Gabriel formara a ideia — por causa da angústia de Charlie motivada pelo que quer que fosse que Maggie fizera — de que devia ter havido algum tipo de discussão antes de ele sair na sua bicicleta. Se Maggie lhe perguntasse qual fora a verdadeira mensagem de Charlie, como poderia dizer-lhe a verdade? Como poderia deixá-la carregar o fardo daquilo para o resto da vida? Ao mesmo tempo, porém, como poderia manter a mentira se ela estivesse ali à sua frente?

O telemóvel tocou. Sabia que era Beth, tinha um toque especial para a filha.

— Olá, pai, estou a telefonar para saber se não estás a desleixar-te do nosso acordo — disse ela, sorrindo-lhe do ecrã.

Gabriel riu-se.

— Apanhaste-me em flagrante. Estou a caminho do *pub* para ir beber um copo com o Hugh.

— Bem me pareceu que reconhecia a vila em pano de fundo. A mãe está contigo?

— Não, foi a Londres almoçar com a Jade.

— Que bom, vai apreciar a mudança de ares. Espero ainda ter os meus amigos de infância daqui a trinta anos. — Fez uma pausa. — Qual é ponto da situação da Laure e do Pierre?

— Esperemos que amanhã resolvam as diferenças deles e que a Laure só regresse para fazer a mala. — Fez uma cara triste. — Ela não é tão má como isso; provavelmente, vou ter saudades dela quando se for embora. Mas já passaram quatro semanas. Só para que conste.

Beth sorriu.

— Tu e a mãe deviam vir à Grécia quando a Laure se for embora. Sei que não podiam antes por causa do teu trabalho, mas agora tens tempo. Não te vejo nem à mãe há quase seis meses. Tenho saudades vossas.

— Provavelmente não tanto como eu e a tua mãe temos de ti. Decididamente, iremos, seria bom mudar de ares. Vou falar com a mãe sobre isso. Desculpa, Beth, já cheguei ao The Watershed. Tenho de me despedir. — Virou a câmara para que ela pudesse ver o *pub*. — O Hugh deve estar à minha espera.

— Gostas dele, não gostas?

— Gosto, ele e a Esme são o máximo. A Esme é exatamente do que a tua mãe precisa, uma amiga na vila.

— Não te tomo mais tempo, pai. Diverte-te, não te embebedes.

— Não me vou embebedar. Adoro-te.

— Também te adoro.

Encontrou Hugh ao balcão. Pediram cervejas e levaram-nas para o jardim.

— Tens saudades do centro de saúde? — perguntou Hugh, depois de ele e Gabriel terem confirmado um ao outro que estavam ambos bem e contentes por se ausentarem das respetivas casas por um tempinho.

Gabriel ficou surpreendido por ter de pensar na resposta.

— Não tanto como pensava — admitiu. — Os primeiros dias foram os piores, porque me sentia culpado por não estar lá. Não parava de pensar em como estariam a lidar com a situação, como estariam os meus doentes habituais. Mas, para ser sincero, há dias em que me esqueço que já fui

médico. É o jardim; dizem que a jardinagem é boa para a alma, e, no meu caso, é certamente verdade. Se não tivesse o jardim em que me focar, estaria desejoso de voltar ao trabalho. O que não seria necessariamente uma coisa boa.

Hugh acenou com a cabeça.

— Como é que o Joseph se está a sair?

— Bem. É um bom trabalhador — acrescentou Gabriel, tentando parecer generoso em vez de relutante no elogio.

— Sim, ele também é uma grande ajuda para mim. — Hugh bateu com o seu copo de cerveja no de Gabriel. — Um brinde à juventude.

Gabriel riu-se e bebeu um longo gole de cerveja.

— A Iris disse-me que ele se meteu num sarilho qualquer há uns meses. Foi muita bondade da vossa parte recebê-lo.

— Sim. Foi despedido da Jarmans por conduzir sob o efeito do álcool, e, com receio de que descarrilasse completamente, o pai da Esme pediu-nos para o acolhermos.

— Da Jarmans? — Gabriel reconheceu o nome de uma prestigiada empresa de paisagismo. — Andava a perguntar-me para quem teria trabalhado. Então, estás a gostar da vida na vila?

— É uma enorme mudança em relação à vida na cidade, mas uma mudança boa. E o melhor de tudo é que estamos suficientemente perto de Londres se quisermos ir lá passar o dia.

Ficaram um par de horas a pôr o mundo em ordem, e, no caminho para casa, Gabriel pensou que tinha um verdadeiro amigo em Hugh. Lembrou-se do que ele lhe contara sobre Joseph.

Não conseguia deixar de sentir que havia algo de evasivo em Joseph. Podia só trabalhar ao seu lado há dois dias, mas qualquer tentativa de conversa que Gabriel fizera não fora muito longe. Sentia-se tão intrigado que, quando voltou para casa, pesquisou a Jarmans no Google, a abanar mentalmente a cabeça para consigo. Joseph dificilmente apareceria no *site* deles, não se tivesse sido despedido. Provavelmente, empregavam centenas de jardineiros paisagistas, de qualquer forma. Em vez de procurar o nome de Joseph, deu uma vista de olhos aos projetos da empresa, perguntando-se em qual deles Joseph estaria a trabalhar quando espetou o carro numa árvore. Havia um clube de golfe, um parque de cidade e os terrenos de uma escola pública, St. Cuthbert’s, mesmo à saída de Winchester.

Gabriel fitou o ecrã. St. Cuthbert’s era o colégio que Charlie Ingram frequentara.

VINTE E DOIS

Iris levou para o terraço uma tigela de tomates maravilhosamente maduros e uma tarte de cebola acabada de sair do forno, pousou-as em cima da mesa e desceu o caminho na direção do jardim murado. Flores vermelhas — lobélias, avencas e salvas — projetavam-se dos canteiros para o caminho, com cores tão vivas que Iris se sentiu momentaneamente estonteada.

Parou por um momento, respirou fundo algumas vezes e de seguida continuou a andar. À entrada do jardim murado, parou e ficou a ver Joseph empurrar um carrinho de mão com pedras enormes para o canto onde estava planeado um canteiro de plantas alpinas e pegar nas pedras uma a uma, com os músculos dos braços a retesarem-se enquanto as punha ao lado de outras que já se encontravam ali. Iris esperou até ele ter colocado a última.

— O almoço está pronto! — disse.

Joseph endireitou-se e fez-lhe um sorriso tingido de alívio.

— Obrigado, Iris, estava a precisar de uma pausa.

— Está a ficar com ótimo aspeto.

— Só faltam mais cinquenta carrinhos de mão cheios de pedras. É pena que a Laure esteja hoje em Paris, podia ter ajudado — acrescentou, rindo-se. — Já tiveste notícias dela?

— Ainda não. Só deve ter chegado agora ao apartamento.

Dirigiram-se para o terraço, e Joseph foi à torneira lavar as mãos.

— O Gabriel não se vai juntar a nós? — perguntou, quando chegou junto a Iris, acenando com a cabeça para a mesa posta para dois.

— Foi à cidade fazer umas compras, portanto, não o espero de volta tão cedo.

Joseph puxou uma cadeira e sentou-se.

— Está com ótimo aspeto, Iris. Só estava a contar com uma sandes. Deste-te a muito trabalho. Até eu sei quantas cebolas é preciso descascar para preparar uma tarte de cebola.

Iris pegou num tomate e começou a cortá-lo. De repente, o sangue subiu-lhe à cabeça. Cega por um ataque de vertigens de fazer parar o coração, deixou cair a faca no chão.

— Estás bem? — A voz de Joseph, grave com preocupação, parecia vir de muito longe.

Iris acenou com a cabeça, de olhos fechados.

— Demasiado sol. Ontem estava sufocante em Londres, e hoje outra vez.

— Bebe um pouco de água. — Meteu-lhe um copo de água nas mãos. — E deixa-me fazer isso. — Estendendo a mão para o outro lado da mesa, tirou-lhe o tomate.

A mão de Iris tremia quando levou o copo aos lábios. Bebeu pequenos goles até se sentir novamente calma.

— Desculpa lá aquilo — disse, envergonhada. — Devia realmente usar um chapéu quando o sol está assim forte.

— Não precisas de pedir desculpa. Mas usar chapéu talvez seja uma boa ideia.

Iris deixou-o servir a tarte de cebola. Ainda mal tinham começado a comer quando Gabriel apareceu.

— Desculpem — disse. — Vão ter de esperar pelas vossas compras. Há tanto trânsito que voltei para trás. Vou lá ao fim da tarde, quando estiver tudo mais calmo.

Iris afastou-se da mesa, sem apetite.

— Olha, fica com o meu lugar. Não tenho fome, de qualquer maneira.

Mal ouviu os protestos do marido enquanto se dirigia para dentro de casa, e subiu as escadas até ao quarto. Deitou-se na cama, e o murmúrio das vozes deles embalou-a até adormecer.

*

Foi acordada pelo som do telemóvel a tocar. Olhou para o ecrã, meio grogue. Era Laure. Pegou no telemóvel.

— Laure. Como correu?

— Estou na Gare du Nord. — A voz de Laure estava carregada com lágrimas. — Consegui mudar o bilhete para um comboio mais cedo. Está a sair agora, por isso estarei em St. Pancras por volta das cinco e meia. Estive a ver os comboios de Waterloo e devo chegar a Markham às sete. Podes ir

buscar-me?

Iris consultou as horas. Eram três horas.

— Claro que sim. Mas, Laure, o que aconteceu? Porque é que já estás de volta?

— Ele não estava lá. O Pierre não estava lá.

— O que queres dizer com isso? Ias encontrar-te com ele no apartamento, não ias?

— Sim, à uma hora. Mas ele não apareceu. — Laure desatou a chorar ruidosamente.

— Não te preocupes, Laure, nós resolvemos isso — disse Iris, a tentar acalmá-la. — Avisa-me quando estiveres no comboio na estação de Waterloo, vou ter contigo à estação.

— Está bem. Obrigada, Iris.

Iris fechou os olhos por um momento. A necessidade de se acalmar era avassaladora. Respirou fundo algumas vezes e de seguida dirigiu-se à casa de banho e passou água pelo rosto. Enquanto o secava com uma toalha, avistou-se no espelho por cima do lavatório. Parecia que estava a olhar para uma desconhecida. Teve uma sensação estranha de deslocamento. Quem era ela, aquela mulher que a olhava nos olhos?

A ideia de que precisava de contar a Gabriel aquela última notícia trouxe-a de volta ao presente. Desceu as escadas; a mesa do almoço já fora levantada, e não havia sinal de Gabriel ou de Joseph. Abafando um suspiro, dirigiu-se para o jardim murado. Gabriel andava a evitá-la desde que o confrontara com a carta que ele recebera, mas não ia conseguir evitá-la naquele momento.

Estava sentado no banco, com os cotovelos nos joelhos, a olhar em frente, absorto. Iris sentiu uma súbita irritação; sim, a morte de Charlie tinha sido uma tragédia, mas decerto Gabriel deveria poder consolar-se com o facto de que, não fosse ele, Charlie teria morrido sozinho.

— Fica-te bem — disse ela, procurando uma forma delicada de iniciar a conversa antes de o atingir com a notícia de que Laure não se encontrara com Pierre.

Por um momento, pareceu confuso, mas de seguida lembrou-se de que trazia vestido o polo verde-garrafa que ela lhe comprara em Londres no dia anterior.

— Obrigado — agradeceu, sorrindo-lhe, e, por um momento, pareceu o

Gabriel de antes, pré-Charlie. — Foi simpático da tua parte comprares-nos presentes, a mim e à Laure.

— Fez-me sentir menos culpada por ter comprado tanta coisa para mim — disse ela a brincar, porque tinha regressado carregada de sacos de compras. — Por falar na Laure, ela acabou de telefonar.

Ele afastou-se no banco para lhe dar lugar.

— Como correu? Contou-te?

— O Pierre não estava no apartamento.

Gabriel virou-se para ela, com o sobrolho franzido a sulcar-lhe a testa.

— O que queres dizer? Ela ia encontrar-se com ele lá, não ia?

— Sim, à uma hora.

— E ele não estava lá?

— Foi o que a Laure disse. Estava a chorar tanto que não conseguiu realmente contar-me nada. Está de regresso.

Gabriel esfregou o queixo.

— Mas se já está a vir para cá, quanto tempo esperou? Talvez o Pierre tenha saído e ficado retido ou coisa do género.

— Se ele tivesse saído, teria telefonado para a avisar. E não me pareceu que o tivesse feito. Detesto dizê-lo, mas penso que teve receio de lhe contar a verdade. Sinto-me tão furiosa com ele! A Laure não merece isto.

Gabriel praguejou entre dentes e de seguida levantou-se.

— Certo, vou ligar-lhe. E insistir até ele atender.

— Boa sorte — disse Iris. Mas ele já se afastara.

Iris deixou-se ficar sentada, a preparar-se mentalmente para as consequências de Pierre não ter comparecido ao encontro. Sentia pena de Laure; ela pensara estar em vantagem ao aparecer sem bagagem, um sinal para Pierre de que não tencionava perdoar-lhe do pé para a mão. Mas não tivera público para o seu pequeno ato de desafio. Regressaria de mãos vazias e com o coração mais destroçado do que antes.

— Estás bem? — A voz de Joseph interrompeu-lhe os pensamentos.

Ela olhou para cima, pondo a mão em pala sobre os olhos para os proteger do sol.

— Sim, ótima, só estou preocupada com a Laure. O Pierre não apareceu, por isso ela está a regressar.

— Queres dizer que foi até Paris para nada? Porque é que ele não apareceu? Ela disse? — Levantou as mãos, com as palmas viradas para ela.

— Desculpa, não é da minha conta.

Iris escondeu a surpresa por ele saber tanto. Laure andara obviamente a fazer-lhe confidências.

— Acho que não teve notícias dele. Nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpas, nada.

— Isso é duro. Pobre Laure. Deve estar bastante perturbada.

Mais tarde, porém, quando Iris foi buscar Laure à estação, esta não estava tão em baixo como esperara.

— Vim a conversar com uma pessoa no comboio — explicou, empurrando os óculos de sol para o cimo da cabeça. — O homem sentado à minha frente viu que eu estava perturbada, e dei por mim a desabafar com ele. Ele disse que o Pierre obrigar-me a ir até Paris e depois não ter a delicadeza de aparecer significa que não tem uma intenção séria de consertar a nossa relação. Penso que tem razão.

— Então onde achas que o Pierre estava? — perguntou Iris, grata ao desconhecido por ter animado Laure.

— Não faço ideia. Pensei que podia estar em casa da Claire, portanto tentei ligar-lhe, mas ela não atendeu. Pensei em ir à casa dela, mas o Pierre já me humilhou o suficiente. Preciso de seguir em frente, de aceitar que o meu casamento acabou. — Virou os olhos para Iris. — Como é que pude interpretá-lo tão mal, Iris? Como me enganei tanto em relação ao Pierre? Nunca pensei que ele fizesse uma coisa destas, nem num milhão de anos.

— O Gabriel está a tentar telefonar-lhe — disse Iris, ligando a ignição.

— Não se devia incomodar. O Pierre fez a sua escolha, e agora preciso de fazer a minha. E escolho uma nova vida para mim.

Iris sentiu vontade de perguntar se seria em França ou Inglaterra.

VINTE E TRÊS

Era um daqueles momentos em que Gabriel sentia saudade dos telefones antigos que se podiam desligar com força para mostrar o aborrecimento em relação a alguém.

Do lado de Pierre, não importava realmente; saberia pela voz de Gabriel como estava zangado. Era Gabriel que precisava de uma manifestação física para a frustração que sentia. E contentou-se em atirar o telemóvel para cima da poltrona.

Pierre estava a agir de forma tão insólita que Gabriel temia que o amigo estivesse a ter um esgotamento. Não o teria julgado capaz de um comportamento tão cruel, sobretudo para com Laure. Sempre a idolatrara. Gabriel só podia supor que, da mesma forma que ele se sentia culpado em relação a Iris por lhe ter mentido, Pierre sentia-se tão culpado em relação a Laure que não era capaz de a encarar.

Suspirou. A única coisa que podia fazer perante a recusa de Pierre em falar com ele era voltar ao seu plano inicial de ir a Paris. Partiria na segunda-feira; não valeria a pena ir no dia seguinte, porque Pierre podia ter saído de Paris no fim de semana. Além disso, Hugh e Esme vinham almoçar.

Pelo menos, a necessidade de contactar Pierre dera-lhe uma desculpa para sair do jardim e afastar-se de Joseph. Antes, quando Iris se levantara da mesa do almoço de repente — pensara que era porque tinha voltado sem as compras, até Joseph mencionar que ela tivera uma tontura — aproveitara a oportunidade para descobrir se Joseph tinha trabalhado no contrato de St. Cuthbert’s antes de sair da Jarmans.

— O Hugh mencionou que trabalhaste para a Jarmans antes de vir para cá — disse, servindo-se de uma fatia da tarte de cebola que Iris confecionara.

Joseph pegou no copo e bebeu um gole, uma tática evidente para adiar a resposta, deduziu Gabriel.

— É verdade.

— Trabalhaste muito tempo lá?

— Cerca de três anos.

— Deves ter trabalhado em alguns projetos interessantes.

— Sim, trabalhei.

Fora como arrancar sangue a uma pedra. Mas não o dissuadira de insistir.

— Quando decidi fazer alguma coisa com o jardim murado, dei uma olhadela ao *site* da Jarmans — disse, consciente da mentira que estava a contar. — Mas, quando vi que um dos contratos atuais eram os jardins de um colégio, apercebi-me de que o meu projeto talvez fosse demasiado pequeno para eles o tomarem em consideração.

— Eras capaz de ter uma surpresa se os contactasses. Alguns dos nossos contratos eram de projetos bastante pequenos.

— És da zona de Winchester. — Gabriel deu a entender que era algo de que só se tinha apercebido naquele momento. — O colégio mencionado no *site* deles... penso que se chama St. Cuthbert's... fica em Winchester. Foi um dos projetos em que trabalhaste?

— Não. O meu último trabalho com eles foi para um particular.

— Certo.

Teve de engolir a desilusão. Se Joseph tivesse trabalhado em St. Cuthbert's, Gabriel poderia ter mencionado Charlie. Porém, mesmo que tivesse trabalhado no projeto do colégio, a probabilidade de conhecer Charlie seria reduzida. Devia haver centenas de estudantes num colégio como St. Cuthbert's, e, como jardineiro paisagista a trabalhar nos jardins, Joseph teria tido pouco contacto com eles.

Pondo de lado os pensamentos sobre Joseph, tirou o telemóvel da poltrona e ligou uma última vez a Pierre. A chamada foi para o correio de voz, e, com um suspiro de irritação, Gabriel desligou sem deixar mensagem.

VINTE E QUATRO

— Reparaste como a Laure estava uma pilha de nervos esta noite? — perguntou Iris, depois de Laure se ter ido deitar. — Quase febril.

— É compreensível — disse Gabriel, levando os copos de vinho vazios para o lava-louça e passando-os por água. — Está furiosa.

Como Iris não disse nada, virou-se para ela.

— O que se passa?

— Vais pensar que não é nada.

— Mas diz-me, de qualquer maneira.

— É só que, quando a Laure voltou, não trazia vestida a mesma roupa de quando saiu esta manhã.

Gabriel fez um sorriso irónico.

— Não é algo em que eu reparasse. Mas talvez tenha mudado de roupa quando chegou ao apartamento.

— Foi o que pensei. Mas, quando a elogiei pelo vestido, disse-me que o tinha comprado enquanto esteve em Paris. E o casaco de malha. Até as sandálias eram novas.

— Suponho que lhe apeteceu mimar-se. — Iris franziu a testa, e Gabriel levantou as sobrancelhas. — O que é que não estou a perceber?

— Ela disse que comprou a roupa antes de apanhar o Eurostar de regresso a Londres. Mas, quando me telefonou da Gare du Nord, estava muito perturbada.

— E?

— Eu não iria às compras se estivesse muito perturbada.

— Hum. — Gabriel pensou por um momento. — Talvez só tenha ficado perturbada depois? Sabes... saiu do apartamento zangada, foi comprar alguma coisa para se animar e depois, quando chegou à estação, capacitou-se de tudo o que tinha acontecido, especialmente quando ouviu a tua voz.

Iris acenou com a cabeça.

— És capaz de ter razão.

Gabriel olhou para a porta e baixou a voz.

— Vou a Paris na segunda-feira, mas não quero que a Laure saiba.

— Está bem. Mas porque não?

— Porque, da última vez que estava para ir, penso que ela contou ao Pierre, apesar de eu lhe ter pedido para não o fazer. E penso que foi o que o levou a dizer à Laure que queria vê-la.

— Então, talvez ele não tencionasse comparecer ao encontro — disse Iris, pensativa. — Talvez tenha sido uma tática para te impedir de ires lá. A Laure acha que ele estava em casa da Claire. Está convencida de que o Pierre é o pai da Mathilde.

— O que achas tu?

— Como já disse, encaixa. — Fez uma pausa. — Se não vais dizer à Laure que vais a Paris, terás de inventar um lugar aonde tenhas de ir, senão ela vai perguntar-se onde estás. Podes dizer que tens uma reunião no centro de saúde para falar sobre quando vais voltar ao trabalho. — Ele pareceu surpreendido. — Já estás de baixa há seis semanas, Gabriel, portanto, é uma desculpa credível.

— Será mesmo? Sim, suponho que deve ser. — Por um momento, pareceu um animal encurralado.

— Vais apenas fingir à Laure que tens uma reunião — disse Iris delicadamente. — Não tens de pensar em voltar ao trabalho ainda.

— Concordei em tirar uns dois meses porque era o que achava que ia precisar. Mas não estou pronto para regressar ao trabalho, não daqui a duas semanas. Há demasiadas coisas a acontecer, o Pierre, e agora esta coisa da Maggie querer encontrar-se comigo...

Parou lentamente de falar. Era a primeira vez que mencionava Maggie desde que Iris o tinha confrontado com a carta, na terça-feira passada.

— Não há problema, Gabriel — tranquilizou ela. — Podes tirar o tempo que quiseres, eles próprios o disseram.

Gabriel acenou com a cabeça, mas ela podia ver como ficara abalado com a perspetiva de voltar ao trabalho.

— Já decidiste sobre a Maggie? — Uma expressão fechada estampou-se no rosto dele. — Não podes recusar-te a vê-la, Gabriel.

— Tecnicamente, posso — respondeu ele. E sem outra palavra, saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

VINTE E CINCO

Iris olhou pela janela da cozinha e viu o fim de uma tarde de domingo perfeita; Gabriel e Hugh sentados juntos à mesa, Gabriel a rir-se de algo que Hugh lhe estava a contar; Esme esparramada numa espreguiçadeira à sombra da macieira, com uma mão protetora em cima da barriga, o chapéu de palha a proteger-lhe o rosto dos dedos de luz que se espetavam por entre os ramos. Só faltava Laure, que se deitara ao sol durante uma hora logo a seguir do almoço e depois fora deitar-se com uma dor de cabeça colossal.

Não fora só o sol que causara a dor de cabeça de Laure, Iris sabia-o. Antes do almoço, bebera um par de gins tónicos e, durante o almoço, vários copos de vinho branco antes de passar ao tinto. Iris não a censurava por querer afogar as mágoas. Estava a tentar aparentar que não se sentia afetada, mas a sua atitude de *já não quero saber do Pierre* era apenas uma tentativa de autopreservação. Por dentro, devia estar destroçada.

Iris pôs uma cafeteira no tabuleiro, pronta para a levar para o jardim. Estava quase a sair para o terraço quando ouviu a voz de Joseph. Ficou paralisada, mexendo apenas os olhos a perscrutar o jardim. Ele estava lá, a falar com Esme. Iris voltou rapidamente para a cozinha e, com as mãos trémulas, pousou o tabuleiro na bancada.

— Controla-te, Iris — sibilou. Mas havia uma imagem que não conseguia tirar da cabeça.

No dia anterior, depois de ter ido buscar Laure à estação, deixara-a a falar com Gabriel e fora procurar Joseph para o convidar para almoçar no dia seguinte. Quando se dirigia para o jardim murado, ouviu o som de água a correr vindo de trás do barracão e pensou que ele estava a lavar as mãos. Em vez disso, encontrara-o completamente nu debaixo de um chuveiro improvisado que tinha montado prendendo a mangueira num gancho de ferro grande.

O seu primeiro impulso fora retirar-se. Mas algo a impedira. Joseph não a

vira; os seus olhos estavam fechados e tinha a cabeça inclinada para trás debaixo da água que caía em cascata sobre ele. Hipnotizada pela sua presença física, os pés dela recusaram-se a mover-se. Não era a primeira vez que via um homem nu, mas era a primeira vez que via um tão belo como Joseph. Foi só quando ele levantou a mão para eliminar a água do cabelo que conseguiu afastar-se.

Pensar naquilo nesse momento fazia-lhe arder as faces. Deu a si mesma um momento e, de seguida, tirou outra chávena do armário, pegou no tabuleiro e saiu para o jardim. Joseph juntara-se a Gabriel e Hugh à mesa, e, quando ela se aproximou, ele olhou para cima.

— Olá, Joseph! — Iris cumprimentou-o casualmente.

— Iris. — Levantou uma mão, pondo-a em pala sobre os olhos. — Espero que não te importes que tenha passado por aqui, mas precisava de falar com o Hugh sobre uma coisa.

Iris pousou o tabuleiro.

— Não há problema nenhum. — Arriscou-se a fitá-lo, e, com um esforço, sustentou o seu olhar. — Tens tempo para um café?

Ele hesitou, e Hugh interveio.

— Sim, tem. — Olhou para Joseph. — Disseste que tinhas estancado a fuga por agora, portanto toma um café, e eu volto contigo, e podemos dar uma olhadela juntos.

Puxou Esme da espreguiçadeira e instalaram-se à volta da mesa, com Joseph ao lado de Iris. Ela não conseguia evitar ter consciência do calor que emanava do corpo dele. O sol estava fortíssimo; uma gota de suor formou-se-lhe entre os seios, e ela apertou o tecido do vestido contra o peito para a absorver.

— Como está a Laure? — perguntou Joseph em voz baixa enquanto Gabriel servia o café.

— É difícil dizer.

— Ela conseguiu falar com o Pierre, sabes porque não apareceu?

— Ninguém conseguiu falar com ele, por isso não sabemos o que aconteceu, o que o fez mudar de ideias quanto a vê-la — respondeu Iris. — Não estou a defender o Pierre, mas é óbvio que ele está a passar por alguma espécie de crise. Normalmente, nunca se comportaria desta forma.

— É impossível não ter pena da Laure, cheia de esperanças, apenas para as ver cair por terra. Tem sorte em ter-vos, a ti e ao Gabriel.

Gabriel virou-se para eles.

— Será que ouvi o meu nome? — perguntou, e Iris sentiu uma pontada de irritação com a interrupção.

— Estava a dizer que a Laure tem muita sorte por vos ter, a ti e à Iris, a olhar por ela — explicou Joseph.

— Trata-se de fazer o que está certo — disse Gabriel, um pouco pomposo, pensou Iris. — A Laure é como se fosse da família, estaríamos sempre aqui para a ajudar.

Iris não conseguiu conter-se.

— Por falar em fazer o que está certo, já decidiste se vais ou não encontrar-te com a mãe do Charlie?

Gabriel fitou-a com tal incredulidade que Iris desejou poder retirar as palavras. O silêncio desconfortável foi quebrado por Esme, que pousou a mão no braço de Gabriel.

— Não tens de falar sobre isso se não quiseres. Mas talvez possamos ajudar?

As mãos dele cerraram-se, e, por um momento, Iris pensou que iria levantar-se da mesa. Mas depois deixou descair os ombros.

— Recebi uma carta da terapeuta que está a ajudar a mãe do Charlie a lidar com o luto. Ao que parece, ela... a mãe do Charlie... quer encontrar-se comigo.

— Como te sentes em relação a isso? — perguntou Hugh com tato.

— Não sei. — Gabriel esfregou o queixo. — Quero dizer, não vejo que bem faria. Seria doloroso para nós os dois.

— Mas talvez vos desse alguma espécie de desfecho — interveio Iris, repetindo o que dissera quando ela e Gabriel tinham falado pela primeira vez sobre o assunto.

— Não estou a ver como pode alguma vez ser encerrado. Nem um nem o outro vamos propriamente esquecer o Charlie.

— Mas é compreensível que a mãe dele queira conhecer a pessoa que estava com o filho quando ele morreu — persistiu Iris.

— Do ponto de vista de uma mãe, eu quereria, se estivesse no lugar dela — disse Esme delicadamente. — Só para te agradecer por estares presente, por o meu filho não ter morrido sozinho.

— Ela já transmitiu os seus agradecimentos, através da polícia. De qualquer modo, não preciso de que ela me agradeça, não fiz nada.

— Possibilitaste que ele dissesse à mãe que a amava — disse Iris. — Isso é importantíssimo.

Gabriel olhou para ela com tal repugnância que a fez estremecer. Não sabia porquê, mas fora longe de mais.

— Não há qualquer obrigação de conheceres a mãe dele, pois não? — perguntou Joseph, quebrando outro silêncio desconfortável.

Gabriel ficou com o ar de alguém a quem atiraram uma tábua de salvação.

— Não, não há obrigação.

— Então para de te pressionar. Faz o que é melhor para ti.

Iris franziu a testa.

— Não deveria pensar antes no que é melhor para uma mãe que perdeu o filho? — Houve um clarão de pânico nos olhos de Gabriel. — Peço desculpa — apressou-se a dizer. — Não devia ter abordado isto. Podemos mudar de assunto?

— Boa ideia. — Hugh deu uma palmada no ombro de Gabriel. — E se tu e o Joseph me mostrassem como está a avançar o projeto do jardim murado?

Iris esperou que eles se afastassem.

— Não devia ter dito nada — gemeu, pondo a cabeça entre as mãos. — É só que não posso crer que o Gabriel se esteja a recusar a encontrar-se com a mãe do Charlie. Parece-me cruel. E o Gabriel não é cruel, é o homem mais bondoso que conheço.

— Para de te martirizar — disse Esme com firmeza. — Provavelmente, ajudou-o ouvir algumas opiniões. — Fez uma pausa. — Tenho andado para perguntar... adorava que me ajudasses a escolher os estofos e os cortinados e os esquemas de cores da casa. Como cliente, claro. É algo em que estarias interessada?

Iris sentiu um calor alastrar-lhe pelo corpo.

— Decididamente.

— Sei que estás à espera de um contacto quanto à casa da cidade. Pensei que poderia preencher-te o tempo enquanto esperas.

— Sim, obrigada.

— Ótimo. — Esme sorriu-lhe. — Talvez pudéssemos passar um dia em Londres juntas a ver mobília para o quarto do bebé. Tens algum dia livre esta semana?

— Que tal quinta-feira?

— Por mim, pode ser.
— Perfeito — disse Iris.
E seria — desde que Laure não pedisse para as acompanhar.

VINTE E SEIS

Gabriel observava o campo francês a correr a alta velocidade, contente por passar o dia longe de casa.

Longe de Iris também. Ainda não conseguia perceber porque falara de Maggie no almoço do dia anterior. Sabia que estava frustrada com ele — mas o que esperava? Que toda a gente ficasse do lado dela e lhe dissesse que tinha de se encontrar com a mãe de Charlie? Não fora o que acontecera. Embora Esme parecesse pensar que ele devia encontrar-se com Maggie, Joseph dissera que ele devia fazer o que era melhor para si próprio, e Hugh permanecera neutro.

No fundo, Gabriel sabia que teria de se resignar a fazê-lo, porque Iris tinha razão. Apesar do que Joseph dissera, ele precisava de fazer o que era melhor para Maggie, não o que era melhor para si mesmo.

A chegada iminente à Gare du Nord foi anunciada. Gabriel tirou o saco de viagem do porta-bagagem e meteu os auscultadores no bolso, simultaneamente empolgado e apreensivo por ir ver o amigo. A estação ficava a trinta minutos a pé do apartamento de Pierre e Laure, e, como eram só cinco horas e Pierre não chegaria a casa antes das sete, Gabriel parou num café na Place de la Republique e sentou-se na esplanada com um café à frente.

Enquanto via o mundo passar, os seus pensamentos voltaram a Maggie. No comboio, delineara um plano. Se tudo o que ela queria fazer era agradecer-lhe e ouvi-lo relatar os últimos momentos de Charlie, ele manteria o *Diga à minha mãe que a adoro*. Se ela insistisse que Charlie nunca teria dito tal coisa, dir-lhe-ia que Charlie não dissera nada, mas que ele inventara a mentira na esperança de que pudesse reconfortá-la. Se Maggie aceitasse uma dessas versões e se fosse embora mais feliz, ele sentir-se-ia absolvido.

Com o café bebido, Gabriel dirigiu-se a Oberkampf, a zona onde viviam

Pierre e Laure, parando numa *boulangerie* para comer um *pain au chocolat*. Sentia-se surpreendentemente descontraído, considerando o que o esperava, porque não tinha dúvidas de que qualquer conversa com Pierre seria difícil.

Chegou ao prédio de Pierre e Laure. Como o código da porta exterior não mudara, não teve de pedir a ninguém que o deixasse entrar no prédio. Lançou um olhar às filas de caixas de correio que se encontravam na parede do lado esquerdo do átrio, carregou no botão de abertura da porta interior e subiu as escadas para o primeiro andar. Nunca percebera porque os seus amigos tinham escolhido viver num prédio tão estéril, quando podiam ter comprado um apartamento num dos belos edifícios da avenida principal.

No primeiro andar, tocou à campainha. Como esperava, não houve resposta, portanto, sentou-se no chão para esperar, encostado à parede. Pegou no telemóvel e preparou-se para passar a hora seguinte a pôr-se a par das notícias, que eram cada vez mais deprimentes. Sempre que ouvia o estalido da porta da rua a abrir-se, levantava a cabeça, na esperança de ouvir os passos de Pierre nas escadas. Em vez disso, escutava o zumbido do elevador a descer em resposta ao botão de chamada no átrio lá em baixo.

As sete horas chegaram e passaram. Gabriel mudou de posição, esticando as pernas à sua frente. As dúvidas começavam a instalar-se. E se Pierre tivesse um jantar nessa noite? E se, como Laure suspeitava, estivesse com Claire ou com quem quer que fosse a mãe do seu filho? Na ausência de Laure, poderia ter ido viver com ela. Amaldiçoou o amigo entre dentes. *Espero bem que não me decepciones, Pierre. Espero bem que apareças.*

A porta da rua abriu-se de novo, e dessa vez Gabriel ouviu alguém subir as escadas. Pôs-se de pé, mas o homem que apareceu não era Pierre, e, depois de um *Bonsoir* de curiosidade, continuou pelo corredor e subiu para o segundo andar, daí para o terceiro. Houve o chocalhar distante de chaves, seguido do som de uma porta a fechar-se. Logo a seguir, silêncio.

Eram oito horas. Se Gabriel tivesse as chaves do apartamento, talvez se tivesse sentido tentado a entrar e esperar lá. Mas não se lembrara de as trazer; uma coisa era entrar no apartamento de Laure e Pierre com a permissão deles, outra completamente diferente era entrar sem o conhecimento deles.

Gabriel olhou em redor. Havia mais cinco apartamentos naquele andar do prédio, e ele sabia, pelas conversas com Pierre e Laure, que não conviviam com os vizinhos. Fora a razão pela qual tinham optado por morar num

edifício tão impessoal, dissera Pierre em tom de brincadeira. Não queriam viver no tipo de prédio onde os vizinhos andavam sempre a entrar e a sair das casas uns dos outros. Nesse sentido, Pierre era um enigma. Quando tinha de conviver, fazia-o muito bem; falava com toda a gente na sala e, de um modo geral, animava qualquer festa. Mas não tinha nenhum interesse em conversas de circunstância, e, normalmente, não falava com quem não conhecesse. Um extrovertido introvertido, supunha Gabriel.

Num par ocasiões, quando ele e Iris estavam a usar o apartamento, tinham-se cruzado com a senhora idosa que vivia em frente. Gabriel levantou-se, sacudiu a roupa e foi tocar à campainha da porta.

Durante algum tempo, o único som que se ouviu no interior foi o da televisão, com o volume tão alto que Gabriel percebeu que ela estava a ver as notícias. Por fim, ouviu alguém do outro lado da porta e adivinhou que ela estava a olhar pelo óculo para ver quem ali se encontrava. Ouviu-se um tilintar de ferrolhos, e a porta entreabriu-se.

— Peço desculpa pelo incómodo — começou por dizer Gabriel, baixando-se para que ela pudesse ver-lhe o rosto. Falava um francês razoável, e a pergunta que tinha para fazer não era difícil, portanto continuou. — Estou à procura do Pierre. — Apontou para a porta do apartamento de Pierre e Laure.

Ela acenou com a cabeça e ele soube que ela o reconhecera.

— Já não o vejo há algum tempo — disse ela. — A mulher dele esteve cá no sábado, vi-a entrar no apartamento. Mas não o vi a ele.

— Quando foi a última vez que o viu?

Ela pensou um pouco.

— Na semana passada, quando desci para levar o lixo para o contentor no pátio. Estava de saída. — Fez uma pausa. — Já não via a mulher dele há algum tempo, até sábado passado.

— Está connosco, em Inglaterra.

— Ah! — Passou-lhe um sorriso no rosto.

Gabriel pensou se devia pedir-lhe para dizer a Pierre, se o ouvisse chegar mais tarde nessa noite, que andava à procura dele. Mas não queria incomodá-la.

— Se o vir, digo-lhe que esteve aqui — disse ela, como se tivesse adivinhado o debate interior dele.

Gabriel sorriu.

— Obrigado. Desejo-lhe uma boa noite.

Esperou até ela fechar a porta e, de seguida, pegou no telemóvel e ligou a Pierre. A chamada foi diretamente para o correio de voz. *Pierre, sou eu, o Gabe. Estou em Paris, à porta do teu apartamento. Podes ligar-me para me dizeres a que horas voltas?* Pelo sim pelo não, enviou mais ou menos a mesma mensagem para o WhatsApp de Pierre.

Havia uma cervejaria do outro lado da rua. Atravessou, escolheu um lugar na esplanada e pediu *steak frites* e um copo de vinho tinto. Foi servido tão rapidamente que teve de prolongar a refeição pedindo uma sobremesa e depois um café. Às nove e meia, sem sinal de Pierre a entrar no prédio e nenhuma mensagem dele, Gabriel resignou-se a passar a noite num hotel. No dia seguinte, dirigir-se-ia ao local de trabalho de Pierre e confrontá-lo-ia lá.

VINTE E SETE

Iris pegou no telemóvel. Gabriel telefonara-lhe no dia anterior à noite para lhe dizer que Pierre não estava no apartamento e que ia passar a noite em Paris.

— Amanhã de manhã, vou ao escritório dele — dissera. — Não saio de Paris enquanto não souber onde ele está.

— Está com a Claire — declarara Laure, quando Iris lhe contou.

— Não sabes isso. Mas, se deres a morada ao Gabriel, ele pode ir lá ver, se quiseres.

Laure abanara a cabeça.

— Só ia piorar as coisas.

— Viste-o? — perguntou ela agora a Gabriel. — O Pierre?

— Não.

— Porquê?

— Espera um pouco e conto-te tudo. Então, fui ao local de trabalho dele esta manhã, como disse que faria, e perguntei por ele na receção. A rececionista ligou para a extensão dele, e um dos colegas atendeu e disse que o Pierre estava de férias. Perguntei se sabia para onde tinha ido, e, claro, ele mostrou-se relutante em me contar, até lhe dizer que era um velho amigo do Pierre e que estava preocupado porque havia semanas que não conseguia falar com ele. Acrescentei que a mulher dele estava connosco em Inglaterra, e que eu tinha vindo a Paris para o tentar encontrar, e, por fim, um dos colegas de trabalho do Pierre, o Arnaud, o chefe dele, penso eu, veio falar comigo.

— O que é que ele disse? — perguntou Iris com impaciência.

— Disse que só tinha acedido a falar comigo porque reconhecera o meu nome. Ao que parece, o Pierre tem-nos mencionado ao longo dos anos. Basicamente, disse que era óbvio para toda a gente no escritório que o Pierre estava a passar por uma crise qualquer, porque se tinha tornado muito

retraído. Não se abria com ninguém, mas um dos colegas dele frequentava os mesmos círculos que a amiga da Laure, a Victoire, e ela tinha ouvido dizer que a Laure tinha partido de Paris há várias semanas e estava algures em Inglaterra. Isso levou-os a deduzir que havia problemas no casamento.

— Suponho que não perguntaste ao Arnaud se ele sabia alguma coisa sobre o Pierre ter uma filha?

— Não, porque não queria ser indiscreto... e porque nem sequer tenho a certeza de que seja verdade.

— O que queres dizer?

— Bom, se pensarmos bem, só ouvimos isso da Laure. E se não for verdade? E se não houver uma filha, e se a Laure tiver inventado tudo para encobrir outra coisa?

Iris sentiu que franzia a testa.

— Como o quê?

— Não sei. Mas e se ela saiu de casa, não por causa de alguma coisa que o Pierre fez, mas por causa de alguma coisa que ela fez?

— Não. — Iris abanou a cabeça. — A Laure não nos mentiria. — Fez uma pausa. — Achas que mentiria?

— Talvez. — A incerteza pairou no ar por um momento. — De qualquer modo, parece que o Pierre enviou uma mensagem ao Arnaud a dizer que lamentava, mas que tinha decidido tirar uns dias e que estaria de volta ao escritório na segunda-feira, dia trinta e um de julho.

— Quando foi isso?

Ouviu Gabriel respirar fundo.

— Sexta-feira à tarde. — Parecia quase triunfante.

Iris demorou um momento a compreender a implicação daquela data.

— Então, quer dizer que ele não tencionava estar lá no sábado para se encontrar com a Laure?

— Penso que tencionava lá estar, mas depois, como disseste, ficou com dúvidas. Esteve no escritório na sexta-feira de manhã, mas não regressou depois da hora de almoço. O Arnaud não ficou muito surpreendido com a mensagem do Pierre porque, ainda nessa manhã, tinha estado a convencê-lo a tirar uns dias de férias. Não estava à espera de que fosse tão imediato, mas não se importou.

— Disse para onde o Pierre tinha ido?

— Não, mas penso que deve estar na Bretanha, e o Arnaud também acha o

mesmo. É para lá que ele vai sempre que quer afastar-se de tudo.

— É verdade. Então, o que vais fazer? Vais à Bretanha? A Laure talvez saiba onde ele costuma ficar.

— O Pierre deixou bem claro que não me quer ver. Deve ter lido as minhas mensagens a dizer-lhe que estou aqui, e também lhe deixei umas mensagens de voz. Portanto, não, não vou à Bretanha. — Hesitou. — Estive a pensar... E se ele estiver aborrecido connosco por termos deixado a Laure ficar em nossa casa durante tanto tempo? E se acha que estamos a tomar partido? Se a história de ele ter uma filha for uma mentira rematada e os problemas deles forem por causa de alguma coisa que a Laure fez, talvez pense que estamos a sancionar o comportamento dela.

— Nunca pensei nisso. Mas, se a Laure tiver inventado tudo, como podemos descobrir? Não conhecemos nenhum dos outros amigos deles. Encontrámo-nos com alguns deles uma vez, na festa dos quarenta anos do Pierre, mas não sei onde nenhum deles vive. Curiosamente, perguntei à Laure se ela queria que fosses à casa da Claire, para veres se o Pierre estava lá. Mas ela disse que isso só iria piorar as coisas.

— Interessante. A única coisa que podemos fazer é perguntar à Laure sobre a suposta filha dele. Se for mentira, ela vai acabar por meter os pés pelas mãos. Acontece sempre aos mentirosos.

VINTE E OITO

Iris enfiou os pés nas sapatilhas e saiu silenciosamente pela porta da frente. Ainda só eram seis e meia da manhã, mas tivera uma noite conturbada. Ia a Londres mais tarde com Esme, e precisava de ter a cabeça desanuviada.

Saltou por cima da cancela que dava para o campo e seguiu por um dos caminhos da colina. Era muito mais íngreme do que qualquer dos seus percursos de corrida habituais, mas a vista lá de cima era espetacular. Quando estava quase a chegar ao cume, encontrou um penedo bem localizado e sentou-se de frente para o sol da manhã. De onde se encontrava, podia ver a parte da vila onde moravam, com a pedreira atrás, os campos em frente e o bosque que ficava à direita. Seguiu com o olhar a faixa de estrada que passava ao lado do lago dos patos e da casa de Esme e Hugh até ao *pub* The Watershed. Reinava uma paz absoluta. Uma onda de depressão apoderou-se dela; a beleza da cena que via apenas acentuava a fealdade que sentia interiormente.

Laure estava com eles havia seis semanas, e, a dado momento, durante essas seis semanas, Iris perdera o rumo. Antes, sabia quem era: Iris Pelley, mulher de Gabriel, mãe de Beth, melhoradora de casas. Mas as coisas tinham mudado. Ainda era a mulher de Gabriel, mas não da mesma forma que antes. O lado físico da relação desaparecera, e a rejeição do marido estava a ter repercussões que ela achava alarmantes. Nunca fantasiara com ninguém, mas nos últimos tempos os seus sonhos eram assombrados por Joseph. Para ser sincera, até dava por si a sonhar acordada com ele. Fazia-a sentir-se envergonhada, porque amava Gabriel, o que deveria ter sido suficiente. Mas não era, já não era.

Se ela e Joseph não tivessem começado o seu ritual matinal de acenar um ao outro, talvez ele não lhe ocupasse tanto os pensamentos. À primeira vista, era bastante inocente. Começara na semana anterior, na terça-feira de manhã, quando ela lançara um olhar casual pela janela do quarto e o vira de

pé no jardim, a fitar a casa. Ficara a observá-lo por um momento, perguntando-se em que estaria a pensar. Estaria a contemplar a elegância da casa, com o sol a trepar pelo telhado de ardósia cinzenta? Estaria a imaginar como seria viver nela, ser seu proprietário? Foi só quando ela se aproximou da janela e lhe fez um pequeno aceno que se quebrou o feitiço que a casa lhe lançara. Ele levantou a mão a retribuir o aceno e, de seguida, dirigiu-se para o barracão para se preparar para o dia de trabalho.

Iris pensara que fora um caso isolado, portanto, ficara surpreendida ao vê-lo exatamente no mesmo lugar quando chegou para trabalhar na quinta-feira. Mais uma vez, ela acenou, mais uma vez ele retribuiu o aceno. Chegado o sábado, ele estava lá outra vez, e ela observou-o subrepticiamente por trás da cortina por uns instantes, perguntando-se quanto tempo ficaria ali parado, quanto tempo esperaria que ela acenasse. Um bom bocado, ao que parecia, porque passou pelo menos um minuto até ela se deixar ver. Apesar de ele estar bastante longe da casa, percebera que estava a sorrir, como se soubesse que ela o tinha feito esperar. E dois dias antes, na terça-feira, tinham repetido todo o ritual. Ela não sabia ao certo o que significava ou se significava alguma coisa. Era apenas um aceno — mas dava-lhe um estremecimento de excitação. Era apenas um aceno, mas dava a sensação de ser uma coisa ilícita, íntima.

E depois havia Beth. Embora Iris tivesse acabado por aceitar que nunca teriam uma relação próxima de mãe e filha, a distância física entre elas — porque Beth estava na Grécia — fizera aumentar essa distância emocional. Foi só naquele momento, com a brisa fresca que agitava o ar em volta, que Iris finalmente reconheceu o seu desapontamento quando Beth lhes dissera que ia passar um ano na Grécia antes de entrar para a universidade e que só regressaria em agosto do ano seguinte. As três semanas que Beth passaria com eles no princípio de setembro, antes de entrar na universidade, seriam ocupadas com visitas aos amigos antes de cada um seguir o seu caminho, deixando muito pouco tempo para ela e Gabriel. Talvez fosse umas vezes às compras com Beth, mas seria só isso.

E Laure. Tinham passado duas semanas desde que ela regressara de Paris, e, para consternação de Iris, parecia não fazer qualquer tenção de alguma vez regressar. Pelo contrário, instalara-se ainda mais na vida deles, decidindo ajudar no jardim murado, como se tivesse pressentido a vontade que tinham de que ela partisse e estivesse a tentar tornar-se indispensável.

— A Laure disse-te alguma coisa sobre ir-se embora? — perguntara Gabriel na outra noite.

— Não. Tentei averiguar, perguntei-lhe se tinha feito planos, e ela respondeu-me que, de momento, queria viver um dia de cada vez.

— Por quanto tempo? Uma semana, um mês, um ano? Porque é que ela não pode viver um dia de cada vez no apartamento de Paris? Não é como se não tivesse para onde ir...

Iris pousara-lhe uma mão apaziguadora no braço.

— Vamos dar-lhe mais duas semanas. Se não der sinais de que está a seguir em frente, nessa altura podemos pedir-lhe que se vá embora.

— Ela desistiu mesmo do Pierre?

— Penso que sim. Está convencida de que ele anda a brincar às famílias felizes com a Claire e a filha. Ao que parece, o dia em que ele enviou a mensagem para a empresa a dizer que ia tirar o mês de julho inteiro de férias era o primeiro das férias escolares de verão.

Recordando-se daquela conversa, Iris suspirou. Embora fosse um alívio não ter Laure constantemente ao seu lado — era Gabriel que tinha de a aturar agora —, tornava-se evidente que a sua carga de trabalho era cada vez mais reduzida. Graças a Deus tinha a encomenda de Esme, porque não houvera notícias de Samantha Everett sobre a casa de Londres. Beth aconselhara-a a dar um empurrãozinho a Samantha, mas a verdade era que, enquanto não houvesse notícias, havia esperança, e Iris precisava de um pouco de esperança na sua vida.

Umas lágrimas repentinas picaram-lhe as pálpebras. Pestanejou para as conter; não era um bom momento para se ir abaixo. Fechou os olhos e deixou que o silêncio a envolvesse.

Quando Iris regressou a casa, Gabriel estava na cozinha a fazer café.

— Levantaste-te cedo — disse ele, erguendo as sobrancelhas.

— Não conseguia dormir, por isso fui dar uma volta.

— Porque não voltas para a cama por um bocado?

Iris tirou pão do armário e pôs duas fatias na torradeira.

— Não posso, vou a Londres com a Esme.

— Parece que a Laure vai ficar aqui sozinha, então.

— Porquê, aonde vais?

Gabriel estendeu o braço atrás dela para pegar na chaleira.

— Pensei em fazer uma pausa na jardinagem e ir dar um passeio de bicicleta o dia todo, encontrar um *pub* para almoçar e só depois voltar para casa. Apetece-me sair, passar algum tempo sozinho. Isto por aqui anda um bocado cheio de gente.

— Percebo o que queres dizer. Não te esqueças de levar bastante água; vai estar calor.

Ele partiu a seguir ao pequeno-almoço, e Iris foi para o andar de cima para se arranjar. Eram quase nove horas, e ficara de ir buscar Esme às nove e meia para poderem apanhar o comboio das nove e quarenta e cinco para Londres. No quarto, aproximou-se à socapa da janela e espreitou para fora. Veio-lhe um calor às faces. Joseph estava na sua posição habitual.

O telemóvel tocou. Virando-se para a mesa de cabeceira, pegou nele e olhou para o ecrã. Era Esme.

— Iris, desculpa, esperei o máximo de tempo possível para te telefonar, na esperança de me sentir melhor, mas não sinto. Parece que apanhei um vírus qualquer, estive maldisposta toda a noite. Lamento muito, mas não vou poder ir a Londres.

— Oh, não, isso é horrível — disse Iris, imediatamente preocupada. — Há alguma coisa que possa fazer? O Hugh está por aí?

— Ele vai visitar o irmão hoje, mas não há problema. Lamento imenso dececionar-te.

— Não sejas tonta, está tudo bem.

— Vais na mesma, não vais?

— Oh... não sei.

— Espero que vás. Ficar-te-ia muito grata se tirasses fotografias de tudo o que te parecer que me possa agradar.

— Sim, posso fazer isso. Ou podemos adiar a ida até te sentires melhor.

— Podíamos, mas gostava de adiantar trabalho antes que o bebé chegue.

Iris franziu a testa; não era típico de Esme estar stressada.

— Está bem, então eu vou.

— Talvez a Laure possa ir contigo.

— Boa ideia, eu pergunto-lhe. Tens a certeza de que não há nada que eu possa fazer?

— Não, a sério, fico bem. Estive acordada toda a noite, por isso espero que o pior já tenha passado e que consiga dormir um pouco. — Riu-se. — Quase vale a pena, para poder passar o dia inteiro na cama.

— Aproveita ao máximo. Telefono-te esta noite para saber como estás.

— Obrigada, Iris. Diverte-te.

Iris preparava-se para procurar Laure, mas lembrou-se de que não tinha acenado a Joseph. Porém, ele já estava a descer o caminho, com um ancinho ao ombro. Engoliu a desilusão. A juntar ao facto de Esme não poder ir com ela a Londres, o dia já estava a começar mal.

À porta do quarto de Laure, Iris deu por si a fazer uma pausa, com o comentário de Gabriel sobre querer passar tempo sozinho a ocorrer-lhe de repente. Queria mesmo que Laure fosse a Londres com ela? Não queria — mas a perspetiva de ir sozinha era, de certa forma, pior.

Bateu à porta do quarto.

— Laure? Posso entrar?

— Sim, claro.

Iris abriu a porta e quase saiu de novo. Laure estava de pé no meio do quarto, com umas calcinhas minúsculas e nada mais. As suas faces estavam invulgarmente coradas, como se tivesse sido apanhada a fazer algo que não devia.

— Não posso crer que é tão tarde — disse. — Devo ter adormecido.

— Não faz mal, não há pressa. Queria saber se gostavas de vir comigo a Londres. A Esme está doente, mas quer que eu vá na mesma.

— Pobre Esme! O que se passa com ela? Não é o bebé, pois não?

— Não, tem um vírus gástrico.

Laure acenou lentamente com a cabeça.

— Obrigada, Iris, mas, se não te importas, fico. Preciso de arranjar um advogado de divórcios.

— Oh, Laure. Lamento que tenha chegado a esse ponto. Queres que fique contigo?

— Não, não, é uma coisa que tenho de fazer sozinha. Porque é que o Gabriel não vai contigo a Londres? Seria bom para vocês passarem um dia juntos.

— Ele foi passar o dia fora, de bicicleta.

— A sério?

— Sim, mas não te preocupes, não tenho problemas em ir sozinha. Perdi o comboio das nove e quarenta e cinco, mas apanho o das dez e quinze. Mais vale tomar outro café antes de ir.

— Deixa-me só vestir-me e tomo um contigo.

Quando Laure se juntou a Iris na cozinha, o café já estava feito. Iris serviu uma chávena a ambas, e beberam-na de pé, junto à janela.

— A que horas pensas voltar? — perguntou Laure.

— Ao fim da tarde, provavelmente.

— E o Gabriel?

— O mesmo, penso eu. Disse que almoçava num *pub* algures.

— Eu podia fazer o jantar, se quiseres.

— Isso seria ótimo. Mas vais ter de ir às compras, o frigorífico está quase vazio.

— Posso fazer isso — disse Laure, mas parecia distraída, como se estivesse a pensar noutra coisa, e Iris resignou-se a que não houvesse jantar pronto quando regressasse.

— Se não tiveres tempo para ir às compras, avisa-me.

Laure acenou com a cabeça.

— Não devias ir andando? Não queres perder o comboio.

Iris esvaziou a chávena e pô-la no lava-louça.

— Até logo.

Laure deu-lhe um abraço.

— Diverte-te.

Acompanhou Iris até à porta e fechou-a atrás dela, e Iris imaginou-a a subir as escadas para ir buscar o portátil e começar a procurar um advogado de divórcios. Ficara surpreendida por Laure já estar a pensar no divórcio, mas, se tinha aprendido alguma coisa sobre ela nas últimas seis semanas, era que era impetuosa. Dentro de alguns dias, poderia estar a falar de reconciliação.

VINTE E NOVE

Iris atravessou a vila de carro, a dirigir-se para a estação. Quando passou pela casa de Esme, olhou para a entrada da garagem e ficou alarmada ao ver Esme entrar no seu carro.

Abrandou e estacionou um pouco mais adiante. Uma hora antes, Esme dissera-lhe que não estava suficientemente bem para sair de casa. Talvez fosse ao médico.

Preparava-se para sair do carro e dizer à amiga que a levaria ela, quando Esme arrancou. Iris ia fazer-lhe sinal — mas, para sua surpresa, Esme virou para o outro lado, na direção da outra ponta da vila. Iris franziu a testa. Talvez Esme estivesse a sentir-se melhor e tivesse decidido ir a Londres com ela. Porém, se fosse esse o caso, não teria telefonado para a avisar? E porquê ir de carro até à casa dela, quando teria sido lógico que Iris a fosse buscar, como haviam planeado inicialmente? Procurou o telemóvel na mala, para o caso de não o ter ouvido tocar. Contudo, não havia chamadas não atendidas, apenas uma mensagem de Laure a perguntar se ela tinha chegado à estação a tempo do comboio das dez e quinze.

Iris arrancou e foi até à estação. Encontrou um lugar para estacionar e enviou uma mensagem a Laure a dizer-lhe que chegara a tempo de apanhar o comboio. Porém, em vez de ir para a plataforma, ficou no carro, sem conseguir livrar-se da sensação de que algo não estava certo. A insistência de Esme para que Iris fosse a Londres sem ela era estranha. Dissera que queria tudo pronto para o bebé, mas o parto só estava previsto para dali a sete semanas. Depois, havia Laure; não só parecera ter pressa em que Iris partisse naquela manhã como também havia a mensagem que acabara de enviar, a verificar se ela chegara a tempo do comboio. Passou-lhe pela cabeça que talvez Esme e Laure quisessem passar o dia juntas sem ela. Mas porque não dizer isso mesmo? Porquê fingir que Esme estava doente? Sim, poderia ter ficado magoada por elas terem planeado um dia agradável

juntas. Mas mentirem-lhe era pior.

O calor atingiu-a quando saiu do carro. Olhou ao longo da linha e viu o comboio aproximar-se da estação. Teria de se despachar — mas ficou onde estava. Não sabia se fora a ideia de correr com aquele calor que lhe colara os pés ao chão ou a necessidade de saber se se passava alguma coisa. Até a decisão de Gabriel de passar o dia fora a andar de bicicleta era fora do comum. Não saía de bicicleta desde Charlie Ingram, porquê nesse dia?

Voltou a meter-se no carro e dirigiu-se lentamente para casa. Entrou sem fazer barulho e pôs-se à escuta. Não havia nenhum som, o que significava que Laure já estava lá fora. Subiu as escadas e olhou pela janela. Via o chapéu de Laure pendurado na árvore junto à entrada do jardim murado. Devia ir dizer-lhe que decidira não ir a Londres.

Despiu o vestido e vestiu uns calções e uma *T-shirt*. O chão brilhava com o calor quando percorreu o caminho. O silêncio era palpável, como se nenhum ser vivo tivesse energia para se mover. Quando passou pelo barracão, ouviu um ruído e supôs que Joseph lá estivesse, a fazer uma pausa. Dirigiu-se para ali, com a intenção de o cumprimentar. Preparava-se para empurrar a porta quando ouviu um gemido. Parou. Joseph estaria doente, teria apanhado o mesmo vírus que Esme? Seguiram-se mais sons, e, apercebendo-se do que estava realmente a ouvir, recuou um passo, com as faces a arder. Como podia ter sido tão estúpida, como não percebera que Esme planeara tudo para poder passar o dia a fazer sexo com Joseph? Todos os sinais estavam lá; a insistência dela em que fosse a Londres sem ela e levasse Laure; a menção de Hugh estar fora durante todo o dia. A raiva inundou o corpo de Iris; queria abrir a porta, gritar-lhes, envergonhá-los. Mas não era capaz de se levar a fazê-lo.

À medida que Iris se afastava da porta, duas coisas se registaram na mente dela. A primeira foi que não vira o carro de Esme estacionado lá fora, a segunda que Esme não saberia que Gabriel estaria fora todo o dia. Naquele momento, chegaram-lhe palavras urgentes vindas de trás da porta do barracão, palavras de amor, de desejo, de paixão, palavras ditas, não em inglês, mas em francês.

TRINTA

Gabriel meteu a bicicleta na garagem e entrou em casa. Fora o melhor dia que passara desde há muito tempo. Fora o sol que entrava pela janela nessa manhã que o tentara a sair de bicicleta — isso e a perspetiva pouco aliciante de passar o dia com Joseph. E a tomar conta de Laure, que decidira brincar à jardinagem.

O seu passeio dera-lhe espaço para pensar. Ainda não respondera à solicitação da terapeuta de Maggie, na esperança subconsciente de que, se não o fizesse, o problema poderia desaparecer. Mas não podia empatar indefinidamente; não era justo para Maggie, e, de qualquer forma, não tinha chegado a uma conclusão sobre o que diria? Quando parou para beber uma cerveja e comer uma sandes, pegou no telemóvel e fez a chamada.

No caminho de regresso a casa, passou pelo centro de saúde para falar sobre a possibilidade de prolongar a licença sabática. Disse a verdade aos sócios, que não se sentia capaz de voltar ao trabalho dali a duas semanas. Para seu alívio, eles disseram que não estavam à espera de que ele o fizesse e recordaram-lhe delicadamente que fora ele quem insistira que dois meses seriam suficientes.

Encontrou Iris na cozinha, a mexer qualquer coisa num tacho.

— Tiveste um bom dia? — perguntou, indo lavar as mãos ao lava-louça.

— Nem por isso.

Ele limpou o excesso de água das mãos e pegou na toalha.

— Porquê, o que aconteceu?

— A Esme estava doente, portanto, fui a Londres sozinha. — Falou num tom ríspido, seco.

— Devias ter convidado a Laure para ir contigo.

— E convidei. Mas ela queria ficar aqui e contactar os advogados do divórcio.

Gabriel olhou para ela, aliviado por ter descoberto uma razão para o

estado de abatimento da mulher.

— Talvez não chegue a esse ponto.

— Tanto me faz.

Gabriel franziu a testa.

— Não estás a falar a sério, pois não?

— Sim, estou. A Laure e o Pierre ocuparam demasiado do nosso tempo e da nossa energia.

Não era nada típico de Iris estar de tão mau-humor. Gabriel procurou alguma coisa para a animar.

— Liguei para a terapeuta da Maggie Ingram; vai contactar a Maggie e marcar uma data para nos encontrarmos.

Ela virou-se para o fogão e abanou a cabeça, como se estivesse desiludida com ele.

— Não posso acreditar que tenhas demorado tanto tempo a fazer a coisa certa. — Tirou a colher de pau do tacho e atirou-a para o lava-louça. — Certo, vou tomar um banho. Vemo-nos mais tarde.

Gabriel ficou a vê-la sair da cozinha. Devia ter acontecido alguma coisa, e supunha que tinha que ver com Laure. Fez um esgar; decididamente, ela estava mesmo a prolongar a sua estada além do desejável. De repente, sentiu-se zangado por Laure estar a aproveitar-se da amizade deles, pondo-os numa posição em que teriam de lhe pedir para se ir embora. Mas de maneira nenhuma toleraria que Laure perturbasse a mulher dele. Se Iris não fizesse nada a esse respeito, bem, fá-lo-ia ele.

TRINTA E UM

Iris estava no quarto, a preparar-se para ir a casa de Esme, quando olhou pela janela e viu Laure e Joseph subir o caminho do jardim, com Gabriel a alguns metros à frente deles. Enquanto os observava, viu Laure abrandar o passo, e, com um olhar rápido para Gabriel, agarrar Joseph e beijá-lo na boca, enquanto Gabriel continuava a andar sem se aperceber do que se estava a passar.

Virou costas, odiando o embaraço que lhe inundava o corpo sempre que avistava Joseph. Como podia ter sido tão estúpida ao ponto de pensar que ele estava a tentar vê-la à janela? Era para Laure que ele olhava, compreendeu ela por fim. Os quartos eram ao lado um do outro; deduzia que, na manhã em que tinha entrado no quarto de Laure para lhe perguntar se ela queria ir a Londres e a encontrara praticamente nua, ela estivera a exibir-se em frente à janela, a dar um espetáculo só para ele.

Passara uma semana desde que ouvira Laure e Joseph juntos, e, sempre que os via da janela, era tão óbvio pelo comportamento de Laure que estavam num relacionamento que lhe custava crer que Gabriel não se tivesse dado conta. Ouviu-o entrar em casa. Talvez fosse altura de o pôr a par da situação.

Desceu as escadas e encontrou-o com a cabeça enfiada no frigorífico.

— Estás com fome? — perguntou ela.

Ele deu um salto ao ouvir a voz dela.

— Só preciso de alguma coisa para me aguentar até ao almoço — disse, virando-se para ela com um sorriso culpado.

Iris meteu-se à frente dele e tirou do frigorífico uma embalagem de papel de alumínio.

— Uma fatia de empada de carne de porco, pode ser?

— Perfeito — disse ele, desembrulhando-a com o mesmo entusiasmo com que uma criança desembrulharia um presente de aniversário.

Iris esperou até ele ter dado duas dentadas.

— Penso que a Laure e o Joseph andam envolvidos.

Gabriel parou a meio de mastigar, depois engoliu rapidamente.

— Disseste mesmo o que penso que disseste? — Iris acenou com a cabeça. — Mas... como é que ela pode ter esquecido o Pierre tão depressa?

— Não sei. Talvez não esteja a pensar bem, talvez esteja a tentar sentir-se melhor tendo um caso com o Joseph.

Gabriel coçou a cabeça.

— Tens a certeza? Sobre eles estarem numa relação? Passo a maior parte do dia com eles e nunca reparei em nada.

— Tenho-os visto — disse Iris. — Da janela. Quando pensam que ninguém está a ver.

— Há quanto tempo é que isso dura?

— Apercebi-me há cerca de uma semana. Mas presumo que já seja há mais tempo.

Não queria dizer a Gabriel que ouvira Laure e Joseph a fazerem sexo. Saíra de casa rapidamente nesse dia e deixara-se ficar sentada durante horas num café em Markham, regressando a casa às cinco da tarde. Toda a gente julgou que tinha passado o dia em Londres, inclusive Esme, e Iris não vira razão para lhes contar a verdade. Para já, não queria que Laure soubesse que estava a par do seu relacionamento com Joseph. Queria ver se Laure lhe contaria por iniciativa própria. Devia-lhe isso, pelo menos.

Gabriel voltou a pôr o resto da empada de carne de porco no papel de alumínio, com o apetite perdido.

— O que vamos fazer quanto a isso?

— Não há nada que possamos fazer — respondeu ela, exasperada. — Eles são adultos, Gabriel.

Ele ficou com o semblante carregado.

— Não me parece correto. O Pierre...

— Não tem argumentos.

— Tens razão... se é mesmo verdade que tem uma filha. — Lançou um olhar na direção do jardim. — Não quero voltar lá para fora agora. Achas que o Hugh e a Esme sabem?

— Não faço ideia.

— Devíamos falar-lhes nisso?

— Não é realmente da nossa conta.

Gabriel desembrulhou de novo o papel de alumínio e deu uma dentada sem convicção na empada de carne de porco.

— Achas que já andavam enrolados antes de ela ir para Paris? Se calhar, foi por isso que não se preocupou em esperar pelo Pierre, porque já estava envolvida com o Joseph.

Iris parou a meio de encher a chaleira.

— Não sei. Ela estava bastante perturbada por o Pierre não ter aparecido.

— Mas não estava perturbada quando chegou cá, só quando te telefonou de Paris. E não disseste que tinha ido às compras antes de entrar no comboio? Achaste isso estranho.

Ela virou-se para o encarar.

— O que estás a querer dizer?

— Que, quando te telefonou, talvez estivesse só a fingir que estava perturbada. Talvez tenha visto o Pierre, talvez lhe tenha dito que o casamento deles tinha acabado, porque nessa altura já estava com o Joseph.

— Ena! — Ponderou aquela explicação por um momento. — Explicaria o comportamento bizarro dela nesse dia e a decisão de não ficar nem uma noite em Paris. Achei estranho que quisesse voltar imediatamente antes de saber como seria com o Pierre. Ajudaria se pudéssemos falar com o Pierre, saber a versão dele da história. Mas isso não vai acontecer, pois não?

— Só quando ele regressar a Paris no fim do mês. — Gabriel fez uma pausa. — O que vais fazer durante o resto do dia? Que tal irmos almoçar fora, só nós os dois? Sair daqui por um bocado?

— Obrigada, mas podemos marcar para outra altura? Vou ver a Esme.

— Claro. Como é que ela está?

— Entediada de morte.

— Posso imaginar. Não deve ser fácil para alguém como a Esme estar confinada à cama.

Esme telefonara-lhe no dia a seguir à viagem em que deviam ir a Londres para lhe confessar que não tivera um vírus gástrico no dia anterior, mas que tinham sido contrações. Telefonara nessa manhã à parteira, e esta, que vivia na vila, aconselhara Esme a ir vê-la. Era para lá que ela se dirigia quando Iris a vira sair de casa.

— Desculpa, devia ter-te contado a verdade — dissera Esme. — Mas não queria que te preocupasses. Foi uma chamada de atenção; o bebé só deve nascer daqui a sete semanas.

— O que disse a parteira?

— Mandou-me fazer uma ecografia, e está tudo bem, mas tenho de descansar. Não posso sair, portanto, basicamente passo o dia deitada no sofá. É muito frustrante, porque ainda há tanto para fazer. O resto da casa pode esperar, mas sentir-me-ia melhor se o quarto do bebé estivesse pronto. — Fez uma pausa. — Podias vir cá trazer umas amostras para os cortinados? Asim, podia mandá-las fazer.

— Claro que sim. Levo-tas hoje à tarde.

Visitava Esme quase todos os dias desde então, encantada por ver a amiga e dar uma folga a Hugh, porque Esme não devia levantar-se de todo. De manhã, passava da cama para o sofá da cozinha, mas eram os únicos passos que dava.

Iris não falara a Esme sobre Laure e Joseph, porque estava à espera de que Esme o mencionasse primeiro. Se ela e Joseph eram tão chegados como pareciam ser, certamente ele ter-lhe-ia falado da sua relação com Laure. A menos que não quisesse que ela soubesse. Iris tentara, mas não conseguia livrar-se da imagem dele com a cabeça pousada na barriga de Esme nem da sensação de intimidade que essa atitude transmitia. Não podia haver muitas mulheres grávidas que aceitassem ou encorajassem tal gesto de um homem se ele fosse apenas um amigo. Portanto, se Joseph era mais do que isso, Esme não merecia saber que ele estava num relacionamento com Laure?

Foi pela sombra enquanto atravessava a vila. A porta da frente da casa de Esme estava aberta, mas, mesmo assim, Iris bateu.

— Entra!

Dirigiu-se para a cozinha e encontrou Esme deitada no sofá.

— Fico contente por te ver a descansar. Como estás?

— Tãooo aborrecida! Mas bem, de resto.

— Ótimo. Posso preparar-te uma bebida?

— Adorava um café, um *espresso* em condições. Há ali uma daquelas coisas italianas no armário.

Iris localizou a cafeteira.

— Como está a Laure? — perguntou Esme.

— Está mesmo muito bem. Ultimamente, tem andado muito mais feliz.

— Ainda bem. Decidiu mesmo deixar o Pierre?

— Penso que sim.

— Deve ser difícil para ti e para o Gabriel.

— Sim. — Iris fez uma pausa. — Não censuro a Laure por querer seguir em frente, embora não tenha a certeza de que ela o teria feito tão depressa se não tivesse conhecido o Joseph. — Vendo Esme franzir a testa, apressou-se a continuar. — Fala bastante com ele, pede-lhe conselhos.

A testa de Esme desenrugou-se.

— Por um momento pensei que estivesses a insinuar que se passava alguma coisa entre eles.

Com o café feito, Iris levou-o a Esme.

— Importavas-te se houvesse?

— Sim, importava-me.

— Porquê? — perguntou Iris, pousando o café na mesa. — Quero dizer, são ambos adultos.

— Sim, é verdade. Mas a Laure não devia envolver-se com o Joseph.

— Porque não? Desculpa, estou curiosa, só isso.

— Porque não seria bom para ela. — Esme pegou na caneca e bebeu um gole. — Era mesmo do que estava a precisar, obrigada, Iris. Então, como está o Gabriel? Decidiu encontrar-se com a mãe do Charlie?

Notando a rápida mudança de conversa de Esme, Iris disfarçou a insatisfação com um sorriso e pô-la a par da mudança de ideias de Gabriel. Pela primeira vez, sentia-se desconfortável na companhia de Esme, e, quando se dirigia para casa, uma hora depois, não conseguia perceber se era por não ter sido sincera com a amiga acerca de Laure e Joseph ou porque as palavras de Esme — *porque não seria bom para ela* — haviam soado como uma ameaça.

TRINTA E DOIS

Gabriel quase desejava que Iris não lhe tivesse contado. No princípio, pensou que ela devia ter imaginado tudo, porque ultimamente Laure passava muito tempo no jardim, e ele não tinha visto nada que sugerisse que ela e Joseph eram mais do que apenas amigos. Agora que sabia, porém, os sinais estavam decididamente à vista.

O que estava a deixá-lo ainda mais desconfortável era que a relação parecia ser unilateral, com Laure a lançar olhares escaldantes a Joseph ou a encostar-se provocante à pá antes de lhe pedir ajuda. Obviamente, pensava que Gabriel era cego e surdo, ao passo que Joseph era mais cauteloso. Durante a última semana, Gabriel vira-o, em mais de uma ocasião, afastar-se de Laure quando ela se aproximava demasiado, encolhendo-se e repelindo-a quando ela punha os braços à volta dele. Antes, ouvira Joseph dizer-lhe para se afastar. Entendia, Joseph era um sujeito atraente, com o tipo de carisma que devia ser incrivelmente sedutor para as mulheres. O que o tornava ainda mais irresistível para Laure, pensava Gabriel, era que não estivesse tão interessado nela como ela nele. Não lhe agradava a ideia de Joseph estar a aproveitar-se de Laure. Ela estava vulnerável naquele momento; Joseph podia acabar com a relação em qualquer momento, sem pensar no efeito que isso teria sobre ela.

Por mais farto que Gabriel estivesse de Laure — ela estava com eles havia quase dois meses, por amor de Deus —, ele e Iris tinham o dever de a proteger. E, se alguém podia proteger Laure de Joseph, esse alguém era Pierre. Gabriel pensava que, se lhe dissesse que Laure seguira em frente, essa informação poderia incitá-lo a agir. O mês de julho estava a chegar ao fim; Pierre estaria de regresso a Paris nesse fim de semana, pronto para começar a trabalhar na segunda-feira de manhã. Um *timing* perfeito.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Pierre, dizendo-lhe que Laure se envolvera com outra pessoa e que, se ele não viesse resolver a

confusão que criara, a perderia para sempre.

Gabriel olhou pela janela, para as nuvens que começavam a acumular-se no céu. Estava prevista uma grande tempestade para essa noite. Talvez fosse um presságio.

TRINTA E TRÊS

Iris olhava fixamente para o ecrã do computador. Arranjara finalmente coragem para enviar um *e-mail* a Samantha Everett a perguntar-lhe se já tomara uma decisão relativamente ao decorador da sua casa em Londres. Carregou em enviar e recostou-se na cadeira. Já não estava nas suas mãos.

O tempo mudara por fim. A tempestade da noite passada pusera fim ao calor sufocante das últimas semanas. Agradava-lhe a descida súbita da temperatura. Eram nove da manhã, e as nuvens carregadas de chuva pairavam baixas no céu. Estava previsto outro temporal para essa noite, mais forte do que o anterior.

Não via Esme desde quinta-feira, e não tinha a certeza se queria vê-la nesse dia. A reação de Esme, quando Iris insinuara que Laure e Joseph poderiam estar numa relação, reacendera-lhe a preocupação de que ela e Joseph fossem mais do que meros amigos. Iris lembrava-se de que, na primeira vez em que tinham jantado juntos, Esme pousara a mão na barriga quando dissera que Joseph tinha todos os motivos para não voltar a beber. Esse gesto, juntamente com o comentário de Hugh sobre ter estado fora na altura em que o bebé fora concebido, fizera-a pensar se Joseph seria o pai do bebé.

Pelo canto do olho, viu Joseph entrar no barracão. Dali a dois minutos, Laure saiu de casa e seguiu-o. Levava calçadas as galochas de Iris.

O telefone tocou.

— Iris? É a Samantha Everett.

O coração de Iris bateu, acelerado. Podia ser o telefonema de que estava à espera. Fizera bem em ter enviado um *e-mail*.

— Samantha, olá. Espero que não se importe que lhe tenha enviado um *e-mail*. Queria saber se já teve oportunidade de tomar uma decisão?

— Sim, já. Lamento que não tenha podido rever o seu orçamento.

— Não, posso certamente rever os preços.

Houve um silêncio de perplexidade.

— Penso que talvez tenha havido um mal-entendido. Eu disse que, se a Iris achasse que podia, precisaria de saber dentro de dois dias. Isso foi há um mês. — Samantha fez uma pausa. — Fui muito clara no que disse.

— Quando foi isso? — Iris começou a percorrer freneticamente a lista dos *e-mails*. — Pode dizer-me a data? Não me parece que tenha recebido um *e-mail* sobre a revisão do meu orçamento.

— Não foi um *e-mail*. Telefonei-lhe no... deixe-me ver, tomei nota... no dia vinte e nove de junho, à tarde. Falei com uma amiga que estava em sua casa nessa altura; ela disse que a Iris tinha saído e perguntou se eu queria deixar recado. Disse-lhe que tinha adorado os seus planos, mas que queria falar consigo sobre o orçamento e que, se a Iris achasse que poderia revê-lo, me telefonasse o mais depressa possível. Como não me contactou, presumi que não estava interessada.

— Mas... eu não recebi a mensagem. A minha amiga não ma deu. Tenho estado à espera, a pensar porque não tinha tido notícias suas. — Iris sabia que estava a tagarelar, mas não conseguia parar. — Não posso acreditar, eu... não sei o que dizer. Sinto-me mal por a Samantha pensar que eu não estava interessada. Adorava trabalhar na sua casa, estava tão entusiasmada com o projeto. — Parou, sentindo-se à beira das lágrimas. — Suponho que agora é demasiado tarde.

— Sim, receio bem que seja. Lamento imenso, agora sinto-me mesmo mal.

— Por favor, não se sinta, a culpa não é sua. Talvez... não sei... se souber de alguém que precise de um decorador, talvez possa recomendar-me?

— Sim, posso sem dúvida fazer isso. Lamento realmente muito. Se lhe serve de consolo, fiquei incrivelmente dececionada quando não me respondeu.

— Obrigada. De qualquer forma, boa sorte com tudo. Tenho a certeza de que a sua casa vai ficar linda. — Iris mal sabia o que estava a dizer.

— Espero que sim. Adeus, Iris, talvez os nossos caminhos se cruzem no futuro.

Iris desligou e desatou a chorar, com o telemóvel ainda na mão.

TRINTA E QUATRO

Gabriel foi procurar Iris ao escritório dela.

— Sou capaz de ir sair de bicicleta hoje, procurar um *pub* para almoçar, como da última vez.

— *OK*.

— Está tudo bem? — perguntou ele, intrigado por Iris estar a olhar em frente, como se mal se desse conta da presença dele.

— Mandei um *e-mail* à Samantha Everett.

— Ótimo, fizeste bem. Pelo menos vais ficar a saber.

— Já sei. Ela telefonou-me.

— Ah. — Empoleirou-se na beira da secretária dela. — O que é que ela disse?

— Que eu teria obtido o contrato se tivesse podido rever o orçamento.

— Não podias?

— Sim, podia, só que não tive essa oportunidade. — Olhou-o nos olhos. — Ela telefonou no dia vinte e nove de junho. Foi a Laure que atendeu o telefone, explicou-me a Samantha, e ela deixou recado para eu lhe telefonar o mais depressa possível. Não recebi o recado. — A voz dela elevou-se. — Há um mês, Gabriel. A Samantha telefonou há mais de um mês, e a Laure nunca me disse nada. E, portanto, o contrato foi para outra pessoa.

— O quê? Oh, meu Deus, lamento imenso, Iris. A Laure... quero dizer, suponho que ela se esqueceu, simplesmente?

— É provável que sim.

— O que vais fazer?

— Não há muito que possa fazer. É demasiado tarde.

— Sim, mas a Laure. Ela não devia poder safar-se com essa facilidade. Vais dizer-lhe alguma coisa, não vais?

Iris encolheu os ombros.

— De que serviria? Ela esqueceu-se, é tudo. Na altura, tinha muito em

que pensar. Só iria sentir-se mal.

— E devia sentir-se — disse Gabriel, indignado. — Fez-te perder um contrato, Iris, um contrato que tu querias muito. Todo o esforço que investiste nele, incluindo ir ter com a Samantha Everett duas vezes.

— Eu sei.

— Queres que eu lhe diga alguma coisa?

— Não, mas obrigada.

— Acho que ela devia saber.

— Talvez, mas não agora. Quero um dia calmo. Se lhe disseres, ela vai sentir-se mal e vai andar à minha volta a pedir desculpa.

— Vem comigo — insistiu ele. — Não temos de ir de bicicleta, podemos ir de carro, até à costa.

— Estou bem, a sério.

— Posso ficar aqui, não tenho de sair.

Iris sorriu.

— Vai dar uma volta de bicicleta, Gabriel. Tenho de fazer umas arrumações e vou tomar um belo banho prolongado. Vejo-te mais tarde.

— Se tens a certeza. Mas continuo a achar que a Laure devia ficar a saber o que fez — acrescentou com um ar carrancudo. — E seria um bom pretexto para nos livrarmos dela, para lhe dizer que está na altura de se ir embora. Pelo que vejo, até o Joseph parece estar farto dela. O Pierre estará de regresso a Paris este fim de semana; ela tem de voltar e resolver as coisas com ele.

Iris acenou com a cabeça.

— Está bem, falamos com ela sobre isso esta noite.

— Prometes? Ela já invadiu as nossas vidas o suficiente, Iris.

— Prometo.

Gabriel saiu, com um desejo tão forte de ir dizer a Laure que ela fizera asneira que, se Iris não estivesse a observá-lo, teria ido diretamente ao jardim murado em vez de para casa. Sentia-se mal por deixar Iris sozinha, mas conhecia-a bem. Se ela dizia que não queria companhia, significava que não queria companhia. Aborrecia-o que fosse passar o dia a pensar no que poderia ter sido, enquanto Laure passaria o dia com Joseph, inconsciente do mal que fizera. Ocorreu-lhe um pensamento mesquinho, que talvez Laure não tivesse transmitido a mensagem de Samantha de

propósito.

As estradas estavam molhadas da chuva da noite anterior, e, com as pernas já cheias de lama das poças que atravessava, Gabriel dirigiu o pensamento para Pierre. Não chegara a ter resposta à mensagem de WhatsApp em que lhe dizia que Laure seguira em frente, e, quando verificou o telemóvel, só havia um visto cinzento, o que significava que a mensagem não fora entregue. O que significava que Pierre desligara o telemóvel. Pedalou com mais força, descarregando a frustração na bicicleta, e pensou antes em Maggie e no encontro com ela, marcado para terça-feira. Desde que a terapeuta de Maggie o contactara com uma data e uma hora, o encontro pairava sobre ele como uma nuvem negra, cada vez mais perto. A parte positiva era que conseguira que Maggie fosse lá a casa, em vez de se encontrarem no gabinete da terapeuta. Esta concordara, porque Gabriel e Maggie já se conheciam e porque Maggie não se importava de ir à casa dele. A esperança dele era que, uma vez tudo terminado, pudesse finalmente recuperar a sua vida como ela era antes.

TRINTA E CINCO

O som de vozes altas atraiu Iris da casa de banho para a janela do quarto. Por trás da cortina, viu Laure e Joseph no terraço. Estavam de frente um para o outro, mas havia uma distância entre ambos, como se Laure tivesse recuado.

— Não posso. — A voz de Laure chegou até ela através da janela aberta.

— Tens de o fazer — insistiu Joseph, agarrando-lhe no braço.

— Não. — Afastou-se dele. — Agora não. Vou dar uma corrida.

— Laure!

Mas Laure já estava a correr para o portão.

Joseph ficou a vê-la afastar-se e, de seguida, tirou o telemóvel do bolso. Estava de costas para Iris, mas ela conseguia ver a cabeça dele inclinada sobre o ecrã. No momento seguinte, Joseph desatou a correr e dobrou a esquina da casa, desaparecendo de vista. Intrigada, Iris apressou-se a ir ao quarto da frente da casa e viu-o sair a correr pelo portão.

Não via Laure desde a hora do almoço, quando ela viera perguntar se Iris gostaria de se juntar a ela e a Joseph para comer uma sandes. Estremecendo interiormente perante a ideia, agradecera com um sorriso e dissera que não tinha fome. Mal via Laure nos dias em que Joseph vinha trabalhar, porque ela passava o tempo todo no jardim. Iris não fazia a mínima ideia se era de alguma utilidade.

— Que tal uma corrida mais tarde, então? — perguntara Laure, talvez consciente de que estava a negligenciá-la em favor de Joseph.

— Obrigada, mas tenho de fazer umas arrumações e tenciono tomar um banho prolongado — respondera ela.

Sentira-se tentada a dizer que estava à espera de uma chamada de Samantha Everett, para ver se espevitaria a memória de Laure. Mas de que valia? O estrago já fora feito.

— Está bem. — Laure parecera não se importar, e Iris não conseguiu

deixar de pensar como as coisas tinham mudado desde que ela chegara.

— O Pierre deve estar de regresso a Paris este fim de semana. Tens algum plano para ir vê-lo?

— De momento, não. Vou esperar para ver se ele me contacta.

Quando Iris regressou ao quarto, o telemóvel tocou. Era Gabriel.

— Era só para ver como estás — disse ele.

— É muito simpático da tua parte. Estou bem. Estou a preparar-me para tomar um banho.

— Ótimo. Viste a Laure?

— Vi.

— E?

— Não mencionei a Samantha Everett, se é o que queres dizer. — Fez uma pausa. — Penso que ela teve uma discussão com o Joseph.

— A sério? Isso não me soa nada bem. Espero que não tenhamos ainda mais incêndios para apagar. Antes, ouvi-o dizer-lhe para se afastar.

— O lugar dela é com o Pierre, não com o Joseph. Perguntei-lhe há pouco se tencionava ir vê-lo, uma vez que ele vai estar de regresso a Paris este fim de semana. Disse que não. Às vezes, pergunto-me se ela vai ficar connosco para sempre.

— De maneira nenhuma — refutou Gabriel, tão ferozmente que Iris pôde imaginar o seu rosto a ensombrar-se. — Esquecer-se de te dar o recado da Samantha foi a gota de água. Não podemos continuar a andar nas pontas dos pés à volta dela.

— E tu? — apressou-se a perguntar Iris. — Estás a ter um bom dia?

— Nada mau. Se me tivesse mantido nas estradas principais, teria sido melhor, porque o estado das estradas mais pequenas está atroz depois da tempestade de ontem à noite, com ramos partidos por todo o lado. De qualquer forma, estou a caminho de casa. — Fez uma pausa. — Então, onde está a Laure agora?

— Foi dar uma corrida. Provavelmente, foi até à pedreira, como não estou com ela.

— Pelo menos vais poder tomar o teu banho em paz.

— É verdade.

Iris ainda estava no banho quando Gabriel chegou a casa, uma hora depois.

— A Laure já voltou da corrida? — perguntou ela.

Gabriel abriu a torneira do lavatório e inclinou-se para beber das mãos em concha.

— Não a vi quando cheguei.

— E o Joseph?

Gabriel endireitou-se.

— Deve estar no jardim, não deve? Ainda só são cinco horas, ele ainda tem mais uma hora de trabalho.

— Pareceu-me tê-lo visto ir atrás da Laure.

— Vou verificar depois de tomar um duche. Que dizes? Uso a outra casa de banho?

— Não, a água está fria, vou sair do banho.

Ele meteu a mão na banheira.

— Está gelada. Não admira que estejas com pele de galinha.

Ela levantou-se, com a água a subir pelos lados da banheira, e saiu, com o corpo a pingar. Gabriel passou-lhe uma toalha para as mãos.

— Obrigada. Então, aonde foste hoje?

— Fui até Faradale.

— Tão longe? Almoçaste lá?

— Não, não me dei ao trabalho. Tinha levado uma sandes.

Iris trocou a toalha pelo roupão e vestiu-o.

— Certo. Bem, vou-me vestir e servir-me de um copo de vinho. Queres um?

— Depois do duche. Vou pôr a minha roupa a lavar, havia tanta lama nas estradas que estão imundas.

— Está bem. Encontramo-nos no jardim. Está maravilhoso lá fora agora.

— A calma antes da próxima tempestade.

Iris sorriu.

— Devíamos aproveitá-la ao máximo, então.

TRINTA E SEIS

— A Laure não atende o telefone — disse Iris, na esperança de levar Gabriel a entabular conversa com ela. — Achas que devia telefonar à Esme?

O jantar estava pronto desde as sete, mas Iris insistira em esperar por Laure. Não houvera notícias dela desde que saíra para correr.

Iris não tinha a certeza se era a ausência de Joseph — porque não regressara ao trabalho nessa tarde — que causara o mau humor de Gabriel ou se o encontro dele com Maggie Ingram, na terça-feira seguinte, estaria a preocupá-lo. Mal dissera uma palavra desde que regressara do passeio de bicicleta.

Gabriel estendeu a mão para o seu copo de vinho.

— Para que queres telefonar à Esme?

— Para perguntar se ela viu a Laure.

— Ela sabe o que se passa entre a Laure e o Joseph?

— Não, penso que não.

— Então, se lhe telefonares, tem cuidado com o que dizes.

Mas Esme também não atendia.

— Suponho que estão todos a jantar juntos e não conseguem ouvir o telemóvel — disse Iris, um pouco azeda. — A Laure podia ter-me avisado, pelo menos. — Fez uma pausa. — Vais tentar o Hugh?

— Se a Esme não respondeu, duvido que o Hugh responda.

— Por favor, Gabriel. Só quero verificar se a Laure está lá.

Ele conteve um suspiro, pegou no telemóvel e ligou para Hugh.

— Tens razão, devem estar a jantar — disse, quando Hugh não atendeu.

— Como é que ela vai voltar para casa? Está a chover a cântaros!

— Suponho que o Hugh a traz de carro. Ou talvez ela passe a noite com o Joseph — acrescentou. — Podemos comer agora?

Jantaram quase em silêncio. A única vez que Gabriel respondeu com

algum entusiasmo foi quando Iris falou sobre Beth. No entanto, até ela estava apenas meio-concentrada na conversa, e, depois de mais um par de chamadas não atendidas a Laure e a Esme, já não conseguia suportar mais tempo a incerteza.

— Gabriel, importas-te de telefonar ao Joseph?

Ele fez uma careta.

— Sim, importo-me, e muito.

— Por favor. Quero dizer, estamos simplesmente a supor que a Laure está com ele. E se não estiver?

— Onde mais poderia estar?

— Não sei. Deve estar tudo enlameado; se ela tiver ido pelos campos, pode ter escorregado e ter-se magoado.

— Está bem. Mas, se ela estiver com ele, vai ser embaraçoso para todos.

— Põe em alta-voz para eu poder ouvir o que ele diz.

Para sua surpresa, Joseph atendeu imediatamente.

— Joseph, é o Gabriel. Não te vou demorar. Temos estado a tentar contactar a Esme e o Hugh. Não estás com eles, por acaso?

— Não, eles foram jantar ao The Watershed.

— Sabes se a Laure está com eles? Temos estado a tentar contactá-la, mas ela não atende.

— Não, penso que não.

— Eles mencionaram que a tinham visto, que ela tinha telefonado, qualquer coisa?

— Não, não disseram nada. Mas posso perguntar-lhes quando voltarem. Penso que não se vão demorar.

— Seria ótimo, obrigado. — Fez uma pausa. — Suponho que não a viste, por acaso?

— A Laure? Não, não a vejo desde esta tarde na tua casa.

— Está bem, obrigado.

Gabriel desligou.

— Bem, explica porque é que a Esme e o Hugh não atenderam o telemóvel; estão a jantar no The Watershed. A Laure deve estar com eles.

— Não tenho tanta certeza. Acho que ela não teria aceitado o convite para ir jantar com eles sem nos avisar.

— Para de te preocupares. O Joseph disse que telefonava quando eles voltassem.

— Pode demorar muito tempo. Se calhar é melhor ir lá abaixo, ver com os meus próprios olhos.

— Se te deixa mais sossegada.

Porém, antes de Iris ter tempo de sair de casa, Joseph telefonou.

— Fui ao The Watershed para confirmar. — A voz dele soou do outro lado da linha. — A Laure não está com eles.

Iris estendeu a mão para o telemóvel.

— Certo, vou ligar à polícia.

— Obrigado por fazeres isso — disse Gabriel a Joseph.

— Ouvi a Iris dizer que vão telefonar para a polícia?

— Sim.

— Porquê?

— Porque não vemos a Laure desde que foi correr esta tarde. No princípio, não ficámos muito preocupados, porque pensámos que ela poderia estar com a Esme e o Hugh, ou contigo. — Fez uma pausa para permitir a Joseph apreender o sentido daquelas palavras. — Mas, quando ela não apareceu para jantar — continuou —, começámos a ficar preocupados.

— Estás a dizer que ninguém a viu desde que ela saiu para correr... quê, há cerca de seis horas?

— Sim.

— Deve ter acontecido alguma coisa. — Iris conseguia ouvir o tom de alarme na voz dele. — Vou procurá-la. Sabem para onde foi?

— Vou contigo — disse Gabriel, como se de repente se apercebesse da gravidade da situação. — Vem até cá a casa e podemos tentar seguir os passos dela. Ela e a Iris costumam ir pelo trilho dos campos.

— Estou aí dentro de dez minutos.

Gabriel desligou. Podia não ter estado preocupado antes, mas nesse momento estava.

TRINTA E SETE

Iris estava à janela, com os braços à volta do corpo, a tremer perante a tempestade que se abatia lá fora. A preocupação roía-lhe o fundo do estômago. Gabriel e Joseph tinham saído havia mais de uma hora, e ela telefonava Gabriel a cada quinze minutos para ver se tinham encontrado Laure.

— É impossível! — gritara ele, a sobrepor a voz ao ruído do vento e da chuva na última vez que ela telefonara. — Estamos de regresso. Voltamos a sair quando o vento tiver amainado!

A polícia fora prestável quando ela ligara a comunicar o desaparecimento de Laure, mas não a ponto de enviar uma equipa de busca. Talvez fosse em parte porque, quando explicara a situação de Laure — quem ela era, porque estava em casa deles —, a polícia sugerira que Laure poderia ter decidido regressar a Paris. Iris dissera que Laure não teria partido sem a avisar, mas eles não pareceram convencidos.

Ouvindo um ruído, encostou o rosto à janela e viu Gabriel, quase dobrado contra o vento, a subir a custo o caminho da casa. Correu para ir abrir a porta. Gabriel entrou de roldão, e Iris fechou a porta atrás dele.

— Deixa-me ajudar-te. — Puxou-lhe o casaco ensopado dos ombros. O cabelo estava colado à testa, e a água escorria-lhe pelo rosto. — Vou-te buscar uma toalha.

— Só conseguimos chegar ao cimo da colina — informou ele, com a voz rouca. — Fartámo-nos de chamar, mas, mesmo que ela estivesse a três metros, duvido que tivesse ouvido. Está muito mau lá fora. — Debruçou-se para descalçar as botas. — Não te incomodes com uma toalha, vou tomar um duche. Preciso de me aquecer. Mas uma bebida quente vinha mesmo a calhar.

Enquanto ele estava no duche, Iris fez chá. Sentaram-se à mesa da cozinha, com Gabriel a comer bolachas de um pacote umas atrás das outras.

— A polícia disse qualquer coisa — disse Iris. — Na altura, não dei importância, mas agora pergunto-me. Eles disseram que a Laure pode ter decidido voltar para Paris. Mas não teria partido sem nos dizer nada, pois não?

Gabriel franziu a testa.

— Penso que não.

— Sabe que nos preocuparíamos com ela se desaparecesse de repente. E não teria dito alguma coisa ao Joseph sobre ir-se embora?

— Não se tivessem discutido. Talvez tenha sido por isso que se foi embora, por causa da discussão.

— Mas para onde é que teria ido, se não está em casa da Esme e do Hugh? Não conhece mais ninguém.

— Talvez tenha ido para um hotel.

— Mas não sem nos dizer, com certeza?

Gabriel amassou o pacote de bolachas vazio na mão.

— Vamos tentar dormir um pouco. Logo que amanhecer, volto a sair.

— E se ela aparecer quando estivermos na cama? Como vamos saber?

Gabriel coçou a cabeça.

— Eu fico acordado. Vai tu para a cama.

— Tens a certeza?

— Sim, claro. Vou continuar a tentar ligar para o telemóvel dela. Se souber alguma coisa, acordo-te.

TRINTA E OITO

Grogue de sono, Iris abriu a porta do quarto de Laure. A cama continuava vazia.

— Iris? — soou a voz de Gabriel do andar de baixo. Estava no corredor, a esfregar os olhos. — Ela já voltou? Adormeci por uns minutos.

Iris dirigiu-se para o cimo das escadas.

— Não. Que horas são?

— Não sei. Da última vez que olhei para o relógio eram quatro, e penso que não estive a dormir muito tempo, por isso devem ser umas quatro e meia, talvez? Vou ver. — Voltou à sala de estar. — São quatro e trinta e cinco! — disse alto. — Já está a amanhecer, vou procurá-la.

— Vou contigo. Deixa-me só vestir-me.

O céu estava de um azul aguado quando atravessaram os campos, o ar completamente parado, como se o vento se tivesse esgotado com todas as rajadas durante a noite. Os sinais dos estragos que a tempestade fizera estavam por todo o lado; havia galhos a atapetar os trilhos, e, por várias vezes, Gabriel teve de se baixar para arredar ramos do caminho. Seguiram a rota pelos campos, mas, passada uma hora — o tempo que demoraram a percorrê-la —, ainda não tinham encontrado um único rasto de Laure.

— Talvez devêssemos tentar a pedreira — disse Iris, quando se dirigiam para casa.

Gabriel parou abruptamente.

— Porquê?

— Não sei. É só que... já te disse, ela estava sempre a tentar convencer-me a irmos lá.

Ele passou uma mão pelo cabelo.

— Está interdita ao público, não nos é permitido o acesso. Além disso... — parou de falar, mas Iris sabia o que ele ia dizer, que não queria ir lá.

— Está tudo bem — disse ela, pondo-lhe a mão no braço. — Vou eu.

— Porque não deixamos isso para a polícia?

Ela retirou a mão, irritada.

— Porque, quando eles fizerem alguma coisa, pode ser demasiado tarde! E se ela tiver ido lá e caído e se tiver magoado, partido o tornozelo ou coisa assim? E se tiver estado lá a noite inteira, ferida, sob a chuva torrencial?

Viu Gabriel engolir em seco.

— Tens razão. Vamos lá ver.

Seguiram o caminho pelo bosque, em silêncio, depois subiram o trilho até ao cimo da pedreira, a chamar Laure e a perscrutar o arvoredo denso, que fazia de barreira entre o caminho e a borda da pedreira, para o caso de ela se ter refugiado ali. Escorria-lhes água pelo pescoço quando afastavam os ramos pesados da chuva. A certa altura, o arvoredo tornou-se menos denso e avistaram a borda da pedreira a poucos metros.

— Deve ter sido aqui que o Charlie saiu do caminho — disse Gabriel, empalidecendo.

Iris estremeceu involuntariamente.

— Foi onde o encontraste, lá em baixo? — perguntou, esticando o pescoço.

Ele agarrou-lhe no braço.

— Afasta-te da beira!

— Está tudo bem.

— Não, não está! Já viste como o chão é escorregadio?

Ela ouviu o medo na voz dele.

— Desculpa.

— Anda, vamos para casa. Ela não está aqui. Penso que deve ser como a polícia disse, voltou para Paris.

Iris abanou a cabeça.

— Se a Laure tivesse ido ter com o Pierre, ter-nos-ia dito. Penso que lhe aconteceu alguma coisa. — Acelerou o passo. — As esquadras de polícia não fecham, pois não?

TRINTA E NOVE

Gabriel fechou a porta do quarto sem fazer barulho, aliviado por Iris estar finalmente a dormir, exausta tanto do ponto de vista mental como emocional depois de horas de choro. Ele ainda não conseguia acreditar. Por mais vezes que dissesse as palavras, não conseguia capacitar-se da verdade.

Laure estava morta.

Iris estava destroçada, culpando-se a si própria, porque Laure a convidara para ir correr, mas ela quisera tomar um banho. Dizia que, se a tivesse acompanhado, ela não teria ido para a pedreira.

Quando interrogada pela polícia, Iris contara-lhes que Laure mostrara curiosidade pelo lugar onde Charlie Ingram caíra. Portanto, era o que eles pensavam que acontecera — Laure fora ver com os seus próprios olhos, tropeçara e caíra lá dentro.

Fora a polícia que a encontrara, não muito longe de onde Gabriel dera com Charlie. Mas o corpo dela estava mais afastado, atrás de um penedo. Não como Charlie, Laure não fora impelida por cima do penedo pela velocidade de uma bicicleta, caíra simplesmente a direito.

Gabriel não suportava pensar naquilo. Era demasiado horrível.

QUARENTA

Tocaram à porta. Iris fechou os olhos.

— Por favor, que seja a Laure — murmurou. — Por favor, que tenha havido um erro terrível.

Gabriel apertou-lhe o ombro e foi à porta. Quando Iris abriu de novo os olhos, uma agente da polícia estava à sua frente.

— Como está, Iris? — perguntou a agente, uma mulher alta, com o cabelo louro preso num rabo de cavalo bem penteado. Era a agente Locke, lembrou-se Iris.

Iris abanou a cabeça.

— Continuo a ter esperança de que tenha havido um erro terrível.

A agente Locke fez-lhe um sorriso de empatia.

— Posso sentar-me? Tenho algumas perguntas que gostaria de lhe fazer.

— Sim, claro. Mas eu ia agora mesmo telefonar à Beth. — Iris olhou para Gabriel, que estava de pé atrás da agente Locke. — Estive a pensar no que ela disse, sobre vir para casa amanhã. Não achas que seria melhor esperar até ao funeral? Sei que não sabemos quando será, mas ela só ficaria aqui à espera. Na Grécia, pelo menos, tem o trabalho para a manter ocupada.

Gabriel acenou com a cabeça.

— Tens razão.

— Mencionou ontem que a Laure era a madrinha da Beth — disse a agente Locke.

— Sim, ela está muito perturbada. Podes ligar-lhe, Gabriel?

— Claro. — Iris sentiu o alívio dele por poder sair da sala.

A agente Locke esperou que ele se retirasse.

— Peço desculpa por vir incomodá-la, mas gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas sobre a Laure.

— O Pierre já sabe?

— Tanto quanto sei, não estava no apartamento dele quando a polícia lá

foi. Estão a falar com os vizinhos e a fazer uma lista dos amigos dele.

Iris inclinou-se para a frente.

— Deu-lhes o nome da Claire de Vaillant? Era a melhor amiga dele. Pode ser que esteja com ela.

— Sim, transmitimos todas as informações que nos deu. Estão a fazer tudo o que podem para o encontrar.

Iris acenou com a cabeça e voltou a abater-se na poltrona.

— Se puder recuar até à última vez que viu a Laure... — A agente Locke olhou para o seu *iPad*. — Foi há dois dias, no sábado à tarde. Estava no quarto lá em cima e viu-a da janela a falar com o Joseph, o vosso jardineiro. Depois viu-a ir-se embora.

— Sim. Tinha-me dito que ia correr.

— Ontem, disse que gostaria de a ter acompanhado.

— Sim, senti-me culpada por não ter ido. Mas tinha planeado tomar um banho prolongado, uma coisa que não tenho oportunidade de fazer muitas vezes.

— Como é que ela lhe parecia estar?

Iris hesitou.

— Bem.

— Não parece ter muita certeza.

— Foi só porque ouvi vozes altas. Foi por isso que fui até à janela e olhei lá para fora. — As palavras saíram-lhe em tropel.

— A Laure e o Joseph estavam a discutir?

— Foi o que me pareceu. Pensei que podiam estar a ter uma zanga de namorados.

— A Laure e o Joseph tinham uma relação?

— Tinham.

— Há quanto tempo?

— Há umas duas semanas. Talvez mais tempo, não tenho bem a certeza.

— Então, quando olhou pela janela, foi porque ouviu o som de vozes altas?

— Foi.

— Ouviu o que disseram?

— A Laure estava a dizer qualquer coisa sobre não querer fazer alguma coisa, e o Joseph disse que ela tinha de o fazer. Agarrou-lhe o braço, e ela soltou-se e disse que ia correr.

— O que fez o Joseph?

— Chamou-a, mas ela não voltou, e depois também se foi embora.

— Imediatamente?

— Não imediatamente, porque pegou no telemóvel e olhou para ele durante um momento. Depois foi-se embora. Fiquei surpreendida, porque devia estar a trabalhar.

— Como é que ele parecia?

— Com pressa.

— Quando estava a falar com a Laure, como parecia?

Iris pensou por um momento.

— Irritado.

— Não zangado.

— Não. — Entrelaçou as mãos. — Eu realmente não me sinto lá muito bem.

— Estou quase a acabar. Disse que a Laure saiu de casa por volta das quatro horas?

— Sim. Lembro-me de ver as horas antes de entrar na banheira, e eram quatro e dez. Comecei a encher a banheira logo depois de ela ter saído, e demora cerca de cinco minutos a encher, portanto, deve ter saído por volta das quatro.

— O Gabriel disse que foi dar uma volta de bicicleta, que foi até Faradale. Lembra-se a que horas voltou?

— Deve ter sido por volta das quatro e um quarto, porque eu tinha acabado de me meter na banheira.

A agente Locke acenou com a cabeça.

— Obrigada pelo seu tempo, Iris. Mal localizemos o Pierre, informo-a.

Gabriel esperou que a agente Locke se fosse embora para ir ter com Iris.

— Está tudo bem? — perguntou.

— Nem por isso. Como está a Beth?

— Ainda perturbada. Mas concordou que talvez seja melhor esperar para ver quando é o funeral antes de se apressar a voltar. — Abanou a cabeça como se para a desanuviar. — O funeral. Quero dizer, como é possível que vamos a um funeral, como é possível que vamos ao funeral da Laure?

Iris olhou para ele, nervosa.

— Preocupa-me ter dito alguma coisa que não devia à agente Locke. Ela

estava a fazer perguntas sobre o Joseph, e falei-lhe sobre a discussão que tinha ouvido e disse-lhe que ele se tinha ido embora a toda a pressa.

Gabriel sentou-se e pegou-lhe nas mãos.

— Só lhe contaste o que ouviste.

— Mas deu uma má impressão do Joseph. E se eles pensarem...?

— Provavelmente, pensam muitas coisas, é o trabalho deles. Até saberem exatamente o que aconteceu, provavelmente somos todos suspeitos.

Iris ergueu os olhos para os do marido.

— A agente Locke fez-me perguntas sobre ti, a que horas regressaste do teu passeio de bicicleta. Eu disse que tinhas voltado logo depois de eu ter entrado no banho, por volta das quatro e um quarto. Mas na verdade só chegaste às cinco horas.

Gabriel franziu a testa.

— Então porque mentiste?

— Porque... e que Deus não o permita... se tiver havido um crime, vi o que poderia parecer.

Ele ficou a olhar por um momento, depois esfregou o queixo.

— Merda — disse baixinho.

— Exatamente.

QUARENTA E UM

Gabriel sentou-se no banco de madeira do jardim murado, com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados a protegê-los do sol.

Se o mundo deles não tivesse implodido de repente, estaria à espera de que Maggie Ingram chegasse. Sentia-se culpado pelo alívio que sentira quando se apercebera de que a morte de Laure lhe daria uma desculpa para adiar o encontro. A terapeuta enviara-lhe as suas condolências e pedira-lhe que a avisasse quando se sentisse capaz de se encontrar com Maggie. Passaria muito tempo até que isso acontecesse.

Viera para o jardim murado para tentar pôr as ideias em ordem. A casa estava demasiado pesada com as imagens e os sons da dor de Iris — o rosto abatido e os olhos vermelhos, os soluços silenciosos, e, por vezes, um rugido de incredulidade — para ele conseguir pensar com clareza.

No princípio, Gabriel pensara que a morte de Laure fora um acidente, por causa do seu fascínio macabro pela pedreira. Mas depois começara a pensar sobre o estado mental dela. A viagem a Paris fora um desastre emocional. Ao não comparecer ao encontro combinado, Pierre tinha-a efetivamente rejeitado. Em retaliação, ela lançara-se num caso amoroso com Joseph. A discussão que Iris tinha escutado — Laure a dizer que não queria, e Joseph a insistir que ela tinha de o fazer — poderia ter sido ele a dizer-lhe que ela tinha de o deixar em paz. Já houvera o comentário de «afasta-te» e a forma como Joseph arredava visivelmente Laure quando ela se aproximava demasiado. Na opinião de Gabriel, indicava que ele se cansara dela.

Iris sentia-se mal por ter mencionado a discussão entre ambos à polícia, mas, na opinião de Gabriel, fizera bem em contar-lhes, porque a polícia sabia instintivamente quando as pessoas estavam a tentar esconder alguma coisa. Graças a Deus, Pierre desligara o telemóvel, não chegara a ver a mensagem que ele lhe enviara na quinta-feira passada a dizer-lhe que Laure seguira em frente. Se a tivesse visto, a polícia poderia pensar que ele viera a

Inglaterra e que assassinara Laure. O que Gabriel não conseguia entender era por que razão Pierre não voltara a ligar o telemóvel. Estavam a trinta e um de julho; ele deveria estar de volta à sua secretária. Em parte, sentia-se aliviado por não ter conseguido falar com ele, porque a ideia de ter de o informar de que Laure estava morta era verdadeiramente terrível. Mas não queria que o amigo ficasse a saber pela polícia. O número de mensagens de voz que deixara, sempre a mesma — *Pierre, tens de me ligar urgentemente*. *É sobre a Laure* — estavam a acumular-se.

Gabriel voltou o pensamento para Joseph. Havia alguma coisa que não batia certo, alguma coisa que lhe parecera um pouco estranha na altura. Até àquele momento, porém, não conseguira perceber o que era. Voltou a recordar o sábado anterior, quando tinham começado a preocupar-se com o desaparecimento de Laure. Haviam tentado contactar Esme e Hugh, mas não conseguiram, e Joseph dissera-lhe que eles estavam a jantar no The Watershed. Dissera que lhes perguntaria por Laure quando voltassem, mas ligara de seguida a dizer que fora ao The Watershed para falar com eles, e que eles não a tinham visto.

— Aqui estás tu. — Gabriel abriu os olhos, e Iris apareceu à vista, com os olhos vermelhos e inchados. — Tenho andado à tua procura.

Ele sentou-se.

— Aconteceu alguma coisa? A polícia conseguiu contactar o Pierre?

— Não. — Aproximou-se e sentou-se ao lado dele. — É só que não gosto de estar sozinha. A casa está demasiado silenciosa sem a Laure. — Ouviu o soluço na voz dela e puxou-a para si. — Em que estavas a pensar? — perguntou ela.

— No Joseph — admitiu ele. — Há uma coisa que me está a incomodar.

— O quê?

— Ele disse que foi ao The Watershed falar com a Esme e o Hugh. — Iris parecia confusa. — Quando ninguém atendia o telemóvel. Tu sabes, no sábado.

— Ah, sim. O que é que tem?

— Não me parece que tenha ido lá.

— Como assim?

— Não houve tempo suficiente, tenho a certeza. — Soltando-a, tirou o telemóvel do bolso e percorreu as chamadas. — Sete minutos. O Joseph ligou de volta sete minutos depois para dizer que fora ao The Watershed

para falar com a Esme e o Hugh. Não é tempo suficiente para ir ao *pub* e voltar, mesmo que tivesse ido a correr.

— Talvez te tenha telefonado do *pub*. Ou a caminho de casa.

Ele abanou a cabeça.

— Não ouvi nenhum ruído de fundo. De qualquer forma, há outra coisa. Quando penso agora, nem o Hugh nem a Esme nos telefonaram quando chegaram a casa para ver se a Laure tinha aparecido. Só enviaram uma mensagem ontem. E enviaram uma mensagem, não telefonaram.

Iris franziu a testa.

— O que estás a tentar dizer?

— Que só ontem souberam que a Laure estava desaparecida, porque, por alguma razão, o Joseph não lhes disse nada? Não sei. Parece-me simplesmente um pouco estranho.

Os olhos de Iris encheram-se de lágrimas.

— Tudo é estranho. Sinto-me mal por o Pierre ainda não saber.

Ele apertou os braços à volta dela, amaldiçoando-se por a ter perturbado, por parecer que estava a apontar o dedo a Joseph. A seguir, pôr-se-ia a lançar suspeitas sobre Hugh e Esme. Mas era o que acontecia quando alguém morria inesperadamente. Se não fosse um acidente óbvio, era próprio da natureza humana olhar para os que conheciam a vítima. Tanto quanto sabia, as pessoas da vila podiam estar a olhar para ele, a perguntar-se se ele tivera alguma coisa que ver com o sucedido. Para alguém de fora, poderia ter parecido uma situação estranha, Laure ter-se mudado para a casa deles. As pessoas podiam estar a perguntar-se se teria havido alguma coisa entre ele e Laure.

Fora por essa razão que ficara contente por Iris ter tido a presença de espírito de dizer à polícia que ele chegara a casa do seu passeio de bicicleta no sábado quarenta e cinco minutos antes da hora a que chegara de facto. Quando a polícia o interrogara sobre os movimentos dele nesse dia, ele manteve-se fiel ao que Iris lhes dissera, que chegara a casa às quatro e um quarto. Naquele momento, porém, Gabriel não podia deixar de se perguntar se teria sido a coisa certa a fazer, porque, se a polícia decidisse que era possível tratar-se de homicídio e fizesse investigações, alguma pessoa poderia tê-lo visto a passar de bicicleta pela casa dela depois das quatro e quinze, a hora a que Iris dissera à polícia que ele já estava em casa.

O que tornaria as coisas incrivelmente difíceis para ele.

QUARENTA E DOIS

— Encontraram-no? — perguntou Iris à agente Locke, quando a viu na soleira da porta na manhã seguinte. — O Pierre?

— A polícia francesa só me disse que ele não apareceu no trabalho ontem.

Os ombros de Iris descaíram-lhe.

— Então onde é que ele está?

— É o que estão a tentar descobrir.

— Não consigo suportar a ideia de que não está a par do que aconteceu à Laure. Parece-me errado.

— Sei que está a ser difícil para si, Iris, portanto não a vou demorar. Só passei por cá para lhe dizer que o senhor Sullivan foi levado para ser interrogado, pelo que não virá trabalhar hoje.

— O senhor Sullivan?

— O Joseph.

Iris olhou-a fixamente, chocada.

— Prenderam-no?

— Não, só precisamos de lhe fazer algumas perguntas.

Iris enterrou a cabeça nas mãos.

— Quem me dera não ter dito nada.

— Fez bem em contar-nos o que ouviu — disse a agente Locke com firmeza. — Trata-se de o eliminar das nossas investigações.

— Mas a morte da Laure foi um acidente, não foi?

— É nosso dever considerar todas as hipóteses. — Virou-se para se ir embora. — Mal tenha novidades, entro em contacto.

Iris esperou que ela se fosse embora e de seguida voltou para a cozinha.

— O que é que ela queria? — perguntou Gabriel.

Iris afundou-se numa cadeira.

— Está tudo uma grande confusão. Levaram o Joseph para ser interrogado. — Levantou a cabeça e olhou para o marido. — Achas que vão

dizer ao Joseph que eu lhes contei que o tinha ouvido a discutir com a Laure?

Antes que ele pudesse responder, o telemóvel dela tocou. Tirou-o da mesa.

— É a Esme — disse, com o coração na boca.

— É melhor atenderes.

Acenou com a cabeça e aceitou a chamada.

— Iris, como estás? — A voz de Esme era ao mesmo tempo calorosa e preocupada.

Iris lançou um olhar a Gabriel.

— Não muito bem, mas havemos de lá chegar. Obrigada pelas vossas mensagens, foi muito bom saber que estavam a pensar em nós.

— Lamentamos imenso o que aconteceu à Laure. É simplesmente de partir o coração.

— Eu sei.

— Iris, espero que não te importes que te ligue numa altura tão difícil, mas o Hugh acabou de me dizer que a polícia levou o Joseph para ser interrogado. Sabes porquê?

— Não. — Iris procurou algo para lhe dizer. — Mas talvez seja porque ele esteve com a Laure antes de ela ir correr?

— Não estou a perceber. A morte dela foi um acidente, não foi?

— Sim, tanto quanto sei.

— Como sabes que o Joseph estava com ela antes de ela ir correr?

— Porque os vi da janela do quarto, mesmo antes de ela sair de casa. Suponho que a polícia quer saber sobre o que estavam a falar para ter uma ideia do estado de espírito em que poderia encontrar-se.

— Porque não lhe perguntaram isso em casa? Porquê levá-lo para a esquadra?

Iris sabia que tinha de ser honesta.

— Ouvi-os a discutir.

— A discutir?

— Posso ter-me enganado — apressou-se a dizer. — Mas, se me enganei, tenho a certeza de que o Joseph vai explicar tudo. De qualquer modo, como estás?

— Bem, já não estou grávida. — Iris ouviu o sorriso na voz de Esme, mas demorou um momento a apreender o significado das palavras dela.

— Já tiveste o bebé?

A boca de Gabriel formou um *O quê?*

— Sim!

— Quando?

— Hum, no sábado — respondeu Esme cuidadosamente, e Iris sentiu uma enorme onda de emoção. O dia em que Laure morrera.

— Mas isso é maravilhoso! — disse, recompondo-se. — Parabéns, Esme! Menino ou menina?

— Um lindo menino. O Hamish.

Gabriel sentou-se ao lado dela.

— Parabéns, Esme! — gritou ao telefone. — Ao Hugh também. São notícias maravilhosas, exatamente do que precisamos.

— Então, como foi? — perguntou Iris. — Quero saber tudo!

— Bem, comecei a ter contrações durante a manhã. Quando pensei que devia ir para o hospital, o Hugh estava a meio da encosta de uma montanha, numa caminhada. Portanto, telefonei ao Joseph, e ele levou-me, o que foi uma sorte, porque o Hamish nasceu pouco tempo depois de eu ter chegado. Senti-me muito mal por não ter conseguido aguentar, porque significou que o Hugh perdeu o parto. Mas, pelo menos, tinha o Joseph comigo.

— Deviam ter-nos contado — protestou Iris.

— Íamos contar-vos nessa noite, mas depois o Joseph telefonou ao Hugh, que estava no hospital, a dizer que tu e o Gabriel andavam à procura da Laure porque ela não tinha voltado de uma corrida e que estavam preocupados com ela, por isso pareceu-nos um pouco descabido contar-vos nessa altura. Depois, quando ela foi encontrada, tornou-se ainda mais melindroso. — Esme fez uma pausa novamente. — Nem sequer tinha a certeza se devia contar-te agora.

Iris sufocou um soluço. Precisava de se concentrar em Esme, não em Laure.

— Claro que devias! O Gabriel tem razão, é exatamente do que precisamos, de uma notícia maravilhosa para nos distrairmos de tudo o resto. — Fez uma pausa. — Mas quer dizer que o Hamish nasceu cerca de cinco semanas antes do tempo, não é? Como é que ele está?

— Está bem, mas ainda estamos no hospital. Vão manter-nos aqui até ele ganhar mais peso.

— Avisam-me quando puder ir ver-vos?

— Porque não esperas até estarmos em casa? Desculpa, tenho de ir, está na hora de o Hamish mamar.

— Adeus, Esme, dá um beijo meu ao Hamish. Até breve.

— Ena — disse Gabriel, quando Iris desligou. — Não estava à espera disto.

— Nem eu.

— Explica muita coisa, como o facto de o Joseph ter fingido que fora ao The Watershed para falar com eles. Eles não estavam no *pub*, estavam no hospital. Ele deve ter-lhes telefonado para lá para perguntar pela Laure. — Olhou para ela. — Deves estar aliviada.

— Porquê?

— Porque, se o Joseph levou a Esme ao hospital no sábado à tarde e esteve com ela durante o parto, tem o álibi perfeito para quando a Laure desapareceu.

QUARENTA E TRÊS

Iris olhava fixamente para o ecrã em branco à sua frente. O testemunho de Joseph, de que Laure não tinha ficado perturbada naquela tarde, apenas exasperada, a acrescentar ao facto de ele ter um álibi sólido para aquela tarde, significava que a hipótese de crime parecia ter sido excluída em relação à morte de Laure. A obsessão dela com a pedreira — pedindo repetidamente para ver o local onde Charlie Ingram caíra — também sustentava o veredicto de morte acidental. Ninguém veio a público dizê-lo, mas ficara implícito no noticiário local que se tratava de mais um triste caso de curiosidade fatal.

Por vezes, Iris perguntava-se o que teria acontecido se não tivesse dado um álibi a Gabriel dizendo que ele voltara do seu passeio de bicicleta minutos depois de Laure ter saído para ir correr. Se a polícia soubesse que só chegara quarenta e cinco minutos depois, tê-lo-iam investigado, estariam ainda a investigá-lo? Não suportava pensar nisso e não se sentia mal por ter mentido, porque sabia como teria sido fácil montar um caso contra Gabriel, a polícia começar a especular sobre se houvera ou não alguma coisa entre ele e Laure. Ela própria poderia ser investigada, poderiam ter-se perguntado se ela descobrira que tinham um caso ou suspeitara que tivessem um caso e quisera livrar-se de Laure. Mesmo que não tivessem conseguido provar nada, era bem sabido que era difícil livrar-se da fama. Fora melhor assim.

A porta do escritório dela abriu-se, e Gabriel entrou, seguido pela agente Locke.

— Por favor, diga-me que a polícia francesa encontrou o Pierre — disse Iris. — Já passaram três dias.

— Receio que não o tenham encontrado, ainda não. — A agente Locke puxou uma cadeira e sentou-se. — Já deve saber que o senhor Sullivan nos deu uma explicação satisfatória para a discussão que a Iris ouviu entre ele e a Laure. — Fez uma pausa. — Parece que ele queria que a Laure lhe

contasse que estavam a ter uma relação, mas a Laure não queria, porque achava que a Iris não ia aprovar, por causa do Pierre. E a razão pela qual ele desapareceu depois foi porque foi chamado com urgência para levar uma amiga ao hospital.

Iris acenou com a cabeça.

— A Esme. Eu sei, ela contou-me. — Ocorreu-lhe a ideia de que a agente Locke poderia pensar que ela era culpada de obstrução da justiça. — Peço desculpa se vos induzi em erro — acrescentou.

— Não, de todo. Fez bem em mencioná-lo. — Fez-se outra pausa. — O senhor Sullivan disse que achava que a Laure talvez estivesse a incomodá-los. Estava? A incomodá-los?

— Não, de todo. Sentíamo-nos contentes por a termos connosco.

— E o Gabriel? Sentia o mesmo?

— Sim, sem dúvida.

A agente Locke sorriu.

— Bem, não vos tomo mais tempo. Não se levantem, eu saio sozinha.

QUARENTA E QUATRO

Gabriel desceu as escadas a matraquear os degraus e entrou de roldão na cozinha.

— É a polícia — disse. — Acabei de ver chegar o carro deles. A agente Locke e mais alguém, um homem.

Iris levou a mão ao peito.

— Talvez tenham encontrado o Pierre.

— Esperemos que sim.

Ficaram à espera que a polícia tocasse à campainha, depois esperaram mais um pouco. Gabriel foi abrir-lhes a porta, e Iris ficou na cozinha.

— Olá, Iris — cumprimentou a agente Locke, aparecendo à porta. — Este é o agente Ramesh, o meu colega. — Virou-se para Gabriel. — Poderíamos tomar um chá?

— Claro.

Os alarmes começaram a soar quando Gabriel levantou a chaleira da base e a encheu de água. A agente Locke nunca aceitara a sua oferta de chá. E normalmente vinha sozinha.

A agente Locke puxou uma cadeira e sentou-se em frente a Iris. O agente Ramesh sentou-se ao lado da colega, deixando o lugar ao lado de Iris livre para Gabriel.

— Põem açúcar? — perguntou Gabriel, tirando quatro canecas do armário e pousando-as em cima da bancada. Iris observou-o a colocá-las numa linha reta, um sinal de que também ele pressentia que algo não estava certo.

— Uma colher, por favor — disse o agente Ramesh.

— Não, obrigada. — A agente Locke sorriu a Iris, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

A chaleira desligou-se com um estalido, e ficaram todos a ver Gabriel deitar água nas canecas, agitar na água as saquetas de chá por um momento antes de as tirar, uma a uma, e de as deitar para o caixote do lixo. Quando já

tinha pousado as canecas na mesa, juntamente com o açucareiro, um pacote de leite e quatro colheres de chá, a tensão na cozinha era palpável.

— Obrigada — disse a agente Locke, depois de Gabriel se ter sentado, e passaram o leite uns aos outros. Levantou a caneca e bebeu um pequeno gole de chá, e todos fizeram o mesmo, embora estivesse demasiado quente para o beberem.

— A polícia francesa encontrou o Pierre — declarou ela.

A respiração de Iris soltou-se audivelmente.

— Graças a Deus.

— Mas receio não ter boas notícias.

— O que quer dizer? — A voz de Gabriel levantara-se bruscamente.

Iris estendeu a mão para a dele e apertou-lha, tanto por ela como por ele.

— Não há uma maneira fácil de dizer isto — disse a agente Locke. — Lamento ter de vos informar que o Pierre está morto.

Fez-se um silêncio terrível.

— O quê?

— Os nossos colegas franceses encontraram o corpo dele hoje.

A cadeira de Iris recuou com um ruído.

— Não. Não, não pode ser. Devem ter-se enganado!

— Iris...

A cozinha começou a andar à roda, e Iris estendeu as mãos para a beira da mesa. Sentiu os braços de Gabriel à sua volta, a impedi-la de cair, depois umas mãos nos ombros.

— Por favor, sente-se — pediu a agente Locke, pressionando-lhe os ombros para que se sentasse. — O Gabriel também.

Afundaram-se nos respetivos lugares, e Gabriel enterrou o rosto nas suas mãos.

— Como? — perguntou, sufocando um soluço. — Como é que ele pode estar morto? Como pode haver tanta tragédia? É demasiado para suportar.

— Lamento — disse a agente Locke num tom de voz delicado.

— O que aconteceu? — Os dentes de Iris batiam. Estendeu a mão para a caneca de chá, a precisar de uma sensação de calor, mas, quando tentou pegar nela, algum líquido derramou-se.

— Porque não espera um minuto? — sugeriu o agente Ramesh. — Não há pressa.

Iris acenou com a cabeça, sem saber o que fazia, e apertou as mãos para

tentar evitar que tremessem. Gabriel levantou-se abruptamente, pegou no rolo de cozinha que estava ao lado, rasgou uma folha e assoou o nariz.

— Certo — disse, em voz trémula. — Estou pronto.

Sentou-se. Iris voltou a encontrar a mão dele e segurou-a com força.

— O corpo dele foi encontrado hoje de manhã na cave do prédio onde vivia. Ao que parece, cada apartamento tem uma pequena arrecadação na cave.

Gabriel acenou com a cabeça.

— O Pierre e a Laure guardavam lá as coisas do esqui e as bicicletas. E uma arca congeladora extra. E ferramentas... ele tinha uma serra eléctrica. Jesus. — Esfregou o rosto. — Foi isso que aconteceu? Teve um acidente lá em baixo?

— Não, não foi um acidente.

— Então... o que está a dizer? Que ele se matou? — A voz de Gabriel elevou-se, depois quebrou-se. — Oh, meu Deus, terá sido por causa da mensagem que lhe enviei?

A agente Locke franziu a testa.

— Que mensagem foi essa?

Gabriel parecia não querer contar-lhe.

— Uns dias antes da morte da Laure, enviei uma mensagem ao Pierre a dizer que ela tinha seguido em frente e que, se ele não viesse cá, a perderia para sempre.

— E ele respondeu?

— Não. Foi por isso que não o mencionei à polícia. — Fitou-a com uma angústia evidente. — Terá sido a gota de água? A mensagem estava marcada como não lida, por isso pensei que ele não a tinha visto.

— Deve ter sido por essa razão que ele disse ao Arnaud que ia para fora até ao fim de julho — disse Iris, com a voz embargada. — Não queria que ninguém o encontrasse.

Gabriel enterrou a cabeça nas mãos.

— A culpa é minha. Nunca devia ter-lhe dito nada.

— Gabriel. — A agente Locke pôs-lhe uma mão no braço. — O Pierre não se suicidou.

Gabriel levantou a cabeça.

— O quê?

— Posso ver a mensagem?

Gabriel acenou com a cabeça, pegou no telemóvel, procurou a mensagem e passou o aparelho para as mãos da agente.

— Ainda está marcada como não lida — disse ela.

— Não percebo. — A frustração de Gabriel era evidente. — Se o Pierre não se suicidou, como morreu então?

O agente Ramesh aclarou a voz.

— Lamento ter de vos dizer que foi assassinado.

QUARENTA E CINCO

Iris estava à janela do quarto, com os braços à volta do corpo. Era mais um dia bonito, com uma temperatura de trinta e poucos graus, ouvira dizer no rádio. Estava constantemente ligado, para abafar o silêncio sufocante que dominava a casa.

Apesar do calor, estava a tremer. Ficara enregelada desde que o agente Ramesh lhes contara que o corpo de Pierre fora encontrado na arca frigorífica que ele e Laure tinham na arrecadação do apartamento deles em Paris. Era como se o corpo dela estivesse a refletir o que acontecera a Pierre. Ele fora esfaqueado no coração.

Não conseguia parar de chorar, e tinha de parar, porque as lágrimas dela só agravavam a angústia de Gabriel. Estava destroçado, absoluta e completamente destroçado. Envelhecera de uma forma quase irreconhecível em poucos dias, com o rosto pálido e esquálido, o cabelo com fios grisalhos. Iris ouvira falar de cabelos que ficavam brancos de um dia para o outro devido ao choque. Agora sabia que era verdade.

Talvez ela estivesse como ele. Não sabia, porque não se tinha olhado ao espelho. Mal se podia dar ao trabalho de se vestir; só tomara um duche nessa manhã porque conseguia sentir o cheiro do seu próprio suor. Fizera-o por Gabriel, não por si própria. Depois vestira de novo as *leggings*, e, se a *T-shirt* que trazia vestida antes não tivesse café derramado sobre ela, provavelmente tê-la-ia voltado a vestir também, apesar do cheiro a suor.

Forçou-se a ir ao guarda-fato. Tirou uma camisola da prateleira e vestiu-a com dificuldade, com o corpo tão rígido de tristeza que os membros já não se dobravam como deviam. Dirigiu-se para o cimo das escadas e desceu-as lentamente, agarrando-se ao corrimão para se apoiar. Havia uma caçarola na cozinha, trazida por uma vizinha simpática. Gabriel fora buscar Beth a Gatwick. Ela partira da Grécia nessa manhã, três semanas mais cedo do que estava previsto. Mesmo que Iris e Gabriel não tivessem fome, Beth poderia

ter.

Abriu o forno, pôs a caçarola na prateleira e fechou a porta. Preparava-se para se sentar, porque estar de pé requeria demasiada energia, quando se lembrou de que precisava de ligar o forno. Estendeu a mão, rodou o seletor até meio e afundou-se numa cadeira.

Beth não sabia que Pierre fora assassinado. Iris e Gabriel tinham falado sobre o assunto e achado que seria demasiado para a filha lidar com a notícia sozinha, tão pouco tempo depois da morte de Laure. Como não queriam que descobrisse nas redes sociais antes de terem tido a oportunidade de lhe contar cara a cara, tinham-lhe dito que Pierre fora encontrado e que estava morto. Beth não pedira pormenores, apenas dissera que queria voltar para casa. A perspetiva de lhe contar a verdade apavorava-os. Ela teria imensas perguntas, mas eles não dispunham de respostas para lhe dar.

Ouviu o carro entrar no caminho da casa. Agarrou-se à mesa e levantou-se lentamente. Houve o ruído de uma porta de carro a fechar-se, depois de outra. Foi até ao *hall* e olhou pela janela. A devastação no rosto de Beth era claramente visível, e Iris soltou um suspiro de alívio. Gabriel já lhe contara.

QUARENTA E SEIS

A agente Locke estava de volta. Era a manhã de segunda-feira, nove dias depois da morte de Laure, quatro dias depois de o corpo de Pierre ter sido encontrado na arca congeladora.

— Parece que o Pierre foi morto mais cedo do que a polícia francesa pensava inicialmente — disse ela, quando já estavam sentados à volta da mesa da cozinha, nas posições que se tinham tornado as habituais. — Possivelmente, há seis semanas.

Os olhos de Iris voltaram-se para as escadas, visíveis ao fundo do corredor. Sentia-se aliviada por Beth ainda estar na cama, preferia que ela recebesse quaisquer atualizações dela e de Gabriel. Depois, as palavras da agente Locke penetraram-lhe na mente.

— Seis semanas? — perguntou Gabriel, chegando lá antes dela. — O Pierre está morto há seis semanas?

— Sim, a polícia francesa pensa que foi assassinado por volta do princípio de julho.

— No princípio de julho? — Atónita, Iris virou-se para Gabriel. — Foi por volta da altura em que a Laure foi a Paris para se encontrar com ele. Meu Deus, achas que foi por isso que ele não apareceu? Por estar morto?

— Jesus Cristo — murmurou Gabriel.

Os olhos de Iris encheram-se de lágrimas.

— Ela pensou que ele não tinha aparecido porque não se importava. Mas e se já estivesse morto? Não consigo suportar a ideia.

— Quando foi isso? — Iris levantou a cabeça, sobressaltada com o tom de urgência na voz da agente Locke. — Quando é que a Laure foi a Paris para se encontrar com o Pierre?

— Hum, não sei bem ao certo.

— Por favor, Iris, é importante.

Iris pegou no telemóvel e abriu o calendário.

— Foi no dia a seguir ao meu encontro com a minha amiga Jade para almoçar. Aqui está... o meu almoço com a Jade foi na sexta-feira, dia um de julho, por isso o encontro da Laure com o Pierre deve ter sido no dia dois.

A agente Locke franziu a testa.

— No dia dois?

— Sim.

A agente verificou o seu *iPad* e ficou imóvel por um momento.

— Iris, pode explicar-me passo a passo como foi esse dia, o dia em que a Laure foi a Paris para se encontrar com o Pierre? A que horas é que ela saiu?

— Céus, não me consigo lembrar. Sei que tive de me levantar cedo, porque ia levá-la à estação. Ela ia encontrar-se com o Pierre à uma hora no apartamento deles, e, como França está uma hora adiantada, precisava de apanhar o Eurostar por volta das nove, penso eu. Sim, é isso mesmo, ela tinha reservado bilhete para o Eurostar das nove, porque a viagem demora cerca de duas horas e meia, o que significa que chegaria à Gare du Nord ao meio-dia e meia, pela hora francesa, o que lhe dava tempo suficiente para chegar ao apartamento deles à uma.

— Mas o Pierre não estava lá?

— Não.

— Quando é que a Laure lhe disse que ele não estava lá?

— Por volta das três da tarde, quando telefonou da Gare du Nord.

— Ou seja, às quatro da tarde pela hora francesa.

— Sim. Ela disse que estava prestes a partir, que mudara o bilhete para um comboio mais cedo.

— Disse mais alguma coisa?

— Não, só perguntou se podia ir buscá-la à estação de Markham. Fui apanhada de surpresa, porque só a esperava mais tarde. Para ser sincera, não esperava realmente que voltasse, apesar de ela ter dito que não ia passar lá a noite. Suponho que tinha a esperança de que ela fizesse as pazes com o Pierre. Perguntei-lhe como tinha corrido com ele, e ela desatou a chorar e disse-me que ele não tinha aparecido no apartamento.

— Ela disse quanto tempo esperara no apartamento?

— Não. Mas são quinze minutos de metro do apartamento até à Gare du Nord, e, quando ela me telefonou, já estava na Gare du Nord e tinha conseguido trocar o bilhete para um comboio mais cedo. — Com

dificuldade, calculou para trás a partir das quatro horas francesas. — Para ter tido tempo de o fazer, deve ter saído do apartamento por volta das três horas. Não, mais cedo, porque, entre a saída do apartamento e a chegada à Gare du Nord, foi às compras.

— Às compras?

— Sim, estava com roupa nova quando fui buscá-la à estação, e, quando a elogiei, disse que decidira mimar-se e comprar roupa nova.

A agente Locke franziu a testa.

— Como é que ela estava quando a foi buscar à estação?

— Contava que ainda estivesse bastante perturbada, mas não, estava... com um ar de desafio, suponho. Ao que parece, tinha vindo a conversar com alguém no comboio, que lhe disse que o Pierre não a merecia e que ela podia arranjar melhor. — Fez um sorrisinho. — Obviamente, decidira levar as palavras dessa pessoa a peito.

— Onde estavam as roupas que ela levava vestidas quando partiu nessa manhã?

— Na mala dela, presumo. — Iris pensou por um momento. — De facto, não podiam estar, só trazia a mala de mão. Não tinha levado nada maior, porque, como eu disse, só tencionava passar o dia em Paris. Foi por isso que comprou um bilhete de ida e volta.

— Trazia um saco de compras, da loja onde tinha comprado as roupas?

— Não, penso que não. Não me lembro de ter visto nenhum.

— Lembra-se do que ela levava vestido quando saiu de manhã?

— Sim, um vestido azul-claro e sapatos de lona azuis. Gostava de coisas a condizer. Tínhamos comprado o vestido juntas, por isso reparei que ela não o trazia quando regressou.

— Pode mostrar-mos, por favor? O vestido e os sapatos?

— Sim, claro.

A agente Locke seguiu Iris até ao andar de cima. Iris abriu a porta do quarto de Laure e, de seguida, parou. Não entrava no quarto desde que Laure morrera, embora a polícia o tivesse feito.

— Eu... eu ainda não entrei, nem sequer para tirar os lençóis da cama — disse, hesitante. — Sei que vou ter de o fazer, mas não consigo encará-lo.

— Provavelmente, é melhor deixar tudo como está, por enquanto.

— Cheira-me a ela. — A voz de Iris quebrou-se. — Ao perfume dela.

— Leve o tempo de que precisar.

Iris acenou com a cabeça e dirigiu-se ao guarda-fatos. Abriu a porta e remexeu nas roupas no varão, assaltada por memórias de Laure a usar cada peça. Não eram muitas; Laure chegara de mãos vazias e só comprara algumas peças no dia em que tinham ido às compras juntas, dois vestidos, uma saia, um par de calças de ganga, alguns calções e *T-shirts*.

— Não está aqui — disse Iris, piscando os olhos a conter as lágrimas. — O vestido. Deve estar para lavar.

— E os sapatos de lona que ela levou calçados?

Os poucos pares de sapatos que Laure possuía estavam alinhados ordenadamente ao longo do fundo do guarda-fatos. Iris examinou-os rapidamente.

— Também não estão aqui. Talvez lá em baixo.

Voltaram a descer as escadas, e Iris verificou no corredor, no armário debaixo das escadas onde ela e Gabriel guardavam os sapatos e junto à porta das traseiras. Até foi ver na garagem. Mas os sapatos de Laure não se viam em lado nenhum. E o vestido azul não estava no cesto da roupa suja.

Iris lançou um olhar à agente Locke. Via pela expressão dela que estava a deduzir alguma coisa do facto de as roupas não estarem lá.

— Importa-se que dê mais uma olhadela ao quarto da Laure? — perguntou a agente Locke.

— Não, de todo.

— Obrigada.

Iris voltou para a cozinha, onde Gabriel e o agente Ramesh estavam à espera. Gabriel levantou a cabeça das mãos.

— Está tudo bem?

— As roupas da Laure não estão lá. As que ela levava vestidas quando foi a Paris — acrescentou.

— O que é que isso tem que ver com o assunto?

Iris deixou-se cair na cadeira ao lado dele.

— Não sei.

— Jesus Cristo.

— Quer um pouco de água? — perguntou o agente Ramesh.

— Por favor.

— Gabriel?

— Não, obrigado.

O agente Ramesh encheu um copo da torneira e levou-o a Iris. Ela bebeu-

o lentamente, a desejar que a agente Locke se despachasse e voltasse. Tudo o que queria era que os dois polícias se fossem embora antes que ela e Gabriel se fossem completamente abaixo.

Ouviu passos nas escadas, e a agente Locke entrou na cozinha. Vinha de luvas de látex e tinha um telemóvel na mão.

— Algum dos dois já tinha visto este telemóvel? — perguntou, empunhando-o. Tinha uma capa azul-marinha e um logótipo branco na parte de trás.

Iris abanou a cabeça.

— Não.

O rosto de Gabriel empalideceu.

— Creio que é do Pierre — disse.

QUARENTA E SETE

No princípio, Gabriel recusara-se a acreditar. Simplesmente não conseguia perceber o que se passava. Mas, segundo a polícia francesa, Laure matara Pierre.

Disseram que Laure mentira, que Pierre estava no apartamento deles naquele dia e que ela o matara e que ou fora premeditado — ela tivera a intenção de o matar —, ou tinham tido uma discussão e ela acabara por o assassinar.

Iris perguntara à agente Locke como Laure podia ter levantado em peso o corpo de Pierre e tê-lo metido numa arca congeladora quando era tão pequena, e a agente Locke dissera-lhe que o facto de Pierre também ser magro ajudava; a polícia francesa calculava que, com muito esforço e empurrões, fora possível a Laure fazê-lo. Depois havia as roupas que Laure não trazia vestidas quando regressara nessa noite. A polícia francesa andava à procura delas, mas reconhecera que, provavelmente, estavam num aterro sanitário e nunca seriam encontradas. Portanto, Gabriel e Iris haviam tido de aceitar que Laure matara Pierre.

As recordações invadiam a mente de Gabriel: os quatro juntos na praia na Normandia, Pierre a entrar no mar com Laure nos braços e a atirá-la para a água, Laure aos gritinhos e a espernear; os quatro no seu restaurante parisiense preferido, com travessas a abarrotar de marisco, Laure e Pierre a lutar pelo último lagostim; a cabeça de Laure no ombro de Pierre enquanto viam o pôr do sol no cimo de uma colina na Dordonha. Como é que algum deles poderia alguma vez ter imaginado que ela acabaria por o matar? E porquê? Porque ele *fora* pai de uma criança? Porque a traíra? Porque queria fazer uma nova vida com outra pessoa? Porque ela queria fazer uma nova vida com outra pessoa? Como poderiam alguma vez ter respostas, se ambos estavam mortos?

Gabriel perguntara à agente Locke se, à luz do homicídio de Pierre,

houvera uma revisão quanto à causa da morte de Laure. Ela parecera desconfortável e dissera, oficiosamente, que o suicídio era uma possibilidade. Laure saberia que o homicídio de Pierre acabaria por vir à tona, porque, em algum momento, a polícia faria uma busca na arrecadação deles na cave do prédio.

Gabriel já não sentia pena de Laure. Matara Pierre, e eles tinham chorado por ela, tinham-se sentido enlutados. Para ele, era a suprema traição.

QUARENTA E OITO

Iam a pé pela rua, a conversar determinadamente um com o outro, tentando parecer despreocupados.

Na realidade, Iris sentia-se horrivelmente visível. Na sua mente, os habitantes de todas as casas entre a deles e a de Esme estavam a observá-los sub-repticiamente atrás das cortinas, a murmurar sobre eles: *Ooh, olha, finalmente saíram. Mas não é de admirar que quisessem fechar-se em casa. Não é todos os dias que uma pessoa amiga que está em nossa casa morre — dizem que foi um acidente, mas não tenho tanta certeza —, e depois, não muito tempo depois, fica-se a saber que o marido da amiga foi assassinado. Já ouvi dizer que foi ela, a mulher. Mas parece tudo um pouco estranho, não achas? Às vezes, pergunto-me se se passava alguma coisa... se me faço entender.* O verdadeiro passeio da vergonha.

Por um momento, Iris desejou não ter acedido ao convite de Esme. Mas ainda não tinham conhecido Hamish, e, durante a chamada telefónica diária do dia anterior, ela dissera a Esme que estava preocupada com Beth, que, desde que voltara para casa, havia duas semanas, não se tinha aventurado a sair. Parecia contente por se manter por perto, trabalhando ao lado de Gabriel no jardim antes de ir ajudar a mãe a preparar o almoço ou o jantar. Iris sabia que Beth estava preocupada com eles, tal como ela estava preocupada com Beth. Estavam todos preocupados uns com os outros, ao que parecia.

— Venham cá amanhã — dissera Esme. — Por favor, não recuses, Iris. Eu e o Hugh adorávamos ver-vos, a ti e ao Gabriel, e conhecer a Beth. E vocês têm de conhecer o Hamish. E o Marcus, o filho do Hugh, vai cá estar. Será bom para a Beth conhecer alguém mais ou menos da idade dela. Não precisam de ficar muito tempo se não quiserem, mas uma mudança de ambiente vai fazer-vos bem.

Iris sabia que Esme tinha razão, portanto, concordou. Foi só quando se

estava a arranjar nessa manhã — fora um alívio ser forçada a vestir algo diferente de calças de fato de treino e *T-shirt* — que a mente voltou às circunstâncias do nascimento do bebé Hamish. Haviam sido umas tréguas bem-vindas poder pensar noutra coisa que não fosse o horror do homicídio de Pierre, mas Iris gostaria de que os seus pensamentos não se tivessem concentrado em Esme e numa possível relação entre ela e Joseph. O facto de ter assistido ao parto, e não Hugh, deixava-a desconfortável. Ter sido ele a levar Esme ao hospital fazia sentido. Mas ter ficado, ter estado com ela enquanto dava à luz, ter sido ele a pegar no bebé ao colo nos primeiros segundos de vida — parecia de alguma forma errado. Não podia ter sido de propósito; Esme não podia ter planeado dar à luz enquanto Hugh estava no cimo de uma montanha para poder ter Joseph ao seu lado. Mesmo assim...

A perspetiva de ver Joseph deixava Iris desconfortável, e, quando estavam a aproximar-se da casa de Esme e Hugh, rezou para que ele não estivesse lá. Havia também o problema do que dissera à polícia, sobre tê-lo ouvido a discutir com Laure. Sentia que lhe devia um pedido de desculpa, mas queria falar com ele a sós, não à frente de toda a gente.

Nessa manhã, Gabriel dissera que se perguntava como Joseph estaria a sentir-se, uma vez que tivera uma relação com Laure, e Iris apercebeu-se de que tinha andado tão absorta pelas suas próprias emoções que nem uma vez pensara em Joseph no meio daquilo tudo. Em sua defesa, acreditava que os sentimentos dele não podiam ter-se tornado muito profundos no espaço de algumas semanas. Devia ter sido um choque enorme para ele, no entanto, saber que Laure assassinara Pierre.

Como o passeio era demasiado estreito para os três andarem lado a lado, Iris ficou para trás, olhando para Beth com preocupação. Apesar de estar em choque quando chegara, aparecera com um aspeto maravilhosamente saudável, a pele bronzeada num castanho-dourado, o cabelo cor de mogno entrançado numa corda grossa e brilhante. Agora, apesar de passar a maior parte do dia ao ar livre no jardim, tinha uma palidez macilenta e os olhos encovados. Emagrecera, todos tinham perdido peso. As roupas de Gabriel pendiam dele, precisava de um cinto para as calças de ganga não lhe caírem.

Querendo afastar-se dos olhares curiosos, estugaram o passo à medida que se aproximavam da casa de Esme e Hugh. Foram acolhidos de imediato com abraços calorosos e apresentados a Hamish e a Marcus, que era a viva

imagem do pai, mas com bastante cabelo e sem barba. Enquanto via Beth passear no jardim com Hamish nos braços, a rir-se de algo que Marcus estava a dizer, Iris sentiu que alguma da tensão se dissipava.

— Obrigada — disse, quando Esme lhe passou um copo de vinho branco fresco para as mãos. — Não me tinha apercebido do quanto precisávamos disto. — Relanceou o olhar para onde Gabriel estava a falar com Hugh. — Especialmente o Gabriel. Ele e o Pierre tinham uma ligação especial, e pensar que a vida do amigo acabou de uma forma tão violenta é uma tortura para ele.

— Não consigo sequer imaginar como deve ser difícil para todos vós.

Iris dirigiu-se para uma cadeira de vime e sentou-se.

— Pensamos que, para a Laure ter sido levada a um ato tão extremo, há mais na história de Pierre do que ter tido uma filha. O Gabriel disse que, a dada altura, teve dúvidas. O problema é que nunca saberemos. — Bebeu um gole de vinho. — Sinto-me tão confusa sobre tudo, sobre como devia sentir-me. Apesar do que ela fez, a Laure era minha amiga. E sinto-me parcialmente culpada pelo que aconteceu. Devia ter reparado, ter prestado mais atenção ao estado de espírito dela. Quando regressou de Paris, havia uma espécie de atitude febril totalmente em desacordo com o estado de espírito dela quando me telefonou da Gare du Nord. Para ser sincera, fiquei contente por ela já não estar deprimida e a chorar, e não pensei em questionar a mudança de humor dela. — Iris fez uma pausa. — Na altura, o Gabriel duvidou se a angústia dela quando me telefonou era uma encenação. É agora óbvio que sim.

— Não te podes culpar, Iris. Mesmo que te tivesses apercebido de que a Laure estava mentalmente instável quando regressou de Paris, nunca te teria ocorrido que ela tinha assassinado o Pierre.

— Deve ter havido um gatilho. Não acredito que a Laure tenha ido a Paris com a intenção de o matar. Ele deve ter-lhe dito alguma coisa que a fez descontrolar-se.

— Vimo-la no dia seguinte, na vossa casa, e ela estava fresca como uma alface. Parece incrível que, menos de vinte e quatro horas antes, tivesse matado o Pierre a sangue-frio.

— Ela começou a beber cedo nesse dia, lembro-me. Talvez estivesse a tentar esquecer o que tinha feito. — Iris procurou outra coisa de que falar. — O teu jardim está com muito melhor aspeto.

Esme acenou com a cabeça.

— Ter o Joseph a trabalhar a tempo inteiro nas últimas três semanas ajudou, sem dúvida.

— Como é que ele está?

— Devastado. A morte dela afetou-o muito, e ser levado para ser interrogado pela polícia foi um choque enorme. Um choque para mim e para o Hugh também, porque não sabíamos que eles estavam numa relação. — Fez uma pausa. — Tu tentaste contar-me, mas eu tinha esperança de que não fosse verdade. Não achava que ele fosse bom para a Laure... no entanto, parece que a amava. Não queria acreditar que a polícia pudesse pensar que teria tido alguma coisa que ver com a morte dela.

— Tenho de lhe pedir desculpa.

— Ele não está cá hoje, foi ver a mãe. — Hesitou um pouco. — Vão a Paris esta semana?

Iris acenou com a cabeça. Não tinham ido ao funeral da Laure na semana anterior, mas iriam ao do Pierre.

— Sim, na terça-feira. O funeral é na quarta. Voltamos na quinta.

Esme acenou lentamente com a cabeça.

— O que foi? — perguntou Iris.

— É só que o Joseph não acredita que a Laure tenha matado o Pierre.

— Nós também não acreditávamos. E, no entanto, parece que foi ela.

— Ele disse que ela não seria capaz de o fazer.

— Havia muito mais sobre a Laure do que qualquer um de nós sabia. — A voz de Iris era triste. — E lamento, mas o Joseph só a conheceu durante algumas semanas. Não me parece que pudesse ter conhecido a verdadeira essência da Laure em tão pouco tempo.

— Concordo. Provavelmente é a dor a falar. — Esme olhou na direção do jardim. — A Beth é encantadora. Devem estar muito orgulhosos dela.

Iris sorriu.

— Obrigada. Sim, estamos, estamos tremendamente orgulhosos dela. É ótimo tê-la por perto, embora provavelmente não seja assim tão bom para ela. Eu e o Gabriel não somos lá muito divertidos neste momento.

— Tenho a certeza de que ela compreende. E se alguma vez precisar de uma mudança de cenário, pode sempre vir aqui dar miminhos ao Hamish.

— São tão encantadores — comentou Beth no regresso a casa dali a duas

horas. — A Esme diz que posso ir até lá quando quiser.

Iris acenou com a cabeça.

— Ela é espetacular. Tem a porta sempre aberta, literalmente. Não se importa que as pessoas simplesmente lhe entrem em casa.

Beth sorriu.

— Isso é tão fixe. Eu detestaria. Imagina alguém a aparecer quando estás com uma máscara na cara ou ainda de pijama.

— Nenhuma dessas coisas incomodaria minimamente a Esme. Já eu não consigo pensar em nada pior.

— No entanto, aguentaste muito bem quando a Laure apareceu sem ser convidada e se instalou como se estivesse na casa dela.

Iris pestanejou para conter as lágrimas repentinas, tocada pelo elogio de Beth, mas sentindo-se indigna dele.

— Na aparência, talvez. Mas ela começava a exasperar-me. Sinto-me muito mal com isso agora. E não fomos ao funeral dela — acrescentou, com a voz embargada. — Não podíamos. Teria sido como se estivéssemos a sancionar o que ela fez.

Beth enfiou o braço no de Iris.

— Para de te martirizar por causa disso, mãe. Fizeste bem em não ir. E, se te sentires mal, lembra-te só de que ela matou o Pierre. — A voz dela endureceu-se. — Isso deverá livrar-te de qualquer comiseração que sintas pela Laure.

QUARENTA E NOVE

Gabriel olhava fixamente pela janela do comboio. Com o funeral de Pierre terminado, a pouca energia que o sustentara até ao fim esvaíra-se. Em breve, chegariam a St. Pancras, e ele sentia-se tão arrasado que não sabia se conseguiria sair do comboio.

O que mais o alarmava era que não parecia ser capaz de dar a si próprio o abanão mental de que precisava. Sim, o último ano fora difícil; o seu amado pai e o cão igualmente amado tinham morrido; encontrara Charlie à beira da morte na pedreira; o seu melhor amigo fora assassinado pela mulher, que depois saltara para a sua morte. Era compreensível que se sentisse deprimido. Mas era a sua incapacidade de encontrar alguma coisa positiva a que se agarrar que o preocupava. O seu casamento não estava bem, e ele não sentia qualquer inclinação para voltar a trabalhar como médico de clínica geral. Beth — a única coisa que o fazia levantar-se de manhã — iria em breve para a universidade, e o jardim murado estaria terminado dali a pouco tempo, pelo que nem isso teria para fazer.

Beth não quisera ir ao funeral, e os pais tinham-se sentido aliviados. Gabriel não queria que a filha visse as lágrimas que ele não conseguiria conter; não teria conseguido lidar com a angústia da filha perante a angústia dele. Era também algo que sentia que ele e Iris precisavam de fazer juntos, sozinhos, porque tinha a esperança de que, uma vez terminado, o alívio partilhado de poderem continuar com as suas vidas os aproximaria. O que não acontecera. Na noite anterior, no hotel, bem poderiam ter ficado em quartos diferentes com base no pouco que haviam dito um ao outro. Parecia que não havia palavras suficientemente grandes para colmatar o fosso entre ambos.

Passava-se a mesma coisa em casa. Se ele entrasse na cozinha e encontrasse Iris já ali, murmurava um *desculpa*, servia-se rapidamente do que queria e retirava-se. Quando chegara aquele ponto, perguntava-se, em

que se pedia desculpa por entrar na sua própria cozinha?

Pressionou a cabeça contra o encosto de cabeça do assento para poder ver o reflexo de Iris na janela. Estava sentada muito direita, a olhar fixamente em frente, e a desolação no rosto dela fê-lo instintivamente estender-lhe a mão. Ela não a agarrou, nem sequer a segurou. A mão dela ficou mole na dele, como se estivesse apenas a tolerar o seu toque, porque soltá-la teria sido indelicado.

— Estás bem? — perguntou ele, baixinho, virando-se para ela.

Viu um clarão de raiva nos seus olhos e preparou-se para um *O que te parece?* Contudo, talvez por deferência para com os outros passageiros, ela fez um aceno de cabeça seco. Gabriel viu a mulher sentada em frente lançar um olhar a Iris, e, quando ela virou o olhar para ele e fez um sorriso de empatia, ele teve vontade de se inclinar para ela e lhe gritar que não julgasse a sua mulher, porque não sabia tudo aquilo por que ela tinha passado. Mas receava que, se começasse a falar, a raiva, a amargura e a injustiça daquilo tudo explodissem de dentro dele, e não conseguisse parar.

Claire estivera no funeral. No fim da cerimónia, quando saíram do crematório, Gabriel quisera falar-lhe, mas ela estava com amigos, e Iris não quisera interrompê-los. Porém, quando Iris se envolveu numa conversa com os colegas de trabalho de Pierre, Claire viu-o sozinho e foi falar com ele.

— Lamento imenso — disse. — Não consigo imaginar quão difícil deve ser para ti e para a Iris, logo depois do que aconteceu à Laure. Sei como vocês os quatro eram chegados. Mesmo para nós é bastante difícil. — Apontou para o grupo de amigos.

— Não me parece possível que tenham partido os dois — disse Gabriel. — E em circunstâncias tão terríveis. — Hesitou e, de seguida, atirou-se de cabeça, porque, provavelmente, nunca mais voltaria a vê-la e precisava de saber. — Sabes o que aconteceu, porque é que a Laure deixou o Pierre?

Claire abanou a cabeça.

— A única coisa que o Pierre me disse foi que tinham decidido afastar-se um do outro por um tempo e que a Laure ficara contigo e com a Iris em Inglaterra. Nunca disse a razão, e eu nunca perguntei, porque, se ele me quisesse contar, tê-lo-ia feito. Pelo pouco que disse, parecia ter sido uma decisão dos dois. — Trocou um sorriso triste com ele. — Sabes como ele era reservado, nunca partilhava realmente os problemas com ninguém, preferindo afastar-se quando se sentia em baixo. Foi por isso que, quando

me enviou uma mensagem a dizer que estaria ausente durante todo o mês de julho, não dei importância. Era o que ele fazia. — Hesitou, como se não tivesse a certeza se devia continuar. — Não posso acreditar que tenha sido a Laure, não posso mesmo. Sei que tenho de acreditar, mas parece-me... não sei, incompreensível. Mesmo que ele estivesse a ter um caso, o que duvido, porquê matá-lo?

Sentira-se tentado a perguntar a Claire se ouvira alguma coisa sobre Pierre ter um filho. Mas não o fez, porque, quanto mais pensava no assunto — e pensava, muito —, mais se convencia de que Laure mentira. O facto de que nunca saberiam a verdade e de que, por conseguinte, nunca teriam um desfecho tornava duplamente difícil seguir em frente.

Foi despertado dos seus pensamentos quando Iris retirou a mão da dele. Esperou para ver se ela precisava da mão para remexer na mala ou esfregar o olho, mas ela limitou-se a juntá-la à outra, que tinha pousada no regaço. Sentiu uma imensa pena dela; quase conseguia ver o seu tumulto interior e gostaria de poder ajudar. Mas ela parecia completamente fora do alcance.

E depois havia Maggie Ingram. Reconhecendo que a deixara à espera demasiado tempo, tinha remarcado o encontro deles para dali a uma semana, na terça-feira. Podia tê-lo marcado para mais cedo, mas pensara que poderia precisar de algum tempo de pausa depois da experiência extenuante e desesperada do funeral de Pierre. Tinha a esperança de que, depois de a ver, toda a gente o deixasse em paz, e ele pudesse finalmente chorar em paz a morte do amigo.

CINQUENTA

Iris sentiu-se terrivelmente mal por ter tirado a mão da de Gabriel. Detestava não suportar que ele lhe tocasse, detestava não poder reconfortá-lo, sobretudo num momento como aquele, quando acabavam de vir do funeral do melhor amigo dele. Mas não podia permitir que penetrasse na barreira de aço que ela erigira mentalmente à sua volta para conter as emoções aterradoras que se haviam acumulado dentro de si, temendo que viessem à tona num jato maciço e violento. Porque, se isso acontecesse, seria o fim dela. Iris Pelley deixaria de existir.

Também detestava que o mais importante na sua mente não fosse Gabriel, Pierre ou mesmo Laure. Fora Joseph que lhe invadira os pensamentos, sentada no comboio de regresso a Londres. Fora um erro ter ido vê-lo, apercebeu-se amargamente, um erro pensar que ele a perdoaria.

Tinha ido vê-lo a casa de Esme na segunda-feira. A porta da frente estava fechada, o que não era habitual, e Iris lembrou-se de que Esme dissera no dia anterior que tinha uma consulta no médico para Hamish, na manhã seguinte. Seguiu o caminho em volta da casa, a contar que encontraria Joseph a trabalhar no jardim. Não havia sinal dele, e, quando bateu à porta do anexo onde ele vivia, não obteve resposta.

Não devia ter entrado, sabia-o agora. Porém, quando empurrou a porta, esta abriu-se, quase como se estivesse a convidá-la a entrar. Sentira curiosidade; havia tantas piadas sobre Joseph viver num barracão que quisera ver como era.

Parecia surpreendentemente confortável. A porta abria-se para uma sala, com um sofá ao longo da parede do lado direito e, na parede oposta, uma zona de cozinha com um fogão a gás de dois bicos e um frigorífico. No centro da sala, havia uma mesa de madeira pequena e duas cadeiras.

Abriu a porta à esquerda da porta principal e deu com um quarto com uma cama de casal e uma cómoda. Afastando as imagens de Laure e Joseph ali

juntos, dirigiu-se para a porta à direita da cama. Como esperava, dava para uma casa de banho pequena.

De volta à divisão principal, abriu as portas dos armários e encontrou louça às riscas azuis e brancas, panelas e latas de feijão, de grão-de-bico e de sopa. Devia ter saído e esperado por Joseph lá fora. Em vez disso, sentou-se no sofá, a imaginar como seria viver ali, longe de tudo e de todos. *Aqui*, lembrava-se de ter pensado, *eu encontraria paz*.

— O que pensas que estás a fazer? — A voz de Joseph, furiosa e incrédula, interrompera-lhe abruptamente os pensamentos. Estava à porta, com o rosto carregado com uma expressão que Iris temia que pudesse ser de absoluta aversão.

— Eu... vim pedir desculpa — balbuciou ela, levantando-se para se pôr de pé.

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, ele afastou-se da porta, deixando de a bloquear.

— Por favor, sai.

— Só quero explicar — disse ela, nervosa. — Foi um erro inocente, pensei mesmo que tu e a Laure estavam a discutir. Eu... — Parou de falar. Joseph tinha dado um passo na direção dela.

— Já! — quase gritou ele.

A recordação fez-lhe arder as faces de vergonha. Queria perguntar qualquer coisa a Gabriel, mas só passados alguns minutos conseguiu ter saliva na boca para ser capaz de falar.

— O Joseph não vai voltar a trabalhar para nós, pois não? — perguntou.

Gabriel virou-se para ela, com as sobrancelhas levantadas, e ela apercebeu-se de como deveria parecer estranho falar de Joseph quando mal lhe dissera duas palavras desde o funeral de Pierre, no dia anterior.

— Sim, deve estar lá agora. Perguntei ao Hugh no domingo se podíamos tê-lo de volta para acabar o jardim, e ele disse que o mandava ir esta semana. Provavelmente, também lá estava na terça-feira. Eu devia ter perguntado à Beth se ele tinha aparecido.

— Porquê? — Iris tentou esconder o pânico. — Quero dizer, porque não podes ser tu a acabar o jardim? Já não há muito para fazer, pois não?

— Não, mas quero que fique acabado antes de a Beth ir para a universidade, e, se não tiver o Joseph para me ajudar, não vai ficar.

— Importa que não fique acabado?

— Sim, importa. — Gabriel baixou a voz. — Prometi à Beth que estaria pronto quando ela voltasse para casa, e, por causa de tudo, não estava. Portanto, é importante, para que ela possa desfrutar dele durante as poucas semanas que restam antes de se ir embora.

— Quanto tempo? Quanto mais tempo é que ele vai estar connosco?

— Não sei, umas duas semanas provavelmente. Olha, sei que as coisas talvez sejam um pouco difíceis entre os dois, mas tenho a certeza de que, se explicares, vai correr tudo bem.

— Pensei que ele quisesse evitar estar onde passou tanto tempo com a Laure — disse Iris num tom sibilante, fazendo que a mulher sentada em frente lhe lançasse outro olhar antes de voltar os olhos para o livro que estava a ler.

— Não tinha pensado nisso — respondeu Gabriel. — Então, talvez não tenha ido. — Tirou o telemóvel do bolso. — Vou mandar uma mensagem ao Hugh a perguntar-lhe.

Iris encostou a cabeça no banco e fechou os olhos, rezando silenciosamente para que Joseph tivesse ficado tão traumatizado pela morte de Laure que se tivesse recusado a voltar a trabalhar para eles.

A voz de Gabriel cortou-lhe os pensamentos.

— O Hugh acabou de confirmar. Ele está lá em casa.

Iris pestanejou para conter as lágrimas. Tivera a esperança de nunca mais voltar a ver Joseph. Mas não havia nada que pudesse fazer exceto não se atravessar no caminho dele nos dias em que lá estivesse.

CINQUENTA E UM

Gabriel andava de um lado para o outro na sala de estar, à espera que Maggie Ingram chegasse. Olhou-se de relance no espelho partido; o seu rosto estava mortalmente pálido, mas tinha a esperança de que Maggie o atribuísse ao trauma por que tinha passado e não ao temor que sentia com a perspetiva do encontro deles.

Ele e Iris não tinham chegado a substituir o espelho, talvez porque, inconscientemente, este representava a relação deles naquele momento, e só poriam um novo quando ela voltasse a encarreirar. Por um momento, Gabriel pensou se deveria estilhaçar o espelho em mil bocados, porque, por vezes, sentia que ele e Iris estavam irremediavelmente destroçados. Não sabia como sobreviveriam quando Beth fosse para a universidade. Ela preenchia os silêncios entre eles.

A campainha da porta tocou, paralisando-o. Deu a si próprio um abanão mental. Comparado com tudo aquilo por que tinha passado nas últimas semanas, o encontro com Maggie não era nada.

Dirigiu-se para o *hall* e abriu a porta. Sentiu-se grato por Maggie não ter mudado muito nos sete anos desde a última vez que a vira. O seu sorriso já não era tão rasgado, e os olhos estavam tingidos de tristeza. Mas era imediatamente reconhecível, o que, de repente, tornou tudo mais fácil.

— Peço desculpa por vir incomodá-lo numa altura tão terrível — disse ela, enquanto ele a conduzia para a sala de estar. — É muito amável da sua parte receber-me quando tem tanta coisa com que lidar. — Hesitou. — Como está?

Ele procurou alguma coisa que pudesse resumir a desolação total que sentia.

— Desolado. Perdido. Sem saber se alguma vez voltarei a sentir-me completo.

Ela acenou com a cabeça.

— Não se torna mais fácil — disse em voz baixa. — Apenas diferente.

— Por favor, sente-se. Posso trazer-lhe chá, café?

— Não, obrigada.

— Lamento imenso o que aconteceu ao Charlie — declarou ele, sentando-se à frente dela. — Tenho tão boas recordações dele. Espero que tenha continuado a jogar futebol em St. Cuthbert's?

— Sim, e râguebi e ténis. Era louco por desporto. — Sorriu-lhe por um breve momento. — Sinto-me tão grata por ter estado com ele no fim, por ele ter estado com alguém que conhecia, alguém de quem gostava e que admirava muito. Não imagina o enorme conforto que tem sido. — Fez uma pausa. — Eu... não sei se teria sido capaz de suportar se ele tivesse morrido sozinho. E, se o Gabriel não tivesse estado lá, eu nunca teria sabido que ele me tinha perdoado. Tínhamos tido uma enorme discussão, e ele estava zangado comigo, tão zangado que não me deixou explicar. Saiu de casa furioso, e nunca mais o vi.

— Lamento muito.

— Obrigada. Agora, fale-me da Beth. Como é que ela está?

Gabriel começou a falar a Maggie do ano sabático de Beth na Grécia, sentindo uma enorme admiração pela generosidade dela. Não conseguia imaginar como devia ser doloroso para ela ouvir falar de alguém quase com a mesma idade do filho, que estava a viver a vida plenamente e tinha um futuro brilhante pela frente. Também se sentia envergonhado. Sim, ele perdera dois amigos em circunstâncias terríveis, mas Maggie perdera o seu único filho, e, mesmo assim, conseguia levantar-se da cama todos os dias em vez de se deixar levar pela autocomiseração, como ele estava a fazer.

— Ainda exerce como médico de clínica geral? — perguntou Maggie, quando acabaram de falar de Beth.

Gabriel hesitou.

— De momento, não. Tirei uma licença sabática.

— É claro. — Maggie acenou com a cabeça com empatia, e Gabriel apercebeu-se, para seu alívio, de que ela pensava que a licença sabática era recente e estava relacionada com o que acontecera a Laure e Pierre, não com Charlie.

— Sinto-me tão culpado por causa do Pierre — saiu-lhe de repente, perguntando-se porque estava a falar a Maggie sobre a culpa esmagadora que carregava consigo, quando nunca a mencionara a Iris. — Ele era o meu

melhor amigo, e não pôde contar comigo. Devia ter ido ter com ele mal Laure veio viver connosco, mas não fui, só fui dali a um mês. Se tivesse ido logo no princípio, talvez pudesse ter mudado o rumo dos acontecimentos. — Interrompeu-se, apercebendo-se de que ela podia não saber do que ele estava a falar. — Desculpe, não sei se leu as notícias sobre o ocorrido.

— Li — disse ela, desejosa de o tranquilizar. — Quando a Laure foi encontrada, os meios de comunicação traçaram muitos paralelos com o Charlie, porque ambos foram encontrados na pedreira.

Gabriel pareceu consternado.

— Não consigo imaginar como deve ter sido difícil.

Ela sorriu.

— Voltando ao Pierre, o arrependimento é um desperdício de emoções. Por mais que queiramos, não podemos mudar o passado. Devemos reconhecer os erros que cometemos, mas não permitir que eles dominem cada momento de cada dia.

— Sei que tem razão. Mas não é fácil seguir em frente. — Fez uma pausa. — E a Maggie? Está a trabalhar neste momento?

Maggie abanou a cabeça.

— Estou a concentrar-me no nosso jardim. Quando trabalhava no colégio, costumava ajudar na horta nos meus tempos livres, e adorava ser autossuficiente um dia, e ter algumas galinhas também.

— Está a falar com um convertido à causa — disse Gabriel. — Nunca tive tempo para jardinar, mas, quando comecei a procurar alguma coisa para ocupar o meu tempo, decidi começar por um velho jardim murado que os anteriores proprietários tinham deixado degradar-se. Nem imagina como adoro estar lá.

— Um jardim murado. — Maggie respirou fundo, fechando os olhos por um momento. — O sonho supremo.

— Gostaria de o ver? — perguntou Gabriel impulsivamente. — A não ser que esteja com pressa?

— Não, não, adorava vê-lo. Obrigada.

Gabriel conduziu Maggie através da casa até ao terraço, satisfeito por ter alguém a quem mostrar o jardim murado. Tinha a certeza de que, quando conseguissem deitar para trás das costas o horror dos últimos meses, Iris apreciaria o jardim. De momento, era o último lugar onde ela queria estar. Sabia que já não se sentia à vontade perto de Joseph por causa do que

dissera à polícia sobre a discussão que ouvira. Era uma pena ele precisar de Joseph por mais algumas semanas, caso contrário ter-lhe-ia pedido para se ir embora. Mas havia ainda trabalho que ele não podia fazer sozinho, por falta de conhecimentos — e, detestava admiti-lo, por força.

— É encantador — disse Maggie, admirando os canteiros cheios de flores enquanto percorriam o caminho. — Faz tudo isto sozinho ou a sua mulher ajuda?

— A Iris costuma tratar dos canteiros, e eu corto a relva. Mas tenho ajuda no jardim murado.

Chegaram à entrada, e Gabriel abriu a porta.

— Que espaço tão encantador! — exclamou Maggie. Entrou e olhou em redor. — Adoro todos os caminhos... e já tem muita coisa aqui. Imagino que alguns destes arbustos já cá estavam há muito tempo.

— Sim, mantivemos o que pudemos, mas, como pode ver, temos muito que plantar. Gostava de ter tirado algumas fotografias de como era antes, assim poderia ver-se como evoluímos em cerca de três meses. Em grande parte, é graças ao Joseph. É ele que tem todos os conhecimentos e a experiência.

— O Joseph?

— Sim. É ele que está ali, no canto mais afastado. *Roubámo-lo* a uns amigos nossos que se mudaram recentemente para a aldeia... — Gabriel parou de falar; Maggie agarrara-lhe o braço e, quando ele se virou para olhar para ela, viu que o sangue se esvaíra do seu rosto. — Maggie, está bem? Quer sentar-se? — Receando que estivesse prestes a desfalecer, pôs-lhe o braço à volta do ombro e tentou levá-la até ao banco de madeira. Mas, libertando-se, ela virou-se, empurrou a porta aberta e começou a correr pelo caminho em direção à casa.

— Maggie!

Quando Gabriel a alcançou, pôde ouvir a sua respiração ofegante. O rosto de Iris apareceu na janela da cozinha e depois desapareceu quando foi a toda a pressa abrir a porta de correr a Maggie.

— Quer sentar-se por um momento? Posso trazer-lhe água? — ouviu Iris perguntar.

Passando por ela, Maggie dirigiu-se para a porta da frente.

— Não, não, desculpe, tenho de me ir embora. Senti-me mal por um momento. Mas agora já estou bem.

— De certeza que não se quer sentar por um minuto? — perguntou Gabriel quando a alcançou. — Preocupa-me que vá conduzir, se não está a sentir-se bem.

— Não, a sério, agora estou bem. — Tateou à procura do trinco, e ele estendeu a mão e abriu a porta.

— Se tem a certeza — disse Gabriel.

— Tenho. Obrigada, foi muito amável. — Maggie olhou para além dele, para onde estava Iris. — Adeus. — E foi-se embora.

Ficaram onde estavam até ouvirem o carro sair do caminho da casa.

— O que se passou? — perguntou Iris, perplexa.

— Não sei, teve uma tontura de repente. Espero que esteja em condições de ir a conduzir para casa.

— Eu também. Então, tirando isso, como é que correu?

— Muito bem.

— Ajudou falar com ela?

— Sim, ajudou mesmo — disse Gabriel, porque se a mentira que contara ajudara Maggie, se permitira que ela seguisse em frente, já não se sentia culpado por isso.

CINQUENTA E DOIS

Iris ouviu os passos de Beth nas escadas.

— Está tudo bem? — perguntou ela, entrando na cozinha. — Acabei de ver a mãe do Charlie a sair, da janela do meu quarto. Parecia estar com pressa.

— Não sei bem o que aconteceu — respondeu Iris, servindo-se de um copo de água com gás. Levantou a garrafa, oferecendo água a Beth, que abanou a cabeça. — Ela estava no jardim com o pai e, de repente, entrou a correr em casa. Disse que não se sentia bem. Tentei que se sentasse por um bocadinho, mas quis ir-se embora.

— O pai disse-lhe alguma coisa? Alguma coisa que a tenha perturbado? Sobre o Charlie, quero dizer.

— Não, penso que não. Pareceu-me tão surpreendido como eu.

— Que estranho. — Beth encostou-se à bancada. — Estou preocupada com ele, mãe. Está com um aspeto horrível.

— Eu sei. Mas talvez encontrar-se com a Maggie tenha ajudado.

Beth abriu o frigorífico e tirou uma embalagem de sumo.

— Talvez vá a casa da Esme e do Hugh mais tarde. Prometi à Esme que tomava conta do Hamish por algum tempo.

Iris sentiu vontade de dizer *Outra vez*.

— Boa ideia — disse antes, passando um copo para as mãos de Beth. Não censurava a filha; estar com a mãe e o pai vinte e quatro horas por dia devia ser deprimente.

— Se calhar, vou lá para cima ler um bocado.

— Está bem. — Iris sorriu-lhe, procurando alguma coisa para manter Beth com ela um pouco mais. — Talvez pudéssemos ir às compras no sábado, almoçar fora.

— Adorava — respondeu Beth alegremente. — Seria muito bom passarmos algum tempo juntas.

Beth saiu da cozinha, e os pensamentos de Iris voltaram com relutância a algo que a filha dissera quando regressara da casa de Esme na noite anterior.

— É muito querido o apego do Joseph ao Hamish — dissera, sentando-se no sofá ao lado de Iris.

Iris tinha pousado o livro.

— Em que sentido?

— Só que o adora. Se a Esme precisar de alguém para pegar no Hamish, para o ir buscar ao berço ou para o deitar, o Joseph está lá, antes de mim e do Hugh. Nem o Marcus conseguiu ocupar-se do irmão no fim de semana e só veio cá para ver o Hamish.

— O Hugh não se importa? Quanto ao Joseph?

Beth riu-se.

— Penso que se sente aliviado. Ele e a Esme estão exaustos neste momento. Ainda se levantam duas vezes por noite por causa do Hamish, por isso agradecem qualquer ajuda que possam ter ao serão.

— Então, o Joseph passa todos os serões com eles?

— Não todos, só alguns. Onde está o pai?

— No duche.

Beth tinha esticado os braços acima da cabeça.

— Acho que vou para a cama — disse, bocejando. — E tu, vens para cima?

— Daqui a um minuto.

Tinha-se inclinado para beijar Iris.

— Boa noite, mãe. Não fiques acordada até muito tarde.

Iris sorrira com a inversão momentânea de papéis.

— Não fico.

Mas ficara acordada, com as suas dúvidas sobre Esme e Joseph. O pensamento de que Esme poderia ter tido uma relação com Joseph, e de que poderia estar a ter um caso com ele no presente, deixara-a indignada. A não ser que tivessem um casamento aberto. Porém, se fosse o caso, Hugh não se perguntaria se Hamish era realmente dele?

Começou a fazer salada para acompanhar os bifes que tinha para o jantar. Já tinha adivinhado que Beth não iria comer com eles, se tencionava ir a casa de Esme. Ultimamente, ela e Gabriel viam o noticiário enquanto jantavam, algo que nunca tinham feito antes e não faziam durante as

refeições com Beth. Iris disse para consigo que era normal que não tivessem muito a dizer um ao outro, agora que nenhum deles estava a trabalhar. Antes, conversavam sobre os respetivos dias. Agora, esgotavam os temas de conversa antes mesmo de se sentarem.

— Em que estás a pensar?

Gabriel estava à porta, a tentar esconder a sua preocupação por trás de um sorriso.

— O que se passa? — perguntou ela, tirando os bifes do frigorífico para ficarem à temperatura ambiente.

— É a Maggie. Tenho andado a pensar nisso. Quando estávamos no jardim murado, o Joseph estava a trabalhar na outra ponta. Foi quando lho apontei que ela pareceu de repente indisposta.

Iris franziu a testa.

— Foi uma coincidência, decerto. Ela não conhece o Joseph, com certeza.

— E se o trabalho dele o levou ao colégio onde a Maggie trabalhava e o Charlie era aluno? Os caminhos deles podem ter-se cruzado lá. — Entrou na cozinha e pôs-se de frente para ela. — A questão é que o Hugh disse-me que, antes de vir trabalhar para eles, o Joseph trabalhava numa empresa de paisagismo chamada Jarmans. Pesquisei-a e vi que um dos contratos fora para ajardinar os terrenos de St. Cuthbert's. Portanto, perguntei ao Joseph se tinha trabalhado nesse contrato, e ele disse que não. Mas e se mentiu?

— Porque mentiria?

— Não sei. Se calhar, porque não quer que ninguém saiba que trabalhou lá. — Fez uma pausa. — Por acaso, não vais visitar a Esme em breve?

— Estava a pensar ir amanhã de manhã. Porquê?

— Podias tentar descobrir onde o Joseph trabalhava antes de vir para a casa deles? Não lhe perguntes diretamente, não quero que ele saiba que estamos a investigá-lo.

— Achas mesmo que ele e a Maggie se conheciam?

— Não consigo pensar noutra coisa para explicar a perturbação súbita dela.

— Está bem — acedeu Iris. — Verei o que posso fazer.

CINQUENTA E TRÊS

Iris empurrou a porta da cozinha de Esme para a abrir.

— Sou só eu — disse.

— Iris! — Esme atravessou a cozinha e deu-lhe um abraço. — Que bela surpresa! É tão bom ver-te.

— Não estou a incomodar, pois não?

— Nunca. Vem sentar-te. Há quanto tempo. — Havia um ligeiro indício de reprovação nos seus olhos.

— Não queria atrapalhar a Beth — explicou Iris, dirigindo-se para o sofá. — Tem-lhe feito muito bem passar tempo contigo e com o Hugh nestas últimas semanas.

— Adoramos tê-la cá, e tem sido uma grande ajuda com o Hamish. Ora bem, o que te posso oferecer? Chá, uma bebida fresca ou algo mais forte? — Esme esvoaçava à volta dela como um pássaro.

— Uma bebida fresca seria ótimo. Onde está o Hamish?

— Está a dormir, graças a Deus. No terraço.

Esme trouxe um jarro de refresco e dois copos para a mesa e afundou-se no sofá.

— Então, como estás? — perguntou, pegando no jarro.

— Estou a recompor-me. Ter a Beth por perto tem ajudado muito. Tornou-nos fortes no sentido em que, por ela, não podemos deixar-nos afundar na depressão, o que poderia ter acontecido se ela não estivesse connosco. Acho que ambos tememos a partida dela.

O gelo tilintou quando Esme verteu o refresco nos copos.

— Ainda bem que vieste, Iris, porque quero perguntar-te uma coisa. Ou melhor, eu e o Hugh queremos, mas ele não está cá de momento, e sei que não se importa que o faça em nome dele. — Respirou fundo. — Gostaríamos muito que fosses a madrinha do Hamish.

Iris sentiu que os seus olhos se arregalavam.

— Eu?

Esme riu-se.

— Sim, tu. Se é algo que pensas que te agradaria. Talvez já tenhas afilhados suficientes, portanto, por favor, diz se preferes não aceitar.

— Não tenho — respondeu Iris, ainda atordoada. — Só tenho dois, e um deles não vejo muitas vezes. É só que tu e o Hugh mal me conhecem.

— Não em termos temporais, mas no meu coração sinto-me como se te conhecesse há muito e sei que vamos ser sempre amigas.

— Tens a certeza de que não há mais ninguém que preferisses convidar? Uma das tuas irmãs?

Esme abanou a cabeça.

— Eu e o Hugh gostávamos realmente que fosses tu.

— Bem, então, seria um prazer. Obrigada.

— A sério? Oh, meu Deus, fico tão contente. Agora vai ser mesmo como se fôssemos da família!

— Quem é o padrinho? — perguntou Iris. — O Marcus?

— Não. Convidámos o Joseph.

A euforia esvaiu-se dela.

— O Joseph?

— Sim. Quero dizer, ele praticamente fez o parto do Hamish, por isso foi uma escolha fácil. — Fez um esgar. — Pareces chocada.

— É só que... não sei... parece-me talvez demasiado envolvido com o bebé.

Esme ficou com uma expressão ainda mais carregada.

— O que queres dizer?

— Está bem, vou dizê-lo. — As palavras saíram-lhe em tropel. — Vi-o uma vez com a mão na tua barriga e pareceu-me demasiada familiaridade. Depois, esteve contigo no hospital quando deste à luz, o que, mais uma vez, é bastante íntimo. E a Beth disse que ele cuida muitas vezes do Hamish, que aos serões é muitas vezes ele que toma conta do bebé.

Apareceram duas manchas de cor nas faces de Esme.

— Achas que o Joseph é o pai do Hamish.

— Não, mas... — Iris parou, com as faces tão vermelhas como as de Esme.

— Não é.

Iris acenou com a cabeça.

— Certo.

— Mas tivemos uma relação em tempos. — Esme olhou para Iris. — Nunca contei a ninguém.

— Não tens de me contar — apressou-se a dizer Iris.

— Não me importo de te contar, Iris, mas o Hugh não sabe que eu e o Joseph alguma vez fomos mais do que amigos. E preferia que não soubesse, porque pode pensar que se passa alguma coisa entre mim e o Joseph, o que não é verdade e só iria complicar as coisas. — Estendeu a mão para o jarro e voltou a encher os copos. — Começou quando voltei a viver com os meus pais depois de me ter separado do meu companheiro ao fim de três anos, e penso que já te tinha contado que estava mal, tanto a nível emocional como psicológico.

— Sim, lembro-me.

— O Joseph costumava ir lá a casa fazer uns trabalhos de jardinagem para os meus pais; eles conheciam os pais dele e, como o Joseph estava a estudar para ser jardineiro paisagista, gostavam de o deixar experimentar ideias no jardim. Era verão, e, como eu tinha deixado o meu emprego, passava a maior parte do tempo a apanhar banhos de sol no relvado e a atrapalhar o Joseph, porque ele estava a plantar um canteiro. No princípio, ele era apenas um miúdo para mim, mas, quanto mais o conhecia, mais me apercebia de que, tal como eu, estava a passar pelo seu próprio trauma, e começámos a partilhar os nossos problemas um com o outro. Contei-lhe como me senti ao ser abandonada aos trinta anos, e ele explicou-me como era ser um alcoólico em recuperação aos vinte e três.

— Mas não foi nessa altura que conheceste o Hugh? Quando voltaste a viver com os teus pais depois de a tua relação ter acabado?

— Sim, mas no princípio só trabalhava para ele. Apaixonar-me por ele foi uma coisa gradual, só aconteceu dois anos mais tarde.

— Quanto tempo durou a tua relação com o Joseph?

— Não muito. — Fez uma pausa e baixou a cabeça. — Três meses depois, percebi que estava grávida e, contra a vontade do Joseph, fiz um aborto. E foi tudo, na realidade.

Iris ouviu a dor na voz dela e estendeu-lhe a mão.

— Lamento muito.

Esme levantou a cabeça, com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Nunca contei a ninguém. É uma coisa que não consigo perdoar-me,

especialmente desde que tive o Hamish, porque não consigo deixar de pensar como teria sido aquela criança se eu tivesse levado a gravidez a termo. Mas, naquela altura, não via que tivesse alternativa. O Joseph só tinha vinte e três anos, queria que nos casássemos, ter o bebé... era uma situação impossível. Acabou por me apoiar na minha decisão; foi comigo à clínica e cuidou de mim a seguir. E depois, quando sentiu que eu estava melhor, foi-se embora. Não voltei a vê-lo até há uns meses, em casa dos meus pais.

— O que aconteceu? — perguntou Iris.

— Apesar de ambos termos seguido em frente, porque já tinham passado dez anos e eu era casada, demo-nos logo bem. Ele disse-me que tivera um par de relações duradouras e admitiu que fora o problema do álcool a fazer que acabassem. Também batera com o carro, porque estava bêbado, e perdera o emprego por causa disso. Ele...

— Deve ter sido um golpe — interrompeu Iris rapidamente, agarrando a oportunidade de desviar a conversa para descobrir o que Gabriel queria saber. — Onde é que ele estava a trabalhar?

— Na Jarmans, a ajardinar os terrenos de um colégio.

— Qual deles?

Iris sentiu que ela hesitava.

— St. Cuthbert’s.

— St. Cuthbert’s? Não era nesse colégio que andava o Charlie Ingram?

— Era, mas o Joseph não o conhecia.

— É estranho que nunca tenha mencionado ao Gabriel que trabalhava lá quando sabe que foi ele que encontrou o Charlie.

— Provavelmente porque não o queria perturbar. Todos sabemos que o Gabriel não gosta de falar sobre isso. De qualquer forma — disse Esme —, depois de ter perdido o emprego, o Joseph voltou a viver com a mãe, e o meu pai, vendo a situação precária em que ele estava, deu-lhe um emprego. Mas, depois do incidente com a garrafa de gás, os meus pais não quiseram arcar com a responsabilidade; já andam pelos setenta e poucos anos, e não querem preocupações; por isso, o meu pai perguntou-me se estaria interessada em que o Joseph viesse cá para casa tratar do jardim, e também para o afastar de uns amigos que ele achava serem uma má influência. Telefonei ao Hugh, falei-lhe do Joseph, disse-lhe que ele era um alcoólico em recuperação que precisava de um sítio para ficar por uns tempos, e ele

concordou em dar-lhe um emprego.

— Os teus pais sabem que tu e o Joseph tiveram uma relação há muitos anos? — perguntou Iris, com o coração ainda acelerado com a notícia de que Joseph trabalhara no mesmo colégio que Maggie Ingram.

Esme abanou a cabeça.

— Não.

— E não contaste isso ao Hugh?

— Não. Pensando bem, devia tê-lo feito, porque o Hugh teria deixado o Joseph ficar na mesma. Se tivesse recusado, seria como se estivesse a dizer que não confiava em mim. Mas não queria que ele se preocupasse que algo pudesse estar a passar-se sempre que eu falava com o Joseph, por isso decidi não dizer nada. Sabia que o Joseph não ficaria connosco para sempre, e nem ele nem eu temos nenhum problema um com o outro. Já não há nada entre nós, exceto a amizade e a memória do nosso bebé que não chegou a nascer.

— Não deve ser nada fácil.

— Não é. Quando voltámos a encontrar-nos, ele não mencionou o assunto, portanto, pensei que se tinha esquecido ou que, pelo menos, o tinha tirado da cabeça. Quando se apercebeu de que eu estava grávida, fez-me apenas as perguntas normais sobre quando o bebé nasceria. Só mais ou menos uma semana depois me apercebi de como ainda estava afetado por aquilo.

— Porquê, o que aconteceu?

Esme levantou-se, foi até à janela e ficou a olhar para o jardim por um momento.

— Eu estava lá em cima quando o Hugh me veio dizer que achava que o Joseph tinha estado a beber. Tinha-lhe pedido para fazer uma coisa no jardim, e, quando viu que não tinha sido feita, foi à procura do Joseph, que lhe contou uma história qualquer sobre não se estar a sentir bem. O Hugh achou que ele estava de ressaca, e eu fiquei muito desiludida, porque ele estava a ir tão bem e não tocava numa gota há semanas. Portanto, fui falar com ele. — Fez uma pausa. — O Hugh tinha razão, o Joseph tinha estado a beber, e fiquei muito zangada com ele, disse-lhe que estava a desiludir-se a si próprio e também ao meu pai. E foi então que ele me disse que a notícia da minha gravidez o tinha perturbado muito, porque nunca deixara de pensar no bebé que podíamos ter tido. — Virou-se para Iris. — É estranho,

não é, a forma como as pessoas partem do princípio de que os homens são menos afetados por abortos e interrupções voluntárias da gravidez do que as mulheres. Apesar de o Joseph ter passado muito tempo a certificar-se de que eu estava bem depois do aborto, na altura, pensei muito pouco no que ele poderia estar a sentir. Sabes o que ele me disse? Que, há aqueles anos todos, tinha calculado aproximadamente quando o bebé teria nascido e que, desde então, todos os anos, no dia vinte e nove de março, imaginava como seria ter um filho de dois anos, de quatro, de sete e assim por diante. Senti-me muito triste e muito culpada, porque ele pensara mais no nosso bebé do que eu. — Voltou para o sofá e sentou-se. — Ele nunca teve filhos e sempre desejou ter um. Portanto, consigo perceber porque a minha gravidez o desestabilizou. Seja como for, conversámos durante muito tempo e ele prometeu não recomeçar a beber. Tanto quanto sei, não recomeçou. Penso que o facto de lhe ter permitido que se envolvesse na minha gravidez ajudou. Sabes, ele gostava de pôr a mão na minha barriga e de sentir o bebé dar pontapés, e às vezes, quando eu estava deitada, deitava a cabeça na minha barriga para ver se o ouvia mexer-se. Mas só quando não estava ninguém por perto, porque podia parecer um bocado estranho.

— Sim, penso que não há muitas mulheres que deixassem um homem que não o marido deitar a cabeça na sua barriga de grávida — disse Iris. — Desde que ele não comece a pensar no Hamish como se fosse dele.

— Não, claro que não. Mas, como assistiu ao parto, é óbvio que vai sentir uma ligação com ele, que é a razão pela qual lhe pedimos para ser o padrinho do Hamish. — Esme parou de falar. — Estás a franzir a testa outra vez.

— Só penso que, se o Hugh soubesse da tua relação passada com o Joseph, poderia não estar tão interessado em que ele fosse o padrinho, só isso.

Esme levantou as sobrancelhas.

— Não consigo imaginar o Hugh ser assim tão mesquinho.

— Tens razão, claro — apressou-se a dizer Iris.

— Gostaríamos de realizar o batizado muito em breve. — Esme continuou a tagarelar. — Falámos com o vigário e estamos a apontar para domingo, dois de outubro. Será que vos dá jeito? E à Beth? Gostávamos que ela fosse, mas sei que nessa data já deve ter ido para a universidade. Achas que poderá voltar para o batizado?

Iris fez um cálculo rápido — faltavam pouco mais de três semanas — e sorriu a Esme.

— Não deve haver problema.

CINQUENTA E QUATRO

— O Joseph trabalhou de facto em St. Cuthbert's — disse Iris, estendendo um copo de vinho a Gabriel. — Perguntei à Esme. E também lhe perguntei porque é que o Joseph nunca to mencionou, e ela disse que talvez fosse porque não queria perturbar-te.

Gabriel supunha que era uma explicação razoável. Continuava a não lhe agradar que Joseph lhe tivesse mentido na cara — mas ele próprio não mentira a Maggie?

Bebeu um gole de vinho.

— Como está a Esme?

— Está bem. Ela e o Hugh vão batizar o Hamish e convidaram-me para ser a madrinha.

— Ena, é muito simpático da parte deles. Mostra o quanto te apreciam como amiga. Presumo que aceitaste?

— Sim, mas talvez não tivesse aceitado se soubesse que tinham convidado o Joseph para ser o padrinho.

— O Joseph? — Gabriel levantou as sobrancelhas. — Não é uma escolha surpreendente? Seria de esperar que convidassem o Marcus. Ou talvez o tenham convidado, e ele não aceitou?

— Não. Convidaram o Joseph porque ele assistiu ao parto.

— Certo. — Olhou atentamente para Iris. — Há mais alguma coisa, não há?

Ela pousou o copo ao lado e encostou-se à bancada, de frente para Gabriel, como se quisesse avaliar a reação dele.

— A Esme e o Joseph tinham uma relação.

— O quê! Quando? Quero dizer, ele é...

— Não, foi há anos, antes de a Esme conhecer o Hugh. Ela vivia em casa dos pais depois de se separar do companheiro, e o Joseph tratava do jardim deles. O Hugh não sabe.

— Porquê escondê-lo? Se já acabou.

Iris estendeu a mão para o copo.

— Penso que ela receava que, se contasse ao Hugh, ele pudesse não querer que o Joseph viesse trabalhar para eles.

— Mas, se descobrir agora, vai perguntar-se porque é que a Esme não foi franca sobre isso.

— Não vai descobrir. Não há nada entre a Esme e o Joseph agora.

— Hum. Mesmo assim, no lugar da Esme, eu teria contado ao Hugh.

— Isso é porque és um homem honrado.

Gabriel sorriu, mas não conseguiu fazer que o sorriso lhe chegasse aos olhos.

— Vou dar uma volta pelo jardim — disse. — Para aliviar um pouco os músculos das costas. Nunca pensei que cavar pudesse ser um trabalho tão duro.

— Estiveste lá fora o dia todo.

— Sim, agrada-me quando o Joseph não está por perto.

— És tu e eu.

Gabriel pegou no copo de vinho.

— Vou levá-lo comigo.

— Somos só os dois ao jantar esta noite, portanto, não tenhas pressa.

— A Beth está em casa da Esme?

— Está.

Gabriel acenou distraidamente com a cabeça e levou o copo de vinho para o jardim, a pensar em Joseph. Uma relação com Esme, uma relação com Laure — e um possível caso com Maggie? Teria sido por essa razão que Joseph o encorajara ativamente a não se encontrar com Maggie, no dia em que Iris contara a toda a gente que ele fora contactado pela terapeuta dela? Recearia que o nome dele pudesse surgir na conversa? Recordou a si mesmo que não devia deixar-se levar por hipóteses. Era pura especulação que Maggie e Joseph tivessem tido um caso; podia haver um milhão de outras razões para Maggie ter fugido quando o viu. Ainda assim, não agradava a Gabriel que as relações de Joseph com Esme e Laure tivessem acontecido quando elas estavam vulneráveis; Esme separara-se do seu parceiro de longa data, e Laure deixara Pierre. Era isso que Joseph era? Um homem que se aproveitava de mulheres vulneráveis quando elas estavam em baixo?

Com esse pensamento em mente, Gabriel não podia deixar de questionar a versão de Joseph dos acontecimentos no dia em que Laure morrera. E se não tivesse sido como ele dissera, e se a discussão deles não tivesse sido sobre Laure dever contar-lhes, a ele e a Iris, que ela e Joseph estavam num relacionamento? E se tivesse sido como ele pensara inicialmente, que Joseph lhe dissera que estava tudo acabado entre eles? Não alterava nada; quer Laure se tivesse suicidado porque sabia que o homicídio de Pierre acabaria por ser descoberto ou porque Joseph pusera fim à relação com ela, o facto era que estava morta. Porém, nesse último caso, certamente Joseph tinha alguma responsabilidade pela morte dela.

CINQUENTA E CINCO

— Mãe, pai, posso falar convosco um minuto?

Gabriel e Iris viraram-se de onde estavam na cozinha e responderam em simultâneo:

— Claro.

Havia alívio nas vozes dos dois por mais um silêncio entre eles ter sido quebrado. A dúvida sobre se Joseph já conheceria Maggie e as tentativas de descobrirem se ele trabalhara em St. Cuthbert's tinham-nos aproximado por breves instantes. Mas a distância entre ambos voltara.

Beth afastou-se da porta da cozinha, e eles seguiram-na até ao terraço, Gabriel com a caneca de café. Um milhão de possibilidades passava pela cabeça de Iris sobre o que Beth poderia querer dizer-lhes que merecesse sentarem-se à mesa. Observou Beth atentamente enquanto ela puxava uma cadeira e se afundava nela. Parecia mais feliz ultimamente, e Iris sabia que tinha de agradecer a Esme por isso.

Gabriel lançou um olhar a Iris, a dizer-lhe para se despachar e sentar. Pela forma como ele passava a mão pelo cabelo, Iris via que estava muito nervoso e adivinhou que a primeira ideia que lhe viera à cabeça era que Beth ia dizer-lhes que tinha uma qualquer doença terrível.

— O que se passa, Bethie? — perguntou ele, quando já não conseguia suportar o *suspense* por mais tempo.

— *OK*... bem, pedi para adiar por um ano. Não me sinto preparada para ir para a universidade.

— Oh — disse Iris, incapaz de disfarçar a surpresa na voz.

— Eu vou para a universidade — apressou-se a acrescentar Beth. — Só que não este ano.

O alívio de Gabriel manifestou-se num suspiro audível.

— Não faz mal, Beth, nós compreendemos perfeitamente. — Virou-se para Iris. — Não é verdade?

— Sim, claro, se não te sentes preparada. Tens a certeza de que a universidade concorda com o adiamento?

— Espero que sim. Enviei um *e-mail* e expliquei tudo... sabem... sobre o Pierre e a Laure, e penso que vão aceitar, por motivo de nojo.

— E tens algum plano? Vais tentar arranjar alguma experiência de trabalho? Não quero dizer imediatamente, sei que deves querer relaxar durante uns tempos.

Beth levantou-se, tirou o elástico do rabo de cavalo e sacudiu o cabelo.

— Quero ficar a relaxar um bocado, sem dúvida. Se tu e o pai suportarem que eu fique mais algum tempo — acrescentou com um sorriso.

— É óbvio que sim — disse Gabriel. — Sabes que podes ficar o tempo que quiseres.

Iris acenou com a cabeça.

— Penso que tomaste a decisão certa, Beth. Passaste por muita coisa, precisas de descansar um pouco.

Beth pôs-se de pé e abraçou cada um à vez.

— Obrigada pela vossa compreensão. E se fôssemos almoçar fora? Convido eu, por serem os melhores pais do mundo.

Iris sorriu.

— É uma ótima ideia. Mas não me parece que o pai te deixe pagar.

— Não vais pagar, de maneira nenhuma. — Gabriel não conseguia esconder o seu contentamento com a decisão de Beth de adiar por um ano a entrada na universidade, e Iris apercebeu-se de que, se Beth ficasse com eles durante todo esse tempo, seria o período mais longo em que viveria com eles desde os onze anos de idade. O seu coração estremeceu com o pensamento de que seria a oportunidade de a conhecer realmente, uma oportunidade para forjarem a ligação mãe-filha que ela sempre sentira que faltava. Olhou de relance para Beth enquanto ela conversava alegremente com Gabriel sobre o local do almoço e pensou se a filha alguma vez sentira que faltava alguma coisa na relação entre elas, se alguma vez sentira um ligeiro retraimento da parte da mãe. Afastou a sensação de culpa. Beth era uma pessoa feliz e autoconfiante; Iris devia ter feito alguma coisa bem.

Gabriel pegou no telemóvel e conseguiu reservar uma mesa para três num *pub* bonito de que gostavam. Podiam escolher entre uma mesa ao meio-dia e um quarto ou uma reserva para mais tarde, às duas.

— Às duas seria melhor — disse Iris. — Se não, temos de sair já.

— Na verdade, mãe, importavas-te que fôssemos almoçar ao meio-dia e um quarto? — perguntou Beth. — Disse à Esme que lhe daria uma ajuda com o Hamish esta tarde.

Iris fez-lhe um sorriso rápido.

— Não há problema.

— Ótimo. Está bem para ti, pai?

— Sim, claro. Espera, deixa-me só reservar. Já está. — Levantou os olhos do telemóvel. — Certo, vamos para o carro.

Beth levantou-se da mesa.

— Tenho de ir buscar a mala! — disse, desaparecendo para dentro de casa.

Iris olhou para Gabriel.

— É o *pub* aonde costumávamos ir com a Laure e o Pierre.

Passou uma sombra pelos olhos de Gabriel.

— Eu sei. Mas nós fomos a muitos sítios por aqui com eles. Não podemos evitá-los para sempre. Temos de continuar com as nossas vidas, viver o momento. Vimos em primeira mão como as coisas podem mudar num instante. Vamos desfrutar da vida enquanto podemos, aproveitar ao máximo o facto de a Beth estar aqui, voltar a pôr as nossas vidas no caminho certo. — Pegou na mão dela. — O que achas?

Pela primeira vez em muito tempo, Iris teve uma ligeira sensação de algo positivo.

— Acho que é uma ótima ideia — disse.

CINQUENTA E SEIS

O telemóvel de Gabriel tocou. Ele parou de cavar, remexeu no bolso, tirou o telemóvel e lançou um olhar ao ecrã. A chamada era de um número desconhecido. Não ia dar-se ao trabalho de atender, mas, lembrando-se de que Beth pedira o carro emprestado para visitar uma das suas amigas da escola, aceitou a chamada, com o coração já acelerado.

— Gabriel? — Não conseguia identificar a voz, e o seu medo de que Beth tivesse tido um acidente aumentou.

— Sim?

— É a Maggie, Maggie Ingram. Espero que não se importe que eu tenha ligado. A Annette, a minha terapeuta, deu-me o seu número.

A tensão esvaiu-se do corpo de Gabriel.

— Não, claro que não me importo. — Fez uma pausa. — Como está?

— Bem, obrigada. Só queria pedir desculpa pelo outro dia, por me ter vindo embora a toda a pressa. Devo-lhe uma explicação.

— Não me deve nada — respondeu Gabriel.

— É muito simpático da sua parte. De qualquer modo, gostava de me explicar. É que tem que ver com o Charlie, sabe? — Fez uma pausa. — Não quereria encontrar-se comigo para tomarmos um café algures? Eu podia ir a Markham.

— Claro.

— O café The Burnt Cherry ainda existe?

— Sim, ainda.

— Encontramo-nos lá, então? Amanhã, se estiver livre.

— Sim, estou.

— Às três horas?

— Vemo-nos lá. Adeus, Maggie.

Desligou e ficou um momento imóvel, aliviado por Maggie ter telefonado. Andava preocupado com ela desde que se fora embora tão subitamente na

semana passada e sentira-se tentado a pedir o número de telefone dela à terapeuta. Mas não quisera responder a perguntas sobre como correra o encontro ou por que razão queria contactá-la.

Um misto de empolgamento e apreensão corria-lhe nas veias, imaginando o que ela lhe diria. Tinha a certeza de que tinha algo que ver com Joseph; se Maggie estivesse realmente doente naquele dia, não se teria sentido obrigada a dar-lhe uma explicação. E dissera que tinha que ver com Charlie. Ainda bem que Joseph estava de partida. Quando ele e Hugh se encontraram para beber um copo uns dias antes, Hugh mencionara que Joseph se ia embora logo a seguir ao batizado.

— Espero que não te importes — dissera Hugh. — O jardim vai ficar pronto?

Gabriel fizera um cálculo rápido.

— São mais sete ou oito dias de trabalho. Deve ficar.

Saiu do jardim e foi procurar Iris, com o telemóvel ainda na mão. Ela estava no terraço a ler um livro, o mesmo livro que parecia andar a ler há semanas, como se tivesse de voltar atrás porque não o assimilara da primeira vez. Estava preocupado com ela, preocupado porque, apesar do aparente desejo dela de voltar a pôr as suas vidas nos eixos, estava a fazer poucos esforços para o conseguir. Compreendia a apatia dela, sentira-a ele próprio, ainda a sentia, mas ter o projeto do jardim murado ajudava. Iris não tinha nada. Tentara falar com ela sobre procurar novos contratos, mas ela não quisera envolver-se na conversa, murmurando qualquer coisa sobre tirar um tempo, agora que Beth decidira adiar a entrada na universidade por um ano, uma perspetiva que o encantara e que o ajudara a ultrapassar a depressão. Mas não parecia estar a resultar para Iris, e ele achava que era porque Beth passava grande parte dos dias em casa de Esme e Hugh, a ajudar a cuidar de Hamish. Tornara-se o trabalho dela, já que Esme e Hugh tinham insistido em pagar-lhe. Ainda havia muito para fazer na casa, e, como ambos gostavam de pintar paredes e de outros trabalhos de decoração, sentiam-se contentes por Beth estar ali para olhar por Hamish.

— Está tudo bem? — perguntou a Iris.

Ela pôs a mão em pala sobre os olhos para evitar o sol e olhou para ele.

— Sim, tudo ótimo. E tu?

Ele puxou uma cadeira.

— Acabei de receber uma chamada da Maggie. Quer encontrar-se comigo

para tomarmos um café e me explicar porque se foi embora tão de repente no outro dia.

Iris acenou com a cabeça.

— Ótimo. Pelo menos, será um mistério esclarecido.

Ele sorriu.

— Porquê, há outros mistérios que precisam de ser esclarecidos?

— Sim, o da Laure.

— O que queres dizer?

— Achas que a Esme pode ter dado um álibi ao Joseph no dia em que a Laure foi correr? Que só disse que ele estava no hospital ou que tinha chegado mais cedo do que chegou de facto, como eu fiz para ti?

Gabriel franziu a testa.

— O que estás a dizer, Iris? Que o Joseph matou a Laure?

— É possível.

— Se estás a explorar essa teoria, então também é possível que eu a tenha matado.

— Eu sei.

O queixo de Gabriel descaiu-lhe.

— A sério? Quero dizer, alguma vez pensaste seriamente que eu matei a Laure?

— Porque achas que te dei um álibi?

— Jesus Cristo, Iris.

— Tudo bem, sei que não o fizeste. Mas, por uma fração de segundo, passou-me pela cabeça.

— Mas que motivo teria eu para o fazer?

— Vá lá, Gabriel. Estavas farto dela e irritado por ela me ter feito perder o contrato, não me transmitindo a mensagem da Samantha Everett. Se tivéssemos mencionado isso à polícia, eles teriam olhado para ti com muito mais atenção, acredita.

Gabriel sabia que Iris tinha razão. Mas as palavras dela tinham-no chocado.

— E não querias ir procurá-la quando ela não voltou naquela noite — continuou Iris. — Só foste porque o Joseph disse que ia procurá-la.

— Porque, até àquele momento, pensava que ela estava com ele! E havia o raio de uma tempestade, se bem te lembras! — Passou a mão pelo cabelo. — Jesus Cristo, Iris, de onde veio isto tudo?

Iris encolheu os ombros.

— De matutar nas coisas.

— Então porque não paras de pensar e fazes alguma coisa útil? — disse ele furioso, empurrando a cadeira para trás. — A Laure suicidou-se, Iris. Sabia que o corpo do Pierre acabaria por ser descoberto e temia as consequências.

— Mas estava feliz. Tinha o Joseph.

— Bem, talvez ele fosse apenas uma última aventura calculada. E o teu raciocínio é uma treta rematada. Num minuto, estás a dizer que o Joseph a matou, no seguinte que ela era feliz com ele. Oh, talvez penses que ele a assassinou porque ela se recusou a falar-nos sobre a relação deles. É isso, Iris, é o que pensas?

— Porque estás a ficar irritado? Só estou a expor teorias.

Gabriel abanou a cabeça.

— A seguir, vais acusar a Esme, dizer que ela não estava mesmo no hospital a dar à luz, que estava a assassinar a Laure porque tinha ciúmes da relação dela com o Joseph. Já agora, e o Hugh? Talvez ele soubesse o que se passava entre a Esme e o Joseph e tenha matado a Laure na esperança de incriminar o Joseph pelo homicídio e tirá-lo da vida deles. Já pensaste nisso?

Iris desviou-se dele.

— Agora estás a ser ridículo.

— Eu? — Olhou para ela com espanto. — Tens mesmo de voltar a pôr a tua vida em ordem, Iris. Esta coisa de ficar sentada a olhar para o nada não te está a fazer nada bem.

Praguejando baixinho, retirou-se.

CINQUENTA E SETE

Iris sentia-se mal por ter provocado Gabriel daquela maneira. Mas não conseguira evitar. Sentia inveja que ele parecesse estar a seguir em frente quando ela não era capaz.

Pensara que conseguiria. No dia em que almoçaram com Beth, quando Gabriel dissera que precisavam de seguir em frente, ela concordara, porque estava farta da culpa, do arrependimento e do horror absoluto de tudo. Pensara que o fariam juntos, que, pouco a pouco, dia após dia, ela e Gabriel avançariam lentamente e voltariam a estar onde estavam antes de Charlie Ingram ter morrido.

Mas Gabriel não esperara por ela. A notícia de que Beth ia tirar um ano sabático dera-lhe um novo objetivo. E agora aquela coisa com Maggie. Andava mais leve desde o encontro, como se um peso enorme lhe tivesse saído de cima dos ombros. Talvez na realidade o motivo fosse não ter sido capaz de salvar Charlie, apesar das suas competências médicas. Se Maggie o aliviara dessa culpa, Iris deveria sentir-se contente por ele. Mas não sentia nada a não ser ressentimento.

Beth dissera-lhe no dia anterior, quando a encontrara sentada no jardim a olhar para o nada, que devia fazer terapia.

— Tens tido tanto com que lidar, mãe — dissera, pondo o braço à volta dos ombros de Iris e dando-lhe um abraço. — Uma mulher mais fraca ter-se-ia ido abaixo sob a tensão dos últimos meses. Primeiro o pai, depois a Laure, a seguir o Pierre. Não admira que estejas a achar difícil concentrar-te seja no que for.

E essa era a verdade. Começara com Gabriel. Se ele não se tivesse ido abaixo tão dramaticamente depois de encontrar Charlie na pedreira, se ela não tivesse tido de o amparar, de se preocupar com ele, teria sido capaz de se concentrar em Laure. E, se tivesse sido capaz de se concentrar em Laure, o desastre que se seguira poderia ter sido evitado. Por causa de Gabriel,

desviara os olhos da bola. E, porque desviara os olhos da bola, Pierre fora assassinado e Laure encontrara consolo nos braços de Joseph. Esses eram os pensamentos que lhe andavam às voltas na cabeça, a cimentarem-lhe o ressentimento, a torná-la incapaz de deixar tudo para trás e seguir em frente. E agora havia o batizado de Hamish para ultrapassar.

Puxando o portátil para si, abriu o motor de pesquisa e procurou informação sobre as responsabilidades de uma madrinha. Para seu alívio, além do batizado, não havia nada que envolvesse qualquer interação com o padrinho.

Verificou as horas no telemóvel e viu que já eram seis e meia, hora de começar a preparar o jantar. Mas não valia a pena. Seriam apenas ela e Gabriel, porque Beth estava a passar o dia fora. E, depois da conversa de havia pouco, duvidava que Gabriel quisesse comer com ela.

Talvez fosse deitar-se.

CINQUENTA E OITO

Gabriel entrou no café The Burnt Cherry, aliviado por ver que Maggie já ali se encontrava, sentada a uma mesa junto à parede do lado esquerdo, um pouco afastada dos outros clientes. Escolhera-a para ter privacidade, adivinhou ele, levantando a mão em sinal de saudação.

— Como está? — perguntou, sentando-se em frente dela.

— Bem, obrigada — disse. — Estou nervosa por causa do que lhe vou contar — acrescentou.

— Por favor, não esteja. O que posso pedir para si?

Mandou vir um chá para Maggie e um café para si, e, enquanto esperavam que chegasse, tentou pô-la à vontade, perguntando-lhe se era a primeira vez que voltava a Markham desde que fora trabalhar para St. Cuthbert's.

— Costumava vir cá de dois em dois meses para pôr a conversa em dia com algumas das mães dos amigos do Charlie, que se tinham tornado minhas amigas. Mas já não voltava desde que o Charlie morreu. Acho que seria um pouco embaraçoso. — Fez-lhe um sorriso. — Quando se tem um filho que morreu, é difícil continuar a fazer parte de grupos de amigos. As pessoas sentem que têm de andar nas pontas dos pés na nossa presença e não mencionar os filhos delas. Torna a situação pouco natural, porque, para quem é mãe, o principal tema de conversa é muitas vezes a família. — Fez uma pausa enquanto a empregada pousava as bebidas na mesa. — Obrigada por ter acedido a encontrar-se comigo. Queria explicar-lhe o que se passou na semana passada. — Pegou na colher e começou a mexer o chá. — Aquele homem, o vosso jardineiro... eu conheço-o. Estava ao serviço da empresa que St. Cuthbert's contratou para ajardinar os terrenos da escola. — Olhou para cima. — Ele sabe que o Gabriel foi a pessoa que encontrou o Charlie na pedreira?

— Sabe. Eu e a Iris falámos sobre isso um dia com alguns amigos, e por acaso o Joseph estava lá.

— Ele alguma vez lhe falou do Charlie?

— Não. Para ser completamente sincero, quando soube que ele tinha sido despedido da Jarmans, pesquisei a empresa e vi que um dos projetos tinha sido os jardins de St. Cuthbert's. Então, perguntei-lhe se tinha trabalhado nesse contrato, e ele respondeu-me que não. Suponho que teve de mentir porque eu teria achado estranho ele não ter mencionado que trabalhara lá depois de saber que eu era a pessoa que encontrara o Charlie.

— Ou então não queria que soubesse por que razão perdera o emprego. — Maggie bebeu um gole de chá e recostou-se na cadeira. — Foi despedido por minha causa. Uma das alunas veio falar comigo, porque eu era a diretora do gabinete de apoio aos alunos, e disse-me que estava preocupada com a amiga dela, que estava perdidamente apaixonada pelo Joseph e andava a corresponder-se com ele sobre a possibilidade de viajarem juntos pela Tailândia nesse verão. Eu sabia quem era o Joseph. Já o tinha visto a trabalhar nos terrenos do colégio e percebia o efeito que estava a ter em algumas das alunas, que estavam encantadas por terem um homem bem-parecido a quem dizer olá a caminho das aulas. Fui logo ter com o diretor e contei-lhe o que se passava. O facto de o Joseph ter dado o número de telemóvel a uma das nossas alunas significava que já tinha pisado o risco. O diretor falou com a Jarmans, e o Joseph foi imediatamente despedido. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — E depois ele vingou-se.

— Como? — perguntou Gabriel, simplesmente para preencher o silêncio enquanto Maggie respirava fundo um par de vezes.

— Foi à casa nos terrenos da escola onde eu e o Charlie vivíamos. Não me passou pela cabeça que o diretor revelasse que fora eu a denunciar as indiscrições do Joseph... mas também nunca esperaria que o Joseph viesse à minha porta e se pusesse a gritar comigo. Estava a fazer tanto barulho que o levei para dentro. No princípio, não me apercebi de que estava bêbado; se não estivesse, penso que não teria sido tão cruel. Disse-me que eu devia ter ido ter com ele primeiro, porque me teria dito que a amizade entre ele e a aluna era exatamente isso, uma amizade inocente, e que só lhe dera o número de telemóvel porque ela dissera que os pais queriam falar com ele sobre a proposta de lhe mostrar as vistas na Tailândia se ela estivesse lá na mesma altura que ele. Não se tratava de maneira nenhuma de irem para lá juntos, disse ele. A estudante tinha descoberto, através de conversas tidas no recinto da escola, à vista de toda a gente, acrescentou, que ele ia a

Banguecoque todos os anos em agosto e dissera que também ia lá estar esse mês, tendo-lhe perguntado se ele podia mostrar-lhe as vistas. Ao que parece, ele disse que sim, mas só se os pais dela dessem autorização. — Fez uma pausa para respirar. — Perguntei-lhe se tinha consciência de que a aluna em questão estava apaixonada por ele e de que talvez ela pensasse que pudesse ser recíproco ou tivesse essa esperança, e ele negou e acusou-me de tentar causar problemas. Também chamei a atenção para o facto de ela ter apenas dezassete anos e ele estar a pôr-se numa posição melindrosa envolvendo-se com ela. Mas ele não conseguia perceber que tivesse feito alguma coisa de errado. — Respirou fundo. — O Charlie estava lá em cima e veio a correr para ver o porquê de toda aquela gritaria. E então o Joseph disse-lhe que eu acabara de lhe fazer perder o emprego, que era uma cabra intrometida, e perguntou-lhe se ele sabia que eu estava a ter um caso com o professor de Química dele. O Charlie riu-se e esperou que eu negasse. Mas eu não podia, porque era verdade. Quando o Charlie se apercebeu, ficou branco como a cal, e o Joseph começou a provocá-lo, dizendo que todos sabiam menos ele e perguntando-lhe qual era a sensação de saber que toda a gente se ria nas costas dele, especialmente durante as aulas de Química, e que, se ele estava a ter boas notas a Química, bem, agora sabia porquê. Esse tipo de coisas. E depois o Charlie foi atrás dele, atirou o Joseph ao chão, e o Joseph pôs-se a praguejar e a chamar-me a mim e ao Charlie todo o tipo de nomes. Estava tão ameaçador e assustador que peguei no telemóvel e disse que ia ligar para a polícia. Então ele foi-se embora, e ficámos só eu e o Charlie.

— Lamento imenso, Maggie.

— Não sei como é que o Joseph descobriu a minha relação com o Andrew. Andamos há cerca de três anos, mas certificamo-nos de que os nossos caminhos nunca se cruzam na escola, ou pelo menos tão pouco quanto possível. Só me ocorre que o Joseph nos tenha visto juntos em Winchester num sábado, numa das nossas poucas saídas à noite. O meu casamento com o Angus, o pai do Charlie, acabou há muito tempo, mas concordámos em ficar juntos até o Charlie ir para a universidade, porque o Charlie adorava o pai, e era uma situação fácil de manter, com o Angus fora durante a maior parte do ano. Como eu e o Angus nos damos muito bem, passamos uns belos tempos sempre que ele está cá. Há alguns anos, ele conheceu alguém e foi imediatamente sincero, e eu fiquei contente por ele, tal como ele ficou por mim quando comecei a andar com o Andrew.

— Explicou tudo isso ao Charlie?

— Tentei, mas ele não me quis ouvir. Pôs-se a gritar comigo, perguntava-me como é que eu podia ter traído o pai e feito dele motivo de chacota na escola. Eu disse-lhe que tinha a certeza de que ninguém sabia, de que ninguém se estava a rir nas costas dele, mas ele insistia que não ia poder ir às aulas no dia seguinte e que teria de deixar St. Cuthbert's. Tentei telefonar ao Angus para que ele pudesse falar com o Charlie e explicar-lhe tudo, mas ele estava num exercício de treino, e, quando devolveu a chamada, o Charlie já tinha saído. Eu tentara impedi-lo de sair de casa, mas ele disse que não queria estar perto de mim. — Levantou os olhos, e Gabriel viu a angústia neles. — Foi por essa razão que a mensagem que ele lhe transmitiu significou tanto para mim. Permitiu-me continuar a viver.

— Estou grato por ter estado presente — disse Gabriel em voz baixa.

Maggie pegou na chávena e ele viu que tinha a mão a tremer.

— Fui de bicicleta atrás dele, mas já estava escuro e não conseguia ver para que lado ele tinha ido. Telefonei aos amigos, entre eles, a Gina, a namorada, mas ela não tinha tido notícias dele. Perguntei-lhe, tive de o fazer, se tinha ouvido boatos sobre mim na escola e implorei-lhe que me dissesse se sim, dizendo-lhe que tinha que ver com o Charlie ter saído de casa zangado. Mas ela garantiu-me que não, e acreditei, porque pareceu ficar muito surpreendida por eu ter perguntado. Como o Charlie às dez horas ainda não tinha voltado, telefonei para a polícia. — Bebeu um gole de chá e pousou cuidadosamente a chávena no pires. — Já sabe o resto.

— Percebo porque ver o Joseph teve um efeito tão forte em si. Lamento imenso, Maggie, por tudo o que se passou.

— Sei que ele estava bêbado, mas não devia ter contado ao Charlie sobre mim e o Andrew. Se não o tivesse feito, o Charlie ainda cá estaria. O pior é que, uns meses depois, eu e o Angus teríamos falado com o Charlie sobre os respetivos relacionamentos; tínhamos planeado contar-lhe durante as férias de verão, antes de ele ir para a universidade. — Fez um sorrisinho. — É difícil não pensar que, ao tentar protegê-lo, de facto acabámos por o matar.

— Por favor, não pense assim — disse Gabriel, chocado. — A culpa não é sua, é do Joseph. Quem me dera ter sabido; nunca o teria contratado, e penso que os nossos amigos também não. Se ele não se fosse embora no fim do mês, dispensava-o imediatamente. Talvez o faça, de qualquer forma — acrescentou.

Maggie levantou a cabeça.

— Por favor, não lhe diga que nos encontrámos. Sei que ele não sabe onde vivo agora, mas foi tão ameaçador naquela noite. A certa altura, tive medo de que pudesse agredir-me fisicamente.

— É uma pena não ter chamado a polícia.

— Fiquei simplesmente aliviada por ele se ter ido embora.

— Obrigado por me ter contado. — Sentia dores de cabeça de repente, e teve de resistir a esfregar as têmporas para aliviar a dor. As últimas palavras de Charlie, *Ele não me devia ter contado*, faziam sentido agora. Estava a referir-se a Joseph.

Voltou a atenção para Maggie e mudou a conversa para outros temas para a distrair do que acabara de lhe contar. Quando se despediram, dali a quarenta e cinco minutos, disse-lhe que ela podia ligar-lhe se alguma vez precisasse de conversar. E depois foi para casa, com a raiva contra Joseph a ferver dentro dele.

CINQUENTA E NOVE

Iris acordou naquela manhã a sentir-se ligeiramente mais positiva. Era sábado e ia às compras com Beth.

Seria o terceiro sábado consecutivo delas. Agradavam-lhe imenso aquelas saídas de mãe e filha, e tinha a esperança de que se tornassem regulares, agora que Beth ia ficar em casa mais um ano. Gostava da companhia de Beth, e Beth parecia gostar da dela. Tagarelavam alegremente, riam-se juntas e falavam sobre Gabriel e Esme e Hugh, mas nunca de forma desagradável. Os sábados tinham-se tornado o ponto alto da semana de Iris.

Enquanto comia uma taça de *muesli* junto à janela da cozinha, à espera que Beth descesse, avistou Joseph, e o seu estado de espírito azedou imediatamente. Desagradara-lhe que Gabriel tivesse insistido que ele continuasse a trabalhar para eles até que o jardim murado estivesse terminado, especialmente visto que Beth não se iria embora. Desagradava-lhe que às terças, quintas e sábados tivesse de evitar ir ao jardim com receio de dar de caras com ele. Graças a Deus, não tardaria a ir-se embora de vez.

Ao que parece, não era a única que o temia. Gabriel contara-lhe o seu encontro com Maggie e que Joseph a atacara verbalmente porque ela o denunciara ao diretor da escola por ter dado a uma das alunas o seu número de telemóvel.

— Então espero que lhe peças para se ir embora? — dissera Iris.

— Até pedia, mas ele vai-se embora de vez depois do batizado, portanto, só teremos de o aturar durante mais duas semanas.

Iris sentira uma onda de alívio.

— Ai vai?

— Vai, pensei que te tinha dito. O Hugh mencionou-o quando nos encontrámos para beber um copo na semana passada.

Nesse momento, tudo o que interferia com a sua paz de espírito era o batizado.

Sem apetite, pousou a taça ao lado e foi ver se Beth estava pronta. A porta do quarto dela ainda estava fechada, e, lembrando-se de que ela regressara tarde da casa de Esme, Iris bateu suavemente à porta.

— Beth?

— Hum. — A resposta dela foi sonolenta. — Entra.

Iris abriu a porta, e a cabeça despenteada de Beth despontou de baixo da roupa de cama.

— Bom dia — disse, soerguendo-se e encostando-se nas almofadas. — Que horas são?

— São quase dez e meia.

— O quê? — Beth pegou no telemóvel para verificar. — Como é que pode ser tão tarde?

— Só voltaste de casa da Esme depois da uma — lembrou-lhe Iris.

Beth fez uma careta.

— Acordei-te? Desculpa.

— Não, estava acordada e ouvi a porta. — Iris sentou-se na cama. — O pai saiu e só volta esta tarde, por isso podemos almoçar fora.

— Saiu de bicicleta?

— Sim.

— Parece melhor ultimamente. Não está tão deprimido.

Iris alisou os lençóis da cama de Beth.

— Penso que se apercebeu de que a vida tem de continuar. Talvez o facto de ter visto tanta morte num espaço tão curto de tempo o tenha feito perceber como a vida é preciosa. — Deu um pequeno encontrão na perna de Beth. — A que horas achas que vais estar pronta?

Beth recostou a cabeça nas almofadas.

— Na verdade, mãe, importas-te que fique para outra altura? Apetece-me ficar na cama esta manhã. Mas estás à vontade para ir sem mim.

— Oh. — A felicidade de Iris esvaziou-se como um balão. — Preciso de comprar um vestido para o batizado da próxima semana, portanto, sim, irei. — Fez uma pausa. — Esperava que me ajudasses a escolher.

— Desculpa, mãe. Estou mesmo cansada.

— Não faz mal. — Iris afastou-se da cama, escondendo o seu desapontamento. — Precisas de alguma coisa? Vou parar no supermercado quando voltar para casa.

Beth abanou a cabeça.

— Não me consigo lembrar de nada.

— *OK*... então aproveita o descanso. Jantas connosco esta noite?

A culpa inundou o rosto de Beth.

— Disse à Esme que jantava com eles.

— Tudo bem, sem problema. Talvez nos vejamos mais tarde.

Saiu do quarto, a conter lágrimas de pena por si própria. Seria assim tão difícil estar com ela e com Gabriel? Iris pensou em como eles saltavam em cima de Beth sempre que ela entrava onde se encontrassem, ansiosos por ter mais alguém com quem falar, porque não conseguiam falar um com o outro. Beth teria percebido que era a cola que mantinha a mãe e o pai juntos? Era um peso enorme para alguém carregar. Iris não podia censurá-la por preferir passar tempo com Esme e Hugh.

Sentiu-a, então, uma mistura enorme de perda e ciúme.

Daí a meia hora, Iris estacionou o carro na cidade e pôs-se à procura de um vestido. Estava a sair de uma loja quando avistou Hugh do outro lado da rua.

— Hugh! — chamou, sobrepondo a voz ao ruído do trânsito.

Ele olhou para cima, acenou e fez sinal de que ia atravessar para falar com ela. Esperou na berma até haver uma pausa no trânsito e atravessou.

— É um prazer ver-te, Iris — disse, dando-lhe um abraço.

— Também é um prazer ver-te. Como estás? Como está o Hamish?

— Eu estou bem. E o Hamish está a crescer tão depressa que tive de vir comprar mais pijamas para ele. A Esme queria acabar de pintar o quarto de hóspedes, por isso teve de confiar que eu compraria o tamanho certo — acrescentou com um sorriso.

— Ela já está quase a acabar? Caramba, trabalha depressa.

— É verdade. Os pais vão ficar lá em casa para o batizado, portanto, ela quer ter tudo pronto para essa altura.

— Claro.

— Adora o tom de verde que sugeriste.

— Oh, ótimo.

Hugh olhou para ela por baixo das suas sobrancelhas farfalhudas.

— Estás bem?

— Sim, estou ótima. Estava só a pensar que devia estar a ajudar a Esme. Mas sinto que não tenho energia.

— Tens de dar um tempo a ti própria, Iris. Passaste por muita coisa.

— Hei de lá chegar. — Sorriu-lhe. — Estou surpreendida por te ver tão desperto depois de uma noitada.

— Eu não — disse Hugh animadamente. — Estava na cama às dez.

— Suponho que a Esme e a Beth estiveram a pôr o mundo em ordem — disse ela, tentando não parecer desconsolada.

— Não, a Beth esteve a conversar com o Marcus e o Joseph. A Esme adormeceu antes de mim.

— O Marcus e o Joseph?

— Sim, os três dão-se mesmo bem. É uma das melhores coisas de ter tido o Hamish; vemos o Marcus com muito mais frequência. — Fez uma pausa. — A Beth tem sido boa para o Joseph. Ele tem andado compreensivelmente abatido desde que a Laure morreu, mas a tua filha consegue fazê-lo rir. Ela é mesmo fantástica, Iris. Tu e o Gabriel devem estar muito orgulhosos dela.

— Estamos — disse Iris. — Desculpa, Hugh, mas estou com pressa. Ando à procura de um vestido para o batizado. Dá cumprimentos meus à Esme.

— Dá-los-ei. Vemo-nos no próximo domingo, se não antes.

Iris forçou as pernas a mexerem-se, e, atordoada, dirigiu-se para o lugar onde estacionara o carro, levantando o rosto para o céu para sentir os chuviscos que tinham começado a cair. Tentou livrar-se da sensação de catástrofe iminente, mas não conseguiu.

SESSENTA

Desde o seu encontro com Maggie na semana anterior, Gabriel evitava trabalhar no jardim com Joseph. Em vez disso, mandava-lhe uma mensagem logo de manhã nos dias em que ele vinha trabalhar, indicando as tarefas específicas que queria que fizesse.

Custara-lhe não o confrontar diretamente ao sair do café naquele dia, mas sentia-se tão cheio de raiva que receava não ser coerente e sabia que o que tinha para dizer a Joseph teria mais efeito se se mantivesse calmo.

Não dera a Joseph qualquer explicação para a sua ausência no jardim. Enviara-lhe simplesmente uma mensagem, de que ouvira dizer que ele se ia embora no final do mês e de que, portanto, o seu último dia de trabalho seria na quinta-feira, dia vinte e nove. Acrescentou que no sábado, dia um de outubro, gostaria de o visitar, já que era provável que não tivessem grande oportunidade de falar no batizado no dia seguinte. Joseph respondera-lhe, convidando-o a passar lá por casa às seis da tarde.

Pela cronologia básica que deduzira, do momento em que Joseph chegara a casa de Esme depois de ter passado dois meses em casa da mãe, Gabriel tinha a certeza de que o acidente de carro dele quando estava bêbado acontecera nos dias que se seguiram à morte de Charlie. A culpa pelo que dissera a Charlie teria sido em parte a causa do acidente? O que Gabriel mais detestava, apercebeu-se enquanto enterrava a pá na terra, era que a mentira que dissera sobre as últimas palavras de Charlie pudesse ter atenuado essa culpa. Joseph precisava de saber a verdade, que era que as suas palavras cruéis haviam levado Charlie — de propósito ou porque, no estado de perturbação em que se encontrava, não tomara o cuidado e a atenção devidos — a precipitar-se para a morte da berma da pedreira.

— Ainda não é suficientemente fundo!

Gabriel olhou para cima, com um monte de terra na pá. Iris dirigia-se para ele.

— Desculpa?

— Para um cadáver.

Ele riu-se sombriamente, juntou a terra ao monte ao seu lado e de seguida enterrou a pá no chão com um estalido satisfatório.

— Está na hora do jantar? — perguntou, limpando a testa com o antebraço.

— Quase.

— A Beth está na casa da Esme?

— Está. — Iris olhou-o nos olhos. — Ela só chegou depois da uma da manhã. Encontrei-me com o Hugh na cidade, e ele disse-me que ele e a Esme estavam na cama às dez.

— O que é que isso quer dizer?

— Que ela esteve com o Marcus e o Joseph. Parece que estão a dar-se muito bem. Ao que parece, ela tem sido boa para o Joseph desde que a Laure morreu.

Os olhos de Gabriel arregalaram-se.

— O Hugh disse isso?

— Disse.

— Achas que ele estava a tentar dizer-nos alguma coisa?

— Como o quê?

— Não sei. Que o Joseph e a Beth estão mais chegados do que deviam?

— Penso que, se ele tivesse alguma preocupação real, falaria francamente. Mas temos de estar atentos às coisas. Ela anda muito por lá.

Gabriel passou uma mão pelo cabelo.

— Achas que é por isso que passa tanto tempo com eles? Porque ele está lá?

— Talvez. Mas sobretudo para se afastar de nós. Sejamos realistas, não somos uma companhia muito divertida, pois não?

Retirou-se, e Gabriel voltou a cavar, com o baque da pá na terra a ecoar os batimentos do seu coração.

SESSENTA E UM

— Posso falar um momento contigo e com o pai?

Iris olhou para cima e viu Beth a pairar incerta no terraço, com o cabelo ainda húmido do duche.

Afastou o presente que estava a embrulhar, uma Arca de Noé lindamente esculpida, um presente para Hamish.

— Claro que sim.

— Desde que não seja para nos dizer que decidiste não ir para a universidade — disse Gabriel a brincar, limpando as mãos às calças de ganga. — Na verdade, mesmo que seja, não estou preocupado. Vais fazer o teu próprio caminho na vida, eu sei.

— Obrigada, pai — disse Beth, aproximando-se para lhe dar um abraço. — Continuo a tencionar ir para a universidade, mas quero falar convosco sobre o meu futuro. Sobre o meu futuro imediato — acrescentou.

— Ah, certo... — Gabriel sorriu-lhe. — Como podemos ajudar nisso?

— Decidi viajar. — Puxou uma cadeira e sentou-se em frente de Iris, e Gabriel fez o mesmo. — Ver um pouco do mundo antes de ir para a universidade.

— Viajar? — perguntou Gabriel. — Para onde? Quero dizer, já tens tudo planeado ou é algo que estás a pensar fazer?

— Tenho tudo mais ou menos planeado. É só que me apetece afastar-me por uns tempos.

— Compreendo — disse Iris. — Tens passado por muita coisa ultimamente, e o convívio comigo e com o teu pai não é lá muito divertido neste momento.

— Não é essa a razão — apressou-se a dizer Beth. — Adoro estar aqui contigo e com o pai. Mas parece-me um desperdício ficar em Markham durante um ano, quando há tantos lugares para ver.

— Então, para onde estás a pensar ir? Para a Europa?

Beth abanou a cabeça.

— Não, para a Ásia. Depois, para talvez a América do Sul.

— Para a Ásia? — O nome do continente despertou a atenção de Gabriel. — Para onde na Ásia?

— Provavelmente, começo em Banguecoque e vou indo e vendo.

— Sozinha?

— No princípio, sim. Mas vou conhecer pessoas e, se elas forem na mesma direção, posso viajar com elas.

Gabriel esfregou o queixo.

— Precisamos de falar sobre isto, Beth.

— Claro que sim. Mas já estou decidida. Preciso de ter algo bom no meu currículo. Os futuros empregadores vão querer saber o que fiz durante o meu ano sabático, e, se disser que fiquei com os meus pais, a tomar conta do bebé de uns amigos... bem, vai parecer um pouco fraco.

— Quando estás a pensar ir? — perguntou Iris.

— No mês que vem.

— No mês que vem? — A consternação de Gabriel era evidente. — Porque tens de partir no mês que vem? Não podes esperar até depois do Natal?

— Não, porque nessa altura os voos são mais caros.

— Eu pago a diferença.

— Gabriel. — Iris conseguiu chamar-lhe a atenção. — Para. Estás a fazer a Beth sentir-se mal.

— Desculpa. — Gabriel olhou para a filha. — É só que parece um pouco precipitado, como se não tivesses pensado bem no assunto.

— Podemos falar sobre isso amanhã, pai? Fiquei de tomar conta do Hamish esta noite. A Esme e o Hugh vão jantar fora.

— O Joseph não pode ficar a tomar conta dele? — disse Iris, sem conseguir conter-se. — Disseste-me que ele adora olhar por ele. Seria bom se pudesses jantar connosco, por uma vez que fosse.

— Janto convosco amanhã, prometo. — Beth já estava a recuar em direção à casa. — Podemos falar mais sobre o assunto nessa altura. Só queria avisar-vos de antemão. — Soprou-lhes um beijo. — Até logo.

Iris lançou um olhar a Gabriel. Estava abatido, como se o seu mundo tivesse acabado. Era compreensível, Beth era o seu mundo.

— Não estavas realmente a contar que ela passasse um ano inteiro aqui,

pois não? — perguntou ela.

Gabriel olhou para cima.

— Porquê, tu não?

— Não pensei realmente nisso. Mas, agora que pensei, percebo que ela queira fazer algo de útil no ano sabático, ter algo para mostrar.

— Como sabemos que não vai com o Joseph?

— Com o Joseph? — Olhou para ele, alarmada. — O que queres dizer?

— Ela disse Banguecoque. Lembras-te de que te disse que ele tinha dado o número de telemóvel a uma aluna da escola? Segundo a Maggie, tinha-se oferecido para lhe mostrar Banguecoque. Parece que ele conhece muito bem a Tailândia e costuma passar lá o verão. — Olhou-a nos olhos. — Vais continuar tão despreocupada com a partida dela se amanhã nos disser que vai para a Tailândia com o Joseph?

— Isso nunca vai acontecer — insistiu Iris entre dentes. — Ela não vai a lado nenhum com aquele homem. É um alcoólico! Talvez não ande a beber agora, mas aposto que não seria preciso muito para ceder à tentação.

— Quem me dera que nunca tivéssemos conhecido aquele tipo — disse Gabriel com azedume. — Quem me dera que nunca o tivesses trazido para as nossas vidas. Só dá problemas. Talvez o Charlie ainda estivesse vivo se não fosse ele. E a Laure. E, se ela não o tivesse conhecido, o Pierre poderia ainda estar connosco.

— Ela matou o Pierre antes de começar uma relação com o Joseph — lembrou-lhe Iris.

— Não sabemos isso. Talvez tenha dito ao Pierre naquele dia em Paris que tinha conhecido outra pessoa, talvez a discussão deles tenha começado aí. Talvez o Pierre lhe tenha dito que nunca abriria mão dela, e por isso ela matou-o. Não sabemos, Iris. Essa é a tragédia absoluta. Simplesmente não sabemos. — Empurrou a cadeira para trás. — A única coisa que sei é que, se o Joseph está na origem da decisão da Beth de ir para a Ásia, mato-o, com um raio.

SESSENTA E DOIS

Iris levou um tabuleiro carregado com taças e talheres para a sala de estar. Tinham mandado vir o jantar, que iam comer enquanto viam um filme escolhido por Beth. Uma noite de sábado em família, de que houvera muito poucas.

Ela e Beth tinham ido às compras nessa manhã, para lhe comprar uma mochila para a sua viagem à Tailândia. Quando Beth lhes dissera, na semana anterior, que ia viajar no mês seguinte, nem Iris nem Gabriel se tinham apercebido de que estavam quase no fim de setembro e de que o «mês seguinte» estava a poucos dias de distância.

Durante a semana, tinham falado com ela sobre a sua viagem, e fora nessa altura que ela lhes dissera que planeava partir por volta do dia vinte de outubro. Significava que só lhes restavam três semanas com ela. Iris conseguira atenuar o choque a Gabriel, sugerindo que se encontrassem com Beth onde quer que ela estivesse no Natal.

— Sim! — Beth tinha-se entusiasmado com a ideia. — Seria o máximo! O que achas, pai? Agrada-te a ideia?

— Sim, claro.

— Não pareces ter muita certeza.

— Do que não tenho a certeza é se deves ir viajar sozinha.

— Há muita gente que o faz, pai. E já te disse que, quando chegar à Tailândia, vou conhecer pessoas e seguimos juntos. É disso que se trata, de fazer amigos, partilhar experiências com eles e ver algo do planeta em que vivemos. — Pusera-lhe um braço à volta dos ombros. — Preciso que me apoies nisto.

— Tens razão, Beth. — Iris via o esforço que Gabriel estava a fazer para sentir algum entusiasmo. — Vai ser uma grande aventura para ti, e concordo que seria uma pena não fazer algo mais interessante do que ficar em Markham.

— E vêm ter comigo no Natal, como a mãe disse? Ainda devo estar na Tailândia nessa altura, portanto podíamos passar o Natal numa das ilhas, em Koh Samui ou Phuket.

— Sim — confirmou Gabriel. — Decididamente, faremos isso. Vai dar-nos algo por que ansiar.

— Nessa altura, só terei estado fora dois meses. Não vão ter propriamente tempo para sentir a minha falta.

Mal Esme soubera que Beth se ia embora, contratara uma ama para a substituir. Significava que Iris e Gabriel veriam Beth muito mais frequentemente no período que antecedia a sua partida, porque a ama entrava ao serviço na segunda-feira.

— Se fosse só o Hamish, eu conseguia aguentar — explicou Esme a Iris ao telefone. — Mas ainda há tanta coisa a fazer cá em casa.

— Esme, ninguém te vai julgar por teres uma ama.

— Vamos sentir a falta da Beth. Como te sentes em relação a ela se ir embora?

— Preocupada, mas orgulhosa por ela estar a tomar a iniciativa. Vou ter imensas saudades dela, tem sido tão maravilhoso tê-la cá. O Gabriel arma-se em forte, mas está de rastos.

— Imagino. Iris, tenho um favor a pedir-te. — Esme parecera estranhamente nervosa. — É sobre o Joseph. Podes ficar de olho nele durante o batizado, especialmente durante o almoço? Vai haver bebidas alcoólicas, e não quero que ele se sinta tentado.

O coração de Iris caiu-lhe aos pés. Planeara evitar Joseph o mais possível depois de terminada a cerimónia religiosa.

— Sim, claro — respondera. — Apesar de que, se ele decidir começar a beber, não sei se serei capaz de lhe arrancar o copo da mão.

— Limita-te a avisar o meu pai. Ou o Hugh e o Marcus. Eles tratam do assunto.

Iris pousou o tabuleiro na mesa e viu as horas. Eram seis e meia. Beth estava a tomar um duche, e Gabriel tinha ido visitar Joseph; traria a comida no regresso a casa. Quando ela perguntara se ele ia falar de Beth a Joseph, Gabriel abanou a cabeça.

— Porque não? Porque o vais ver se não é para falar da Beth? — perguntara ela.

— Porque tenho outras coisas de que quero falar com ele. De qualquer modo, se eu lhe disser para se afastar da Beth, ele vai-lhe logo contar, e isso irá causar problemas entre nós e a Beth. Vale o que vale, mas não me parece que a decisão dela de ir viajar tenha alguma coisa que ver com ele. Sim, ele pode ter falado sobre a Tailândia e plantado nela uma ideia. Mas penso que, se ela fosse encontrar-se com ele, ter-nos-ia contado. E a Esme e o Hugh saberiam, e ter-nos-iam dito.

Iris não se dera ao trabalho de responder. Supunha que Gabriel queria falar com Joseph sobre Charlie. Mais uma vez, ao que parecia, Charlie Ingram estava a ter precedência sobre todas as outras pessoas, mesmo sobre a filha de ambos.

SESSENTA E TRÊS

— Antes de mais, quero agradecer-te por todo o teu trabalho árduo — começou Gabriel. Estava sentado à mesa na casa de Joseph, com um copo de sumo na mão.

— Gostei muito — disse Joseph. — Só tenho pena de que a Iris se tenha metido entre nós.

Gabriel franziu a testa.

— A Iris? Quaisquer problemas que tenhas com a Iris não me dizem respeito. — Vendo a perplexidade no rosto de Joseph, continuou. — A Iris não é a razão pela qual não tenho trabalhado no jardim contigo nas últimas duas semanas. — Fez uma pausa. — Sabes, não sabes, que fui eu que encontrei o Charlie Ingram na pedreira?

— Sei.

— Então, porque não mencionaste que tinhas trabalhado na escola dele? Mais precisamente, porque mentiste quando te perguntei se tinhas trabalhado lá?

Joseph encolheu os ombros.

— Achei que não querias falar sobre isso — respondeu. — De qualquer modo, não conhecia o rapaz.

— Mas isso não é bem verdade, pois não? Foste à casa onde ele vivia com a mãe. Foste insultuoso, ameaçador e cruel.

Joseph tentou esconder a surpresa.

— Ela custou-me o emprego. Não tinha o direito de interferir.

— Tinha todo o direito de interferir. Era a diretora do gabinete de apoio ao aluno. Uma aluna estava preocupada com a amiga, que estava apaixonada por ti, uma adolescente a quem tinhas dado o teu número de telemóvel e prometido mostrar Banguecoque.

— Era completamente inocente!

— Vê se cresces. Não devia ser permitido que te aproximasses de gente

jovem. O que disseste ao Charlie foi incrivelmente cruel. Não foi só o que lhe disseste sobre a mãe dele ter um caso com o professor de Química. O que realmente causou o dano foi teres-lhe dito que toda a gente sabia do caso e que se estavam a rir do rapaz nas costas dele.

— Como é que sabes? — perguntou Joseph, atónito.

— Eu estava com o Charlie antes de ele morrer, lembras-te?

— Ele contou-te? — Gabriel manteve-se em silêncio. — Não devia tê-lo dito, eu sei, não devia ter-lhe dito que toda a gente se andava a rir dele. Arrependi-me logo.

— Sobretudo porque não era verdade. Ninguém sabia do caso, porque a mãe dele e o professor de Química tinham sido extremamente discretos. Nem sequer os colegas deles sabiam. O pai do Charlie sabia, e não tinha qualquer problema com isso, porque ele e a Maggie tinham concordado há anos que, embora o casamento tivesse acabado, ficariam juntos até o Charlie sair da St. Cuthbert's. Depois diziam-lhe, e apresentavam-no aos respetivos companheiros. Ia acontecer nesse verão. Mas antecipaste-te, com as tuas mentiras e a tua crueldade. Como foste capaz? Como pudeste dizer aquelas coisas ao Charlie?

— Estava bêbado.

— Pois estavas, e alguns dias depois bateste com o carro quando estavas bêbado e disseste à Esme e ao Hugh que foi por isso que perdeste o emprego. Mas já tinhas sido despedido. És um mentiroso e um cobarde.

Joseph baixou a cabeça e ficou a olhar para a mesa.

— Se te serve de consolo, despistei-me porque, quando soube que o Charlie tinha morrido, senti-me de alguma forma responsável. Pensei que, se não lhe tivesse dito aquelas coisas, ele poderia ter tido mais cuidado.

— Isso não é consolo nenhum. Despistaste-te porque estavas bêbado. E, por favor, não te sintas «de alguma forma responsável» pela morte do Charlie. Tu és cem por cento responsável.

A cabeça de Joseph levantou-se de repente.

— O que queres dizer com isso?

— Eu menti, Joseph. Menti sobre a última mensagem do Charlie. Ele não me pediu para dizer à mãe dele que a adorava. O que disse de facto foi: «Diga à minha mãe que nunca a vou perdoar. Isto é culpa dela. Ela não devia ter feito o que fez.» — Gabriel fez uma pausa para deixar as palavras de Charlie calarem fundo em Joseph. — E depois disse: «Ele não me devia

ter contado.» A mim, o que me parece é que o Charlie se lançou de propósito da berma da pedreira por causa do que lhe disseste.

Observou, impassível, enquanto o sangue se esvaía do rosto de Joseph. E depois foi-se embora, para ir buscar o jantar que ele, Iris e Beth iam comer nessa noite.

SESSENTA E QUATRO

Iris acordou com o estômago a roncar e foi a correr para a casa de banho.

— Estás bem? — perguntou Gabriel, quando ela voltou para a cama. — Não me pareces muito bem.

— Estou ótima — respondeu. — Vou ter de estar. Hoje é o batizado.

Ele fez uma careta.

— Não mo lembres.

— O que disseste ao Joseph ontem? — perguntou Iris, encostando-se às almofadas e puxando os cobertores até debaixo do queixo. Embora ele tivesse tentado esconder, a raiva fervilhara à superfície durante todo o serão. Mal tocara na comida ou se concentrara no filme, e Iris deixara-o em paz, com receio de que a raiva dele lhe fosse dirigida, de que Joseph lhe tivesse dito que ela entrara na casa dele sem ser convidada.

— Só lhe agradeci pelo trabalho dele — disse Gabriel, e algum do medo de Iris dissipou-se.

— Ele disse-te que planos tem, para onde vai? Parece que se vai embora amanhã.

— Não perguntei — respondeu ele num tom seco. — Quanto mais cedo se for embora, melhor. É um predador perigoso.

Uma onda de dor fê-la agarrar-se à barriga. Atirando os cobertores para trás, correu para a casa de banho novamente.

— Acho que talvez tenha sido o caril de ontem à noite — disse, quando finalmente saiu da casa de banho. — Tu estás a sentir-te bem?

— Estou, mas não comi o mesmo que tu. — Gabriel fez uma pausa. — Mas a Beth comeu. Ela comeu camarões, como tu.

Iris dirigiu-se para a porta.

— É melhor ir ver se ela está bem.

Atravessou o patamar um pouco cambaleante e bateu à porta de Beth.

— Mãe? — A palavra, acompanhada por um gemido, indicou a Iris que

Beth não estava a sentir-se lá muito bem. Entrou e encontrou a filha em estado pior do que o dela. O rosto estava tão branco como o lençol da cama e brilhava de suor.

— Sinto-me péssima — gemeu. — Acho que tenho um vírus qualquer. Já perdi a conta às vezes que fui à casa de banho.

— Penso que deve ter sido da comida de ontem à noite — disse Iris, sentando-se na cama e pondo a mão na testa de Beth. — Eu tenho o mesmo. Mas não tanto como tu.

— É bem-feito por ter sido tão comilona. Comi cerca do dobro do que tu comeste. Como está o pai? Ele comeu um prato diferente, não foi?

— Sim, comeu carne de vaca. Está bem, e é por isso que penso que deve ser dos camarões. — Beth gemeu e virou a cabeça para o outro lado. — Desculpa lá — apressou-se Iris a dizer. — Queres que te vá buscar um copo de água?

— Já tenho, obrigada. E o batizado, mãe? Se continuar a sentir-me assim, não sei se vou conseguir ir. — Escaparam-lhe umas lágrimas dos olhos. — Desculpa, é só que queria mesmo ir.

Iris estendeu a mão e afastou-lhe o cabelo do rosto.

— Talvez ainda possas ir. Só são oito e meia, portanto tens mais duas horas. Eu vou voltar para a cama mais um bocado. Vamos ver como correm as coisas. Se nem tu nem eu nos sentirmos melhor, passamos a tarde debaixo de uma manta a ver televisão.

— Parece-me uma ótima ideia — concordou Beth, fazendo um esforço para levantar a cabeça da almofada. — Mas tu tens de ir ao batizado, não tens? És a madrinha do Hamish.

— Sim, mas suponho que, se não puder mesmo ir, alguém me substituirá.

Quando chegaram as onze horas, Iris não podia fingir que não estava a sentir-se melhor. Beth, porém, continuava horrivelmente enjoada.

— Talvez eu devesse ficar com ela — sugeriu Gabriel, olhando desconsolado para o fato que tinha tirado do armário.

— Ela está doente, mas não assim tão doente — disse Iris, fazendo-lhe um sorriso exasperado. — Só umas horas, e passa. — Fez uma pausa. — Já agora, convidei o Hugh e a Esme para virem até cá depois do batizado. Pensei que podíamos fazer um jantar ligeiro esta noite e abrir uma garrafa de champanhe. Também convidei o Marcus, mas a Esme disse que ele é capaz de ir sair com os primos.

— Desde que o Joseph não tenha a ousadia de vir com eles — rosnou Gabriel.

— Se vier, temos de aguentar, e cara alegre. Ainda bem que eles vêm cá a casa, porque a Beth talvez esteja a sentir-se suficientemente bem para se juntar a nós nessa altura. Pelo menos, não vai sentir que perdeu tudo.

— É verdade.

A cerimónia estava marcada para o meio-dia, portanto Iris preparou-se, enfiando o vestido amarelo que tinha comprado especialmente para a ocasião e um casaco leve por cima. Estava um daqueles dias bonitos de outono, com sol e pouco vento. Quando chegaram à igreja, encontraram-na meio cheia de pessoas da vila que tinham sido convidadas para beber um copo de champanhe depois do serviço religioso. Esme já estava lá, linda num vestido verde-esmeralda e sapatos a condizer, com Hamish a dormir nos braços dela. Iris e Gabriel dirigiram-se para ela.

— Graças a Deus — murmurou Esme, quando Iris mencionou que o bebé estava a portar-se bem. — Acho que não conseguiria lidar com um bebé a gritar neste momento.

— Passa-se alguma coisa?

— É o Joseph. — A voz de Esme estava sombria. — Devia ter vindo connosco, mas não estava pronto. E ainda não está aqui. Vou ter de pedir ao Hugh para o ir procurar.

Gabriel esticou o pescoço.

— Onde está o Hugh?

— Ali, a falar com o vigário e com o Marcus. Achas que podias ir interrompê-los e pedir-lhe que vá buscar o Joseph?

— E se fosse eu ver onde está o Joseph? — ofereceu-se Gabriel. — Na verdade, o Hugh devia estar contigo.

Um suspiro de alívio soltou-se do fundo de Esme.

— Farias isso? Muito obrigada, Gabriel, agradeço-te imenso.

— Deixa-me pegar no Hamish — disse Iris, quando Gabriel ia a sair da igreja. — Assim, podes ir cumprimentar as pessoas enquanto esperamos pelo Joseph.

— Desde que ele não nos deixe à espera demasiado tempo. — A voz dela estava carregada de irritação. Passou Hamish para os braços de Iris e, de repente, olhou em redor. — Onde está a Beth?

— Está doente — explicou Iris. — Ficou muito triste por não estar aqui.

Ontem à noite, comemos um caril que lhe caiu mal.

— Oh, não, pobre Beth! E tu e o Gabriel? Estão ambos bem?

— O Gabriel não comeu o mesmo que eu e a Beth, por isso foi poupado. Eu não estava muito bem esta manhã, mas agora sinto-me melhor.

Esme pousou-lhe uma mão no braço.

— Obrigada por teres feito o esforço de vir quando se calhar preferias estar na cama. — Revirou os olhos. — Imaginas como seria se não houvesse madrinha nem padrinho?

Iris dirigiu-se para o banco da frente, reservado aos pais e aos padrinhos, e sentou-se, com Hamish nos braços.

— Vai correr tudo bem. O Joseph deve estar a chegar a qualquer momento.

SESSENTA E CINCO

Só dali a vinte e cinco minutos agonizantes uma agitação à porta da igreja anunciou a chegada de Joseph.

Iris manteve os olhos postos na frente enquanto ele percorria a coxia. Ouvia toda a gente a rir-se bem-humorada enquanto ele se desfazia em desculpas, explicando que lhe tinham entrado ratos no guarda-fato e que era por essa razão que estava de calças e casaco em vez de fato e gravata. Iris lançou um olhar a Esme, que estava sentada ao seu lado. A tensão dissipara-se do rosto dela, e estava a rir-se como toda a gente.

Quando ouviu Gabriel avançar ao longo do banco atrás dela, Iris virou-se e, pelo olhar que ele lhe deitou, percebeu que a desculpa de Joseph para o atraso era uma mentira rematada.

Depois de ter pedido desculpa pessoalmente ao vigário, Joseph dirigiu-se para o banco onde Iris estava sentada com Esme e Hugh, e, com desculpas sussurradas, encafuou-se entre eles.

— Espero que não te importes — murmurou.

Iris sentiu o cheiro forte a menta no hálito dele.

— De todo.

Joseph inclinou-se para Hamish, adormecido nos braços dela.

— Não é uma sorte ele ter os dois melhores padrinhos do mundo? Ambos modelos de virtude.

Foi poupada a uma resposta pelo vigário a chamá-los à atenção. O serviço religioso começou, e, além de ter de passar Hamish para os braços de Joseph a certa altura, Iris conseguiu ignorá-lo até a cerimónia terminar e serem chamados para o almoço no centro comunitário da vila. Ainda não tinha conseguido falar com Gabriel, e aproximou-se tocando-lhe suavemente no braço. Com um pedido de desculpa a uma das irmãs de Esme, ele interrompeu a conversa e foi pôr-se ao lado de Iris.

— O que aconteceu? — murmurou ela. — Com o Joseph?

— Estava bêbado — disse ele, com a repugnância estampada claramente no rosto. — Tive de lhe enfiar a cabeça numa bacia de água fria para que ficasse sóbrio. Mas ainda está meio-bêbado.

— A Esme pediu-me para ficar de olho nele ao almoço e certificar-me de que não bebe.

— Boa sorte. Como te sentes? Estás melhor?

— Um bocadinho. Mas vou tomar dois comprimidos só para ter a certeza. Trouxe alguns.

Pegou numa garrafa de água de uma das mesas e dirigiu-se para a casa de banho. Quando saiu, estavam todos à volta da mesa da comida. Pondo a mala ao ombro, juntou-se à fila, pegou num prato e serviu-se de algumas coisas que esperava que não lhe caíssem mal, conversando ao mesmo tempo com as pessoas à sua volta.

Tinham sido postas duas mesas compridas no centro da sala. Iris passou os olhos pelos lugares até encontrar o cartão com o seu nome e sentou-se. Um olhar rápido para os cartões à direita e à esquerda indicou-lhe que os dois cunhados de Esme eram seus vizinhos à mesa, e, por um momento, pensou que Esme tinha mudado de ideias quanto a ser ela a responsável por Joseph, até pegar no cartão do lugar em frente e ver o nome dele. Verificou os cartões dos lugares de cada lado dele: as duas irmãs de Esme. Esta tinha cercado Joseph de pessoas que deviam estar a par do problema de álcool dele e a quem, tal como a ela, fora pedido que o vigiassem.

Iris estendeu a mão, pegou no copo de vinho dele e pousou-o mais abaixo na mesa.

— Eu vi o que fizeste, Cachinhos Dourados.

Olhou para cima e viu Joseph ao lado da cadeira dele.

— Muito bem, cartas na mesa — disse ela enquanto ele se sentava. As irmãs de Esme e os respetivos maridos ainda estavam junto à mesa da comida, portanto, não havia ninguém que pudesse ouvi-la, mas baixou a voz de qualquer forma. — A Esme pediu-me para ficar de olho em ti e certificar-me de que não bebes, portanto, enquanto eu estiver de vigia, a única coisa que vais beber é isto. — Acenou-lhe com uma garrafa de água na cara.

— Penso que é capaz de ser trancas à porta depois da casa roubada — disse ele. — E isso — acrescentou, apontando-lhe um dedo — é culpa do teu marido.

Ela ouviu o tom arrastado na voz dele, e o coração caiu-lhe aos pés.

— O que é que é culpa dele?

— Eu ter voltado a beber. Ele não me devia ter contado.

— Contado o quê?

— Sobre o Charlie.

Iris franziu a testa.

— O que é que ele te disse?

— Que não foi um acidente.

O coração dela disparou. Deu uma olhadela rápida em redor; continuava a não haver ninguém que pudesse ouvi-los.

— O que queres dizer com isso? — perguntou.

— A culpa foi minha.

A mente de Iris começou a funcionar a toda a velocidade.

— Precisas de comer — disse. — Vou-te buscar alguma coisa. E na minha ausência faz um favor a ti próprio e bebe dois copos de água.

Desenroscou a tampa da garrafa, encheu-lhe o copo de água e levantou-se. Na mesa da comida, encheu um prato e levou-lho. As duas irmãs de Esme e os maridos estavam sentados quando ela chegou à mesa.

Pousou o prato à frente de Joseph.

— Afinal, não és assim tão má como isso, Cachinhos Dourados — disse ele, levantando o copo.

— Experimenta a quiche — sugeriu ela. — Tem um aspeto delicioso.

Iris voltou a atenção para o vizinho e deixou a mulher dele, Nicola, a falar com Joseph. A certa altura, quando Nicola virou a cabeça para falar com a pessoa do seu outro lado, Joseph pegou sub-repticiamente no copo de vinho dela, bebeu-o e voltou a enchê-lo de uma garrafa ali perto.

— Eu vi isso — disse Iris num tom sibilante.

Ele pegou no copo e voltou a esvaziá-lo, depois estendeu a mão para a garrafa, desafiando-a a impedi-lo. Irritada, Iris inclinou-se e arrancou-lhe a garrafa das mãos. Joseph sorriu, encheu de novo o copo com água e bebeu-a.

Iris lançou um olhar às pessoas sentadas dos dois lados dela, ambas a conversar com outras, como as que ladeavam Joseph. A sala estava cheia de sons de conversas e risos, entremeados de vez em quando com o som de pés de crianças que saíam dos seus lugares e começavam a brincar juntas. Iris sorriu.

Ouviu-se um baque suave, a cabeça de Joseph a bater na mesa. As pessoas estavam a olhar na direção dele, portanto Iris levantou-se e contornou rapidamente a mesa para o lado dele.

— Anda daí — instou-o.

Ele levantou a cabeça e fez-lhe um sorriso torto.

— Aonde vamos?

— Vou levar-te a casa antes que faças uma figura triste — disse ela, aliviada por ele não estar a ser agressivo.

— Por mim, tudo bem.

Levantou-se, derrubando o copo de água de Iris, e dirigiu-se para a porta, cambaleante. Hugh olhou para ela.

— Precisas de ajuda? — Formou as palavras com os lábios.

Iris olhou em volta, à procura de Gabriel. Como o marido estava embrenhado numa conversa com a mãe de Esme, ela acenou a Hugh.

— Desculpa lá — disse, quando ele se aproximou. — O Joseph está bêbado, precisa de ir para casa. Vou com ele para me certificar de que chega lá.

Hugh olhou para as costas de Joseph, que se afastava.

— Vou convosco.

— Não, tens de ficar aqui. O Gabriel pode ajudar ou o Marcus.

Ele olhou em volta à procura deles e depois abanou a cabeça.

— Está tudo bem, não nos demoramos. Vou dizer à Esme.

Iris viu-o ir ter com Esme e falar-lhe ao ouvido. Esme olhou para ela e juntou as mãos. *Obrigada*. Iris fez-lhe um sorriso rápido.

— Não precisas de vir — disse Hugh, enquanto corriam atrás de Joseph. — Eu desenrasco-me.

— Não faz mal, apetece-me apanhar ar fresco. Lamento o que se passou com o Joseph. A Esme pediu-me para ficar de olho nele, e tentei, mas ele estava sempre a beber do copo da Nicola. Já estava bêbado quando o Gabriel o foi buscar — acrescentou, para o caso de Hugh não saber.

— Cá entre nós, estou encantado que ele se vá embora — rosnou ele.

Alcançaram Joseph e levaram-no para a casa dele, com Hugh a ajudá-lo quando ele avançava, cambaleante. Sentaram-no então à mesa com um jarro de água e um copo. Ele tombou para a frente sobre a mesa, murmurando sobre Charlie e tudo ter sido culpa dele.

— Achas que não faz mal deixá-lo sozinho? — perguntou Iris a Hugh,

sobrepondo a voz aos murmúrios de Joseph.

— Precisamos de voltar para o batizado — disse ele num tom brusco, e o seu aborrecimento com Joseph era óbvio. — Peço ao Marcus que venha ver como ele está mais tarde.

— Ele precisa de comer qualquer coisa — disse Iris, abrindo os armários. — Não comeu nada no batizado. — Encontrou uma lata de feijão e uma frigideira. — Podes abri-la, por favor, enquanto eu procuro umas fatias de pão?

Hugh abriu a lata, deitou os feijões na frigideira e pô-la no fogão.

— Ele pode aquecê-los sozinho — disse.

— Está bem. — Iris olhou para Joseph. Tinha a cabeça pousada na mesa. — Joseph! — Ele abriu os olhos. — Tens aqui feijão e pão. Não te esqueças de comer antes de a Esme voltar para casa. Deves-lhe não estar bêbado. Estás a ouvir-me?

— Estou.

— Ótimo.

Seguiu Hugh para fora de casa.

— Sabes para onde é que ele vai quando se for embora amanhã? — perguntou. — Tem outro emprego para onde ir?

— Não me parece que se vá embora amanhã, tendo em conta o estado em que se encontra — disse Hugh. — Mas não, não tem outro emprego. Parece que vai para a Tailândia. Segundo a Esme, passa um mês em Banguecoque todos os anos, normalmente durante o verão. Este ano não foi porque estava a trabalhar para nós, por isso vai agora.

Voltaram a juntar-se ao grupo do batizado, e, daí a uma hora, a família e os amigos de Esme e Hugh começaram a retirar-se. Quando as despedidas terminaram, eram quase cinco horas.

— Graças a Deus, acabou — disse Esme com um suspiro sentido. — Mas foi ótimo, não foi? Apesar do Joseph.

— Ninguém deu por nada — garantiu Iris. — E esperemos que ele já esteja sóbrio. Andem daí, venham para a nossa casa.

SESSENTA E SEIS

Gabriel passou uma taça de champanhe a Iris e depois deu uma a Esme, com os dedos a tremer ligeiramente na haste da taça.

— Não bebi nada no batizado, portanto, posso beber isto — disse Esme. Olhou para Iris. — Obrigada por nos teres convidado cá para casa. É maravilhoso podermos relaxar, agora que finalmente acabou.

Iris sorriu.

— Vocês merecem.

— Mas foi um dia fantástico. — Hugh levantou a taça. — Um brinde ao Hamish. E à mamã dele, claro.

— E a ti — disse Gabriel. — O pai babado.

Os quatro beberam, e Esme soltou um suspiro de contentamento.

— Caramba, senti tanto a falta disto.

Hugh levantou a taça de novo.

— Iris, Gabriel, tem sido um verão dos diabos. Um brinde a tempos mais felizes.

Abateu-se um silêncio sobre o grupo. Gabriel aclarou a voz.

— Obrigado, Hugh. Como disseste...

Uma explosão fortíssima seguida do restolhar de pânico de aves a voar das árvores abafou o resto das suas palavras. O coração de Iris bateu fortemente, ecoando o estrondo que ainda reverberava no ar. E depois, um silêncio de morte.

Por uns segundos, formaram um quadro paralisado no tempo. Gabriel e Hugh de pé, com a taça de champanhe na mão e a cabeça virada na direção de onde viera o som da explosão; Iris, com a surpresa nos olhos, espelhada nos de Esme. Até o bebé Hamish fez uma pausa na mama, e Esme, com o instinto automático de proteger o filho, apertou mais os braços à volta dele. Tranquilizado, o bebé voltou a mamar, com as perninhas a mexerem-se debaixo da manta, o único movimento na quietude daquele momento.

— Espero que não tenha sido a casa — disse Esme a brincar, quebrando o feitiço que a explosão lançara sobre eles. — Não depois de toda a trabalheira.

— Talvez eu devesse... — Hugh parou a meio da frase, com a atenção atraída por alguma coisa.

Iris seguiu o olhar dele e viu fumo negro espalhar-se pelo céu.

Ao longe, tocou uma sirene, que depois se tornou mais ruidosa.

Gabriel virou-se para Hugh.

— Vamos ver o que se passa?

— Boa ideia — disse Hugh. — Parece demasiado perto de casa para ficarmos descansados — acrescentou em voz baixa. Olhou para Esme. — Não demoramos.

Esme esperou até eles terem saído.

— Desde que o Joseph não se tenha mandado pelos ares — disse, tirando Hamish da mama e mudando-o para o outro lado. — Estou tão desiludida com ele. — Com Hamish instalado, estendeu a mão livre e pousou-a no braço de Iris. — Obrigada por o teres levado a casa antes de ele ficar completamente descontrolado.

— Só sugeri levá-lo a casa porque não queria que toda a gente o visse naquele estado. — Iris fez uma pausa. — Achas que ele já tinha descarrilado e voltado a beber antes de hoje, tendo conseguido escondê-lo de toda a gente?

— Não sei, mas estou furiosa, dececionada e tudo o que existe entre esses dois sentimentos. Começo a arrepender-me de o ter convidado para ser padrinho do Hamish. — Parecia subitamente nervosa. — Ele não disse nada, pois não, quando tu e o Hugh o levaram a casa? Tem tendência para falar à toa quando está bêbado.

— Não — disse Iris. — Não te preocupes.

— Eu devia ter sido franca com o Hugh logo de início — disse Esme, preocupada.

— Agora não interessa. O Joseph vai-se embora amanhã, não vai?

— Se estiver suficientemente sóbrio. — Esme aproximou Hamish do ombro e começou a dar-lhe palmadinhas nas costas, e, enquanto Iris a ouvia tagarelar sobre o batizado e como fora maravilhoso, foi invadida por uma extraordinária sensação de bem-estar. Pela primeira vez em meses, sentia-se em paz.

— Oh, eles voltaram! — exclamou Esme.

Iris virou a cabeça para o terraço, mas, antes de perceber que havia algo errado, Esme já tinha atirado Hamish para os braços dela e estava a atravessar o relvado a toda a pressa na direção de Hugh. Alarmada, Iris olhou para Gabriel, e o coração caiu-lhe aos pés ao ver a desolação no rosto dele. Passou Hamish para o ombro, sentindo-se reconfortada com o peso quente e sonolento dele, e, quando começou a esfregar-lhe as costas, com os olhos pregados de preocupação em Hugh e Esme, o bebé reagiu como seria de esperar, expelindo pequenas bolsas de ar leitoso. E depois começou a ouvir-se um gemido, e primeiro ela pensou que era Hamish.

Mas não era Hamish, era Esme, num choro entrecortado nos braços de Hugh.

SESSENTA E SETE

— Achas que estamos amaldiçoados? — perguntou Gabriel. — O Pierre, a Laure e agora o Joseph. Três mortes no espaço de três meses. E isto sem contar com o Charlie.

— Para com isso, Gabriel — disse Iris rispidamente.

Mas ele não conseguia. A morte de Joseph era a gota de água. Mandara-se pelos ares enquanto estava bêbado. Ninguém sabia ao certo o que acontecera, mas parecia que ele ligara o gás e se esquecera de o acender. A polícia disse que devia ter adormecido e, quando voltara a si, acendera um fósforo ou a luz. De qualquer forma, havia tanto gás na divisão que a explosão foi violenta e mortífera.

Tinham sido encontrados os restos de uma garrafa de uísque vazia entre os destroços.

— Ele devia ter garrafas escondidas — disse Iris, quando Gabriel lhe contou o que se passara. — Porque tenho a certeza de que não estava à vista quando eu e o Hugh lá estivemos. Ter-lhe-íamos tirado tudo.

Quando Hugh verificou o armário das bebidas, deu por falta de uma garrafa de uísque. Pelos restos de vidro encontrados na casa de Joseph, a polícia conseguira determinar que era da mesma marca que a garrafa desaparecida. Ele tinha as chaves da casa, portanto, a conclusão fora que a levara.

Gabriel recriminava-se pela sua suspeita, mas tinha havido um momento em que olhara para Hugh e pensara — *E se?* Não teria tido esse pensamento se Iris não lhe tivesse contado o que houvera entre Esme e Joseph. Mas, quando se lembrava disso, pensava na morte de Laure e dava por si a pensar em Esme, porque até que ponto conheciam realmente Hugh e Esme? Só os tinham conhecido alguns meses antes. Ele e Iris conheciam Pierre e Laure há vinte anos e tinham passado inúmeros fins de semana e férias com eles, e, afinal, não os conheciam de todo.

— É melhor ir ver como está a Beth — disse Iris.

Gabriel levantou a cabeça.

— Queres que vá?

— Não, está tudo bem.

Ele soltou o suspiro que estivera a conter. Era a primeira vez que não tinha vontade de reconfortar Beth, porque não tinha a certeza do que poderia dizer para a fazer sentir-se melhor. Ela mal tinha parado de chorar desde que soubera da morte de Joseph.

O facto é que tinha sido brutal. Beth viera a correr do quarto, ainda em pijama, alertada pelo som dos soluços de Esme.

— O que aconteceu? — perguntou, com os olhos postos em Esme. — Ouvi a explosão, estava a tentar perceber de onde vinha.

— É o Joseph — dissera Gabriel, ele próprio ainda em estado de choque. — Foi pelos ares.

— O quê? — O rosto de Beth ficara branco como a cal, e ele só tivera tempo de a apanhar antes de ela cair no chão.

— Não — gemera ela. — Não. — E então a sua voz tinha subido para um grito. — Não!

Gabriel olhou para Iris.

— Não achas que a reação dela à morte do Joseph foi um pouco exagerada? — perguntou.

— De quem? Da Beth ou da Esme?

— Da Beth.

— Nem por isso. Ela passou por muita coisa este verão.

— Ela disse-te alguma coisa? Sobre o Joseph?

Iris recostou-se na cadeira e fechou os olhos.

— Nós tínhamos razão em desconfiar. Ela ia encontrar-se com ele na Tailândia. Mas disse que eram apenas amigos.

— Acreditas nela?

— Acredito. Mas ela é jovem, e talvez esperasse que a amizade se transformasse em algo mais profundo. Não importa agora, pois não? Ele está morto. Por causa da sua própria estupidez, está morto.

— Não só pela estupidez dele. Pela minha também. É por minha causa que ele está morto.

Iris olhou-o fixamente.

— O que queres dizer?

— Quando o fui buscar ontem, não tendo aparecido no batizado, fiquei furioso com ele por estar bêbado. E ele disse que a culpa era minha, que não lhe devia ter falado do Charlie. — Soltou uma gargalhada seca. — Se não fosse tão trágico, seria engraçado.

— Porquê?

— Porque foram as mesmas palavras que o Charlie usou em relação ao Joseph.

— Não percebo.

— O Joseph descobriu que a Maggie tinha uma relação com um dos professores, e, para se vingar dela por o ter feito perder o emprego, disse ao Charlie que todos sabiam do caso exceto ele e que as pessoas se estavam a rir nas suas costas. Não era verdade; ninguém sabia, e a Maggie e o marido tencionavam contar ao Charlie durante o verão que ambos tinham outros companheiros. — Esfregou os olhos, cansado. — Menti, Iris. Menti sobre as últimas palavras do Charlie. Não me pediu para eu dizer à Maggie que a adorava. Pediu-me para lhe dizer que nunca a iria perdoar, que o acidente era culpa dela porque ela não devia ter feito o que fez. E depois disse que ele, ou seja, o Joseph, não lhe devia ter contado.

— Oh, Gabriel. — Iris aproximou-se e pôs os braços à volta dele. — Não consigo imaginar o que tens passado nestes últimos meses.

— Não podia dizer a verdade, percebes que não, não é? — disse ele com a voz embargada. — Se estivesse no meu perfeito juízo, teria dito que o Charlie não dissera nada. Mas, quando os paramédicos perguntaram, tive de pensar do pé para a mão e só me lembrei de *Diga à minha mãe que a adoro*.

— Foi a coisa certa a fazer. Foi absolutamente a coisa certa a fazer.

— Mas não devia ter dito ao Joseph que a morte do Charlie era culpa dele. Foi por isso que ele começou a beber no sábado à noite. Não conseguiu aguentar a sensação de culpa. E agora tenho a morte dele na minha consciência, assim como a do Pierre, porque devia ter ido a Paris para o ver, logo no princípio de tudo.

— A culpa não é tua — disse Iris com firmeza. — Olha para mim, Gabriel. — Sacudiu-lhe os ombros. — É importante que ouças. Mais alguém sabe o que acabaste de me contar sobre a mensagem do Charlie?

— Não.

— Então nunca contes a ninguém. Estás a ouvir-me, Gabriel? E tens de parar de dizer que a morte do Joseph é culpa tua, especialmente à frente da

Beth. Percebes?

Ele acenou com a cabeça.

— Percebo.

— Muito bem. Agora vou lá acima ter com a Beth, e, quando a vires, vais dizer-lhe que acabaste de descobrir que ela e o Joseph se iam encontrar na Tailândia, que estás destroçado por ela e que lamentas muito o que lhe aconteceu.

Ela saiu da sala e ele ficou ali sentado, esmagado e roído pela culpa.

EPÍLOGO

IRIS

É o funeral do Joseph hoje. A Beth insistiu em ir, e não havia nada que eu ou o Gabriel pudéssemos fazer para a dissuadir. Por isso, ele levou-a a Winchester, onde se vai realizar o serviço fúnebre.

Toda a gente compreendeu quando eu disse que preferia não ir. A Beth contou-me, no rescaldo da morte do Joseph, que a razão pela qual não tinha dito nada sobre encontrar-se com ele na Tailândia fora porque sabia que eu e o Joseph nos tínhamos desentendido.

— Ele disse-te porquê? — perguntei.

A Beth estava na cama nessa altura e recostou-se contra as almofadas, a amassar com os dedos um lenço de papel, sempre presente.

— Contou-me que tu disseste à polícia que o tinhas visto a discutir com a Laure no dia em que ela morreu e que, por causa disso, foi submetido a um interrogatório — disse ela, com mais do que uma ponta de reprovação na voz.

— Foi um erro compreensível, e pedi desculpa por isso — expliquei.

— Ele disse que havia outras coisas. Mas recusou-se a dizer-me o quê.

Tive de pensar rapidamente.

— Sabia que eu não estava contente com a relação com a Laure. Senti que estava a aproveitar-se do facto de ela estar vulnerável.

Beth sentou-se tão abruptamente que recuei, alarmada.

— Ele... ele teve um caso com a Laure? — As palavras saíram-lhe gaguejadas.

A mão voou-me para a boca.

— Beth, lamento imenso. Ele não o mencionou?

Ela abanou a cabeça, voltou a deitar-se e começou a soluçar, com a cara virada para a parede, e senti um verdadeiro ódio pelo Joseph, por não ter contado à Beth sobre a Laure. Confirmava o que eu e o Gabriel tínhamos acabado por perceber, que o Joseph era um predador. Podia não ter

acontecido nada entre ele e a Beth, mas suspeitava que, se ela tivesse sabido da relação dele com Laure, teria rapidamente reprimido quaisquer sentimentos que pudesse ter por ele. Provavelmente, o Joseph também se apercebera disso.

— Beth, há outra coisa que deves saber — disse, reconhecendo que estava prestes a causar-lhe ainda mais angústia. Ela não se virou, mas os ombros pararam de lhe tremer, portanto, continuei. — O Joseph perdeu o emprego em St. Cuthbert's porque andou a trocar mensagens com uma das alunas para se encontrarem em Banguecoque durante as férias de verão.

Por uns segundos, o corpo da Beth ficou paralisado. Depois, soltou um grito que lhe veio do mais fundo de si.

— Odeio-o! — gritou por entre um rio de lágrimas, e, enquanto lhe massajava as costas, senti-me discretamente justificada. Ela iria esquecê-lo mais depressa desta forma.

Apesar de ter tentado dissuadi-la, compreendi porque insistira em ir ao funeral. Precisava de encerrar o assunto; agora, seria capaz de seguir em frente.

É um alívio estar sozinha em minha casa, onde o silêncio só existe porque não há mais ninguém por perto, não por eu e o Gabriel estarmos a guardar segredos um do outro. Ele contou-me, por fim, o que estava a esconder-me: a verdadeira mensagem do Charlie para a mãe. Explica tanta coisa. Agora compreendo porque ele andava tão stressado e por que não queria falar sobre o que tinha acontecido na pedreira, embora eu nunca tivesse condenado a sua decisão de mudar a mensagem do Charlie. Mas é uma triste ironia que, quando ele tinha começado a aceitar que fizera a coisa certa, esteja agora carregado de culpa pela morte do Joseph.

Nunca contarei ao Gabriel os segredos que tenho andado a esconder-lhe. Não importa, porque ele não sabe que tenho segredos. Não me conhece, não sabe quem sou realmente. Pensa que sabe, pensa que sou a pessoa com quem ele se casou há tantos anos. Gostava de ter podido continuar a ser aquela mulher, a iniciar uma aventura com o homem que amava, entusiasmada com os nossos planos para o futuro, construir carreiras, começar uma família. Um erro foi quanto bastou para me roubar esses sonhos.

Um erro, mas um erro de que não me posso arrepender porque foi muito belo, porque resultou na Beth. Uma noite mágica nas Bahamas, onde eu e o

Gabriel estávamos a comemorar o nosso primeiro aniversário de casamento. Sem conseguir dormir, saí do nosso hotel às três da manhã e dirigi-me para a praia privada para um mergulho delicioso nua. Quando me aproximei da beira-mar, fui surpreendida por um homem a emergir das ondas suaves, com o corpo a brilhar ao luar. Não me apercebi logo de que era o Pierre, de quem eu e o Gabriel nos tínhamos tornado amigos, juntamente com a sua nova esposa, a Laure.

Não sei que forças obscuras estavam em jogo nessa noite que nos fizeram aproximar-nos um do outro, afundarmo-nos na areia e fazermos amor, sem qualquer comunicação verbal, sem qualquer desejo prévio um pelo outro. Nunca tinha olhado para o Pierre e imaginado como seria fazer amor com ele, nem ele comigo. Mas, apanhados num turbilhão de desejo diferente de tudo o que alguma vez tínhamos sentido, só pudemos sucumbir ao que foi uma experiência quase fora do corpo. Depois, deitados na areia fresca, com os corpos ainda entrelaçados, as mentes entorpecidas pela incredulidade, concordámos em nunca falar sobre o que tinha acontecido, nunca procurar repeti-lo. E nunca mais o fizemos, até o Pierre descobrir, vinte anos mais tarde, que concebera uma filha nessa noite.

Ainda me lembro do medo terrível que me dominou quando regressei ao hotel, deixando o Pierre na praia. Já sabia, com uma certeza que agora me parece estranha, que eu e o Pierre tínhamos acabado de criar uma nova vida. Sentada na cama, a ver o Gabriel dormir, sentia-me mais assustada do que alguma vez me sentira, assustada não só pelo que tinha acontecido com o Pierre mas com o que isso poderia fazer ao Gabriel, a nós, se ele alguma vez descobrisse. A minha mente estava num turbilhão; desde o nosso casamento, um ano antes, andávamos a tentar ter um bebé, mas sem sucesso. Se eu tivesse razão e houvesse uma nova vida a crescer dentro de mim, o que aconteceria, dali a dois ou três meses, quando anunciasse que estava grávida? Se a notícia chegasse aos ouvidos do Pierre, ele suspeitaria que o bebé era dele? E, de qualquer forma, acabaria por descobrir. Nós os quatro dávamo-nos tão bem que já tínhamos trocado contactos. Eu podia ter apagado os deles, mas eles tinham a nossa morada. Vivíamos em Londres na altura. E se eles viessem a Londres numa das frequentes viagens de negócios do Pierre e nos procurassem, como tínhamos insistido que fizessem?

Andava tão stressada que até pensei em dizer ao Gabriel, quando chegámos a casa, que queria ir viver para outra parte do Reino Unido. Mas ele não teria compreendido; só nos tínhamos mudado para o nosso apartamento há um ano e éramos felizes lá. Eu amava o Gabriel e queria ficar casada com ele a todo o custo, fosse qual fosse o preço. Portanto, optei pelo que me parecia ser a única saída.

Na manhã seguinte — era o dia anterior à nossa partida —, disse ao Gabriel que estava grávida. Disse que tinha feito um teste de gravidez antes de partir para as Bahamas, que dera positivo e que queria contar-lhe a maravilhosa notícia na última noite das nossas férias. Ele ficou muito feliz, mas concordou que só devíamos contar aos pais dele depois de passados os primeiros três meses; os meus pais já tinham morrido há anos. Sentia-se tão entusiasmado que queria partilhar a notícia com alguém e perguntou-me se podíamos contar à Laure e ao Pierre, que era o que eu tinha a esperança que acontecesse. Nessa noite, durante o jantar, contámos-lhes que eu estava grávida de cinco semanas. Consegui dar a entender que o Gabriel já sabia antes de irmos de férias, e eles ficaram muito contentes por nós. Foi nessa altura que nos falaram sobre a sua decisão de não terem filhos, e senti um misto de alívio e culpa, alívio por não haver meios-irmãos com quem comparar fisicamente o nosso filho, culpa por, possivelmente, a decisão do Pierre de não procriar já ter sido frustrada. Era mais uma razão pela qual ele nunca poderia saber do bebé.

Se me tivesse enganado quanto a estar grávida, teria fingido que fizera um aborto espontâneo. Um teste de gravidez dali a algumas semanas confirmou que estava grávida. Nessa altura, andava a vomitar constantemente, uma mistura de medo incapacitante e hormonas. Tinha medo do bebé que crescia dentro de mim, medo de que ele se parecesse com o Pierre e de que o Gabriel soubesse imediatamente que não era dele. Nunca pensei em interromper a gravidez, devido aos valores que me tinham sido incutidos pela minha educação e que ainda me norteavam.

Só fui ao médico aos cinco meses de gravidez. Antes disso, fingia ao Gabriel que tinha ido a uma consulta, e, quando ele queria ir comigo, inventava uma alteração de última hora, dizendo que o médico me tinha pedido para ir mais cedo, de modo que ele não chegasse a casa a tempo. Quando acabei por ir ao médico, menti sobre as datas, e a médica aceitou o que eu lhe disse, que estava grávida de seis meses, acreditando que o bebé

era mais pequeno do que devia ser porque eu tinha andado com tantos enjoos. A médica foi compreensiva quando lhe disse que não fora capaz de aceitar que estava grávida, porque tinha medo de dar à luz. Assim que chegou a altura, estava tão assustada por ver a criança que tinha concebido com o Pierre que tive de fazer uma cesariana.

Tive sorte; a Beth saiu a mim. Eu e o Pierre tínhamos ambos cabelo escuro, mas a Beth tinha os meus olhos, a minha boca. Era perfeita, mas eu não me permitia amá-la, porque achava que não a merecia. Em vez disso, empurrei-a para os braços do Gabriel, desesperada para que ele criasse um laço que nunca pudesse quebrar, se, um dia, descobrisse que ela não era dele.

A nossa única verdadeira discussão foi quando o Gabriel quis que o Pierre fosse o padrinho da Beth. Eu insisti que ele devia escolher o seu amigo mais antigo, alegando sentimentos feridos e uma amizade mais longa. O Gabriel manteve a decisão, dizendo que queria trazer o Pierre e a Laure para a nossa família, e a única maneira de o apaziguar foi sugerindo que convidássemos a Laure para ser madrinha da Beth.

Continuámos a ver o Pierre e a Laure duas ou três vezes por ano, em fins de semana e férias no estrangeiro. Eu não queria, mas o Gabriel e o Pierre adoravam-se, e, se fizesse um alarido, havia o risco de o Pierre se perguntar se a minha relutância em vê-los era mais do que simplesmente sentir-me desconfortável por causa do que tinha acontecido naquela noite nas Bahamas. Nunca levávamos a Beth nessas viagens, optando por a deixar com os pais do Gabriel.

Como a Laure era a madrinha da Beth, era normal que a visse mais do que o Pierre. Vinha de Paris para a levar a passear no dia de anos dela ou durante as férias de Natal. Nas raras ocasiões em que o Pierre a via, nunca havia nada no comportamento dele que sugerisse que estava a pensar se ela seria filha dele. Até dezembro passado, quando o Gabriel, ainda de luto pela morte recente do pai, convidou o Pierre e a Laure para passarem o Ano Novo connosco.

A Beth tinha planeado passar o Ano Novo com amigos, e fiz tudo para que partisse antes da chegada do Pierre e da Laure. Mas ela queria vê-los, e ficou até eles chegarem. Eu não estava muito preocupada, até que vi os olhos do Pierre pousarem em Beth mais do que uma vez enquanto ela circulava pela sala, a rir-se e a conversar connosco. Mesmo então, porque

ele não olhava para mim com uma pergunta nos olhos nem tentou contactar-me nas semanas que se seguiram, pensei que estava a salvo.

Até que vi a Laure no cimo das escadas.

Tenho a capacidade de parecer calma quando acabo de receber a pior notícia possível, quando as minhas entranhas estão a contorcer-se num frenesim de medo. Foi-me muito útil quando a Laure deixou cair a bomba sobre o facto de o Pierre ter uma filha, e senti-me grata por a Laure ter suspeitado de que a Claire era a mãe, já que o meu plano, durante aquela primeira longa noite, fora apontar o dedo na direção dela. Mas, quando a Laure me falou do teste de ADN que o Pierre fizera, soube que tudo o que sacrificara nos últimos vinte anos fora em vão.

Tentei impedir o Pierre de levar o assunto mais longe. Não queria arriscar enviar-lhe mensagens ou telefonar-lhe, porque não pretendia qualquer vestígio de comunicação entre nós. Mas precisava de conter a situação antes que se descontrolasse. Para o fazer, sabia que teria de falar com o Pierre frente a frente. Mas não podia simplesmente dizer que ia a Paris sem dar uma razão. Depois, a Laure pediu para ver os meus projetos para a casa da cidade em Londres, e, de repente, ocorreu-me a desculpa perfeita. Se pudesse ir a Paris e voltar no mesmo dia, poderia fingir que ia a Londres ver a minha cliente, a Samantha Everett. Na realidade, iria a Paris ver o Pierre.

Quatro dias depois de a Laure nos ter contado que o Pierre tinha uma filha, surpreendi-o à porta do local de trabalho. Era a primeira vez que estávamos sozinhos durante algum tempo e foi terrivelmente embaraçoso. Não podia fingir que a Beth não era dele; ele sabia que era. Tudo o que podia fazer era implorar-lhe que compreendesse porque tinha enganado toda a gente. Ele estava furioso por ter perdido tantos anos da vida da Beth, e chamei-lhe hipócrita, lembrando-lhe de que nunca tinha querido ter filhos e que a Laure sacrificara a oportunidade de ser mãe por ele. Para meu alívio, percebeu a razão pela qual eu fizera o que fiz, porque era um homem bom e decente, e, quando lhe disse que não permitira a mim mesma aproximar-me da Beth e que a tinha mandado para um colégio interno porque sentia que não a merecia, ele abraçou-me e consolou-me. Mas, mais do que isso, ele adorava o Gabriel, e também a Laure, e acabou por concordar que dizer alguma coisa, especialmente depois de tantos anos, faria mais mal do que bem. Em troca do silêncio dele, prometi que sempre

que ele e a Laure viessem cá a casa faria o possível para garantir que a Beth estaria cá para que ele pudesse pelo menos vê-la.

Expliquei ao Pierre que a sua recusa em falar com a Laure e o Gabriel estava a aumentar o stresse de todos e pedi-lhe que lhes enviasse uma mensagem depois de eu regressar a casa. Deveria dizer que, depois de ter refletido sobre o assunto, tinha decidido não causar problemas à filha e à mãe dela e que não iria procurar contactar nem uma nem a outra. Dali a dez dias angustiantes, ele ainda não tinha enviado nenhuma mensagem, e eu estava a enlouquecer de preocupação. Tinha-se limitado a telefonar ao Gabriel a dizer-lhe que não estava pronto para falar porque precisava de mais tempo. Eu estava aterrorizada; mais tempo para quê?

Preocupada com a possibilidade de renegar o nosso acordo, regressei a Paris, mais uma vez usando como desculpa um encontro em Londres com a Samantha Everett. A Laure ia voltar a Paris no fim de semana seguinte, e implorei ao Pierre que não destruísse o casamento deles e o nosso. Lembrei-lhe de que, se a Beth soubesse a verdade, não havia nenhuma garantia de que o aceitasse como pai. Pelo contrário, poderia ficar ressentida com ele por ter destruído o casamento dos pais, e ele ficaria sem nada. Pensei que o convencera, mas, quando a Laure mudou de ideias e decidiu não ir a Paris, no meu desespero por ter de a aturar ainda mais tempo houve laivos de alívio. Não tinha a certeza se podia contar que o Pierre não faria implodir as nossas vidas.

Ajudou que o Gabriel estivesse tão traumatizado com o que tinha acontecido ao Charlie Ingram que estava sempre a perder a concentração no que dizia respeito ao Pierre. Quando me disse que planeava ir a Paris para o ver, apercebi-me de que teria de o impedir de ir, porque sabia que o Pierre não seria capaz de esconder a verdade dele.Tinha planeado esconder o passaporte do Gabriel — mas então, dois dias antes da data prevista da partida, o Pierre enviou uma mensagem à Laure a pedir-lhe que fosse a Paris e a dizer-lhe que não queria perdê-la. A minha reação inicial foi de enorme alívio; o Pierre aceitava finalmente o que tínhamos combinado. Mas então a Laure lançou uma nova bomba: ele queria contar-lhe tudo.

O pavor que se apoderou de mim não foi como nada que alguma vez tivesse sentido. Destroçada, pensei que a minha única solução seria regressar a Paris e tentar contactar o Pierre antes da chegada da Laure. Como não podia voltar a usar a Samantha Everett como desculpa, disse ao

Gabriel — que nessa altura já tinha cancelado a sua viagem a Paris — que, como surpresa para ele, tinha combinado um almoço com a minha amiga Jade no dia em que ele planeava ir ver o Pierre, para podermos viajar juntos para Londres.

Naquela sexta-feira, fiz a mesma viagem que a Laure faria no dia seguinte. Dirigi-me ao local de trabalho do Pierre e apanhei-o a caminho do almoço. Ele viu-me e aproximou-se.

— Espero que não tenhas vindo para me fazer mudar de ideias — disse ele, dando-me um beijo em cada face, porque não havia razão para não o fazer; éramos amigos. — Pensei muito no assunto, e é o único caminho a seguir. A vida é curta, Iris. Quero fazer parte da vida da Beth. Quero que ela saiba que sou o pai dela.

O meu mundo desmoronou-se à minha volta.

— Está bem. Sei que não posso fazer-te mudar de ideias — respondi, querendo que ele pensasse que tinha vencido, porque precisava de tempo para pensar. — Mas podemos ir a algum lado para decidir como vamos contar ao Gabriel e à Laure? Precisamos de falar bem sobre isto, Pierre.

— Claro que sim. Há ali uma *brasserie*, podemos conversar durante o almoço.

Assim que atravessámos para o restaurante, não pude deixar de reparar na mudança nele. Havia uma leveza na sua postura, como se tivesse sido aliviado de um enorme fardo. Foi nessa altura que percebi que não havia nada que pudesse dizer para o fazer mudar de ideias.

Alinhei no jogo. Quando ele disse que o melhor era voltar comigo, para podermos contar à Laure e ao Gabriel ao mesmo tempo, concordei. Perguntou a hora do meu comboio para Londres e, quando lhe disse que saía da Gare du Nord às quatro da tarde, mandou uma mensagem ao patrão a dizer que não voltaria nessa tarde porque tinha um assunto para resolver.

— De facto, vou tirar o mês inteiro — disse. — Têm andado a insistir que goze os dias do ano passado que me eram devidos, e o Arnaud sugeriu-me esta manhã que tirasse umas férias. — Fez um sorriso irónico. — Ele sabe que não tenho andado bem ultimamente, embora ignore porquê. E, depois de contarmos à Laure e ao Gabriel, vamos precisar de tempo para resolver as coisas.

— Boa ideia — concordei, escondendo o meu pânico crescente ao perceber que, se ele ia voltar comigo, aquilo ia mesmo acontecer.

— Vou mandar uma mensagem à Claire também — continuou ele. — Ela tem andado preocupada comigo, por isso é melhor avisá-la de que vou para fora, senão ela vai pensar que aconteceu alguma coisa terrível.

Penso que foram essas palavras que me deram a ideia de o matar. Agora parece-me inacreditável que aquele pensamento me tenha passado pela cabeça; parece inacreditável que o tenha concretizado. Mas só conseguia pensar no Gabriel e na Beth, e começou a crescer uma raiva dentro de mim por o Pierre ignorar a felicidade de toda a gente menos a dele. Não parecia importar-se por estar a preparar-se para destruir quatro outras vidas, apesar de não haver qualquer garantia de que isso tornaria a dele melhor. Eu conhecia a Beth; ela adorava o Gabriel, ele fora seu pai durante os seus vinte anos de vida. Se a verdade viesse à tona, poderia rejeitar-me, mas nunca rejeitaria o Gabriel.

O empregado veio anotar o nosso pedido. Pus-me a pensar a mil à hora. Se quisesse matar o Pierre, precisaria de uma arma e precisaria de um lugar para o fazer, de um lugar onde o corpo dele não fosse descoberto durante algum tempo. Pensei na arrecadação na cave do prédio deles, onde guardavam as bicicletas, ferramentas e peças de mobiliário sem préstimo. Havia até uma velha arca congeladora, e a Laure um dia dissera na brincadeira que era o lugar perfeito para esconder um corpo.

— O que queres comer, Iris? — Pierre sorriu-me, e a ideia de estar prestes a matá-lo fez-me sentir tão atordoada que tive de me agarrar à mesa para não cair.

— Um bife com batatas fritas — respondi, porque, algures no meu subconsciente, liguei a necessidade de uma arma do crime a uma faca. Não apenas uma faca comum, mas uma faca afiada.

O nosso almoço chegou prontamente. Peguei na faca e deixei-a escorregar da mão. Caiu no chão com um tilintar; baixei-me rapidamente e meti-a no saco que tinha aos pés e depois disse ao Pierre que não conseguia encontrá-la. Não importava, explicou. Trar-me-iam uma limpa, e alguém tiraria a faca perdida de baixo do banco quando arrumassem tudo depois do fecho do restaurante.

— Vou ter de voltar ao apartamento para ir buscar umas coisas — disse ele.

Acenei com a cabeça.

— Claro. E, quando lá estivermos, podemos ir à arrecadação? Na última

vez que estive cá com o Gabriel, deixei o guarda-chuva no cesto da bicicleta da Laure. A Beth deu-mo, por isso gostava muito de o ir buscar. — Ele acenou com a cabeça em sinal de concordância.

Terminado o almoço, fomos a pé até ao apartamento dele, uns dez minutos, com um calor opressivo, o prenúncio de uma tempestade, a aumentar a tensão dentro de mim.

— Não tens calor com isso? — perguntou o Gabriel, porque, como o tempo estava nublado quando saí de casa, trazia com um casaco de malha comprido por cima do vestido. No comboio, ficara irritada ao descobrir nos bolsos um lenço de papel, um gancho de cabelo e um par de luvas finas de algodão cor de carne que a Laure usava quando estava a apanhar banhos de sol ou quando ia correr. Tinha-me habituado a que ela usasse as minhas roupas, mas pensara em várias ocasiões que devia pelo menos esvaziar os bolsos antes de voltar a pô-las no meu guarda-fatos. Naquele momento, senti-me contente por ela não o ter feito.

— Não — respondi. — Estou bem assim.

Chegámos ao prédio deles e sugeri que fôssemos primeiro à arrecadação para ir buscar o guarda-chuva. Enquanto o seguia pelas escadas até à cave e pelos corredores labirínticos como tocas de coelhos, tirei as luvas da Laure do bolso e calcei-as. Sentia-me estranhamente distante. O Pierre já não era um amigo, era apenas um obstáculo que se atravessara no meu caminho. A minha atenção não estava nele, mas em fazer o que tinha de fazer da forma mais rápida e limpa possível.

Ele destrancou a porta, passou a mão à volta dela para chegar ao interruptor da luz e afastou-se para me deixar passar à frente.

— Ainda têm a arca congeladora — exclamei, dirigindo-me para ela e reparando que a tampa estava entreaberta, segura por um pedaço de madeira, o que indicava que estava vazia. Usando o corpo para ocultar a mão enluvada, levantei a tampa e espreitei para dentro. — Pensei que se tivessem livrado dela.

Ele entrou na arrecadação.

— Temos essa intenção — disse. — Só que nunca chegámos a fazê-lo.

O espaço confinado significava que só precisava de me virar, de dar um pequeno passo na direção dele. Já tinha a faca do bife na mão. Ele era da mesma altura que eu, franzino. Sem dar a mim mesma tempo para pensar, espetei-lhe a faca no peito.

Recuou um passo, surpreendido, mas segui o movimento dele e espetei-lhe a faca mais fundo.

— O que...? — Abanou ligeiramente a cabeça, a tentar perceber, e então a dor deve tê-lo atingido, porque soltou um arquejo de surpresa. Segurei-o quando as pernas dele cederam, e depois, numa dança macabra, torci os nossos corpos enlaçados na direção da arca congeladora atrás de mim, baixei-me, passei um braço por baixo dos joelhos dele e inclinei-o para dentro.

Ele aterrou de lado e ficou imóvel, à exceção dos olhos, que levantou a piscar, à procura de uma resposta. Estendi a mão e retirei a faca, vendo o sangue esvair-se do Pierre, manchar de vermelho o fundo da arca congeladora. Depois tirei-lhe o telemóvel do bolso e fechei a tampa.

Foi só quando olhei para mim e vi a faca na mão, com a lâmina vermelha de sangue, e a mancha vermelha no casaco de malha que o choque me atingiu com uma força tão grande que quase desmaiei. Fechei os olhos, invoquei o rosto da Beth e usei a imagem dela para combater a fraqueza que sentia nos membros e acalmar a respiração em pânico. Concentrei-me no que tinha de fazer. Tirei o casaco de malha, embrulhei a faca nele e juntei-lhe o cartão SIM do telemóvel do Pierre. Pensei por um momento e tirei logo a seguir do bolso o gancho de cabelo. Vários cabelos de Laure tinham ficado presos no gancho; puxei um e deixei-o cair no chão. Verifiquei o meu vestido; não tinham passado manchas de sangue do casaco de malha, e senti-me grata por ter tido a presença de espírito de retirar a faca do peito do Pierre depois de o meter na arca congeladora. Baixando-me, liguei a arca na tomada e saí da arrecadação.

O Pierre tinha deixado as chaves na porta, portanto fechei-a, enfiei as chaves no casaco de malha enrolado, que meti no saco, e voltei a percorrer os corredores estreitos e a subir os degraus da cave. Cheguei à porta da frente sem me cruzar com ninguém; todo o prédio estava em silêncio.

Fui a pé até à Gare du Nord, apanhei o metro para norte por dez minutos, saí numa estação qualquer, tirei o casaco do saco e atirei-o para um caixote do lixo ali perto. Depois apanhei o metro de volta à Gare du Nord, a tempo de apanhar o comboio para St. Pancras. Quando cheguei a St. Pancras, comprei, nas lojas do átrio, um polo verde-garrafa para o Gabriel, um bonito lenço de seda para a Laure e uma saia e umas sandálias para mim, como prova da minha ida às compras com a Jade. Depois fui para casa e

esperei pela altura certa para plantar o telemóvel do Pierre entre os pertences da Laure. E, enquanto estava no quarto dela, peguei no vestido azul e nos sapatos de lona e escondi-os entre o lixo do contentor, que seria recolhido no dia seguinte.

O meu telemóvel toca, interrompendo as minhas reflexões. Uma mensagem no WhatsApp, do Gabriel, a dizer-me que ele e a Beth chegaram a Winchester. O que se responde a alguém que está prestes a assistir a um funeral? Respondo com *Espero que tudo corra tão bem quanto é de esperar*. *Avisa-me quando estiverem a caminho de casa* e acrescento dois beijinhos.

Dirijo-me à janela e olho lá para fora, como já fiz tantas vezes, a pensar no dia depois de ter matado o Pierre. Deixei a Laure na estação a tempo de ela apanhar o comboio para Londres. Não tinha dormido toda a noite, e a minha ansiedade era grande. E se a Laure decidisse, quando encontrasse o apartamento vazio, ir à procura do Pierre na cave?

Distraí-me, mandando o Gabriel ao supermercado para que eu e o Joseph pudéssemos almoçar juntos, só nós os dois. O almoço foi ao mesmo tempo uma distração e uma recompensa. Precisava de alguma coisa para me distrair dos pensamentos sobre a Laure e, depois de tudo o que tinha passado no dia anterior, senti que merecia algum tempo a sós com o Joseph. Pensei que estava bem, mas, quando me dirigi para o jardim murado para o chamar, as flores escarlates que ladeavam o caminho, da mesma cor do sangue que se tinha derramado do Pierre, assombraram-me. E quando a faca que usei para cortar o tomate se enfiou tão facilmente nele, não pude deixar de me lembrar da faca que trespassara o Pierre com a mesma facilidade.

Quando o Gabriel interrompeu o almoço que eu tinha preparado com tanto cuidado, fugi para o quarto e respirei fundo, a rezar que a Laure telefonasse. Não sei como consegui dormir, talvez de exaustão. Quando por fim ela me ligou da Gare du Nord e disse que o Pierre não tinha aparecido no apartamento e que ia regressar de imediato, o meu alívio foi tão grande que tombei de joelhos e dei graças, embora não saiba bem a quem. Fui ter com o Gabriel, e o ar abatido dele, sentado no banco a lamentar-se por causa da carta que tinha recebido da terapeuta da Maggie Ingram, deu-me vontade de gritar. Eu tinha matado por este homem, e ali estava ele, a sentir pena de si próprio porque a Maggie queria encontrar-se com ele.

Foi porque ele estava embrenhado nos seus problemas que me foi fácil fingir, mais tarde nesse dia, que a Laure tinha chegado a casa com roupas diferentes das que levava vestidas nessa manhã, fingir que ela parecera febril e muito alterada, quando na realidade só se mostrara indignada. O Gabriel acreditou no que lhe disse, porque não tinha motivos para crer que mentiria.

Qualquer culpa que pudesse sentir por ter incriminado a Laure pelo homicídio do Pierre desapareceu quando percebi que ela estava numa relação com o Joseph. A verdade é que, de me sentir simplesmente intrigada com ele e me agradar a forma como me dava atenção, tornara-me obcecada por ele. Tudo nele, desde o aspeto atraente de mau rapaz à entoação da voz, passando pela forma descontraída e confiante de andar, despertava alguma coisa em mim, algo que não me permitia sentir há muitos anos. Um desejo puro e incontrolável.

Por vezes, pergunto-me — se tudo estivesse bem entre mim e o Gabriel quando o Joseph entrou nas nossas vidas, se o Gabriel não tivesse começado a rejeitar-me tanto do ponto de vista físico como emocional, ter-me-ia mesmo assim começado a sentir-me obcecada pelo Joseph? Se a Laure não tivesse aparecido, e, com a menção da filha do Pierre, não tivesse desenterrado os sentimentos de profundo êxtase que eu experimentara na noite da conceção da Beth, teria mesmo assim ficado obcecada por ele?

O Joseph tornou-se o meu segredo culpado. Poderia ter optado por passar os dias a ajudar no jardim, só para estar perto dele, e ter suportado essa combinação de agonia e êxtase. Em vez disso, observava-o sub-repticiamente por trás da cortina da janela do quarto, à espera de um vislumbre dele a ir para o jardim murado e a voltar. E então, o momento que eu nunca havia imaginado, quando o vi a olhar para a minha janela e me atrevi a pensar que os meus sentimentos eram retribuídos. Nunca teria passado do sentimento à ação, mas senti-me lisonjeada por ele sentir por mim o que eu sentia por ele.

Até que o ouvi fazer sexo com a Laure e percebi que me estava a iludir. A humilhação de entender que ele não estivera à minha espera todas as manhãs e a injustiça desse facto, destroçaram-me. Depois de tudo o que tinha feito pela Laure, ela, ao tornar-se o objeto de desejo do Joseph, traíra-me da forma mais cruel possível.

Pensar neles juntos atormentava-me. As recordações do que ouvira do

outro lado da porta do barracão perseguiam-me. Comecei a odiar a Laure. Queria-a fora das nossas vidas, fora da vida do Joseph. E tinha um novo medo com que me debater. Talvez tivesse plantado as sementes para que a Laure fosse culpada pelo homicídio do Pierre, mas e se ela conseguisse provar que não o tinha matado? E se o homicídio dele acabasse por poder ser-me atribuído?

Não a matei de propósito. No dia a seguir à tempestade, quando os ouvi discutir, decidi ir atrás dela. O Gabriel já mencionara que o Joseph parecia estar a cansar-se da Laure; tinha-o visto a tentar desenvencilhar-se dos abraços dela mais do que uma vez, e pensei que essa poderia ser a minha oportunidade de conseguir que ela se fosse embora. Antes, nesse dia, ela pedira-me para ir correr com ela, e eu recusara. Mas, quando a vi sair, corri para o quarto da frente da casa e chamei-a da janela.

— Laure! — gritei. — Vou contigo. Espera por mim na cancela do campo.

Ela virou-se e fez-me um sinal com o polegar.

Foi então que vi o Joseph correr para o portão. No princípio, pensei que ia atrás da Laure — mas virou à esquerda para a estrada, não à direita, algo que não mencionei à polícia mais tarde, porque nessa altura já me convinha não o fazer.

Estava a vestir o fato de treino quando o Gabriel telefonou para saber como eu estava. Disse-lhe que ia tomar um banho prolongado. Não sei bem por que não lhe disse que ia correr com a Laure, talvez algum instinto de autopreservação tenha entrado em ação subconscientemente.

Dali a cinco minutos, saí de casa, e, quando me aproximei da cancela, a Laure virou-se e sorriu-me.

— Já viste como está enlameado? — perguntou, apontando para o trilho nos campos. — Não vale a pena ir correr. Se calhar é melhor voltarmos para casa e esperarmos até amanhã.

— E se fôssemos pelo bosque? Deve estar mais seco lá. Até podíamos ir correr à volta da pedreira — sugeri.

Ela ergueu as sobrancelhas em dois arcos perfeitos.

— Pensei que não era permitido irmos lá.

— Mas as pessoas vão, pelos vistos. Vão lá para homenagear a memória do Charlie. Ouvi dizer que algumas atiram flores para o sítio onde ele caiu.

— Um santuário à memória dele. É encantador.

— Vamos?

Desatou a correr.

— Porque não?

Corremos pelo bosque até à pedreira e depois seguimos o caminho que nos levava até ao cimo. A relva estava molhada pela chuva, e rapidamente ficámos com os tornozelos encharcados. A certa altura, a Laure escorregou e quase caiu.

— Vamos parar por um instante — pedi, ofegante depois da subida. Apontei para o meio do bosque à nossa esquerda. — Penso que deve ter sido aqui que a bicicleta do Charlie saiu do caminho.

Ela olhou para o bosque, a franzir a testa.

— Tens a certeza?A bicicleta não teria batido em pelo menos uma árvore antes de chegar à berma da pedreira?

— Pois, suponho que sim. Se calhar, foi mais à frente, então.

— A não ser que ele tivesse a intenção de o fazer.

Parei de andar e virei-me para ela.

— O que queres dizer com isso?

— Só que talvez ele tenha continuado a pedalar de propósito. Não sei... pode ter tido uma discussão com alguém e isso tê-lo perturbado.

Fiquei a olhar para ela, com o coração a bater com tanta força que tinha a certeza de que ela conseguia ouvi-lo. Tentei afastar a imagem dela a cair da berma da pedreira, mas permaneceu alojada no meu cérebro.

— Então queres dizer que ele chegou aqui, abriu caminho por entre as árvores, assim? — Mergulhei na escuridão, com gotas de chuva a caírem-me em cima ao roçar nos ramos, e tracei um caminho até à beira da pedreira.

— Sim — disse ela, seguindo atrás de mim.

— Já agora — continuei, quando nos aproximámos do limite. — Recebi um telefonema da Samantha Everett esta manhã.

— Oh! — guinchou ela. — Conseguiste o contrato?

Virei-me e olhei para ela.

— Não, não consegui, porque não lhe respondi quando ela deixou uma mensagem a pedir que a contactasse. E a razão pela qual não a contactei foi porque tu não me deste o recado.

Ela olhou-me fixamente por um momento, depois tapou a boca com a mão, os olhos arregalados de horror.

— Oh, meu Deus, Iris, peço imensa desculpa! — exclamou, tirando a mão da boca e estendendo-ma. — Esqueci-me completamente. Sei que parece horrível, mas...

— Mas esqueceste-te mesmo? — interrompi-a. — Esqueceste-te completamente? Ou esqueceste-te de me dizer de propósito?

— O quê? Não, claro que não! Como pudeste pensar isso? — A reprovação na voz dela fez-me subitamente ficar furiosa.

— Porque és egoísta, Laure. Porque nunca pensas em mais ninguém a não ser em ti. Está na altura de te ires embora. Eu, o Gabriel, o Joseph... estamos todos cansados de ti.

— O Joseph? Tu sabes de mim e do Joseph?

Ri-me.

— Não és propriamente discreta, Laure. Sei desde o dia em que tinha combinado ir a Londres com a Esme. Não quiseste vir comigo, lembras-te? Disseste que ias procurar um advogado de divórcio, mas o que realmente querias era ficar sozinha com o Joseph. Na estação, mudei de ideias e vim para casa. Fui à tua procura no jardim e ouvi-te a ti e ao Joseph no barracão. — Ela corou. — Quando começou? Antes de ires a Paris ter com o Pierre?

Ela pareceu chocada.

— Não, claro que não. Mas nesse dia queria falar com o Joseph sobre o Pierre não ter aparecido. Não tinha tido oportunidade antes, porque o Gabriel estava sempre por perto. Por isso, fui ter com ele ao barracão. E simplesmente aconteceu.

— Simplesmente aconteceu — imitei-a. — E agora acabou. Ele já não te quer.

— Não, estás enganada, ele quer-me. Quer que eu me mude para a casa dele.

— Não — insisti. — Ouvi-vos a discutir.

— Sim, porque ele queria que eu te falasse de nós. Tem-me pedido para vos contar desde o princípio, disse que eu precisava de ser franca convosco, mas eu não queria contar-vos, porque sabia que tu e o Gabriel iam ficar zangados por eu ter seguido em frente tão depressa em relação ao Pierre. Mas nunca poderei perdoar o Pierre por não ter aparecido quando me pediu para ir a Paris. É um cobarde, e não posso estar com alguém que é um cobarde. — Fez uma pausa. — Houve uma coisa em que pensei, uma razão pela qual, quando tivesse de me contar a verdade, não seria capaz de o

fazer. Como não queria acreditar nessa hipótese, afastei-a da mente. Mas agora, pergunto-me... no dia em que falei com a Beth no FaceTime, uns dias antes de ir a Paris, houve algo nela que me fez lembrar o Pierre. Posso não ter reparado antes, mas, como ele insistia que a Claire não era a mãe da filha dele e não me dizia quem era, intuí a verdade. Era o que o Pierre não suportava contar-me, Iris? O Pierre é o pai da Beth?

O coração batia-me tão alto que me convenci de que ela conseguia ouvi-lo.

— Estás louca — disse. — Louca e a delirar.

— Não. — Abanou a cabeça. — Penso que não. — Semicerrou os olhos. — Talvez devêssemos ir perguntar ao Gabriel o que ele acha.

— Não, não, não podes fazer isso! — Em pânico, levantei o braço e dei um passo na direção dela. Arregalou os olhos, recuou um passo, a seguir outro... e depois desequilibrou-se e desatou a esbracejar inutilmente enquanto caía para trás da berma da pedreira.

Não me lembro se gritou. Não me lembro de ter ido a correr para casa, esperando desesperadamente não encontrar ninguém quando saí pela cancela e percorri a toda a velocidade os últimos trinta metros do regresso, com a mente já a tecer a história que contaria ao Gabriel se ele tivesse chegado antes de mim. Dir-lhe-ia que afinal tinha decidido ir com a Laure e que seguira o caminho pelos campos, pensando que era para lá que ela fora. Mas, como não a tinha encontrado, tinha voltado para casa.

Felizmente, ele não estava lá, portanto, apressei-me a subir as escadas e a preparar um banho de água morna. Enquanto a banheira estava a encher, vesti um roupão e fui ao jardim ver se o Joseph tinha regressado ao trabalho. Se tivesse, pensaria que eu tinha acabado de sair do banho. Mas não se via em lado nenhum, e voltei a entrar em casa, subi as escadas até à casa de banho, tirei o roupão e meti-me na banheira. O Gabriel chegou em menos de dez minutos, e, durante esses dez minutos, apercebi-me de duas coisas. A primeira era que, uma vez encontrado o corpo da Laure, com uma ou duas palavras bem postas, eu poderia fazer que o Joseph parecesse suspeito porque, de repente, queria magoá-lo. Queria que sofresse, nem que fosse só por algum tempo, por causa do que a Laure me dissera na berma da pedreira, que ele queria que ela fosse viver com ele.

A segunda coisa foi que a única falha no meu plano para incriminar a Laure pela morte do Pierre ficava agora eliminada. Se a Laure estava morta,

não tinha voz, nenhuma maneira de se defender.

Foi fácil fingir perante o Gabriel que estivera no banho durante tanto tempo que a água arrefecera e, mais tarde, nessa noite, fingir que estava aborrecida com a Laure por ela não ter aparecido para jantar. Foi fácil fingir que estava aborrecida por ela poder estar a jantar com a Esme e o Hugh, e, à medida que a noite avançava e a tempestade seguinte desencadeava ventos e chuva, foi fácil fingir preocupação por a Laure poder estar algures desabrigada. Quando fui procurá-la com o Gabriel na manhã seguinte, insisti em ir à pedreira e certifiquei-me de que usava exatamente a mesma roupa e as mesmas sapatilhas que envergara no dia anterior. E, nos dias que se seguiram, continuei a fingir, perante o Gabriel, a polícia, a Esme e o Hugh. O meu melhor momento foi quando a agente Locke me disse que o Joseph fora levado para ser interrogado. Mas depois a Esme telefonou para nos dizer que o Hamish nascera, e, quando fiquei a saber que o Joseph estivera presente e percebi que ele tinha o álibi perfeito, tive de engolir rapidamente o azedume.

Também fiz de conta perante o Gabriel que a razão pela qual dissera à polícia que ele chegara a casa mais cedo do que de facto chegara fora para eu poder ser o álibi dele caso começassem a encará-lo como possível suspeito. Na realidade, estava a dar um álibi a mim própria, porque, quando a polícia lhe perguntou o paradeiro dele nessa tarde, ele teve de dizer, por causa da minha mentira, que chegara a casa às quatro e um quarto e que eu estava no banho.

O meu telemóvel volta a tocar. *Acabou. Vamos beber um copo com o Hugh e a Esme. Aviso-te quando partirmos de Winchester*. A mensagem, e o jardim a ficar lentamente focado, assustam-me. Tinha realmente estado de pé à janela durante todo aquele tempo, o tempo que demorara a sepultar o Joseph? Talvez o funeral dele não tenha durado muito, ao contrário do funeral do Pierre, que pareceu infindável.

Aproximo-me da cama e deito-me, a olhar para o teto, com os pensamentos a voltarem aos dias que se seguiram à morte da Laure. O alívio que senti era incrível. O Pierre e a Laure estavam fora das nossas vidas, o meu segredo estava a salvo. Agora, podia concentrar-me no Gabriel e na Beth. O Joseph também estava fora das nossas vidas. Não regressara ao trabalho desde que o corpo da Laure fora encontrado na pedreira, e eu não

esperava que voltasse nunca mais. Poderia arredar da mente o meu encontro humilhante com ele, quando me encontrara na sua cama. Sim, na cama dele. Tinha-me encontrado na cama, não no sofá.

O alívio que senti foi de curta duração. A culpa pelo homicídio do Pierre e a morte da Laure consumiam-me. Tinha tanto medo de revelar alguma coisa que deixei de falar com o Gabriel. Não sabia como aguentaria os funerais das duas pessoas que matara. Consegui evitar ir ao da Laure com o argumento de que ela assassinara o Pierre. Mas não tinha desculpa para não ir ao dele.

Não sei como consegui assistir ao serviço religioso até ao fim. A cena na arrecadação passava vezes sem conta no meu cérebro. Não conseguia tirar da cabeça o olhar de perplexidade do Pierre quando se apercebeu de que o tinha esfaqueado. E depois, no comboio de regresso a casa, o Gabriel desferiu-me outro golpe quando me disse que o Joseph ia voltar a trabalhar no jardim murado.

Nas duas semanas seguintes, mantive-me afastada dele e tentei deitar tudo para trás das costas. Quando a Beth decidiu adiar a entrada na universidade por um ano, pareceu-me uma recompensa por tudo o que tinha feito para a proteger a ela e ao Gabriel. Com a Beth por perto, o Gabriel sairia da sua depressão, e eu teria finalmente a oportunidade de criar laços com ela. Comecei a descontrair-me.

O encontro casual em Markham com o Hugh, na semana antes do batizado, quando ele mencionara como a Beth e o Joseph se estavam a dar bem, deixou-me inquieta. Mas foi só quando a Beth nos disse que decidira viajar pela Ásia e o Gabriel me contou por que motivo o Joseph fora despedido de St. Cuthbert’s que um novo medo se apoderou do meu coração. Tentei não denunciar a minha ansiedade ao Gabriel, mas a perceção de que o Joseph poderia ser um predador que tinha agora voltado a atenção para a Beth deixou-me agoniada.

Havia outra razão para a repulsa que sentia. Podia já desprezar o Joseph, mas não há muito tempo sonhava com ele, observara-o, desejara-o. Uma humilhação ardente corria-me como lava nas veias. Não podia deixá-lo deitar mãos à Beth. Teria de ir falar com ele, apelar aos bons sentimentos dele.

Era a terça-feira antes do batizado, alguns dias depois de a Beth nos ter contado os seus planos. Ela estava em casa da Esme, e o Gabriel saíra,

portanto fui ao jardim murado. Estava a tremer quando me dirigi para onde o Joseph estava a trabalhar, com a raiva dele contra mim ainda viva na mente.

— Posso falar contigo por um momento? — perguntei.

Ele virou-se e olhou para mim, e nos seus olhos havia tanto desprezo que fiquei sem fôlego.

— O que é que queres?

As palavras saíram-me em tropel.

— Tu és a razão pela qual a Beth vai para Banguecoque? Ela vai encontrar-se contigo lá?

Semicerrou os olhos.

— O que é que tu tens que ver com isso?

O medo tornava-me impetuosa.

— Ela é minha filha, e não te quero perto dela!

Ele deu uma gargalhada sinistra.

— Talvez seja tua filha. Mas do Gabriel é que não é, pois não?

Só consegui fitá-lo, com o horror nos olhos a dar-lhe a resposta que ele pretendia.

— Eu... não sei do que estás a falar. — Custava-me formar as palavras. — É claro que ela é filha do Gabriel.

— A Laure descobriu, mas convenceu-se de que não podia ser verdade — disse ele. — Foi depois de ter falado com a Beth por FaceTime no dia em que o Pierre lhe pediu para ir a Paris. Veio ter comigo ao jardim logo a seguir, e vi que estava perturbada. Disse que tinha acabado de falar com a Beth e que vira algo do Pierre na cara e nos trejeitos dela. «Mas não pode ser isso, pois não?», disse ela. «O Pierre disse que quer contar-me, mas é impossível que a Beth seja filha dele. Como poderia ser? Teria sido na nossa lua de mel.» Depois abanou a cabeça. «Não, não é possível. Eu conheço o Pierre, ele não teria sido capaz de viver uma mentira durante vinte anos. Deve ser outra coisa.» — O Joseph fez uma pausa. — Eu nunca tinha visto a Beth ou o Pierre, e, de qualquer forma, não era da minha conta.

— Continua a não ser da tua conta — cuspi.

— Oh, mas é, porque a Laure está morta, e não está apenas morta, foi acusada do homicídio do Pierre. Ela nunca teria matado o Pierre; se o tivesse feito, não teria sido capaz de o esconder. Não era falsa nem rancorosa. Tu, por outro lado, és. — Deu um passo na minha direção. —

Sabes o que penso, Iris? Tenho quase a certeza de que mataste o Pierre e tenho quase a certeza de que mataste a Laure e, se achasse que podia provar qualquer uma dessas duas coisas, iria diretamente à polícia.

— Estás louco — disse eu, recuando para me afastar dele. — Tu não conhecias a Laure, tinhas acabado de a conhecer. Não sabes do que ela era capaz. O facto de ela pensar que a Beth era filha do Pierre só mostra como era fantasiosa e instável.

— Pareces estar com medo, Iris.

— Estou, de ti! Tu estás louco.

E fugi do jardim.

Chegou outra mensagem de WhatsApp. *A partir de Winchester agora*. Fecho os olhos, lembrando-me do terror absoluto que senti quando o Gabriel me disse que tinha combinado ver o Joseph na noite anterior ao batizado. Tinha medo do que o Joseph poderia contar-lhe se o Gabriel dissesse alguma coisa sobre a ida da Beth para a Ásia. Porém, quando questionei o Gabriel, ele disse-me que não ia falar da Beth ao Joseph. Tinha outras coisas para discutir, disse ele. E, no meu alívio, não perguntei o que poderia ser.

Já sabia que teria de matar o Joseph. Mesmo que ele não dissesse nada ao Gabriel sobre o Pierre ser o pai da Beth, poderia contar-lhe, ou à Beth, a qualquer momento. Não podia ter esse medo a pairar sobre mim, não quando tinha matado o Pierre por essa mesma razão. Lembrando-me da história que a Esme me contara sobre ele quase se ter matado com o gás, decidi recriar a mesma cena. A garrafa de gás seria a minha arma, o dia do batizado, a hora e o local. Primeiro, porém, precisava de tirar a Beth do caminho, porque tê-la no batizado apenas iria complicar as coisas.

Na noite anterior ao batizado, propus que se mandasse vir comida, e, enquanto estava a tirá-la dos recipientes na cozinha, adicionei uma boa dose de laxante ao caril de camarão que eu e a Beth tínhamos escolhido. Certifiquei-me de que comia apenas o suficiente para que o laxante tivesse um efeito ligeiro em mim. A Beth comeu muito mais, e, embora eu detestasse que ela tivesse ficado doente, era um preço pequeno a pagar para ela não ser envolvida no que estava para vir.

Resultou. A Beth estava demasiado incapacitada para ir ao batizado e ficou em casa. Na receção no centro comunitário, fui às casas de banho com

uma garrafa de água, esvaziei-a no lavatório, enchi-a com vodca de uma garrafa que tinha escondido na minha mala e servi-a ao Joseph. Ainda o vejo a levantar o copo para mim quando voltei da mesa da comida e a dizer: «Afinal não és assim tão má como isso, Cachinhos Dourados», uma referência não só ao álcool que acabara de lhe fornecer mas também a ter-me encontrado na cama dele. O facto de ter chegado à igreja já embriagado facilitou-me o trabalho que tinha de fazer. Na altura, não sabia que era ao Gabriel que tinha de agradecer. Só mais tarde soube que, na noite anterior, o Joseph tentara livrar-se da sensação de culpa com a bebida, porque o Gabriel lhe contara a verdadeira mensagem do Charlie.

Eu já tinha planeado que, quando o Joseph estivesse suficientemente bêbado, pediria ao Hugh ou ao Marcus para me ajudarem a levá-lo para casa. Depois, quando o Joseph aparecesse morto, seríamos os álibis um do outro; tínhamo-lo levado para casa e deixado sentado à mesa com um jarro de água e instruções para comer alguma coisa. Fiz que o Hugh abrisse a lata de feijão, o deitasse na panela e a pusesse ao lume, para que fossem as impressões digitais dele na lata. Tudo o que tive de fazer, envolvendo os dedos num pano de cozinha, foi ligar o gás. E tirar da mala a garrafa de uísque que trouxera do armário de bebidas da Esme e do Hugh uns dias antes e enfiá-la na mão ávida do Joseph.

Estava a contar que o Joseph morresse por inalação do gás, e, para evitar que o encontrassem demasiado cedo, convidei a Esme e o Hugh para a nossa casa logo a seguir ao batizado. Pensei que, a certa altura da noite, a Esme e o Hugh iriam para casa e encontrariam o Joseph morto no anexo. A explosão foi um choque enorme. Contudo, ao ver o fumo subir para o céu, não pude deixar de pensar que era um final mais preciso do que aquele que eu planeara.

Levanto um braço lânguido, pego no telemóvel e vejo as horas. O Gabriel e a Beth estão quase a chegar a casa, preciso de preparar qualquer coisa para o jantar. Levanto-me da cama e aliso o vestido. Na casa de banho, acendo a luz e olho para o meu reflexo no espelho. Deixo os olhos percorrerem o meu rosto, satisfeita com a nova serenidade que vejo nele. Durante algum tempo, perdi o rumo e deixei de saber quem era. Agora, sei quem sou.

Sou a Iris Pelley, mulher, mãe e assassina.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, um agradecimento especial à minha agente extraordinária, Camilla Bolton. Estou eternamente grata pela tua sabedoria quando se trata de tudo o que tem que ver com a escrita e pela tua amizade sempre preciosa.

Um dos meus momentos favoritos como autora é quando recebo um exemplar de uma edição estrangeira de um dos meus romances. É uma grande emoção tê-lo nas mãos, e os meus sinceros agradecimentos vão para a fantástica equipa de direitos de autor formada por Darley Anderson, Mary Darby, Georgia Fuller, Salma Zarugh e Francesca Edwards, por o tornarem possível tantas vezes. Gostaria também de agradecer a Jade Kavanagh e a Rosanna Bellingham. É sempre um prazer ter notícias vossas!

Estão a começar a acontecer coisas empolgantes aos meus livros no que diz respeito a filmes e, por essa razão, tenho de agradecer a perícia e o trabalho esforçado da brilhante Sheila David. Muito, muito obrigada, Sheila.

Tenho a sorte de ter não um, mas dois fantásticos editores. No Reino Unido, Jo Dickinson na Hodder, e, nos Estados Unidos da América, Catherine Richards, na SMP. Obrigada a ambas por estarem sempre presentes para mim e por terem conduzido *A Hóspede* com tanta calma e sem sobressaltos do primeiro rascunho a esta versão final mais polida. As vossas sugestões e os vossos conselhos são de inestimáveis.

Na Hodder, os meus agradecimentos a Alainna Hadjigeorgiou, Alice Morley, Catherine Worsley, Sorcha Rose e Phoebe Morgan. Também à minha revisora de texto, Charlotte Webb, e à minha revisora de provas, Helen Parham. É reconfortante saber que tenho uma equipa tão fantástica a fazer tudo o que pode por mim e pelos meus livros.

Na SMP, os meus agradecimentos vão para Jen Enderlin, Lisa Senz, Nettie Finn, Marissa Sangiacomo, Brant Janeway, Katie Bassel, John

Morrone, Jeremy Haiting e Lizz Blaize. Também para a minha revisora de provas, Carla Benton, e para Danielle Christopher, por ter concebido uma capa tão bonita. Alguns de vós têm estado comigo desde o princípio da minha jornada como escritora. Estamos agora no sétimo livro, e sinto-me humildemente grata pela vossa confiança em mim.

Tenho a sorte de ter editoras maravilhosas no estrangeiro. Agradeço-vos por continuarem a publicar os meus livros, bem como aos tradutores, que lhes dão vida em quarenta e uma outras línguas.

Os autores não são nada sem os seus leitores. Não posso agradecer-vos o suficiente por lerem os meus livros, por os apreciarem, por falarem sobre eles, por os recomendarem e escreverem críticas. Também estou muito agradecida aos *bloggers* de todo o mundo pelas mesmas razões.

Um enorme agradecimento aos meus amigos autores, com uma menção especial a Phaedra Patrick, Roz Watkins e Annabel Kantaria, que me têm acompanhado desde o princípio e estão sempre disponíveis para uma conversa quando as coisas se tornam difíceis — e também quando estão a correr bem. E aos meus amigos não autores, tanto no Reino Unido como em França, por comprarem os meus livros e me motivarem a continuar a escrever.

Por último, mas não menos importante, os meus sinceros agradecimentos ao meu marido, Calum, às nossas filhas e aos seus companheiros. Não conseguiria fazer isto sem o vosso amor e encorajamento.